

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL  
NEREIDA – NÚCELO DE ESTUDOS E REPRESENTAÇÕES E  
IMAGENS DA ANTIGUIDADE

Monumentalização, Paisagem e Identidade das Elites  
Romano-Bretãs: Um estudo a partir das *villae* do Sudoeste  
da *Britannia* (séc. IV)

Brunno Oliveira Araujo

Tese apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal Fluminense como  
requisito para a obtenção do título de  
Doutor em História Social

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Adriene Baron Tacla

Niterói, 2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A658m Araujo, Bruno Oliveira  
Monumentalização, Paisagem e Identidade das Elites Romano-  
Bretãs: Um estudo a partir das villae do Sudoeste da  
Britannia (séc. IV) : Vol. 1 / Bruno Oliveira Araujo. - 2022.  
175 f.: il.

Orientador: Adriene Baron Tacla.  
Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto  
de História, Niterói, 2022.

1. Historia Antiga. 2. Mosaicos (Arte). 3. Arquitetura  
romana. 4. Inglaterra. 5. Produção intelectual. I. Tacla,  
Adriene Baron, orientadora. II. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD - XXX



## Resumo

Esta tese trata do processo de monumentalização rural ocorrida no sudoeste da província romana da *Britannia* no séc. IV d.C., com a construção, expansão de *villae* e com grande investimento decorativo, em especial de mosaicos. Partindo de uma abordagem biográfica da Materialidade, propomos uma análise cronológica e iconográfica da arquitetura e decoração a fim de discutir as motivações por trás desse investimento, seu impacto na paisagem rural e suas ligações com a identidade e práticas políticas das elites romano-bretãs em escala local e global, dentro do contexto da história política provincial e o universo administrativo romano pós Reformas Constantinianas.

Palavras-Chave: *Britannia*, *Villa*, Elites, Monumentalização, Reformas Constantinianas.

## Abstract

This thesis deals with the process of rural monumentalization that took place on the southwest of the roman province of *Britannia* in the IV century a.D., with the construction, expansion and great decorative investment of the elite *villae*, especially mosaics. Proposing a biographical approach to Materiality, we proceed in a chronological and iconographic analysis of the architecture and decoration, in order to discuss the motivations behind the *villa* movement, its impact on the rural landscape and its links with the identity and political practices of the Romano-British elites on local and global scales, within the context of provincial political History and the Roman administration after the Constantinian Reforms.

Keywords: *Britannia*, *Villa*, Elites, Monumentalization, Constantinian Reforms.

## **Agradecimentos**

Muitos comparam o doutorado com uma maratona. Hoje, ao escrever as últimas palavras desse trabalho na forma desses agradecimentos, eu chego na linha final manco, desidratado e consciente de todos os que me colocaram para frente. O processo de escrita foi todo muito doloroso, e prometi a mim que, quando esse momento chegasse, essas palavras refletiriam a verdade.

Este trabalho foi escrito por um acadêmico negro, professor da rede pública, em processo de tratamento depressivo, ao longo de uma pandemia cruel e sob um dos momentos políticos mais obscurantistas e desumanos da política brasileira. Minha sorte? Ter uma orientadora e uma coordenação de curso cheias de humanidade, ética e que acreditaram em mim quando nem eu mesmo achei que conseguiria. Essa tese não existiria sem você, Adriene, ou sem você, Alexandre. Um dia, espero, a defesa da saúde mental dos pós-graduandos e de seus direitos não será uma questão de sorte, e sim uma continuação do acolhimento justo e humano que me foi dado.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do qual fui bolsista de Doutorado, e sem o qual este trabalho não seria possível.

Nos momentos de maior desesperança, nunca me faltaram boas conversas, encontros e acolhimentos. Minha eterna gratidão a minha família, na figura de meus pais Alzenir e Elaine; minha companheira Maria Alice, consultora em Antropologia, leitora crítica, companheira de horas boas e ruins, que sempre me ajudou a enfrentar as dificuldades de cabeça erguida.

Não faltaram também amigos nas encruzilhadas da vida. Meus alunos em Duque de Caxias (RJ), Cláudia Talleberg, Juliana Viana, Lidiane Monteiro, lasmin Luz, Pablo e Natália Esteves, Exu Tiriri, Sr. Zé Malandro, Oxalá, Oxum, Xangô e Oxóssi. Todos que queriam “me ver doutor” (pelos mais diversos significados). Essa tese é sua vitória também.

Agradeço, por fim, aos membros das bancas de qualificação e defesa, que foram gentis e generosos em suas críticas, boas provocações e apontamentos para o futuro: Alexandre Carneiro (UFF), Cláudia Beltrão (UNIRIO), Vagner Porto (USP), Monica Selvatici (UEL) e Alexandre de Moraes (UFF).

## Sumário

Introdução.....	8
As <i>villae</i> como objeto de estudo .....	11
Reflexões teóricas e metodológicas .....	18
Divisão dos capítulos .....	24
Capítulo 1: O processo de monumentalização rural de elite no sudoeste da <i>Britannia</i> no séc. IV: Construindo uma nova paisagem política .....	27
1.1. – A nova realidade imperial: Gênese das <i>villae</i> e das elites romano-bretãs .....	27
1.2 – Dinâmica econômica do sudeste da <i>Britannia</i> e o desenvolvimento do mercado mosaicista .....	30
1.3 – Conexões regionais: Economia e Arquitetura em contexto.....	35
1.4 – Construindo uma nova paisagem: Tendências e padrões na arquitetura das <i>villae</i> do sudoeste da <i>Britannia</i> .....	52
1.5 – A quem as elites queriam impressionar? As <i>villae</i> e as ambições políticas provinciais.....	60
Capítulo 2: cronologias materiais e políticas: estudos de caso sobre a arquitetura das <i>villae</i> .....	68
2.2 – Biografias da Materialidade: Estudos de caso .....	80
2.2.2 – Halstock.....	87
2.2 – Política local e global.....	95

<b>Capítulo 3: Romanidade e <i>decorum</i>: o repertório dos mosaicos do sudoeste da <i>Britannia</i>.....</b>	<b>102</b>
<b>3.1 – Introdução.....</b>	<b>102</b>
<b>3.2 Educação e Repertórios: Mosaicos e Cultura Aristocrática .....</b>	<b>104</b>
<b>3.2.1: A educação dos futuros líderes: circuitos educacionais na prefeitura pretoriana da Gália.....</b>	<b>104</b>
<b>3.2.2: Jogos de imagem e poética visual através de Virgílio e Ovídio .....</b>	<b>108</b>
<b>3.2.3: Cultura clássica e o cristianismo .....</b>	<b>120</b>
<b>3.2.4: Orfeu e os animais.....</b>	<b>129</b>
<b>Capítulo 4: Mobiliário, circulação e usos políticos do espaço: vestígios da <i>salutatio</i> através dos mosaicos geométricos .....</b>	<b>135</b>
<b>4.1 Woodchester e a dinâmica da <i>salutatio</i> .....</b>	<b>139</b>
<b>4.2 <i>Tablinium</i> e <i>Salutatio</i>.....</b>	<b>147</b>
<b>4.3 – <i>Triclinium</i> e <i>Salutatio</i>.....</b>	<b>149</b>
<b>4.4 Aposentos exóticos .....</b>	<b>155</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>160</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>166</b>
<b>Fontes textuais.....</b>	<b>166</b>
<b>Leituras complementares.....</b>	<b>167</b>

## Ilustrações e Mapas

- Figura 1: Plano da Villa Romana del Casale em Piazza Armerina (Sicília), construída no final do terceiro ou início do quarto século. (1) Complexo de banho, com frigidário (piscina fria) e calidarium (piscina quente);(2) Um peristilo ao ar livre, cercado por colunatas;(3) Salão da “Grande Caça”;(4) Auditório absidal; (5) Triclinium; (6) um segundo peristilo de forma oval;(7) Principal entrada do pátio da casa (SESSA, 2018, p. 113)..... 15**
- Figura 2: Reconstrução de um *stibadium* de madeira, desmontável, através dos dados da Villa do Falcoeiro, em Argos na Grécia. Seu formato semicircular permitiria seu posicionamento na *abside* do triclinium, como a representadas na Fig. 1 (BOWES, 2010, p.56). ..... 17**
- Figura 3: Planta baixa de Woodchester. Em detalhe, gravura da provável configuração do “Great Hall” e mosaico de Orfeu. Elaborado com base em Walters (1996) e Neal & Cosh (2009). ..... 55**
- Figura 4: Planta baixa de Lufton. Em detalhe, gravura da provável configuração das *thermae*. Elaborado com base em Walters (1996) e Neal & Cosh (2009). ..... 56**
- Figura 5: Planta baixa de Keynsham. Elaborado com base em Neal & Cosh (2009). ..... 56**
- Figura 6: Exemplos de salas bipartidas do grupo Dorset-Wiltshire, com simulação de provável configuração. Elaborado com base em Walters (1996). ..... 57**

Figura 7: Planta baixa de Box, Low Ham e Lopen. Em detalhe, gravura da provável aparência de Box no séc. IV. Elaborado com base em Corney (2009) e Neal & Cosh (2009). .....	58
Figura 8: Fase 1 de Littlecote (170-180 d.C). Em destaque, as <i>thermae</i> da <i>pars urbana</i> . Elaborado com base nas ilustrações em Walters (1984). .....	81
Figura 9: Detalhe das <i>thermae</i> da <i>pars urbana</i> da Fase 2 de Littlecote (220 d.C). Elaborado com base nas ilustrações em Walters (1984).....	83
Figura 10: Detalhe das <i>thermae</i> sul na Fase 3 de Littlecote (270-80 d.C). Elaborado com base nas ilustrações em Walters (1984). .....	84
Figura 11: <i>Thermae</i> /Sala do mosaico de Orfeu em Littlecote (360-362 d.C.). Ao lado, uma gravura da projeção do que seria o prédio no séc. IV d.C. Elaborado com base nos trabalhos de Walters (1984).....	87
Figura 12: Fase 1 de Halstock (LUCAS 1993). .....	89
Figura 13: Fase 2 de Halstock (LUCAS 1993) .....	90
Figura 14: Prováveis linhas de circulação dos prédios 1 e 2 de Halstock. Ao lado, uma projeção do possível segundo pavimento que interligaria os dois prédios (LUCAS 1993).....	91
Figura 15: Fase 3 de desenvolvimento de Halstock (LUCAS 1993) .....	93
Figura 16: Mosaico em padrão T/U em <i>triclinium</i> do sítio “House of the Trussed Animal” em Thuburbo Maius, Tunísa, séc. III. A parte em “U” seria reservada aos três assentos característicos do <i>triclinium</i> , enquanto a parte em “T” receberia a mesa central com os alimentos. O mobiliário neste caso oculta apenas parcialmente as partes	

figuradas, permitindo algum nível de apreciação pelos convidados.

*Fonte:* Dunbabin (1999), p. 287..... 137

**Figura 17 (esq)** Foto de réplica do mosaico de Orfeu, baseado na última escavação do mosaico em 1973. A área em vermelho possui 105m<sup>2</sup>; a parte entre as linhas vermelha e verde (ambulatório), 35m<sup>2</sup> de área e 40,2m de extensão. A parte externa, totalmente geométrica, tem área de 80m<sup>2</sup>. ..... 140

**Figura 18 (dir):** Foto dos irmãos Woodward, executores da réplica, para fins de escala. A réplica, feita através de extensa pesquisa e que demorou 10 anos para ser concluída, foi vendida em leilão por um valor estimado de 25 mil libras em 2010. (Fontes: Jornal “The Telegraph” <https://www.telegraph.co.uk/news/newstopics/howaboutthat/7541361/Reconstruction-of-Roman-mosaic-to-sell-for-25000.html> ..... 140

**Figura 19:** Diagrama com a circulação proposta para o observador do mosaico nos círculos externo e interno. (Fonte: NEAL e COSH, 2010, adaptado)..... 142

**Figura 20:** Detalhe do ambulatório do Grande Pavimento. A seta vermelha destaca o nicho retangular centralizado, que se repete nos quatro lados. Sugerimos que este nicho, diferente em forma e tema dos demais, indica a reserva de espaço para entrada e saída de pessoas da área interna do mosaico e acesso à fonte central. (Fonte: NEAL e COSH, 2010, adaptado). ..... 143

**Figura 21:** : Linhas de circulação de Woodchester. As setas vermelhas indicam o caminho feito pelo visitante, passando pelo Grande Pavimento. As setas verdes indicam as áreas de acesso para a parte

norte (não escavada) e a seta amarela o caminho de acesso para os outros aposentos do lado oeste.....	145
<b>Figura 22: : Linhas de circulação de Box. Setas vermelhas indicam caminho de acesso externo. As verdes, acesso interno. Em destaque, o aposento com função de “<i>tablinium</i>” (NEAL &amp; COSH, 2009, adaptado.).</b>	
.....	148
<b>Figura 23: Linhas de circulação de Chedworth. Setas vermelhas indicam a área de recepção e as verdes, o acesso à área residencial.....</b>	150
<b>Figura 24: Circulação em Fifehead Nevile.....</b>	152
<b>Figura 25: Circulação em Badminton (em setas vermelhas), com destaque a área da abside reservada ao <i>stibadium</i> (pontilhado). Em verde, espaços reservados para elementos móveis e semifixos. Medalhão reservado aos móveis de comensalidade em azul. ....</b>	153
<b>Figura 26: Circulação em Keynsham, saindo do salão central em direção ao possível <i>cubiculum</i>. Destaque para a angulação que cria um “ponto cego” intencional entre o salão central e a área do mosaico no interior.</b>	
.....	157
<b>Figura 27: Circulação nas <i>thermae</i> de Lufton, destacando a direção de acesso ao possível altar (em vermelho), e demarcando a área de circulação ao redor da <i>piscina</i> octogonal (em verde) .....</b>	159

Mapa 1: <i>Britannia</i> no séc. IV, com destaque as civitates e estradas (Adaptado). Fonte: Encyclopædia Britannica. Disponível em: <a href="https://www.britannica.com/place/Roman-Britain#/media/1/688594/3807">https://www.britannica.com/place/Roman-Britain#/media/1/688594/3807</a> .....	36
Mapa 2: Mapeamento cronológico da construção das <i>villae</i> no sudoeste da <i>Britannia</i> . Primeira metade do séc. II (acima, esq.), segunda metade do séc. II (acima, dir.), séc. III (abaixo, esq.) e segunda metade do séc. IV (abaixo, dir).....	59
Mapa 3 <i>Villae</i> com mosaicos de teor mitológico ou animal analisados nesta sessão. Exclui-se desta análise apenas a villa de Box .....	107
Mapa 4: <i>Villae</i> onde se encontram mosaicos representando Enéias .....	110
Mapa 5: Distribuição dos mosaicos com representações de Vênus .....	113
Mapa 6: Distribuição de mosaicos com elementos oriundos das obras de Virgílio e Ovídio.....	116
Mapa 7: Distribuição das representações dos Ventos (em vermelho) e Estações (em azul).....	122
Mapa 8: Distribuição dos mosaicos com representações de Dionísio. Em vermelho, os exemplos da "Escola Durnovariana"; outras ocorrências em azul.....	129
Mapa 9: Distribuição dos mosaicos com representação de Orfeu .....	130

## Introdução

Esta tese trata das relações entre a proliferação de *villae* no sudoeste da *Britannia* e a política provincial aristocrática no séc. IV d.C<sup>1</sup>. Neste período, há uma sistemática expansão dos investimentos na paisagem rural das *Britannia*, em especial com a construção de propriedades rurais aristocráticas definidas como *villae* em detrimento das *civitates* e *colonias* da província (MATTINGLY, 2007; SALWAY, 1998). Dos elementos fundamentais que nos permitem definir um padrão regional de investimento, aqui damos ênfase às alterações arquitetônicas dos ambientes públicos destas propriedades, à construção de complexos de banhos (*thermae*) e ao significativo investimento em decoração destes ambientes com mosaicos, que combinam elementos geométricos, florais, representações de figuras humanas, animais e cenas de inspiração religiosa e literária.

Nosso recorte de trabalho abarca as regiões de Gloucestershire, Dorset, Wiltshire e Somerset, que compunham a antiga província da *Britannia Prima*, subdivisão da Diocese da Gália, criada ao fim do séc. III. Dentro desse recorte, discutiremos a relação entre a paisagem construída e seus patronos e frequentadores. Através desse olhar, trabalharemos com a hipótese de que a construção dessa paisagem rural da *Britannia* no séc. IV é um esforço discursivo das elites provinciais nas *villae* frente ao momento político-social romano no período pós-Constantiniano, agregando questões locais ao cenário político imperial no Ocidente (BOWES, 2010).

---

<sup>1</sup> À partir deste ponto, todos os séculos, salvo especificação, devem ser considerados como d.C (Depois de Cristo) dentro do calendário Gregoriano.

A documentação selecionada para nossa discussão advém principalmente das monografias de sítios, notícias de achados e de publicações das escavações arqueológicas<sup>2</sup> das supracitadas regiões de Gloucestershire, Wiltshire, Dorset e Somerset, que juntas representam a área com maior concentração de sítios de *villae* na atual Inglaterra. Selecionamos dados de 21 *villae*, com materiais catalogados desde o séc. XIX até os dias atuais. Os principais dados selecionados incluem a datação dos sítios e mosaicos, região onde o sítio está localizado, bem como dados de geolocalização extrapolados da base de dados do projeto “*Rural Settlements of Roman Britain*” (ALLEN *et al*, 2015) hospedado no *Archaeological Data Service* (ADS) e elaborado pela equipe sediada na Universidade de Reading<sup>3</sup>. Soma-se a essa base os relatórios de escavação destes sítios arqueológicos, e dois volumes do projeto de catalogação do *corpus* de mosaicos promovido pela *Society of Antiquaries* britânica, reunindo temas dos mosaicos, sua descrição e imagens e classificação de grupos mosaicistas (SMITH 1965;1969; NEAL & COSH 2009, 2010). Os dados foram organizados em uma base de dados relacional que se transformou no catálogo, disponível no Vol. 2 desta tese.

Os dados sobre a transformação arquitetônica dessas estruturas apresentam investimentos em aquecimento subterrâneo (hipocausto), a instalação de complexos de banhos aquecidos artificialmente ou utilizando fontes térmicas naturais, a expansão de aposentos com inovações arquitetônicas que Walters (1996) chama de “estruturas exóticas”, isto é, câmaras bipartidas inspiradas no estilo basilical, definidas como estilo Dorset-

---

<sup>2</sup> Observe-se, aqui, que não tivemos acesso aos relatórios não publicados, usualmente denominados pelos colegas no Reino Unido como “grey literature”.

<sup>3</sup> <https://archaeologydataservice.ac.uk/archives/view/romangl/>

Wiltshire, ou construção de torres hexagonais que o aproveitam a iluminação natural, chamado de estilo Exeter-Severn (WALTERS, 1996). Nos interessa aqui não apenas o tamanho e tipo de aposento, mas as sequências de reforma das propriedades, que serão tratadas de forma comparativa, procurando montar uma cronologia deste movimento de monumentalização dentro do séc. IV.

Outra preocupação na escolha dos sítios foi a concentração de mosaicos em condições de preservação que permitisse uma análise imagética que comporte temas diversificados, tanto iconográficos quanto geométricos. Cabe observar que o *corpus* de imagens dos mosaicos tem grande número de representações dionisiacas. A deusa Vênus e Cupido são também divindades recorrentes, assim como Netuno e outros animais marinhos (mitológicos ou não). Neste aspecto, há uma predileção pela representação de golfinhos, em provável ligação com os mitos de Dionísio; também são comuns cenas de caça em bosques, com representações de cães e corças.

Nos mosaicos, há referências à literatura clássica, em especial aos textos de Virgílio e Ovídio, nas representações de heróis como Cadmo e Enéias. Outros elementos clássicos proeminentes são representações dos Ventos e Estações do ano, Belerofonte e cenas de Orfeu encantando os animais com sua lira, em um tipo de composição que é original da *Britannia*. Por fim, há duas ocorrências de cristogramas em mosaicos que estão no centro da discussão sobre cristianismo na província durante o séc. IV.

Os elementos chamados aqui de “geométricos”, que englobam tanto padrões poligonais *per se* quanto elementos decorativos de contorno como padrões em onda, guilhoches e motivos florais, são tão importantes para o entendimento dos mosaicos quanto seu *corpus* iconográfico, não apenas

complementando-os, ditando o “tom” da composição. Para além de seu valor estético, estes elementos também são pensados como guias para a movimentação de pessoas naquele espaço. Ou seja, os mosaicos destes ambientes não são apenas elementos decorativos a serem observados. Ao invés, são eles experimentados no contexto maior de interação das pessoas com o ambiente. Estes elementos geométricos não servem apenas como guias ao olhar, mas também nos permitem pensar sobre a circulação e disposição das pessoas no ambiente, bem como a reserva de espaços para outros elementos decorativos e de mobília (como veremos no capítulo 4).

### **As *villae* como objeto de estudo**

Os textos da Antiguidade não nos oferecem uma definição única para o que seria uma *villa*. No século I a.C, período onde aparecem as primeiras propriedades deste tipo na Península Itálica, o termo serve para identificar as propriedades rurais pertencentes aos cidadãos, utilizadas como unidades produtivas agropastoris (*villa rustica*) ou voltadas para o lazer (*villa urbana*)<sup>4</sup>. Um século depois, esta distinção perde espaço, sendo substituída por um interesse pela classificação das áreas dentro da propriedade: a *pars urbana*

---

<sup>4</sup> Varrão, por exemplo, fala de uma diferenciação entre *villa rustica* e a *villa urbana* (*Rust.* 1.13.6). A primeira equivalia a propriedade focada na produção agropecuária, acompanhada de um estilo de vida frugal, semelhante ao modelo exaltado por Catão em sua *De Agricultura*. Já a segunda seria para Varrão um retiro de lazer confortável no campo, produto das influências corruptoras da cultura helenística (*Rust.* 1.2.10, 1.13.6–7, 2.1–3). Esta tipologia, que estabelece uma antítese não apenas funcional mas, sobretudo, moral, fala muito mais sobre as disputas políticas e identitárias dos anos finais da República, onde Varrão procura estabelecer uma diferença entre a elite senatorial, imbuída dos valores tradicionais representados pela *villa rustica*, e a ascendente elite equestre, que investiria grandes somas na edificação de propriedades rurais luxuosas, deturpando o uso “correto” das terras em busca de lazer e ganhos políticos (ZARMAKOUPI, 2014). Sua distinção entre a *villa rustica* e a *villa urbana* é ideológica e não tipológica. Efetivamente, edificações de luxo do período estavam ligadas a unidades produtivas de forma muito mais ampla do que Catão ou Varrão deixam a entender (PURCELL, 1995; ZARMAKOUPI, 2014).

compreendendo a área voltada para a moradia; a *pars rustica* como a área voltada para a produção agropecuária; e a *pars fructuaria* como as partes dedicadas a estocagem (Col. *Rust* 1.6.1). O mesmo acontece em Vitruvius: o trecho dedicado em *De Architectura* às *villae* não faz distinção entre propriedades voltadas para o cultivo ou para o lazer (*De Arch.* 1.6). Na literatura jurídica do segundo e terceiro séculos d.C., a *villa* é entendida por autores como Florentinus e Ulpiano como a parte construída (prédios) de uma propriedade rural (CARLSEN; ØRSTED; SKYDSGAARD, 1994).

Ao mesmo tempo, nem todos os edifícios no campo eram identificados como *villae*, como era o caso das habitações tradicionais das populações nativas provinciais, demonstrando que o edifício tinha que ser reconhecidamente romano na aparência, na função ou em ambos para ser classificado como uma *villa* (FIGUINHA, 2019, p. 67). A definição de Percival (1976) reúne de forma eficiente as visões diferentes dos autores romanos, apresentando a *villa* como uma propriedade rural, normalmente associada à agricultura, e associada ao luxo ou relaxamento (PERCIVAL, 1976, p. 13–15).

A base dos conceitos arquitetônicos das *villae*, ao longo da história romana, tem como base os modelos de Vitruvius (séc. I a.C.). Ele constrói sua teoria da Arquitetura dividindo-a em seis “elementos”: a *ordinatio*, o planejamento básico do uso do espaço, seguida pela *dispositio*, que podemos resumir como a distribuição dos elementos básicos de construção como paredes, muros e portas. A *eurythmia* estaria relacionada à harmonia estética, aliando proporções, ritmo e técnica, enquanto a *symmetria* seria relacionada à harmonia das proporções matemáticas. A *Decor*, da forma apresentada por Vitruvius, sugere a ideia de “adequação”, no sentido de harmonia entre espaço construído e função,

tradição e características naturais. Por fim, a *distributio*, compreenderia tanto a administração logística dos materiais de construção quanto a adequação do espaço construído às especificidades (*De Arch. 1.2*). Tais elementos se relacionariam em pares que descreveriam **processos** e **resultados** (JONES, 2014, p. 47), como descrito na tabela abaixo:

<b>Processo</b>	<b>Resultado</b>
ordinatio	symmetria
Dispositio	eurythmia
Distributio	decor

Desta forma, a *ordinatio* seria o processo de cálculo do qual resultaria a *symmetria*; a *dispositio* o processo de composição que dá origem à *eurythmia*, e, por fim, a atenção dada ao *distributio* imbuiria de *decor* a construção final, adequada a posição social e hábitos de seus moradores. Vitruvius tem uma definição mais específica de *decor* (ou *decorum*) aplicada às escolhas arquitetônicas, mas o termo está longe de ser exclusivo de sua retórica. Era, na verdade, um valor romano essencial que encontrou aplicação em quase todos os domínios da vida pública. Cícero, por exemplo, discute detalhadamente o *decorum* no primeiro livro de seu *De officiis*, observando inúmeras áreas da vida social nas quais o comportamento deveria observar sua “adequação” dentro do contexto. Ellen Perry (2005) observa que entre os autores antigos, o conceito é polissêmico, principalmente por seu caráter contextual e não se encaixava, portanto, com definições estáticas.

Seguindo a lógica vitruviana de *decor/decorum*, áreas externas e internas da propriedade deveriam complementar-se, de modo que um edifício com um interior luxuoso deveria apresentar uma parte externa de mesmo nível. Uma *villae*, assim, deveria ser adequada às elites, não apenas no sentido de investimento, mas de oferecer ao *dominus*<sup>5</sup> e sua família todos os recursos para viverem *de acordo* com a forma esperada por sua posição social. Esse tipo de relação, sob a qual estão sujeitas tanto as casas urbanas (*domus*) das elites quanto nas *villae*, caracteriza essas propriedades como espaços de escrutínio e atividade públicas, em paralelo à vida privada de seus habitantes. As portas dessas casas estavam sempre abertas, e seus senhores, funcionários e escravos deveriam estar sempre preparados para a circulação e recepção de pessoas e mercadorias. Isso se reflete na arquitetura, em um primeiro nível, na construção de aposentos específicos para a atividade pública, como o *atrium* e as salas de banquete (*triclinia*) na parte frontal da *pars urbana*, de mais fácil acesso, e a preocupação de criar espaços privados nas áreas mais interiores das *villae* fora dos olhos dos visitantes (LAURENCE; WALLACE-HADRILL, 1997; PLATTS, 2018)

Colocado de outra forma, a *villa* e seus senhores estão sujeitos a mesma ordem de expectativas de apresentação social e composição dentro da ideia de *decorum*. Isso significa levar em consideração tanto a vida privada da família como sua vida pública, que envolve reuniões, provisão de alimento, hospitalidade e entretenimento para comerciantes, viajantes e outros membros da aristocracia que frequentassem a propriedade (JONES, 2014). Isso

---

<sup>5</sup> O senhor da propriedade

desenvolveu-se de formas diversas, como as casas com átrio<sup>6</sup> da Península Itálica, permanecendo como principal símbolo desta arquitetura fundamentada na articulação entre espaços públicos e privados na vida doméstica, acessados através do *atrium*, o pátio central presente tanto em *domus* quanto em diversas *villae* (JONES, 2014; REVELL, 2010).

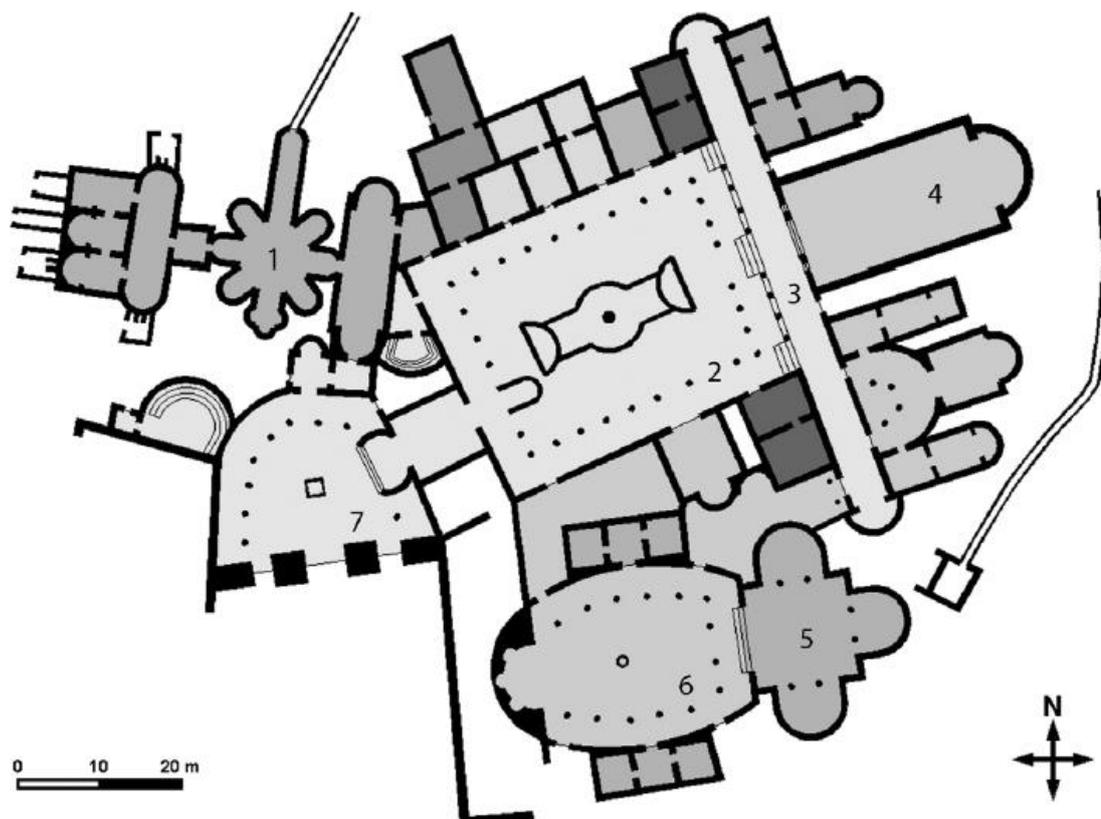


Figura 1: Plano da Villa Romana del Casale em Piazza Armerina (Sicília), construída no final do terceiro ou início do quarto século. (1) Complexo de banho, com frigidário (piscina fria) e calidarium (piscina quente); (2) Um peristilo ao ar livre, cercado por colunatas; (3) Salão da “Grande Caça”; (4) Auditório absidal; (5) Triclinium; (6) um segundo peristilo de forma oval; (7) Principal entrada do pátio da casa (SESSA, 2018, p. 113)

Outro ponto a ser considerado, em especial a partir do séc. IV, é a incorporação no espaço privado de instalações antes só presentes em banhos públicos, como *apodyterium* (vestiário); *frigidarium* (sala não aquecida com bacia

<sup>6</sup> A tipologia específica das *villae* da *Britannia* será discutida em maiores detalhes no próximo capítulo. Vale acrescentar que não há registros de nenhuma *villa* com átrio escavada na província.

de água fria); tepidarium (sala aquecida indiretamente, às vezes continha uma piscina quente) e *caldarium* (sala altamente aquecida contendo uma piscina de imersão quente e uma bacia com água fria). Estas incorporações são acompanhadas de outras tão dispendiosas quanto, como a construção de pisos elevados a fim de instalar sistemas de aquecimento doméstico (hipocaustos) e atenção especial na decoração artística e mobiliária de salões centrais e das *triclinia*, locais onde eram realizados banquetes e outros eventos festivos (CLARKE, 1991; ZARMAKOUPI, 2014).

Mas o *decorum* vai além da divisão e funcionalidade dos cômodos. A escolha de estilos de colunas e pórticos, a incorporação de estátuas, pinturas nas paredes, mosaicos e mobiliário aparecem também como elementos fundamentais na “adequação” da *pars urbana*. Tapeçarias eram utilizadas como forma de delimitar espaços privativos, e mesmo transformá-los em espaços públicos se assim fosse necessário, permitindo uma multiplicidade de arranjos espaciais domésticos. As áreas de banquete eram ornadas com assentos reclinados (*kliné*), que inspiraram o nome *triclinium*, que continuou em uso mesmo quando foram gradativamente perdendo espaço para outros tipos de mobília nas áreas comensais, como o *stibadium* (ELLIS, 1991). Os mosaicos, por sua durabilidade e rico repertório de temas geométricos, florais, representações de animais, divindades e cenas mitológicas receberam maior atenção dos pesquisadores classicistas, em especial a discussão sobre repertório e variabilidade regional nas províncias. Através da catalogação dos repertórios, sua distribuição dentro das casas e no território provincial, diversos trabalhos buscam extrair reflexões sobre a relação entre os artesãos mosaicistas e seus patronos, o nível de interferência de cada um dos lados nas escolhas dos

temas representados e, por fim, que informações sobre educação, religiosidade e identidade dos patronos através da análise destes mosaicos (BIRK; POULSEN, 2012; PERRING, 2003; SCOTT, 2000; WITTS, 2000, 2005).

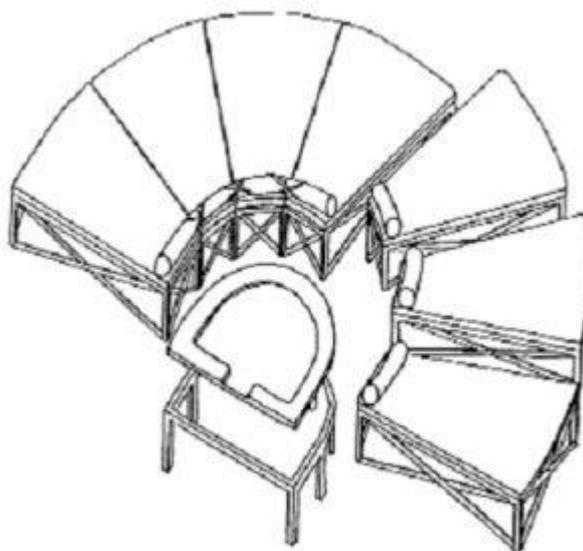


Figura 2: Reconstrução de um *stibadium* de madeira, desmontável, através dos dados da Villa do Falcoeiro, em Argos na Grécia. Seu formato semicircular permitiria seu posicionamento na *abside* do triclinium, como a representadas na Fig. 1 (BOWES, 2010, p.56).

A catalogação e revisão crítica de textos, Arquitetura e decoração tem propiciado cronologias cada vez mais precisas sobre fases de construção e reforma das *villae*, bem como nos permite entender cada vez com mais precisão a evolução de estilos arquitetônicos, da criação de repertórios iconográficos, a articulação entre aposentos, mobiliário e objetos nos contextos domésticos. Ainda que possuam valor em si próprios, historicamente estes dados são a base argumentativa de um projeto muito mais ambicioso: a produção de modelos teóricos sobre comportamento, identidades, relações de gênero, práticas políticas e cultura das elites fundiárias do Império Romano, seja na Península Itálica ou nas províncias.

## Reflexões teóricas e metodológicas

Partindo de uma reflexão das Ciências Sociais entre as relações entre casa e cultura, arquitetura, decoração e conjunto de objetos domésticos são vistos como dotados de sentido, construtores de narrativas sobre identidade e subjetividade. Cotidianamente, consumimos na sociedade contemporânea mercadorias diversas como móveis, livros, peças de arte decorativa e até mesmo programas de entretenimento, todos ligados a uma indústria da Arquitetura e Decoração. Assumimos a residência como o espaço do “eu”, onde ele pode ser representado e *empoderado*. Bourdieu (1999), por exemplo, via nas oposições simbólicas de gênero das casas *kabyle* a representação das “estruturas estruturantes” que formam o *habitus*.

Novos estudos sobre consumo e Materialidade dentro da Antropologia, entretanto, trouxeram importantes críticas ao modelo acima, observando que ele pressupõe uma relação entre sujeitos **ativos** (os habitantes da casa) e objetos **passivos** (a casa em si). Para Daniel Miller (2010), esta limitação teria sua raiz em leituras semióticas da materialidade, que os reduziria apenas ao seu potencial representativo. As “coisas”, entendidas assim como ferramentas de uma semântica social, sempre seriam símbolos (*significantes*) que expressam mensagens mais profundas, um *significado*<sup>7</sup>. Os objetos, entretanto, possuem *agência* no mundo (MILLER, 2010, p. 11), ou seja, apresentam potenciais normativos com os quais os indivíduos negociam constantemente. Os objetos têm como uma de suas principais características a **discrição**: em geral, somos afetados por eles cotidianamente sem percebermos, e quanto mais “discretos”,

---

<sup>7</sup> Para um entendimento maior sobre as diversas teorias semióticas, ver Chandler (2007).

maior o seu potencial normativo, na medida em que se torna mais difícil oferecer resistência ao que se coloca de forma implícita.

No contexto das *villae*, *conceitos* como “competição”, “intervisitação”, *paideia*<sup>8</sup>, “comensalidade”, entre outros relacionados a um “estilo de vida competitivo aristocrático” são atribuídos como práticas destas elites simplesmente pela existência, nas propriedades, de cultura material relacionada à vida aristocrática, em especial *triclinia*, *thermae* e mosaicos. Esse tipo de abordagem, apresentado de forma tangencial, em geral, não leva em consideração o contexto dos mosaicos, o tamanho dos aposentos e a relação entre arquitetura, decoração e semiótica como potenciais portadores de mensagens sobre *decorum* e circulação nos espaços públicos da *villa*.

Se não é possível falar sobre a dinâmica política das elites através de seus relatos, podemos fazê-lo com as *villae*. Ao invés de procurar apenas informações sobre as elites só **através** da cultura material, podemos fazer uma história da Materialidade em si: uma história política das *villae*, abandonando a ideia de sujeitos humanos **ativos** e objetos **passivos** (MILLER, 2010). Essa virada dos estudos de cultura material, aponta a necessidade de compreensão do agenciamento humano e não-humano, isto é, das relações entre pessoas e artefatos, considerando suas formas e diferentes contextos.

As *villae* são lugares aos quais são atribuídos sentidos múltiplos, que comunicam através de sua arquitetura externa as projeções de prestígio e poder das sucessivas gerações das elites romano-bretãs em diversas temporalidades, criando e modificando a paisagem (INGOLD, 1993). Também nos é fundamental

---

<sup>8</sup> Utilizada de forma livre nos trabalhos como instrumento de analogia, fora de seu referencial original grego.

a ideia de que as *villae*, enquanto ambiente construído através das escolhas de decoração e mobília, constitui o que chamaremos de “paisagem doméstica”, voltada, nas áreas públicas, para a prática política. Nesse sentido, utilizaremos as proposições de Rapoport (1990) sobre Comunicação-Não-Verbal relacionados à monumentalização, em especial à dinâmica entre elementos Fixos, Semi-Fixos e Móveis quando discutirmos os mosaicos e sua relação na construção de paisagens domésticas. Para a análise da iconografia dos mosaicos, seguimos Claude Bérard (1983), quando propõem que a imagem é como um texto narrativo, composto por elementos comuns, chamados por ele de *repertório*, compondo o que o autor chama de “unidades formais mínimas”. Para Bérard, é através das unidades formais que se pode construir uma interpretação da imagem. A interação entre unidades formais, o que o autor chama de sintagma, criaria uma teia de signos e significados que constituiriam, então, uma narrativa.

Buscando esta abordagem sobre a Materialidade e sua agência, torna-se essencial mapear as mudanças cronológicas de arquitetura e decoração das *villae*, a fim de entender as expectativas e regras sociais dentro do *decorum* de uma narrativa aristocrática, compartilhada entre *villa* e *dominus*. Alguns autores (ALISSON, 1997; ROGERS, 2015), creio que de forma acertada, comparam este processo à produção de **biografias** da materialidade, e de sua relação com as biografias pessoais. Esta discussão, que é perfeitamente aplicável à casa, surge no seio das discussões sobre processos antropológicos da produção e troca de mercadorias. Kopytoff (2008), o pioneiro neste tipo de abordagem, ressalta a possibilidade de se traçar cronologicamente os processos pelos quais os objetos tornam-se mercadorias, deixam de sê-lo ou retornam ao circuito de trocas

mercantis, considerando, de um “ponto de vista cultural”, a mercantilização como “um processo cognitivo e cultural: as mercadorias não devem ser apenas produzidas materialmente como coisas, mas culturalmente sinalizadas como um determinado tipo de coisas” (KOPYTOFF, 2008, p. 89). Para ele, os processos de mercantilização e consumo (o último, fundamental para nosso estudo das villae, pelo seu caráter monumental e fixo), devem ser considerados em conjunto. Sobre a possibilidade de se produzir uma abordagem biográfica dos objetos, o autor continua:

“Ao fazer a biografia de uma coisa, far-se-iam perguntas similares às que se fazem às pessoas: quais são, sociologicamente, as possibilidades inerentes a esse ‘status’, e à época e à cultura, e como se concretizam essas possibilidades? De onde vem as coisas, e quem as fabricou? Qual foi sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as ‘idades’ ou fases da ‘vida’ reconhecidas de uma coisa, e quais os mercados culturais para elas? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica velha, e o que acontece quando a sua utilidade chega ao fim?”

(KOPYTOFF, 2008, p. 92)

Para Gosden e Marshall (1999, p. 169–170) uma abordagem biográfica do material arqueológico deve estar atenta ao fato de que na medida em que suas cronologias avançam, pessoas e objetos ganham são constantemente transformados, e essas transformações são concomitantes e indivisíveis. Esta não é, entretanto, uma tarefa fácil. Eles se valem como exemplo de como esta abordagem pode tornar os objetos “passivos” analisando a evolução dos conceitos de “vida-útil” e “história de vida” nos trabalhos de Ruth Tringham entre 1994 e 1995. Em um primeiro artigo sobre casas neolíticas europeias, ela utiliza a ideia “vida-útil” como uma abordagem processualista focada nas alterações das características morfológicas ou funcionais de um objeto ou artefato, após, por exemplo, a redução de uma ferramenta de pedra através de episódios sucessivos de descamação e moagem, concentrando-se na maneira como sua

forma e uso mudam à medida que se torna progressivamente menor(GOSDEN; MARSHALL, 1999; TRINGHAM, 1994, p. 175). Para eles, este tipo de abordagem processualista coloca a casa e seus objetos em posição passiva, não abordando a maneira como as interações sociais envolvendo pessoas e objetos são criadas (GOSDEN & MARSHALL 1999; 169).

Um ano depois, Tringham (1995) construiria um argumento complementar, onde a casa deveria ser analisada como uma entidade individual e dinâmica, cuja “história de vida” se emaranha com a biografia de seus ocupantes, e que leva em consideração mais do que apenas sua cronologia: os objetos se tornam investidos de significado através das interações sociais em que estão envolvidos. Esses significados mudam e são renegociados pela ao longo da trajetória da casa e de seus habitantes. Ela lista como variáveis importantes as biografias das casas, as biografias dos atores (a dialética entre suas produções de vida, sua rotina e sus papéis institucionais e subjetivos) e, por fim, a prática social. Ela ainda observa que os dados que procura, apesar de não estarem “disponíveis” de forma objetiva na cultura material, são construções teóricas possíveis através de uma visão interpretativa dos objetos, conectando casa, habitantes e a construção de sentidos sobre a casa ao longo de sua “história de vida” (TRINGHAM, 1995, p. 97).

Mesmo sem uma filiação expressa, os trabalhos sobre as *domus e villae* da Antiguidade Tardia são marcados por esta abordagem de intersecção entre biografias da materialidade e biografias sociais, em especial das elites. O trabalho de Thébert (1987) vai neste sentido. Partindo de vários exemplos e dados de escavação com especial cuidado no que se refere à datação cronológica para discutir como mudanças na disposição de paredes, criação de

novos cômodos e das entradas da casa impactam a circulação e a vida doméstica no norte da África e em parte da Ásia durante o período imperial romano, como no sítio de Bulla Regia, Turquia. Seu argumento é de que as absides, semicírculos geralmente localizados no final de salões e *triclinia*, são incorporações arquitetônicas cujo objetivo seria focalizar a atenção das pessoas no recinto para um único ponto, criando uma paisagem hierarquizada que potencializaria a figura do *dominus* no recinto. A proliferação de banhos privados nas propriedades, de forma semelhante, representariam para Thébert (1987) outro indício de uma orientação social voltada para a hierarquização local das relações de poder, resultado da saída das elites do circuito cívico centrado na cidade, criando um cenário na Antiguidade Tardia onde o poder das elites cada vez mais se voltaria para a micropolítica local, com forte hierarquização e caráter personalista.

Simon Ellis (1988, 1991, 1997) monta um argumento semelhante sobre as absides em seus trabalhos sobre os sítios na parte oriental do Império Romano. Ele argumenta que a incorporação da abside em algumas das *triclinia* estaria vinculada a introdução de novos elementos de mobiliário, em especial um tipo de sofá semi-circular conhecido como *stibadium*. Esta inovação representaria, para Ellis, uma evidência importante da crescente ritualização dos banquetes e outras atividades sociais realizadas neste espaço, dispondo os convidados em função da posição de destaque do *dominus* e de seus convidados de honra no centro da abside, que reafirmaria sua posição de poder ao mesmo tempo que demonstra aos presentes através de sua posição mais ou menos privilegiada no recinto a hierarquia de relações de poder social e político.

Todos esses recursos discursivos sob os quais estão sujeitas a Materialidade e as elites romano-bretãs serão entendidas como parte da afirmação de uma identidade aristocrática senatorial. No espectro de discursos afirmativos de pertencimento a um determinado grupo, questões como origem provincial, ligações com as populações originárias, entre outras, não tem a mesma expressividade que qualidades cosmopolitas que permitiriam as elites que chamamos de “romano-bretãs” identificar-se como “romanos” (MATTINGLY, 1997; REVELL, 2010). Essa “visão de si”, entretanto, não nos é útil de um ponto de vista teórico, pois homogeneiza as experiências e cultura locais, de forma muito próxima aos antigos paradigmas sobre Romanização aculturante (HINGLEY, 2010). As elites romano-bretãs são entendidas aqui como fruto de uma identidade que se rotula como puramente “romana”, mas é fruto de um contexto hibridizado (JIMÉNEZ, 2011). Sua genealogia, como veremos durante o texto, é fruto das dinâmicas de poder imperialistas do período, de dinâmicas de resistência, negociação e inovação locais.

### **Divisão dos capítulos**

Estruturamos este trabalho em quatro capítulos. No primeiro expomos um balanço dos estudos sobre as *villae* da província da *Britannia*, mapeando os tipos de assentamentos e a cronologia de investimentos ao longo da conquista romana, com ênfase no séc. IV. Discutiremos ainda o momento de prosperidade econômica provincial que financiou todo o esforço de construção das *villae*, mapeando atividades econômicas regionais e apresentando as propriedades que foram construídas ou reformadas em cada um desses contextos. Outro ponto importante é o desenvolvimento da produção mosaicista provincial, e suas respectivas oficinas e tradições representadas no trabalho mosaicista. O estudo

da relação entre patronos e artesãos, a cronologia de desenvolvimento dos estilos artísticos e sua regionalização serão fundamentais para a construção da cronologia de investimentos desses sítios. Por fim, discutiremos esse movimento frente a historiografia das *villae* no séc. IV, debatendo como novas visões sobre as motivações por trás do investimento em monumentalização buscam conectar as dinâmicas e interesses das elites locais ao universo sócio-político senatorial pós-constantiniano.

O segundo capítulo aprofunda a análise dos dados, em especial das transformações arquitetônicas das *thermae*, a fim de organizar de forma cronológica as intervenções e investimentos e sua relação com a política provincial, em especial o momento político-militar do séc. IV, a defesa das fronteiras, a relação dos imperadores com a *Britannia* e os esforços de cooptação de apoio na província no contexto das revoltas de Magnêncio e Magno Máximo.

Estes dados nos serão úteis para mapear de forma aprofundada dos estudos de caso. Utilizamos as *villae* de Littlecote e Halstock, casos em que a sequência cronológica é melhor documentada, para uma tentativa de “abordagem biográfica”, mapeando as mudanças na arquitetura ao longo dos processos políticos locais e globais. Discutimos ainda o desenvolvimento das chamadas “estruturas exóticas” na arquitetura dos espaços públicos, como *triclinia*, banhos e outros salões de recepção.

No terceiro capítulo, debateremos as formas de construção narrativa de prestígio das elites romano-bretãs através da análise do *corpus* imagético dos mosaicos. Destaca-se aqui a relação dos temas literários presentes na iconografia e o processo de educação das elites, destacando a importância do

domínio de Virgílio e Ovídio nos processos educativos e como parte da construção narrativa de erudição voltada aos cargos imperiais e as conexões entre iconografia clássica e cristã e com o legado simbólico da dinastia constantiniana.

No quarto e último capítulo, combinando arquitetura e decoração, com ênfase nos aspectos geométricos dos mosaicos, discutiremos como a reserva de espaços de trânsito e de mobiliário influenciam a experimentação dos ambientes públicos das *villae*. A identificação dos usos dos aposentos nos dão pistas de como se desenrolavam as práticas políticas de recepção, e apontam a importância no período da prática da *salutatio*.

## Capítulo 1: O processo de monumentalização rural de elite no sudoeste da *Britannia* no séc. IV: Construindo uma nova paisagem política

### 1.1. – A nova realidade imperial: Gênese das *villae* e das elites romano-bretãs

A paisagem rural da *Britannia* tem um histórico complexo, resultado do acúmulo de diversas fases e modelos de habitação. Na Idade do Ferro, as moradias nativas nas áreas de produção rural do sudeste das Ilhas Britânicas eram as chamadas **casas redondas** (*roundhouses*), estruturas de aproximadamente 6 metros de diâmetro construídas com postes redondos cravados no chão em intervalos irregulares, que sustentavam o teto. Com a invasão e incorporação da região ao Império no século I, este tipo de construção passa a dividir espaço também com construções retangulares em estilo romano, construídos em madeira e, em alguns casos, com fundações em pedra. É interessante notar que apesar dos edifícios retangulares tornarem-se cada vez mais comuns na zona rural a partir do século II, a construção de casas circulares ainda persiste em algumas regiões até o século IV.

Com efeito, a paisagem rural começa a ser modificada com a construção de *villae* no século I, de forma discreta na maioria dos casos. As exceções são sítios como Fishbourne, Angmering, Southwick, Eastwick e Pulborough, todos em Sussex (PERRING, 2002). A propriedade em Fishbourne fora projetada com amplos corredores ao redor de um grandioso pátio central, em conformidade com as noções de uma arquitetura de circulação pública que encontramos em Vitruvius (*De Arch.*) e nas primeiras *villae* desta proporção na Península Itálica. Este tipo de construção de pátio interno central é específico do séc. I para a *Britannia*, perdendo relevância nas fases subsequentes.

Mas as mudanças principais estavam relacionadas à divisão e administração das terras. Um princípio fundamental do modelo romano de administração provincial envolvia o Exército, especialistas em análise de solo (*agrimensores*), membros do corpo político e jurídico imperial (MATTINGLY, 2007, p. 353), bem como as negociações (oficiais ou não) entre estes agentes e a população local. De forma geral, as novas terras anexadas pelo Império eram legalmente propriedades Imperial em um primeiro momento, e podiam ser expropriadas e redistribuídas. Veteranos dispensados do Exército romano recebiam terras como recompensa por seus serviços, formando *coloniae* nas regiões conquistadas.

Parte das terras permanecia com o Estado (*ager publicus*) e outras tornavam-se parte da região administrativa das *civitates*<sup>9</sup>, cidades fundadas pela população local que ficavam responsáveis pela aplicação das medidas imperiais e da coleta de impostos, ainda que tivessem liberdade para a manutenção de leis e tradições localmente constituídas. Ao longo do tempo, a venda direta de terras dentro dos territórios das *civitates* abria oportunidades de investimento para ex-soldados e imigrantes de outras províncias, em especial da Gália, mesmo que para arrendá-las para membros da comunidade local. Assim, os dois primeiros séculos da ocupação romana mudam a paisagem não através da intensa monumentalização, mas através de sua ocupação, e a disputa por áreas

---

<sup>9</sup> As *civitates*, ainda que compusessem a maior parte dos assentamentos urbanos, não estavam legalmente no topo da hierarquia administrativa. *Coloniae*, possuíam *status* especial e consideradas “cidades romanas”, uma diferenciação que perde muito de sua eficácia após o Édito de Carcala em 212 d.C. Outro tipo de assentamento de *status* diferenciado era o *municipium*, cidades de origem local sob lei romana que no caso provincial, podiam garantir cidadania (FRERE, 1991, p. 194; NEAL & COSH, 2009, p. 215) para seus ex-magistrados. Há registros na província da *Britannia* de apenas um *municipium* (St. Albans) e pelo menos três *coloniae*, enquanto há mais de 20 *civitates* espalhadas por toda a província.

com potencial para a atividade agropastoril e de extrativismo torna-se central nas relações entre governo imperial, Exército, imigrantes civis e as populações locais (MATTINGLY, 2007, p. 260;354). Fundamental nesta disputa seriam os assentos nas cúrias municipais, que na *Britannia* participavam inclusive da provisão de médicos e professores na província (ALCOCK 2006). O envolvimento com a administração pública tonra-se mais interessante para essas elites quando os *publicani*, que desempenhavam papéis como de coletores de impostos e fornecedores de provisões às tropas imperiais, passam a dividir a demanda do exército com as elites locais. O governo imperial passa a perceber tais elites como uma alternativa para a coleta de impostos, muito mais barata e legitimada localmente que os *publicani* (BEARD, 2017, p. 479; MATTINGLY, 2007, p. 493–494). As elites agiam ainda como intermediárias entre os novos governadores e a população local, em especial nos primeiros momentos em que estes chegavam à província (BEARD, 2017).

Esta aproximação entre as elites locais e o governo imperial foi especialmente eficaz na *Britannia*. Após a ocupação da região ser efetivada pelo Imperador Cláudio no séc. I, a política imperialista (incluindo a questão fundiária) levou a um conturbado período de contestação e revoltas das populações locais, encerrado com a revolta liderada por Boudica (SALWAY 1998). Muita da instabilidade vem, segundo o autor, da inexistência de uma “política externa” inicial de Roma para com a província. No geral, existiriam iniciativas individuais de cônsules e imperadores, que teriam pouca continuidade pela própria natureza das preocupações e responsabilidades na cidade de Roma, em especial em períodos complicados como a crise da dinastia Juliana e o Ano dos Quatro Imperadores (SALWAY 1998, p. 65-68).

A estabilidade política na Bretanha Romana para ele só teria sido possível após uma destas iniciativas personalistas, com a indicação de Gnaeus Julius Agricola como governador da província, no governo de Vespasiano. O estilo político de Agricola, que chegou a província em 77 d.C, tinha um caráter claramente militarista efetivando a presença e ação das legiões no território como força política de repressão, como ficou claro em sua ação imediata de ataque aos Ordovices, a fim de exterminar a presença da tribo na região norte do País de Gales.

Ao mesmo tempo, o governador teria promovido um projeto de cooptação das elites locais através da aproximação destas à cultura romana. Tácito descreve na biografia que escreveu sobre o Agricola que os filhos dos principais chefes locais eram enviados para estudar em Roma, para assim aprenderem não apenas o latim, mas os costumes e modo de pensar romano (*Agr. XXI*). Parte deste esforço se reflete na política de monumentalização urbana, com a construção de prédios públicos como fóruns e banhos públicos nas *civitates*.

## **1.2 – Dinâmica econômica do sudeste da *Britannia* e o desenvolvimento do mercado mosaicista**

O investimento nas *villae* está conectado ao momento de prosperidade econômica da província, e ao aumento de poder e acúmulo de riquezas das elites romano-bretãs no período. O séc. III é um momento de crise política para o governo imperial, com ataques externos, crises internas, aumento do poder do exército e redução do valor real das moedas (BROWN, 1972, p. 22). Com a inflação, a cobrança de impostos e taxas em espécie (*annonae*) tornaram-se comuns, e as taxas aplicadas pesavam de forma mais significativa nos pequenos proprietários, que entregaram suas terras aos grupos mais abastados,

subsistindo como parte do sistema de *colonato*, beneficiando o latifúndio (MILLET, 1990; SCOTT, 2000). Durante os anos posteriores houve crescimento significativo na exploração das terras, em especial na produção de trigo e criação de caprinos. Somada a exploração de recursos naturais, em especial da extração de minerais e madeira na área do Vale do Rio Severn (SALWAY, 1998, p. 637), a província, em especial as regiões ao sudoeste como as Cotswolds tornaram-se regiões extremamente ricas.

A crescente capilaridade política e integração econômica ao mundo romano atinge seu apogeu entre os séculos III e IV. Desde o início da ocupação romana, a extração de ouro, prata, chumbo, cobre, estanho, bem como calcário utilizado nas construções são atividades de intensa mobilização local. Já a indústria interna de produção de cerâmica se intensifica no III século, suprindo à população civil e militar não apenas cerâmica simples, mas também exemplares de luxo de almofarizes e cântaros que rivalizavam com o mercado de cerâmica sâmia importada da Gália (SALWAY, 1998).

A principal atividade econômica, entretanto, era o cultivo de trigo e cevada, bem como a criação de gado, ovelhas e porcos (FULFORD, 2007, p. 312). Esta produção rural era operacionalizada em um sistema de rotação de culturas trienal, composto pelos campos, vilarejos e as *villae* como seu centro administrativo e simbólico. O oeste da província, rico em áreas cultiváveis, tornou-se por excelência o seu “celeiro”, suprindo em parte o Exército<sup>10</sup> e as cidades através da malha de estradas romanas que convergiam na região

---

<sup>10</sup> Nas regiões limítrofes onde as tropas possuíam fortes, era comum que a comunidade militar alocasse recursos na produção dos próprios alimentos, quando possível. Tal situação é verificável em especial no País de Gales e no norte, próximo à Muralha de Adriano (SALWAY, 1998, p. 622).

(SALWAY, 1998, p. 624). Com a introdução de novas técnicas de arado, estes grandes sistemas latifundiários permitiram uma autossuficiência provincial na produção de grãos no IV século. Nesta época, por exemplo, a *Britannia* enviou seiscentos carregamentos extras de grãos à região do Reno, em um pedido emergencial do imperador Juliano (SALWAY, 1998, p. 618).

Em números conservadores, a província possuía 3,5 milhões de habitantes, incluindo o Exército, ao fim do séc. IV. A demanda do mercado interno, em especial militar, era considerável: estima-se que uma legião consumisse pelo menos 500 alqueires de grãos por semana. Quando Sétimo Severo separou a província em *Britannia Superior* (ao sul) e *Inferior* (ao norte), havia três legiões fixadas nas províncias: uma em Caerleon, uma em Chester, e uma última ao norte, em York. Mesmo com a diminuição do efetivo destas legiões nos anos finais do Império Ocidental, o número de *limitanei*<sup>11</sup> e de tropas auxiliares era mais do que suficiente para, junto ao mercado interno e às exportações ao Continente, manter uma economia agropecuária forte (SALWAY, 1998, p. 231,618).

O crescimento econômico das elites provinciais vem acompanhado de fortes investimentos na monumentalização. Entretanto, diferente do período inicial onde as cidades tinham posição privilegiada no dispêndio de construção e reformas, é o campo que receberá a maior parte do dinheiro acumulado pelas elites fundiárias. As cidades deixam de ser o centro da vida das famílias dos *decuriones*, que passam a construir e reformar *villae* nas regiões rurais das *civitates*, fazendo uso de intrincados sistemas de hipocausto, *thermae*, decoração

---

<sup>11</sup> *Limitanei*: Subdivisão das tropas romanas criada no III século, designando as legiões estacionadas nas fronteiras do Império, comandadas pelos *Dux* (Duque) provincial.

com pinturas nas paredes, pisos tesselados e mosaicos. No séc. I os mosaicos são muito raros, com destaque aos pisos geométricos no palácio romano de Fishbourne, que provavelmente foram colocados por uma equipe de artesãos especialmente recrutados na Gália ou na Itália. Além disso, casas urbanas, como em Watling Court (Londres), também são atribuídas a mosaicistas italianos. Encontramos também mosaicos nas casas de banho das fortalezas legionárias, principalmente em Exeter e Caerleon, ambas pertencentes à Legio II Augusta, e em Chester, provavelmente associados à Legio XX Valeria Victrix. Nestes casos, os mosaicistas provavelmente vieram à *Britannia* como membros do exército. Há um crescimento da produção mosaicista durante o séc. II, em especial nas áreas urbanas da província, entretanto a atividade perde força novamente durante o séc. III, provavelmente em virtude da instabilidade política do período. No séc. IV, a atividade mosaicista retorna com expressividade, impulsionada pela demanda criada pelo alto investimento nas propriedades rurais. A região sudeste, que concentrava a maior parte dos mosaicos dos séculos anteriores, perde importância para o sudoeste da Inglaterra, bem como para o norte (Yorkshire e Lincolnshire), ocasionando um movimento de mão-de-obra que acompanha as mudanças geográficas da concentração de renda (HENIG, 1995, p. 121–123)

Smith (1965, 1969) sugere a existência de seis “escolas” mosaicistas em operação durante este período, com base em Cirencester (Escola Corínia Órfica e Corínia “Saltire”), Dorchester (Escola Durnovária), Water Newton (Escola Durobrivae) e Brough on Humber (Escola Petuária). O modelo de Smith foi expandido ao longo dos anos. Johnston (1977) identificou um outro grupo na região centro-sul que poderia ter se originado em Winchester, Chichester ou

mesmo em Silchester. Já Johnson (1982, p. 45–49) também defendeu que em Ilchester (*Lindinis*), existiria um desdobramento da escola Durnovariana, enquanto Martin Millett (1990, p. 176) argumentou que a escola Durobrivan seria sediada em Leicester e que a Escola Petuária era provavelmente sediada em Aldborough (*Isurium Brigantium*).

Entretanto, é importante observar que a definição de “escolas” tem sido largamente debatida. No que se refere a organização dos trabalhadores, Johnston (1982), por exemplo, propõe que a ideia de *officinae* (oficinas) seria mais pertinente do que a noção de “escolas mosaicistas”. Onde mais de uma *officina* puder ser identificada (quando mosaicos semelhantes são encontrados nas proximidades de cidades diferentes), ele sugere o termo *grupo*. Para autores como Scott (2000), a ideia de “escola” está intimamente ligada às fronteiras geográficas de estilos e motivos gráficos, o que acaba por simplificar determinadas relações. Por exemplo, há para a autora uma tendência em catalogar todos os mosaicos dentro de uma área em uma escola particular, ignorando qualquer diversidade que possa existir. Além disso, é provável que livros de consulta a repertórios temáticos e decorativos estivessem em circulação na Antiguidade (LING, 1998), o que significa que diferentes grupos de mosaicistas poderiam ter usado os mesmos motivos.

Oficinas certamente existiram em outras partes do Império Romano, como atestam várias inscrições em mosaicos que começam com as palavras *ex officina*, geralmente seguidas pelo nome do mosaicista. Essas inscrições são frequentemente anexadas a painéis figurados, o que sugere serem pré-fabricados. Nenhuma inscrição precisa é conhecida na *Britannia*, e nenhuma oficina pertencente a um grupo foi descoberta nas cidades até hoje. A ideia mais

plausível é de que estes especialistas fossem itinerantes, passando uma temporada em uma *villa* antes de passar a trabalhar em outra, presumivelmente através da recomendação de seus antigos patronos (NEAL & COSH, 2009, p. 21).

As zonas “rurais” tornam-se extremamente rentáveis, como atesta o aumento significativo de investimentos em novas *villae*, e reformas e expansões em outras já existentes. A prática de anexar propriedades menores em latifúndios torna-se frequente, e a prosperidade econômica dessas elites financia estilos de vida condizentes a, por exemplo, membros das ordens equestres.

### **1.3 – Conexões regionais: Economia e Arquitetura em contexto**

Ao tratar dos sítios arqueológicos das *villae* das Ilhas Britânicas, é recorrente o agrupamento e descrição das mesmas baseado na divisão atual das regiões histórico-culturais britânicas em condados. As divisões administrativas da *Britannia* entre os séc. III e IV, entretanto, não coincidem com estas fronteiras, nem tampouco estas são relevantes como delimitadoras de estilos arquitetônicos ou tendências decorativas das *villae*. No caso da *Britannia*, as fronteiras administrativas constituídas sob jugo romano buscavam dar a maior autonomia possível às lideranças locais, delegando responsabilidades fiscais e judiciais (MATTINGLY, 2007, p. 260).



**Mapa 1: *Britannia* no séc. IV, com destaque as civitates e estradas (Adaptado). Fonte: Encyclopædia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Roman-Britain#/media/1/688594/3807>**

Em se tratando das especificidades da região de nosso recorte, as áreas estudadas são tradicionalmente vinculadas a dois grupos. Um deles é a chamado tribo dos Dobunni, que ocupava boa parte do delta do rio Severn, vindo de Somerset ao sul, com a região de Arden limitando o norte, as Cotswolds e a Floresta de Dean (YEATES, 2009, p. 10). Os Dobunni foram aliados dos romanos no processo de ocupação das Ilhas ainda no século I d.C. Como boa parte do oeste e do norte da Inglaterra, Gloucestershire foi ocupado pelas legiões romanas, devido à sua proximidade das fronteiras com territórios de conflito com

outras populações em Gales e na Cornualha. A base militar inicial romana na região transformou-se, em 97 d.C, durante o governo de Nerva, na colônia de Glevum (atual Gloucester).

Aproximadamente 30 km a sudeste de Glevum, ficava a capital da *civitas* dos Dobunni: Corinium Dobunorum (atual Cirencester), considerada a segunda maior cidade romana na província, atrás apenas de Londres. Como resultado das reformas administrativas iniciadas por Diocleciano no fim do séc. III, a cidade provavelmente tornou-se a capital da recém-criada *Britannia Prima*, parte da *Diocesis Britanniarum*, subordinada à Prefeitura da Gália (MATTINGLY, 2007, p. 29).

Já Dorset, o sul de Somerset e o sudoeste de Wiltshire são associados aos Durotriges que, diferente dos Dobunni, ofereceu forte resistência à ocupação romana inicial. Com a consolidação da conquista, a cidade de Durnovaria (atual Dorchester) tornou-se a *civitates* dos Durotriges (NEAL & COSH, 2009; PUTNAM, 2007). Lindinis (Ilchester), outra cidade mais ao norte, cresce em investimentos e monumentalização ao longo do século III, e inscrições encontradas na região da Muralha de Adriano sugerem que ela pode ter adquirido o status de *civitas* do território original dos Durotriges. Essa interpretação é reforçada pelo excepcional investimento na construção de muros ao redor da cidade, e intensa atividade comercial e investimento em mosaicos nas propriedades urbanas ainda no século IV (FRERE, 1991, p. 194; NEAL & COSH, 2009, p. 215)

Economicamente, a região era muito próspera, com destaque para o atual condado de Gloucestershire, situado no sudoeste da ilha. Suas fronteiras ao sudoeste e sul compreendem boa parte de ambas as margens do rio Severn que

ficam acima do rio Avon, fazendo fronteira direta ao atual País de Gales. Suas fronteiras sul e sudeste seguem a antiga estrada romana conhecida como *Via Fossa* e a margem norte do rio Tâmis; as fronteiras leste e oeste fazem fronteira com os condados de Oxfordshire, Warwickshire, Worcestershire e Herefordshire.

Em sua região oeste, próxima ao rio Severn, fica localizada a floresta de Dean, que se espalha por boa parte das regiões mais altas do vale do Severn. Há registros de atividade humana na região desde o Mesolítico, com vestígios de monumentalização, atividade agropecuária e, principalmente, atividade extrativista. A vocação regional para a extração de matéria-prima continua no período romano, em especial a extração de carvão, ferro e chumbo desde o séc. I (MCWHIRR, 1981, p. 105). Vestígios arqueológicos nas áreas de mineração sugerem que o gerenciamento da extração e distribuição dos produtos ficava a cargo do exército, mais especificamente sob a supervisão das tropas navais, a *Classis Britannica*, estacionada no estuário do rio Severn (FULFORD, 2007, p. 319). A intensa atividade na região permitiu uma autossuficiência da província em extração de ferro já no séc. I (SALWAY, 1998, p. 637). A área restante do condado é formada pelas Cotswolds, um planalto de formações calcárias que segue à leste em direção ao vale do rio Tâmis. É justamente nesta região onde se concentram a maior parte dos campos de uso agropecuário, vilarejos e *villae*, com intensa produção de grãos e lã (NEAL & COSH, 2010, p. 39).

Já a região de Dorset estende-se desde o Canal da Mancha até a nascente do rio Stour ao norte, fazendo divisas com o condado de Devon ao oeste e com sua fronteira oeste seguindo o curso do rio Avon. Caracteriza-se por colinas calcárias e solo semi-árido, com a exceção dos vales formados pelos rios que

correm no condado. Junto com o sul de Somerset e o sudoeste de Wiltshire, a região compreende a antiga *civitas* dos Durotriges (PUTNAM, 2007).

Ainda que o solo da região fosse ácido e pouco fértil, com vegetação xerófila, há registros de que o solo era utilizado não apenas para o pasto, mas incluía a produção de alimentos. Entretanto, as principais atividades econômicas da região eram a extração de giz e outras pedras calcárias e, especialmente, a produção de cerâmica simples, voltada sobretudo para a cozinha, e a cerâmica de verniz negro, de maior prestígio e utilizada na decoração e para serviço à mesa. A produção ceramicista distribuía-se por toda Dorset, e a cerâmica de verniz negro provinha especialmente da Baía de Poole, em especial entre os séculos II e IV (PUTNAM, 2007).

Wiltshire é a única das regiões aqui estudadas que não tem ligação com o mar, e também não possui nenhuma *civitas*. Apesar disso, há registros de pequenos vilarejos ao longo das estradas romanas da região, como Durocornovium, Cunelio, Valucio e Sorvidonum (NEAL & COSH, 2009, p. 314–315). A administração de seu território era dividido entre as *civitates* dos Dobunni, dos Durotriges, Atrebatas e Belgae. A total ausência de *villae* na região centro-sul, nas planícies de Salisbury fez com que se sugerisse que a área fosse uma propriedade imperial, mas não há nenhum dado concreto que tenha confirmado esta hipótese (MATTINGLY, 2007, p. 390).

Por fim, cercada pelas três regiões e com o canal de Bristol a oeste, fica o condado de Somerset. Além das atividades agropastoris, a região possuía atividade mineradora a oeste, com a exploração militar das reservas de chumbo e prata, o que provavelmente motivou a fundação do pequeno vilarejo de Charterhouse na área (FRERE, 1991). Mas os principais assentamentos

urbanos eram Lindinis, já citado acima, e Aquae Sulis, centro de peregrinação construído utilizando termas naturais e dedicada à divindade Sulis Minerva (MILLET, 1990).

As quatro regiões eram cortadas por um extenso sistema de estradas romanas. A *Via Fossa* cortava as cidades de Lindinis, Aquae Sulis e Corinium, permitindo o escoamento da produção rural e da mineração para os portos do sul. Corinium servia como verdadeiro hub, cortada também pela estrada que partia do País de Gales até o extremo sudeste das Ilhas, passando por Glevum e os vilarejos de Wiltshire. Aquae Sulis também possuía saídas para Wiltshire, que se conectava pelo sul com Dorset através do trecho de estrada conhecido como “Ackerman Dyke” (SALWAY, 1998). A maioria das *villae* escavadas no sudoeste da Britannia estão concentradas ao redor das áreas urbanas ou estradas, criando blocos de *villae* que, como veremos, compartilham algumas características de arquitetura e decoração.

### **1.3.1 – *Villae* próximas a Corinium<sup>12</sup>**

#### **VL003 - Chedworth<sup>13</sup>**

Chedworth é uma das maiores *villae* das Ilhas Britânicas. Localizada próxima ao rio Coln, fica a aproximadamente 10 km de Cirencester. Posicionada em destaque no vale do rio Coln, a *villa* foi construída ainda no séc. II d.C, composta por quatro prédios, cuja disposição dos aposentos sugere a coabitação de mais de um núcleo familiar, ou mais provavelmente que o local servia de moradia para mais de um núcleo da mesma família extensa (CLEARY,

---

<sup>12</sup> Todas as plantas baixas estão disponíveis no Catálogo (Vol. 2), e suas páginas serão referenciadas em cada caso para consulta.

<sup>13</sup> Vol 2, p. 21

2013). Praticamente colocada abaixo e reformada entre os séc. III e IV d.C., seu *layout* e construções podem ser extrapolados como exemplos para boa parte das *villae* da região: pátio externo em formato de “U”, investimento em hipocaustos nas áreas residenciais, de banquete e nos banhos (8 aposentos, no caso de Chedworth), com grande investimento em seus 18 mosaicos, sendo o mais famoso destes a representação de Dionísio e As Estações na ala oeste, atribuído à “Escola de *Corinium*”, em um aposento que acredita-se ser um *triclinium* de inverno. Outro aposento no final da ala norte provavelmente era utilizado como *triclinium* para o verão, uma repetição de aposentos encontrada nas *domus* romanas de elite, e seu posicionamento na região externa da arquitetura da casa permitiria uma visão ampla e agradável do Vale do Coln (CLEARY, 2013, p. 39).

#### **VL004 - Great Witcombe<sup>14</sup>**

Outra *villa* de destaque é a de Great Witcombe (NEAL & COSH 2010, p. 127). Com mais de 1200 m<sup>2</sup> construídos, o local foi planejado de tal forma a aproveitar as escarpas do rio construindo a casa em níveis. A construção da *villa* deu-se no fim do séc. II, com reformas nas alas sudeste e norte no IV século. Estas reformas preservaram o antigo sistema de banhos, e seus três mosaicos, além de adicionar outro mosaico (perdido) na ala norte, onde um cômodo octogonal foi levantado sobre as bases de uma antiga sala absidal. O cômodo e seu mosaico destruído são tema de debates ainda hoje: as linhas do mosaico sugerem um enquadramento octogonal que cobria todo o espaço, com bordas

---

<sup>14</sup> Vol 2, p. 43

quadriculadas em padrão xadrez, e com a sugestão de um medalhão central. Dado o posicionamento do aposento, que cria um promontório de frente para o rio, a sala é interpretada como uma sala de banquetes para o verão, ou um espaço doméstico para rituais religiosos (NEAL & COSH, 2010, p. 160).

#### **VL005 - Kingscote<sup>15</sup>**

Na região de colinas que fica a oeste da antiga *Via Fossa*, essa era no séc. II uma região de atividade agropastoril romana, com construções em madeira. A *villa* em si foi construída por volta de 220-270, provavelmente abrigando múltiplas famílias ou família estendida. Ao fim do séc. III-início do séc. IV, o projeto arquitetônico é completamente reformulado, com a demolição dos prédios familiares e a construção de uma *pars urbana* unificada e decorada com chão tesselado, um mosaico representando a deusa Vênus e hipocausto (NEAL & COSH, 2010, p. 168; TIMBY, 1998).

#### **VL006 - Withington<sup>16</sup>**

Bem próxima de Chedworth, ficava a *villa* de Withington, 300 metros à leste do rio Coln e 14,5 km de Cirencester. A *villa* foi construída entre o final do séc. I e início do séc. II, com diversas reformas até o fim do séc. IV. Foi escavada pela primeira vez entre 1811-1812, o que resultou em um esquema parcial da *villa* e a descoberta de oito mosaicos. No *triclinium*, há um grande mosaico composto por cinco painéis: uma cena de Orfeu cercado por feras, Netuno e animais marinhos, representações de caça e cenas aquáticas. Fragmentos de um nono mosaico foram descobertos em 2005, em um aposento que parece ter feito parte

---

<sup>15</sup> Vol 2, p. 52

<sup>16</sup> Vol 2, p. 57

de uma *thermae* anexa à 500m do prédio principal (NEAL & COSH 2010, p. 202; THOMPSON & CHELU 2009)

### **VL007 - Woodchester<sup>17</sup>**

A *villa* de Woodchester, a 18 km de Cirencester destaca-se não apenas por seu tamanho, mas pelo requinte da monumentalização: sistema de hipocaustos, um sistema de banhos na ala leste, vinte e dois dos mosaicos mais bem preservados das Ilhas Britânicas, entre eles o Grande Pavimento de Woodchester, que mesmo incompleto sem seu medalhão central, é considerado um dos trabalhos mais complexos da Escola de *Corinium*, com representações das Estações e um painel de Orfeu acalmando as feras selvagens (NEAL & COSH, 2010; WITTS, 2005).

### **1.3.2 *Villae próximas a Aquae Sulis***

#### **VL001 - Badminton<sup>18</sup>**

A *villa* de Badminton, no sul de Gloucestershire, representa uma das descobertas mais recentes. Há relatos sobre um assentamento romano na região desde o séc. XVII, mas o esquema geral da propriedade só foi identificado nos primeiros anos do séc. XXI (OSGOOD 2009; NEAL & COSH, 2010). O prédio central possuía em média 65m<sup>2</sup> e ocupava um platô, destacando-se na paisagem. Os mosaicos, todos do séc. IV, parecem ser contemporâneos à construção da *villa*. Todos os corredores internos da propriedade são cobertos de mosaicos, bem como um cômodo absidal bipartido.

---

<sup>17</sup> Vol 2, p. 70

<sup>18</sup> Vol 2, p. 8

Este tipo de configuração absidal é geralmente utilizada em aposentos planejados para reuniões e atividades coletivas. Entretanto, não denota, em todos os casos, a função do aposento como *triclinia* (WITTS 2000). Em Chedworth, por exemplo, este tipo de estrutura é utilizado em uma espécie de *hall* na ala norte, ao lado de uma das *thermae* da propriedade. Não há consenso sobre sua função. Há apenas vestígios do mosaico deste cômodo, o que dificulta sua análise. A presença de mosaicos adjacentes nas *thermae* sugerem que o aposento poderia servir de *atrium*, mas Cleary (2013, p. 35-36) propõe que esta parte da ala norte funcionaria em separado dos banhos, como uma sala de recepção (*aula*) para petições, por exemplo. Um *nymphaeum* construído em anexo à propriedade, aproveitando uma fonte natural de água, também utiliza arquitetura absidal.

#### **VL015 - Keynsham<sup>19</sup>**

Localizada a cerca de 15 km de *Aquae Sulis*, a *villa* de Keynsham se destaca pelo formato diversificado de seus aposentos, um deles com abside e duas prováveis *triclinia* em formato hexagonal localizadas nas partes opostas à partir do pátio (RUSSEL, 1985), de forma semelhante à execução de um dos aposentos de Great Witcombe. Pelo menos alguns aposentos continham pavimentos de mosaico de alta qualidade e há evidências de colunas no pátio central. Nas salas octogonais foram identificados sistemas de hipocausto, e a presença de drenos revestidos de pedra sugerem a presença de *thermae*.

Há apenas uma só fase de construção, datada do fim do séc. III. Há onze mosaicos registrados no sítio, entre motivos geométricos que decoram

---

<sup>19</sup> Vol 2, p. 195

corredores e o grande mosaico com passagens mitológicas que são interpretadas como oriundas das *Metamorfoses* de Ovídio (NEAL & COSH, 2009, p. 233–235).

#### **VL019 - Newton St. Loe<sup>20</sup>**

A vila, construída por volta do fim do séc. III, era composta por dois edifícios distintos voltados para um pátio. Apenas um deles foi escavado, com sete mosaicos, entre eles um painel de Orfeu que é considerado como feito ou inspirado pelo trabalho do grupo mosaicista de *Corinium*. No final da ala norte, seguindo um grande corredor, há um aposento com abside e sem mosaicos, que provavelmente seria a área das *thermae* (RUSSEL, 1991).

#### **VL020 – Box villa<sup>21</sup>**

As escavações desta *villa* sugerem um assentamento construído ainda no séc. II, com a realização de reformas entre o fim do séc. III e o início do séc. IV, criando uma nova ala na parte nordeste da *pars urbana*, que passou a acomodar um grande aposento absidal, com dimensões quase tão grandes quanto o resto da residência. Possuía um pátio interno com corredores em volta, com pórticos nos três lados que dão acesso à parte residencial e de recepção. A propriedade possuía um total de dezoito mosaicos, todos de temática geométrica, distribuídos entre corredores, aposentos e *thermae* (CORNEY, 2012)

---

<sup>20</sup> Vol 2, p. 261

<sup>21</sup> Vol 2, p. 276

### **1.3.3. *Villae próximas a Durnovaria***

#### **VL008 - Dewlish<sup>22</sup>**

Já entre *Durnovaria* e *Vindocladia*, alguns quilômetros ao norte da estrada, em uma encosta de um dos tributários do rio Piddle, a elevação da raiz de uma árvore revelou um mosaico do que, mais tarde, seria descoberto ser a *villa* de Dewlish (NEAL & COSH, 2009, p. 74; PUTNAM 1984). Escavações realizadas nos anos 60 revelaram uma pequena casa do final do século III, sem mosaicos, substituídos no início do século IV por uma grande *villa*. Esta, com um longo pórtico e varanda central, foi construída no lado noroeste do pátio e foi alinhada a sudoeste-nordeste. É incerto se a moradia tinha mosaicos nesta fase. Acredita-se que ele tenha sido abandonado até a segunda metade do século IV, quando a faixa principal foi reconstruída em escala maior, com quase todos os quartos pavimentados com um total de quinze mosaico (PUTNAM, 2007).

O pavimento da sala mais destacada da casa é um grande salão de banquete em frente a um elaborado *porticus* (evidências para o arcabouço desmoronado foram encontradas à leste do sítio). As salas dispostas simetricamente incluem dois cômodos de formato similar que se projetam na parte traseira, com hipocaustos canalizados, dois cômodos com abside de três lados nas duas extremidades. Alterações e ampliações foram feitas na suíte de banho na extremidade sudoeste e em um nível um pouco mais baixo que as outras salas da vila. O *frigidarium* possuía uma *piscina* octogonal. Uma extensão para o noroeste não tinha mosaicos, sendo interpretadas como oficinas e talvez uma cozinha. Para o sul havia um celeiro, parcialmente demolido. Uma estrutura

---

<sup>22</sup> Vol 2, p. 90

anexa a casa principal, com uma grande varanda no lado nordeste, pode ter sido um santuário ou templo pequeno, e também é pavimentada com um mosaico (NEAL & COSH 2009, p. 74–75).

### **VL010 – Frampton, Maiden Newton<sup>23</sup>**

Seguindo a estrada em direção à Dorchester, no vale do rio Frome, ficava localizada a *villa* de Frampton, descoberta em 1794 por trabalhadores na área. As escavações da propriedade são todas do séc. XIX e início do séc. XX, e seu foco nos aposentos onde seus cinco mosaicos estavam assentados, o que nos permite apenas uma noção incompleta do projeto arquitetônico da *villa* (LYSONS, 1813). Dois destes mosaicos apresentam mais de um painel, e sua configuração sugere que ambos funcionavam, pelo menos a maior parte do tempo, como *triclinia*, e um deles é atribuído à Escola Durnovariana de mosaicistas. Alguns estudos ligam os mosaicos da propriedade às *Metamorfoses* de Ovídio (BARRET, 1978) e a presença de um Chi-Ro em um dos painéis com o Cristianismo (WITTS, 2005).

### **VL011 - Halstock<sup>24</sup>**

Esta *villa* construída no séc. II, na estrada entre Lindinis e Durnovaria, era inicialmente um prédio único com um sistema de *thermae* simples. Durante os séc. III e IV, as reformas criam outros dois prédios, formando um pátio central.

Um sistema de aproveitamento da água de uma nascente ao sul da propriedade passa a alimentar uma lagoa ornamental e tanques no pátio central. Apesar de ser uma propriedade com grande área construída, há mosaicos

---

<sup>23</sup> Vol 2, p. 123

<sup>24</sup> Vol 2, p. 136

apenas em quatro aposentos, concentrados na ala norte, onde ficam as *thermae* e o *triclinium*, construídos pelo subgrupo “Saltire” de artesãos de *Corinium* (LUCAS, 1993)

#### **VL012 - Hemsworth<sup>25</sup>**

A *villa* romana de Hemsworth está localizada em Walls. Field, em Hemsworth Farm, na paróquia de Witchampton, a cerca de 7 km a noroeste de Wimborne. Ele está situado em uma área nivelada de terra levemente inclinada, com belas vistas para o sul e perto do “Ackerman Dyke”, trecho de estrada romana entre *Sorviodunum* e *Vindocladia*. Foi descoberta em 1831, quando foram escavadas as fundações de várias salas e mosaicos, incluindo parte do mosaico de Vênus. A vila aparentemente tinha uma faixa de salas e passagens que se estendiam por 77 metros e tinha 15 a 4 metros de largura, com alas em cada extremidade, com as *thermae* na parte nordeste da *domus*. O investimento em monumentalização nesta propriedade também é considerável, com o registro de pelo menos quinze pavimentos cobertos de *tesserae* e onze mosaicos, com destaque para as representações de Netuno e Vênus. Apenas moedas do quarto século foram encontradas no sítio, as últimas sendo do reinado de Graciano (367-83) (EGLEHEART 1909; NEAL & COSH 2009, p. 149)

#### **1.3.4 – Villae próximas a Lindinis**

#### **VL014 - Ilchester Mead<sup>26</sup>**

A apenas 1 km de distância de Lindinis foi escavada a *villa* de Ilchester Mead, as margens da *Via Fossa*. Os primeiros achados são dos anos de 1950,

---

<sup>25</sup> Vol 2, p. 149

<sup>26</sup> Vol 2, p. 177

com escavações estendendo-se até os anos de 1970 (HAYWARD, 1982). Originalmente um prédio único, com um corredor longo construído no séc. II, a propriedade foi expandida com novas alas na perto do fim do séc. III, criando o pátio central da *villa*. A maior parte dos mosaicos é deste período, exceto um, datado da segunda metade do séc. IV.

A maior parte dos mosaicos não sobreviveram intactos, com a exceção de dois, um com motivos geométricos e florais e outro, no *triclinium*, com representações de golfinhos em nichos nas bordas, trabalho muito provavelmente ligado ao grupo de Lindinis (NEAL & COSH, 2009, p. 227–229).

#### **VL016 - Mill House, Lopen<sup>27</sup>**

A *villa*, distante apenas 1 km da *Via Fossa*, foi escavada em 2001, de forma parcial. O local escolhido para a construção foi a parte mais baixa do ribeirão de Lopen Brook. A parte escavada revela mosaicos na área do portão norte e em um salão bipartido. Há vestígios de outras construções mais a oeste, ainda não escavadas. A datação do sítio só é possível através dos mosaicos, construídos no séc. IV, apesar de existirem indicações de fases anteriores de construção. (NEAL & COSH, 2009, p. 247).

#### **VL017 - Low Ham<sup>28</sup>**

O sítio foi escavado a 1 km ao sudoeste de revelando uma *villa* com um grande pátio seguido por três alas distintas. Ocupado originalmente no séc. II, a propriedade foi expandida em meados do séc. III, época provável da construção das novas alas, com oito aposentos dotados de mosaico. Em algum momento,

---

<sup>27</sup> Vol 2, p. 216

<sup>28</sup> Vol 2, p. 225

provavelmente no final do séc. IV, houve uma mudança acentuada na *villa*, com um novo edifício de alvenaria sendo construído no pátio adjunto ao corredor da faixa norte, e na ala sul, há vestígios de atividade siderúrgica. As *thermae* da propriedade possuem absides, e uma estrutura semelhante, mas poligonal, se localiza na parte norte. O principal mosaico da casa não está na região do *triclinium*, mas sim ao lado da *piscina*: um painel composto por cenas dos livros I e IV da Eneida, com um medalhão central contendo Vênus flanqueada por dois cupidos, provavelmente ligado à escola Dunovariana (NEAL & COSH, 2009, p. 253–257).

#### **VL018 - Lufton<sup>29</sup>**

A *villa*, escavada nos anos de 1940 e 1960 (HAYWARD, 1952, 1971) foi construída do lado sudeste de um pequeno vale, perto de uma nascente de água. Construída no séc. IV, tem como característica principal o prédio octogonal da ala norte, que abriga uma das *thermae* da propriedade (há outra na parte sul, mais simples). Nessa parte norte, uma *piscina*, também octogonal, é decorada por mosaicos em sua borda, representando animais marinhos. Foram identificados dez mosaicos no total na propriedade, alguns ligados ao grupo de Lindinis. (NEAL & COSH, 2009, p. 264)

#### **1.3.5- Villae afastadas das civitates**

#### **VL002 – Boughspring Roman Villa, Tidenham<sup>30</sup>**

Localizada na costa oeste do estuário do rio Severn, no meio do caminho entre *Corinium* e *Venta Silurium*, a *villa* foi escavada em 1969 e 1976-7 (NEAL &

---

<sup>29</sup> Vol 2, p. 239

<sup>30</sup> Vol 2, p. 19

COSH, 2010, p. 47). Construída inicialmente no séc. II, era um prédio simples de um só bloco, com 2 a 3 quartos, com um mosaico geométrico próximo a um corredor. Renovações são feitas na parte final do séc. III e início do séc. IV, quando são construídas as duas alas nas regiões nordeste e noroeste, as *thermae* e sistema de hipocausto.

#### **VL009 - Fifehead Nevile<sup>31</sup>**

O local de construção da *villa* é distante das estradas romanas, na região do Vale Blackmoor e aproveita uma fonte termal localizada ao lado do rio Divelish, tributário do rio Stour. Construída já no fim do séc. III-início do séc. IV, foi projetada com um grande pátio central, com pelo menos dois edifícios situados nos lados norte e leste, e provavelmente na região sul. Destacamos a existência de um aposento bipartido, decorado com dois mosaicos. No total, a propriedade possui quatro mosaicos, ligados ao grupo de artesãos de *Durnovaria* (ENGLEHEART, 1903; NEAL & COSH, 2009, p. 125; OLIVER, 1928).

#### **VL013 - Hinton St. Mary<sup>32</sup>**

Também no vale de Blackmoor, próximo ao rio Stour, a escavação na região revelou parte de uma *villa*, mais precisamente um dos lados de seu pátio central. Sua construção não é datável com precisão, mas seu mosaico do grupo Durnovariano, representando motivos cristãos (cristograma) e mitológicos (Belerofonte) nos permite falar de intervenções no séc. IV. Neste período, também foi construído o aposento bipartido que acomoda o mosaico (NEAL & COSH, 2009, p. 156).

---

<sup>31</sup> Vol 2, p. 112

<sup>32</sup> Vol 2, p. 170

## VL021 - Littlecote Park<sup>33</sup>

Construída no vale do rio Kennett no séc. II, a *villa* compreendia inicialmente uma *pars urbana* com *thermae* e um grande celeiro ao norte, ocupando assim os dois lados da estrada romana que passava pela região. Durante o séc. III, novos prédios são construídos, criando um pátio central. No séc. IV, o antigo celeiro é demolido. Em seu lugar, é construído um complexo com *thermae* e um aposento bipartido com abside triconche, único entre os exemplos arquitetônicos aqui trabalhados. Neste aposento, é construído um mosaico de Orfeu, característico do grupo “Órfico” de Corinium (PHILLIPS; WALTERS & THOMPSON, 1994; WALTERS, 1984).

### 1.4 – Construindo uma nova paisagem: Tendências e padrões na arquitetura das *villae* do sudoeste da *Britannia*

É perceptível a mudança de perfil das *villae* do sudoeste da *Britannia* a partir do fim do séc. III, estendendo-se por todo séc. IV. Propriedades antes divididas em unidades multifamiliares ou que agrupavam mais de uma geração familiar são reformadas e expandidas, seja com a construção de alas ou a utilização de novos prédios como delimitadores de pátios.

Outro investimento que se torna mais comum na *pars urbana* é a construção de *thermae* luxuosas e salas aquecidas. Erguer estruturas como *apodyterium*, *frigidarium* e *caldarium* são investimentos de valor alto, principalmente no contexto doméstico (YEGÜL, 2014, p. 308–310). O mesmo pode-se dizer do hipocausto. Há ainda a questão da manutenção destes

---

<sup>33</sup> Vol 2, p. 298

espaços, não apenas arquitetônica, mas no provisionamento de água e combustível para aquecimento, quando necessário.

A cultura dos banhos públicos já era bem comum na província, e haviam banhos públicos em *civitas* como *Corinium*, e o templo de *Aquae Sulis* também funcionava, de certa forma, como estabelecimento de banhos. A rotina tanto no caso dos banhos públicos quanto nas instalações domésticas não deveria ser muito diferente: o *apodyterium* servia para se despir e descansar. Em seguida, viria a sala fria (*frigidarium*), algumas vezes equipada com uma *piscina*, que tinha as proporções de uma banheira para múltiplas pessoas, seguida por uma sala aquecida intermediária (*tepidarium*), para então ir para a sala quente (*caldarium*), uma espécie de sauna úmida aquecida pela caldeira do hipocausto, com o objetivo de abrir os poros para limpar a sujeira acumulada. Algumas instalações ainda contavam com uma espécie de sauna seca (*laconium*). A maior diferença dos banhos particulares era a ausência de espaços para exercício antes dos banhos (CLEARY, 2013, p. 108–109).

Os custos de construção e manutenção não são os únicos indícios de uma valorização das *thermae*. Muitas delas (assim como algumas *triclinia*) são construídas de forma a se destacar no plano geral da casa. Estes pavilhões, como aponta Smith (1998), criam, em um modelo clássico, um destaque na fachada exterior da propriedade, sem ferir os princípios de simetria vitruvianas (SMITH, 1998, p. 117–118). Mesmo sem acesso às instalações, as pessoas que se aproximam da *villa* apreciem não apenas um plano estético diferenciado, mas também identifiquem que existem ali instalações de luxo. Mas diferente dos aposentos projetados para o banquete, estes pavilhões muitas vezes possuíam tanto entradas externas quanto internas (*porticus*), o que tornaria sua presença

inconfundível na paisagem externa da *pars urbana*. Outra estratégia de diferenciação é a construção de pavilhões. Em Lufton, o pavilhão da parte escavada chega a criar proporções assimétricas em relação ao resto do prédio, com a construção de um *frigidarium* octogonal equipado com uma *piscina*. Um efeito semelhante é visível em Keynsham, onde a disposição das áreas das *thermae* as destacam do prédio de forma a criar um polígono.

Há mais um elemento a ser levado em consideração sobre estes pavilhões, que não aparece nas plantas-baixas. A escolha de se construir *thermae*, *triclinia* ou outros cômodos de prestígio desta forma permite um destaque horizontal, seja no formato dos telhados ou na formação de “torres” com mais de um andar (NEAL, 1996). Walters (1996) identifica dois padrões de aposentos que se destacam no plano das *villae*, e os nomeia segundo sua distribuição. Um deles, nomeado estilo Exeter-Severn, compreende os prédios com mais de um andar, de alguma forma associados com a água, seja na forma de fontes ou *thermae*. Este é o caso, segundo o autor, das *villae* de do grande salão (*aula*) de Woodchester. A disposição das instalações de aquecimento abaixo do piso deixam um espaço livre onde muito provavelmente se localizava uma fonte no centro dos quatro pilares, o que explicaria o posicionamento descentralizado do mosaico de Orfeu (WALTERS, 1996, p. 153). Ele identifica estruturas semelhantes nos *triclinium* e *thermae* de Great Witcombe e nas *thermae* de Lufton. Keynsham é o único caso onde este tipo de estrutura aparece em um aposento sem fonte de água, mas o motivo provável é a manutenção da simetria com as *thermae*.

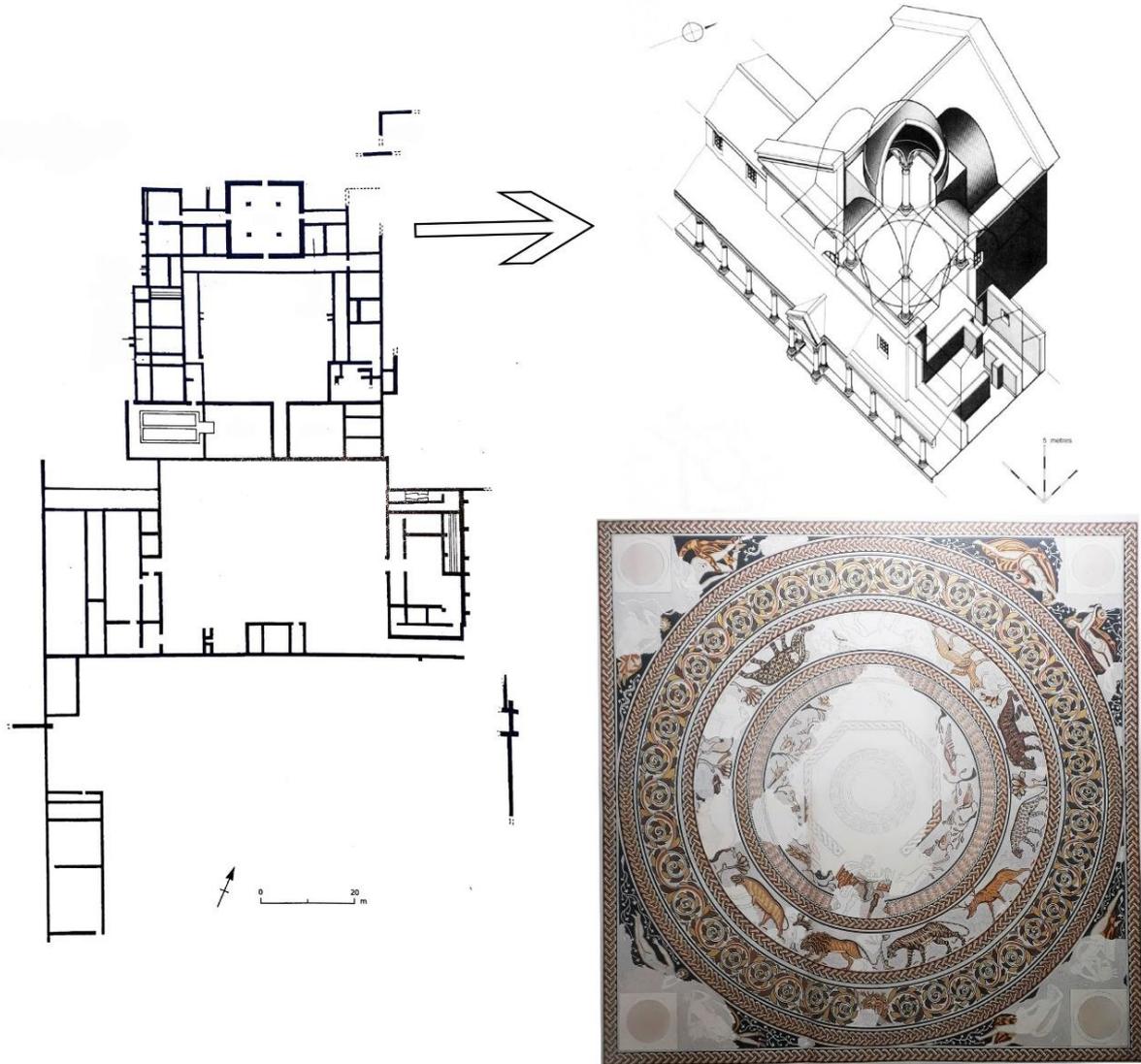


Figura 3: Planta baixa de Woodchester. Em detalhe, gravura da provável configuração do “Great Hall” e mosaico de Orfeu. Elaborado com base em Walters (1996) e Neal & Cosh (2009).

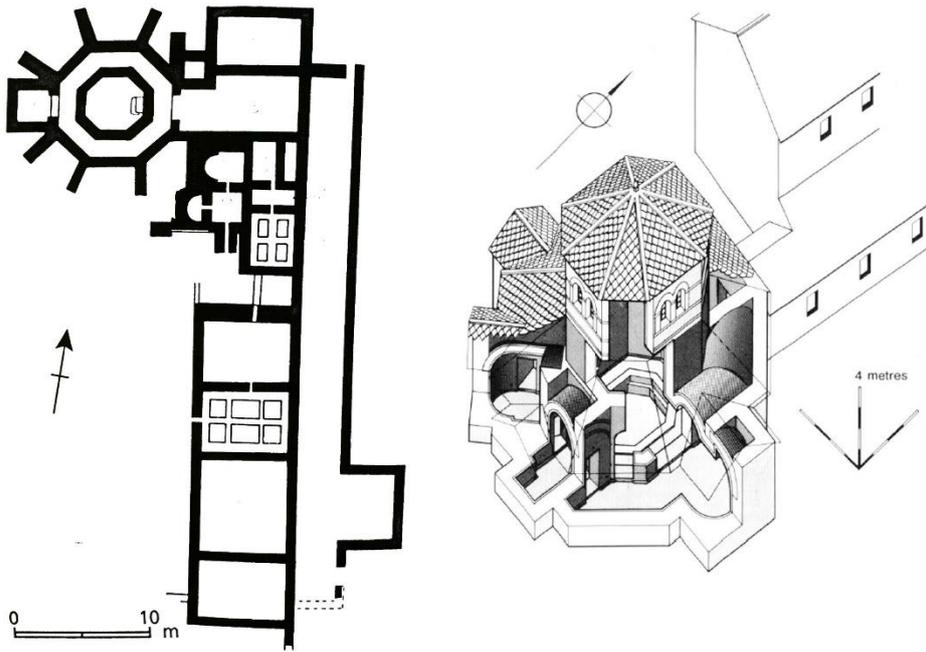


Figura 4: Planta baixa de Lufton. Em detalhe, gravura da provável configuração das thermae. Elaborado com base em Walters (1996) e Neal & Cosh (2009).

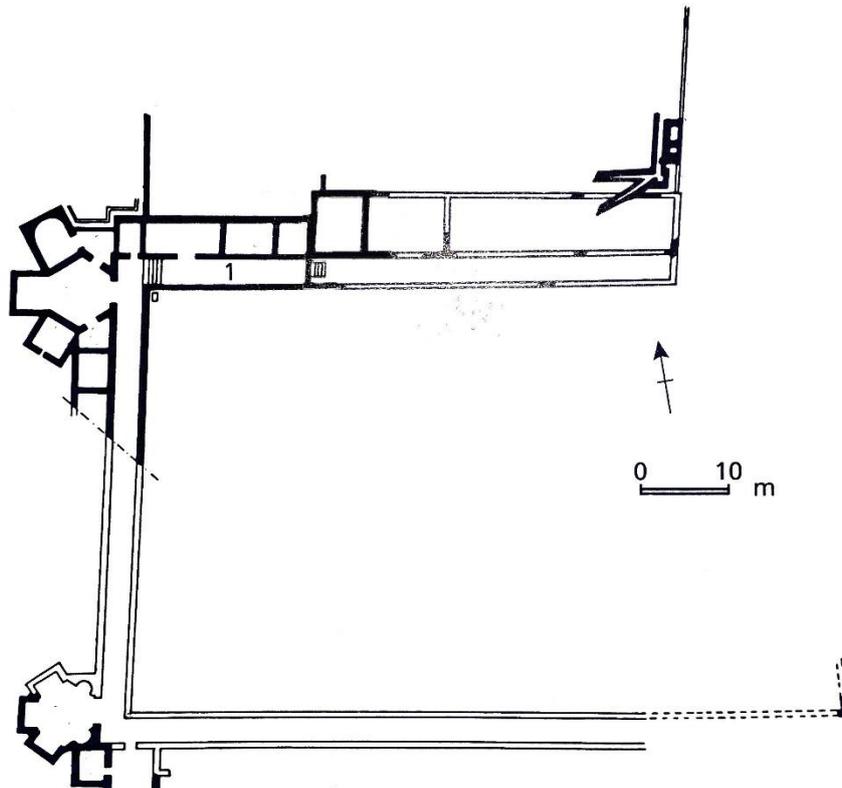


Figura 5: Planta baixa de Keynsham. Elaborado com base em Neal & Cosh (2009).

O segundo grupo, chamado Dorset-Wiltshire, é caracterizado por salas bipartidas, onde a primeira metade formaria um arco de passagem em direção a um *hall* mais alto. Este tipo de estrutura ocorre em, segundo Walters (1996) no *triclinium* de Framptom e Hinton St. Mary. O prédio triconcha de Littlecote é uma espécie de fusão dos dois estilos. Já o *triclinium* do Prédio 2 de Halstock, construído no séc. IV, muito provavelmente segue o mesmo estilo. A divisão regional de Walters (1996), entretanto, não limita a possibilidade de outros pavilhões com características semelhantes. Low Ham, em Somerset, é um destes casos, onde encontramos um *triclinium* de abside poligonal e um *frigidarium/piscina*, ambos em pavilhões que se destacam da *villa*. O formato do *triclinium* de Lopen (Somerset), onde o mosaico segue o salão bipartido com sua entrada pelo lado menor, muito provavelmente seguia o padrão Dorset-Wiltshire, apesar de não estar catalogado entre os sítios analisados por Walters (1996). O mesmo não seria possível no caso de Chedworth: apesar do *triclinium* e mosaico

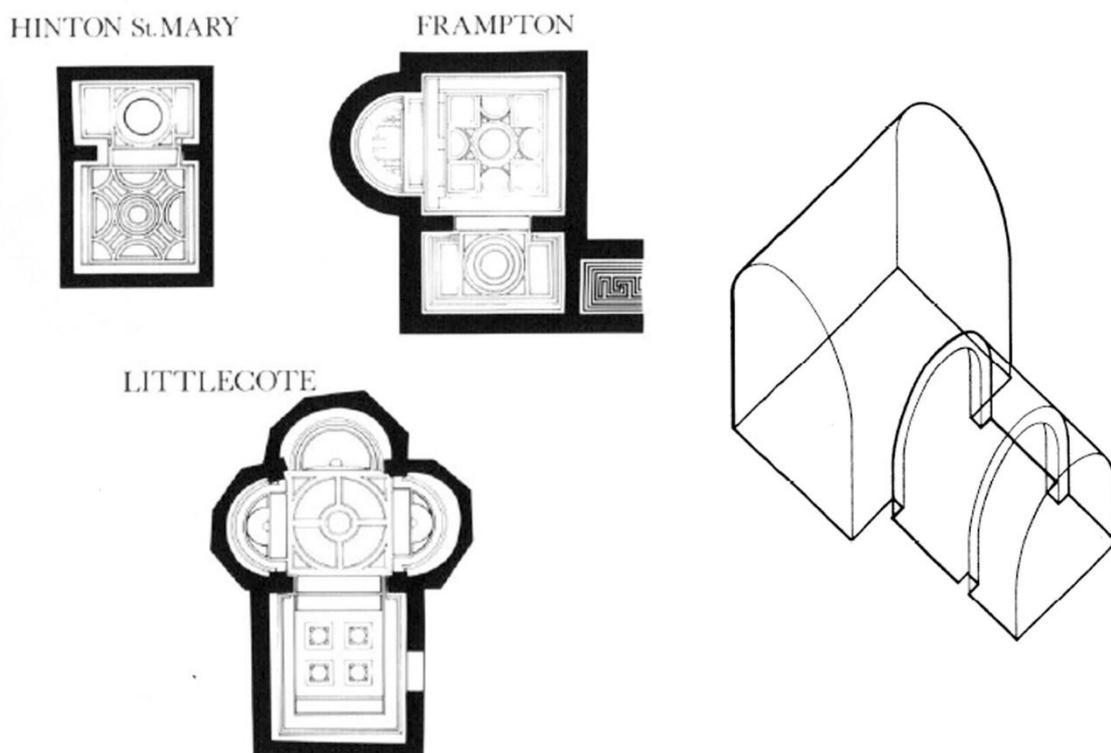


Figura 6: Exemplos de salas bipartidas do grupo Dorset-Wiltshire, com simulação de provável configuração. Elaborado com base em Walters (1996).

bipartidos, é pouco provável que este recurso fosse usado devido ao posicionamento do mosaico. O grande salão de Box, situado no centro na parte norte da *villa*, precisaria para manter suas proporcionalidades pelo menos 14 metros de altura, o que é bem provável dada a sequência de construção do aposento, onde as paredes foram reforçadas muito provavelmente por um erro de cálculo na construção inicial. Apesar disso, diferente de Woodchester, não há vestígios de que esta parte da propriedade tivesse qualquer fonte de água natural ou encanada (CORNEY, 2012, p. 62).

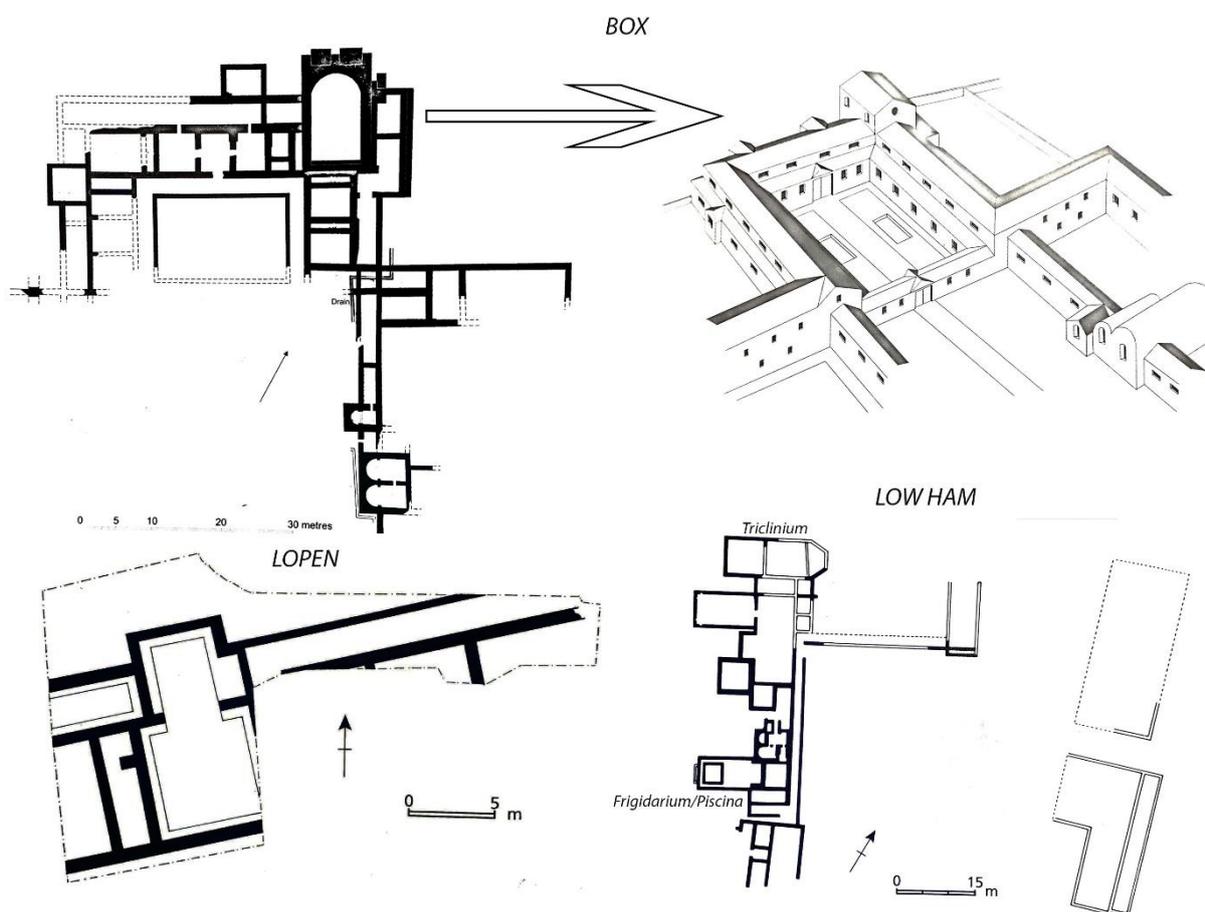


Figura 7: Planta baixa de Box, Low Ham e Lopen. Em detalhe, gravura da provável aparência de Box no séc. IV. Elaborado com base em Corney (2009) e Neal & Cosh (2009).

O conjunto desses elementos muda significativamente a paisagem rural no período. A *pars urbana* das *villae* adquire características suntuosas através da construção de alas ou de pátios. A proximidade das estradas romanas faz com

que as *villae* sejam vistas não só pelos moradores de suas proximidades, mas tropas militares, comerciantes e viajantes, representando ao mesmo tempo pontos focais de produção econômica e monumentos de demonstração de riqueza e prosperidade, em especial no que se refere as “estruturas exóticas”, as primeiras a serem avistadas ao longe. Este processo se intensifica no séc. IV, com a fundação de *villae* já pensadas dentro dessa arquitetura que dá ênfase demonstração de riqueza e prosperidade de seus donos, ressignificando a zona rural como espaço das elites, ao invés das *civitates*.



**Mapa 2: Mapeamento cronológico da construção das *villae* no sudoeste da *Britannia*. Primeira metade do séc. II (acima, esq.), segunda metade do séc. II (acima, dir.), séc. III (abaixo, esq.) e segunda metade do séc. IV (abaixo, dir.).**

Ao mesmo tempo que há a construção de uma paisagem discursiva através da parte externa das *villae*, a paisagem interna também constrói sentidos ligados a vida aristocrática. O posicionamento dos aposentos é pensado em termos principalmente estéticos, aproveitando elementos da natureza como rios e promontórios para incorporá-las ao cenário doméstico, valorizando os espaços públicos como áreas de lazer e relaxamento. O uso da luz natural, em especial nos “aposentos exóticos”, tem objetivo semelhante.

Por fim, a proporção dos espaços públicos próprios da prática das interações políticas como salões de recepção e *triclinia*, bem como a utilização das *thermae* das propriedades em detrimento de suas contrapartes das *civitates* faz com que seja atribuído um sentido político as *villae*. A proximidade de muitas dessas propriedades das *civitates* demonstra que este sentido não é simplesmente transportado, e sim compartilhado. De suas propriedades na zona rural, essas elites governam a província através de seus subordinados e, quando necessário, rápidas viagens.

### **1.5 – A quem as elites queriam impressionar? As *villae* e as ambições políticas provinciais**

É indiscutível que as mudanças na paisagem do sudoeste da *Britannia* no séc. IV são um movimento financiado e articulado pelas elites locais. Apresentamos até aqui uma paisagem econômica e culturalmente conectada, tanto ao nível local quanto com as províncias próximas. A produção de alimentos nos assentamentos rurais e nas áreas de extração mineral, incluindo nas propriedades ao redor das *villae*, abastecem não apenas o mercado interno civil, mas são fundamentais para a manutenção das tropas estacionadas na província ou no Continente. A localização destas propriedades próximas a vias fluviais e estradas imperiais, demonstram como no terceiro e no séc. IV a mobilidade e

conectividade entre áreas produtivas e pontos de escoamento são levadas em consideração.

Não exploramos, porém, as motivações das elites romano-bretãs para tal investimento, e os significados da mudança na hierarquia de poder simbólico entre as *civitates* e as *villae*. Esses grupos continuam responsáveis pela manutenção das instituições imperiais, na forma de coleta de impostos e manutenção de cidades e estradas, e decidem, mesmo assim, expandir seu dispêndio e presença para as zonas rurais. Uma vez mapeada a ação dessas elites, iniciaremos aqui uma discussão sobre de que forma esse projeto provincial atende a seus interesses políticos e sociais.

O deslocamento das elites *curiales* para o campo não é um movimento restrito à *Britannia*, possuindo paralelos principalmente nas províncias ocidentais vizinhas, como *Hispânia*, *Lusitânia* e *Galia* (FRIGHETTO, 2006). Tal movimento tem sido interpretado pela historiografia como resultado das mudanças sociais após a instauração do Dominato, que enfraqueceria as instituições imperiais como o Senado e as cúrias. A mudança do caráter do poder imperial, que trocava a aparência republicana do *Princeps* pela centralização e enaltecimento da figura do imperador enquanto *Dominus*, o que fomentaria uma crescente hierarquização social e lançaria as bases da transição para a “Antiguidade Tardia” (FRIGHETTO, 2006, p. 226). Com a diminuição da importância administrativa das *civitates*, a aristocracia provincial teria concentrado seus esforços na dominação dos espaços produtivos rurais, criando espaços autocráticos que espelhar-se-iam no novo discurso de poder imperial, tornando as *villae* o foco do poder político e simbólico em suas imediações. A progressão

da concentração de terras, renda e poder no campo estabeleceria as bases da transição para o período feudal, através das relações de *colonato*.

As *villae* do séc. IV, sob esta perspectiva, reproduziriam essa hierarquização social na mediação dos espaços públicos e privados. O projeto arquitetônico, inspirado conceitualmente na noção de *simetria*, seria pensado de forma a dar acessos diferentes para os espaços das *villae*. As absides destas propriedades receberam uma atenção especial, interpretadas por Thébert (1987), no caso das casas urbanas (em especial a Hunt House em Bulla Regia, Tunísia) como estruturas cuja função seria a de atrair o olhar dos visitantes para a abside, criando um ponto focal que serviria como artifício de demonstração de prestígio e poder daqueles que ali eram alocados durante os banquetes e eventos sociais. Ellis (1991) comenta que o formato semi-circular das absides seria fruto da adoção de um novo tipo de mobiliário, o *stibadium*, uma espécie de sofá curvo utilizado nos salões de banquete. Ellis identifica ainda uma separação no projeto entre *triclinium* e salões absidais em propriedades como o Palácio de Dux, interpretando esta separação como uma manifestação do desejo do *dominus* em possuir espaços diferenciados para a recepção de diferentes classes de pessoas na hierarquia social, e suas ideias vão na mesma direção de Thébert (1987) no que se refere à abside como espaço cênico de visibilidade política dentro da ritualização construída por estas elites. Outros cômodos, como as *thermae* domésticas, são também indicadas como um sinal de uma sociedade que se distancia das instituições públicas, denotando uma ênfase no poder local e na separação entre público e privado (THEBERT 1987, 323).

Para Ellis (1997), a presença de salões centrais absidais, logo na entrada da *pars urbana*, que segundo ele, serviriam para a recepção de pessoas

“inferiores”, como empregados e *clientes*, refletiria o aprofundamento da separação social entre a aristocracia latifundiária e os trabalhadores do campo, estabelecida como um sistema de patronagem de rígido, com hierarquias sociais bem marcadas. As inovações e tendências arquitetônicas dos últimos séculos do Império eram explicadas por Ellis como um processo de incorporação no espaço doméstico de aposentos capazes de acomodar nas grandes propriedades das elites atividades antes conscritas aos prédios públicos urbanos, como o *forum*, as basílicas e a *curia*.

A atividade política, em especial nas províncias, se tornaria cada vez mais centralizada e exclusiva, criando um cenário onde o exercício do poder seria focado na formação de relações de patronagem locais mais fortes do que as relações de pertencimento imperiais. A ideia de um esvaziamento urbano em detrimento das *villae*, como movimento simbolizador do surgimento de uma sociedade cada vez mais rígida hierarquicamente, tornou-se base do quadro explicativo de diversos trabalhos sobre as especificidades das elites locais na Antiguidade Tardia na Arqueologia sobre a *Britannia* (SCOTT, 2000, p. 106–107), Península Itálica (SFAMENI, 2006, p. 183–187), Aquitânia (BALMELLE, 2001, p. 43–44) e *Hispania* (CHAVARRÍA, 2007, p. 67). Estes trabalhos constroem seus quadros contextuais descrevendo um comportamento controlador e centralizador por parte das elites rurais, seja através da opulência, do controle latifundiário ou da centralização das funções de coleta de impostos.

Ainda que defensores deste modelo, onde a autocracia governamental resulta em uma sociedade altamente hierarquizada e pré-feudal, admitam a existência de discrepâncias nos dados quando observadas as especificidades regionais (FRIGHETTO 2006) ou, no caso específico da *Britannia*, enfatizem a

conexão destas elites entre si através de um sistema de intervisitação e competição por *status* através da monumentalização rural (SCOTT 2000; PERRING 2002), o discurso sobre um Baixo Império que rejeita as instituições urbanas em favor da consolidação do poder direto sobre a população camponesa, bem como a ênfase nos aspectos hierárquicos e de cunho privado da arquitetura romana tardia ainda representam a base dos modelos explicativos para as *villae*.

Creio que Kim Bowes (2010) é quem melhor resume os pontos convergentes desta discussão. Para ela, esta tradição constrói um discurso sobre uma “fuga” das elites para o campo, eximindo-se das responsabilidades municipais. É uma elite preocupada com o controle do funcionamento da *villa*, recepção de comerciantes, supervisão da construção de absides, *triclinia*, instalação de *stibadium*, pinturas e confecção de mosaicos. Circunscrevendo seus interesses pessoais às questões diretamente relacionadas a suas propriedades, teriam participação mínima no circuito político imperial (BOWES 2010, p. 30-31). Algumas interpretações iriam além: a arquitetura doméstica do quarto século teria suas origens na arquitetura das propriedades pertencentes aos imperadores, sendo copiada pela elite senatorial, espelhando a nível local a relação hierarquizada e ritualizada da população para com o Imperador; o *dominus*, assim, teria uma percepção local de poder e distinção copiada da imagem imperial (BOWES 2010, p.30).

Construindo uma genealogia do pensamento acadêmico a respeito das *domus* e *villae* do terceiro século em diante, ela argumenta que enquanto a variedade de sítios e técnicas de escavação nos fornecem cada vez mais novos dados, a reconstrução sócio-histórica das elites do período não dialoga com os

resultados dos achados, e se construiria dentro de uma perspectiva escolástica, que estenderia desde pelo menos o fim do século XIX, nos trabalhos de antiquaristas como o Conde de Vogüé, Karl Swoboda e do general e arqueólogo francês Léon de Beylié (BOWES, 2010, p.21-22). Estes trabalhos definem as propriedades de luxo das elites e imperadores como “proto-medievais”, ligando a arquitetura tardo-romana e as igrejas medievais.

As características da sociedade medieval, generalizado como rígido, autocentrado e autocrático, teriam assim sua origem na fragmentação de poder ocasionada por uma política imperial agressiva a partir do período do Dominato. O cenário de exercício severo do poder institucional teria levado as elites a imporem relações semelhantes a nível local. Quando na década de 1960 começaram a aparecer os primeiros estudos sobre as implicações sociais da arquitetura doméstica tardo-romana, a forma e função dos aposentos escavados dariam prosseguimento a esta tradição, argumentando que características como a preocupação com a simetria axial, a proliferação de mosaicos, *triclinia* e absides nas propriedades de uso dos imperadores seria pensada de forma a ritualizar o cotidiano, reificando as hierarquias de poder. Na medida em que as comparações entre as casas antigas e as igrejas medievais perdeu espaço, a noção de uma elite “proto-feudal” resistiria, mesmo que de forma sutil, até os dias de hoje (BOWES, 2010, p. 22-23).

Ela identifica alguns problemas nesta vertente conceitual. O primeiro diz respeito a escavações mais recentes, entretanto, sugerem que estes aposentos possuíam funções múltiplas, variando conforme as necessidades do momento: pátios “privativos” eram utilizados como depósitos de ânforas aguardando transporte para as cidades; salões de banquete eram convertidos em dormitórios

(BOWES, 2010, 39-42). Ainda que sugiramos os usos *preferenciais* ou *ideais* dos aposentos, o cotidiano revela relações mais maleáveis e realistas entre a casa e seus habitantes, longe de uma aura constante de sacralidade. Um segundo problema seria que a ideia da existência de *triclinia* separadas como uma forma de criar níveis diferentes de privilégio no acesso à casa também não se sustenta arqueologicamente, em especial nas *villae*. A ideia, herdada dos estudos palacianos, teria sido transportada para as interpretações das propriedades rurais sem, ironicamente, se encaixar com os dados (BOWES 2010, 46-50).

Como alternativa, ela sugere que as Reformas Administrativas do imperador Constantino em 326 d.C abrem as possibilidades para a elite local de acesso ao *status* senatorial, criando um ambiente de competição por *clientes* através da *palestra*, dos banquetes e da construção de um discurso senatorial que, não necessariamente, corresponde ao que seu *dominus* é, mas uma projeção do que pretende alcançar. A medida que as gerações de moradores alcançam novos patamares dentro do sistema imperial, as reformas e expansões asseguram que o ambiente é adequado para o desenrolar dos rituais políticos, que movimentam uma rede econômica e simbólica interconectada, onde ao invés de hierarquização, vemos fluidez social e um sistema político que exige ao todo tempo cooptação de clientes, cooperação e o desejo de, ao assumir um estilo de vida condizente ao *decorum* senatorial, conquistar efetivamente a nomeação dentro do Império. A incorporação de espaços comunais inspirados nos *espaços públicos* como os banhos, absides e basílicas, não apontariam para uma busca por *privacidade*, mas na incorporação ao mundo rural das instituições que antes eram sediadas nas *civitates* (BOWES 2010).

Considerando estes argumentos, podemos dizer que o *decorum* aparece aqui como uma construção mútua entre sujeitos e cultura material, e o protagonismo dado à cronologia arqueológica nos permite aplicar uma abordagem biográfica que sincroniza as “histórias de vida” (TRINGHAM, 1995) das elites e de suas propriedades. Ao propor que o movimento de monumentalização do campo cria “máquinas de competição” (BOWES, 2010) por posições de destaque na política imperial, nos convida a pensar não em uma sociedade de instituições em declínio pelo abandono. Ao contrário, abre possibilidades de análise sobre as visões e projeções das elites provinciais relacionadas à política imperial, articulando-se local e globalmente. No mais, considera a relação entre a casa e seus habitantes de forma muito mais orgânica e realista. Ao invés de elites homogêneas, que vivem uma existência ritualizada bem definida e espelhada na “corte imperial”, rompemos com a metáfora do “espelho”, entendendo que as concepções sobre a “vida senatorial” são construídas localmente, e seu processo de formação discursiva passa por repertórios variados, o que explica as variações locais na arquitetura provincial. Por fim, a *villa* não é apenas a manifestação de uma identidade pronta, mas agente ativo na construção das identidades locais.

## **Capítulo 2: cronologias materiais e políticas: estudos de caso sobre a arquitetura das *villae***

### **2.1 – Cultura Material e História Política: sincronizando dados cronológicos**

Dialogar com dados arqueológicos exige alguns cuidados para o historiador. Um dos primeiros desafios é a própria datação dos sítios. Datação e classificação de Cultura Material estão no cerne dos aspectos técnicos do ofício arqueológico, parte fundamental do conjunto de informações possíveis de serem derivadas da análise de escavações. A história das técnicas arqueológicas, neste sentido, torna-se uma questão a ser problematizada, já que as técnicas de escavação e datação tem diferenças em sua acuidade. Antes da Segunda Guerra, as formas de datação eram todas relativas. No caso específico das *villae*, eram utilizada a classificação tipológica dentro de estilos (cerâmica, broches, e mesmo os mosaicos), o uso da estratigrafia para hierarquizar camadas, depósitos ou a combinação de ambas (BAHN, 2012).

Objetos com datação identificável, como moedas, permitem em algum nível uma datação histórica relativa, permitindo em alguns casos a fixação de um *terminus post quem*, ou seja, que determinada camada não poderia ter mais antiga do que a última moeda datável. Além dos problemas de acuidade, há outras questões que podem interferir neste tipo de técnica, como erosão e interferência no solo, fazendo com que materiais se misturem nas camadas. Isso se torna mais complicado no caso das moedas, que podem ser encontradas em níveis diferentes daqueles de seu depósito original, ou sua deposição pode acontecer muito tempo após sua cunhagem (BAHN, 2012, p. 19). A *villa* de Keynsham, por exemplo, foi encontrada em uma área onde foram construídos um cemitério público, uma capela e uma estrada, fazendo com que as

intervenções no terreno ao longo dos anos interferissem na identificação de algumas camadas, mesmo nas escavações entre 1998-2000 (COX, 1998).

Isso colocaria em questão alguns dos dados mais antigos, em especial os publicados entre o séc. XVIII e os primeiros anos do séc. XX. Felizmente, dos sítios escavados neste período, somente Fifehead Nevile e Hemsworth não passaram por novas escavações após 1921, sendo sua reavaliação baseada apenas na análise comparativa de seus mosaicos e discussões sobre achados, muitas vezes, descontextualizados. Há de se destacar, porém, os trabalhos de Samuel Lysons, antiquário do séc. XVIII-XIX que, para além do foco em catalogação dos mosaicos, introduziu em seus trabalhos não apenas uma preocupação com a representação gráfica, mas realizou os primeiros esforços de análise estratigráfica nos sítios ingleses do período romano. Ainda que as limitações técnicas não permitissem uma redução na abrangência de datação, a revisão contemporânea dos estudos de Lysons revelam um grau de acuidade impressionante para a época, como nos casos de Withington, Woodchester e Frampton (SCOTT, 2013, p. 9–11).

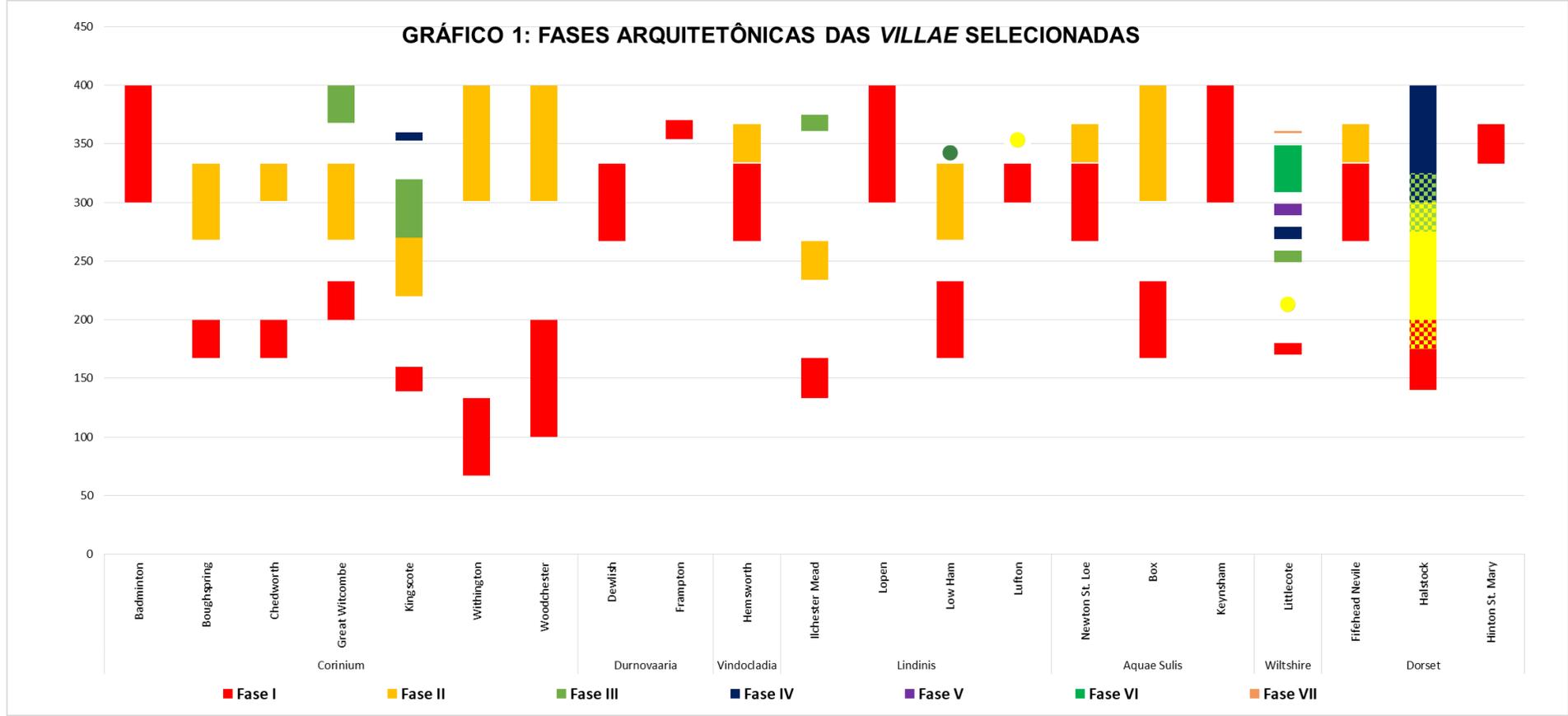
Desde a Segunda Guerra Mundial, as tecnologias de datação de artefatos e remanescentes humanos tornaram-se cada vez mais precisas, com o uso de análises de radiocarbono, dendrocronologia ou técnicas de luminescência, por exemplo. A redução da margem de erro leva em conta, entre outros fatores, tempo e recursos, mas para efeitos práticos é possível dizer que, para a Arqueologia, a “datação absoluta” é uma realidade (BAHN, 2012). A aplicação destas técnicas absolutas, entretanto, não foi imediata. Hoje, a logística e investimento necessários para realizar uma datação por radiocarbono tornaram a técnica extremamente difundida, mas, como qualquer tecnologia, sua

popularização foi progressiva, seja por custos, seja pela maior familiaridade oferecida pelas técnicas relativas. É o caso, por exemplo, das *villae* de Ilchester Mead (HAYWARD, 1982), Box (CORNEY, 2012) e Dewlish (PUTNAM, 2007). Mesmo sendo escavadas pela primeira vez já na segunda metade do séc. XX, as técnicas empregadas e a condição dos achados não permitiram a formação de datações absolutas. Outra questão são as escavações realizadas em contextos de salvamento, onde o trabalho de escavação é feito muitas vezes em prazos e áreas limitadas, já que suas descobertas são geralmente relacionadas a obras em estradas, construções e reformas de prédios. Este tipo de escavação muitas vezes não permite a identificação de uma planta completa da *villa*, mas somente alguns aposentos e seus mosaicos.

Dentro desses limites, organizamos em nossa base de dados as fases de monumentalização em estilo romano de cada um dos sítios das *villae*<sup>34</sup>. Através desses dados coletados, organizamos abaixo um quadro comparativo dessas fases de construção e reforma, a fim de podermos visualizá-las e discuti-las de forma comparativa (Gráfico 1). O espectro de datação (representadas pelas barras) é abrangente, e por vezes compreende todo o período de um século, devido aos limites de certeza na datação discutidas acima. Em alguns casos, como Littlecote e Halstock, as datações são mais precisas. Em Halstock especificamente, conseguimos incluir fases distintas de desenvolvimento para cada um dos cinco prédios encontrados na escavação (Lucas, 1993). Por fim, os pontos nesta tabela representam datas de *terminus post quem*:

---

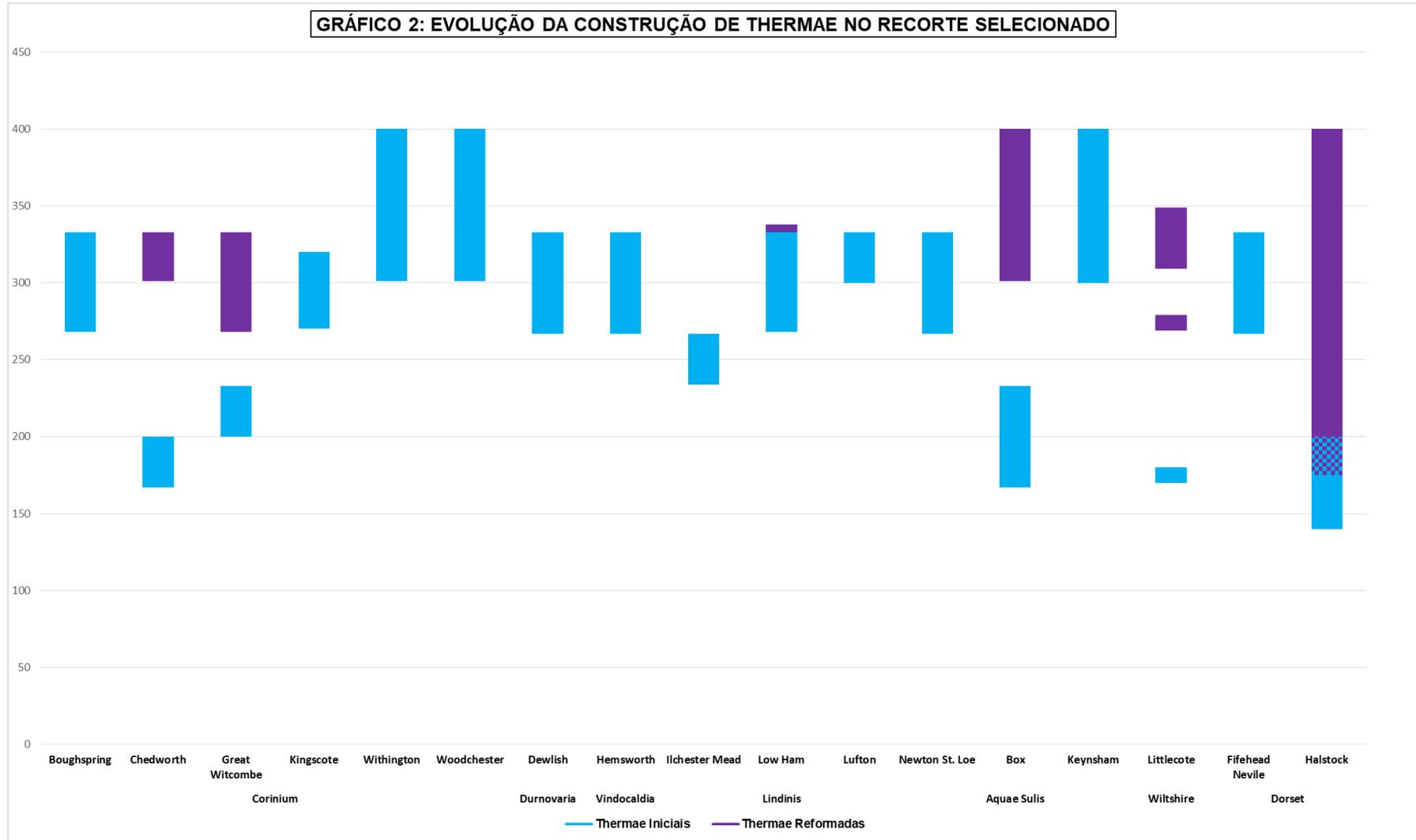
<sup>34</sup> Estes dados estão disponíveis nas fichas de cada sítio no Vol. 2 desta tese.



Dispostas desta forma, alguns padrões se destacam. Em propriedades onde os primeiros prédios ao estilo romano foram construídos nos séc. I e II, há uma distância considerável entre sua forma original e o período de maiores intervenções, com quase nenhum investimento entre meados dos séc. II-III. Com exceção das *villae* de Kingscote e Littlecote, todas as ocorrências de intervenções sucessivas dentro de um espectro de cinquenta anos são localizadas no séc. IV d.C, com uma clara concentração de esforços de monumentalização entre 300-350 d.C. A maior parte das intervenções do séc. IV estão relacionadas a construção de mosaicos nas propriedades, o que sincroniza o movimento de patronagem mosaicista a proposta de Bowes (2010) de que os esforços de investimento nas *villae* seriam motivados pelo reposicionamento das elites provinciais no campo político imperial, utilizando-as como símbolos narrativos de virtude e *decorum* necessários aos cargos senatoriais.

Quando levamos em consideração apenas as *thermae*, a tendência cronológica recua um pouco, com maior presença de investimentos a partir de meados do séc. III, período anterior às reformas (Gráfico 2).

**GRÁFICO 2: EVOLUÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE THERMAE NO RECORTE SELECIONADO**



A ligação entre as reformas das *villae* e a tese de Bowes (2010) sobre a importância simbólica das *villae* nos oferece um lastro inicial para o caso específico da *Britannia*, mas é insuficiente para formar um quadro cronológico que nos permita falar de uma “história de vida” das *villae* enquanto monumentos políticos. Para tal, precisaremos recorrer a dados mais específicos sobre a participação política da província, nestes períodos, no contexto do Império. As principais fontes de informação nesse sentido vem do campo político-militar, internos e externos. As informações textuais sobre este período são todas produzidas fora da *Britannia*, com destaque para os *Panegyrici Latini*, o *Codex Theodosianus* e os escritos de Amiano Marcelino e Libânio (FRERE, 1991), e expandido por análises contemporâneas de material arqueológico, em especial numismático, oriundos dos séc. III-IV (CASEY, 1994).

Estas fontes nos oferecem informações em especial sobre a participação da *Britannia* nas questões sucessórias e militares do período. Desde os últimos anos do governo de Sétimo Severo, as relações entre o governo imperial e a *Britannia* eram instáveis. No final do século II, Severo precisa lidar pessoalmente com um levante comandado por Clodius Albinus, governador da província (BIRLEY 1996). Poucos anos depois, em 207 d.C., o governador Lucius Alfenus Senecio reporta problemas nas fronteiras, levando o imperador Severo a atender pessoalmente o chamado, provavelmente como uma forma de prestigiar sua imagem junto às elites locais e avaliar o cenário político no pós-revolta. Como resultado, o imperador separa a província em duas: Britannia Superior e Inferior, a fim de dividir o comando das três legiões estacionadas nas Ilhas Britânicas, garantindo que nenhuma das partes possuísse poder o suficiente para ambições maiores (BIRLEY, 1999; CASEY, 1994; SALWAY, 1998).

As ameaças Sassânidas ao leste, ataques germânicos na região do Reno-Danúbio e a volatilidade tanto do posto de Imperador quanto da fidelidade do exército mudariam profundamente a dinâmica política do Império Romano no séc. III. O perfil de origem dos imperadores e altos funcionários muda, bem como o conceito de “herdeiro” ao posto de Imperador. A hiperinflação das moedas romanas acaba também por acentuar as desigualdades sociais e coloca a desvalorização do soldo no centro das questões da lealdade militar (CASEY 1994, 8-12).

Na *Britannia*, esse momento coincide com a experiência separatista do Império Gálico (260-274), que reuniu as províncias da Gália, Britannia e Hispânia e parte das terras germânicas. Por 15 anos, redefiniu a geopolítica do Mundo Antigo junto com a separação do Império de Palmira à leste (DRINKWATER, 1987; FRERE, 1991). Poucos anos depois, por volta de 280 d.C., uma nova revolta comandada por um governador da província é sufocada com a ajuda de populações Burgúndias exiladas nas Ilhas Britânicas por Probo. Esta pequena revolta seria seguida pelo crescimento do poderio militar de Carausio e sua frota marítima na costa do Atlântico. Acusado de pirataria e sonegação de produtos de butim, o antes chefe naval romano na região decide, ao invés de se entregar, assumir o governo da *Britannia* sob o nome de Império Britânico, que existiu entre 286 e 296 (CASEY 1994.)

As revoltas não cessaram no século IV, apesar de um interlúdio de quase 60 anos que pode ser atribuído, em parte, à ligação entre Constantino e a província, dada a sua aclamação como imperador em York em 306. Mas já em 350 Magnêncio, comandante das tropas pessoais do imperador Constante I lidera uma revolta que leva ao assassinato do imperador por suas tropas nos

Pirineus. Magnâncio rapidamente reúne tropas na Gália, Hispânia e *Britannia*, e dali parte para uma tentativa de conquistar a posição imperial *de facto* a leste, perecendo na batalha de Mons Seleucus em 353 (DRINKWATER, 2000).

No processo de reestabelecimento do poder, o imperador Constâncio II enviou para a *Britannia* Paulo Catena, notário do imperador e responsável por um processo de “caça às bruxas” aos apoiadores de Magnâncio. A atuação de Catena da província foi tão enérgica e cruel que o vicário da ocasião, Flavius Martinus, intervém junto a Catena em favor dos presos, segundo ele, injustamente. Catena teria se voltado contra Flavius, acusando-o de traição. A reação deste é a de um atentado à vida de Paulo Catena que, mal sucedida, leva o vicário ao suicídio. A província ainda seria uma das primeiras a apoiar a rebelião de Magnus Maximus em 383 d.C., o que marca o último período onde se tem vestígios da presença do exército nas Ilhas Britânicas (LAYCOCK, 2008).

Estas ações só são possíveis através da formação de alianças locais (e em alguns casos, transatlânticas), que colocam a *Britannia* em posição privilegiada do Império, criando uma “agenda política” negociada entre as elites, com potência e conciliação suficientes para apoiar decisões drásticas em favor de seus interesses, como se separar de um instável sistema imperial, ou apoiar pretendentes ao poder que lhes favorecessem.

Não é de se espantar que neste contexto exista uma grande preocupação com a defesa das fronteiras. A campanha de Sétimo Severo na *Britannia* para combater as invasões e saques vindos de além da Muralha de Adriano pode ser interpretada como uma tentativa de demonstrar a força imperial das elites pós-revolta, como também uma prova de que o Império ouvia as queixas das províncias, mesmo as mais distantes. Movimento semelhante acontece na

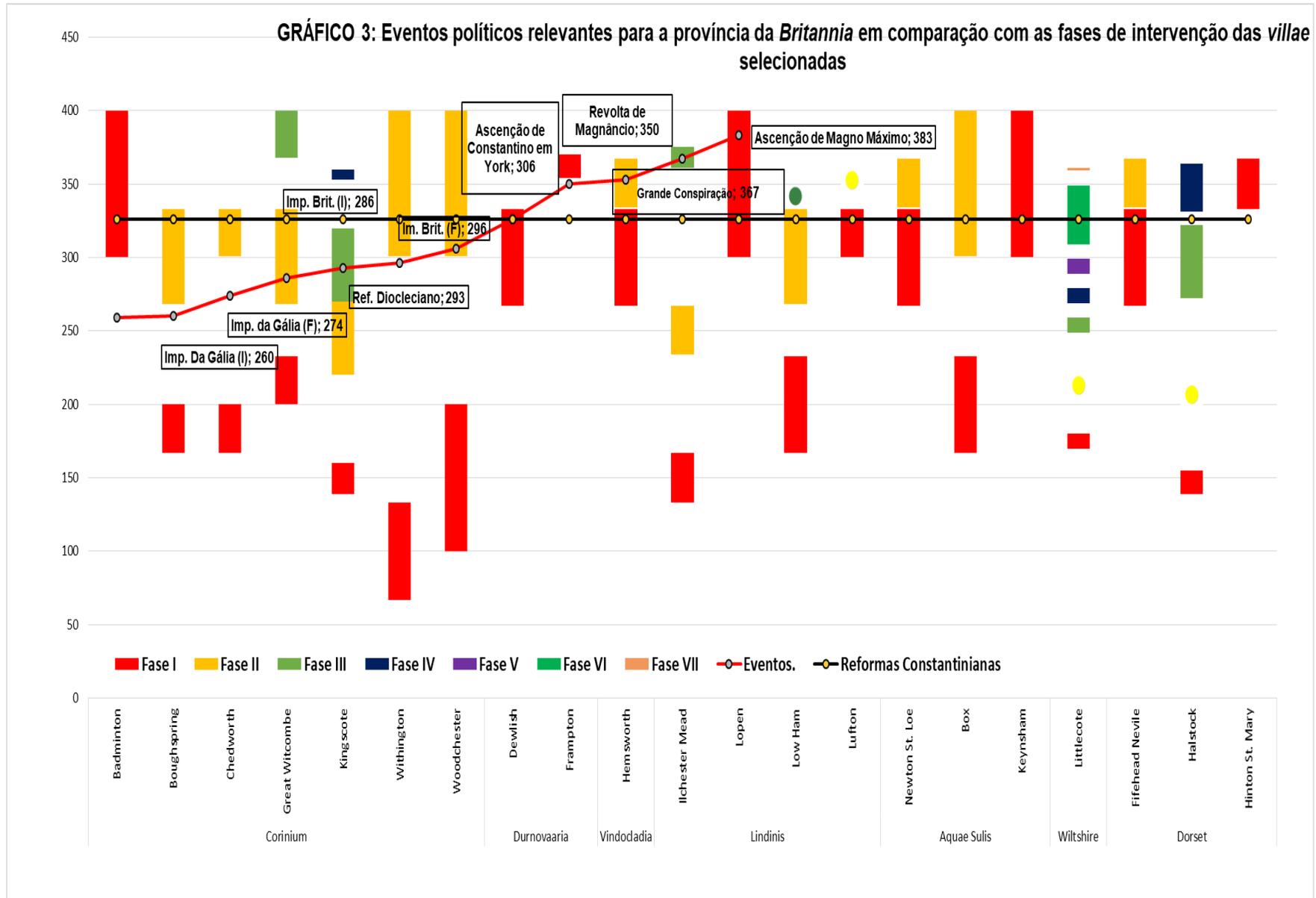
campanha de Constâncio Cloro em 306 d.C., poucos anos após o fim da usurpação de Carausio. Este tema também seria caro aos “usurpadores”, como no caso do Império Gálico estabelecido por Póstumo em 260 d.C. Com o poderio Sassânida exigindo o deslocamento de grandes regimentos para o leste e o crescente perigo dos ataques externos na região entre os rios Reno e Danúbio, Póstumo recua suas tropas a fim de assegurar a paz e a ordem nas províncias da face atlântica (FRERE 1991; CASEY 1994).

Outros fatores contribuem também para o apoio por parte de suas elites à revolta. As promessas de uma nova política econômica com a emissão de novas moedas para o controle inflacionário, vantagens estratégicas para o comércio com o Continente, como, por exemplo, o aumento significativo na exportação de cerâmica para a Gália no período (BIRLEY 1934), ou o fornecimento de grãos para as tropas. O Império Gálico só se manteve forte com o apoio militar e de provisões das Ilhas Britânicas, que em retorno prosperaram com uma carga menor de impostos, algum controle inflacionário e lucros que financiaram toda a monumentalização rural que discutimos acima, com a construção das *villae* e a patronagem de toda um setor mosaicistas.

Esta independência, entretanto, não significava necessariamente uma rejeição ao Império enquanto instituição. Póstumo nunca desafiou o governo do imperador Galieno, e Casey (1994) inclusive argumenta que a experiência separatista do Império Gálico foi a principal inspiração para as Reformas de Diocleciano. Toda a estrutura governamental do Império Gálico reproduzia, em grande medida, o modelo clássico romano: Póstumo assumiu as posições de imperador, *pontifex maximus*, cônsul e criou um Senado na Gália, bem como uma Guarda Pretoriana.

As moedas de Póstumo e seus sucessores, de maior valor frente ao denário oficial, continuaram circulando na província décadas depois, mantendo viva a memória de um período de maior independência política e econômica garantida pelo “Protetor das Províncias” como Póstumo se autointitulava na propaganda de arte de sua série de moedas. Esta lógica será seguida por Carausio quando em 287 convence as elites romano-bretãs a apoiar a separação da província sob o nome de Império Britânico. O estudo de Casey (1994) sobre os governos de Carausio e seu sucessor Alecto revela um discurso voltado para as elites provinciais e para o exército, centrado nas ideias de renovação do poder de Roma, paz, liderança unificadora dos exércitos, voltado para o bem comum e garantidor da prosperidade da província (CASEY 1994, p. 47-49). Assim como Póstumo, Carausio procura não demonstrar nenhum desejo em estender seu poder para o leste; ao contrário, reconhece em sua cunhagem tanto Diocleciano quanto Maximiano como imperadores legítimos (CASEY 1994 p. 53-56).

Quando incorporamos os eventos acima as fases das *villae*, temos o seguinte quadro (Gráfico 3):



Com o cruzamento dos dados, podemos perceber que as fases finais de intervenção concentram-se em dois momentos diferentes. As *thermae* tem uma maior concentração no período de uma política provincial voltada para o isolacionismo regional, com sua adesão ao Imperio da Gália e da *Britannia* no fim do séc. III, período onde provavelmente há significativa redução de carga fiscal para essas elites. As propriedades onde há investimento em *thermae* dentro do séc. IV são todas grandes propriedades, que nesse mesmo momento investem em “apostos exóticos” como Chedworth e Great Witcombe. Já o movimento mosaicista se aproxima de um momento onde as elites políticas estão envolvidas de forma mais ativa na política imperial junto ao Senado romano, entre os períodos de Magnânncio e Magno Máximo.

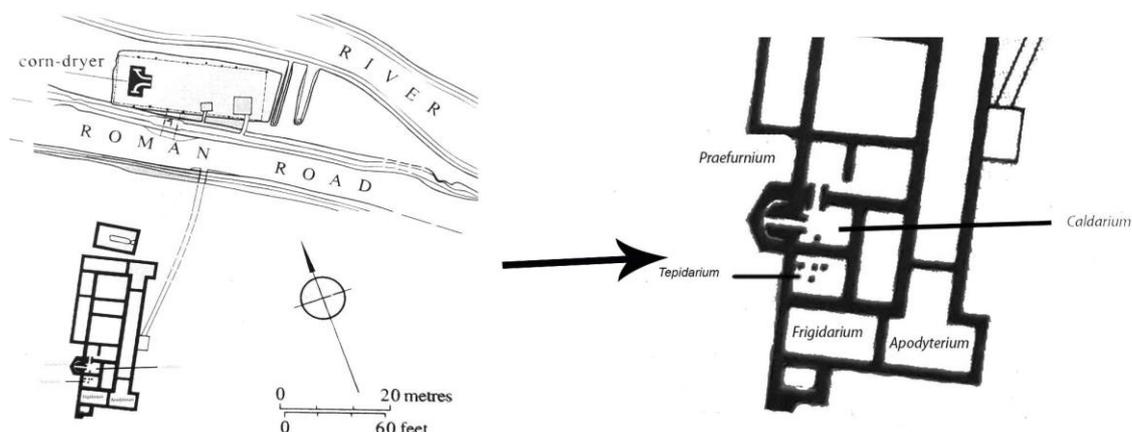
## **2.2 – Biografias da Materialidade: Estudos de caso**

Com o mapeamento geral feito acima, podemos analisar com mais detalhes a forma como política e arquitetura se relacionam no sudoeste da Britannia. Para isso, analisaremos as duas *villae* com a sequência cronológica mais precisa e completa: são Littlecote e Halstock. Acompanhando a longo prazo as sequências de intervenções nas propriedades, bem como, de forma semelhante à proposta de Tringham (1995), procurando entender a “história de vida” destas propriedades, com foco nos elementos valorizados dentro destes casos específicos que vão além do cotidiano, ou seja, investimentos e soluções arquitetônicas que refletem na vida social em relação à agentes externos à família, e que estejam, no entendimento que temos das relações do período, relacionadas à prosperidade, formação de redes político-econômicas e promoção de *status* ao longo do tempo. Ao lidar com gerações diferentes, que não necessariamente podem ser da mesma família, temos limitações no que

podemos inferir, pois estamos restritos à arquitetura e ao quadro político e econômico de cada uma destas épocas. Buscamos, no diálogo com a Materialidade e a Historiografia do período, tecer uma narrativa sobre estas *villae* e seus proprietários.

### 2.2.1 – Littlecote

Com a ocupação romana da *Britannia* no séc. I, uma estrada foi construída ao longo do rio que corre em Littlecote, como rota de movimentações militares. A estrada nunca foi integrada à malha maior de vias romanas, mas continuou a ser utilizada. Esta estrada corta a propriedade, onde a primeira *villa* foi construída por volta de 170-180 d.C. Do lado sul do rio, ficava a *pars urbana*, ainda sem instalação de sistema de hipocausto. Na parte norte, entre a estrada e o rio, ficavam localizados um dique de água, uma ponte e um celeiro para estocagem e secagem de grãos (WALTERS, 1984).

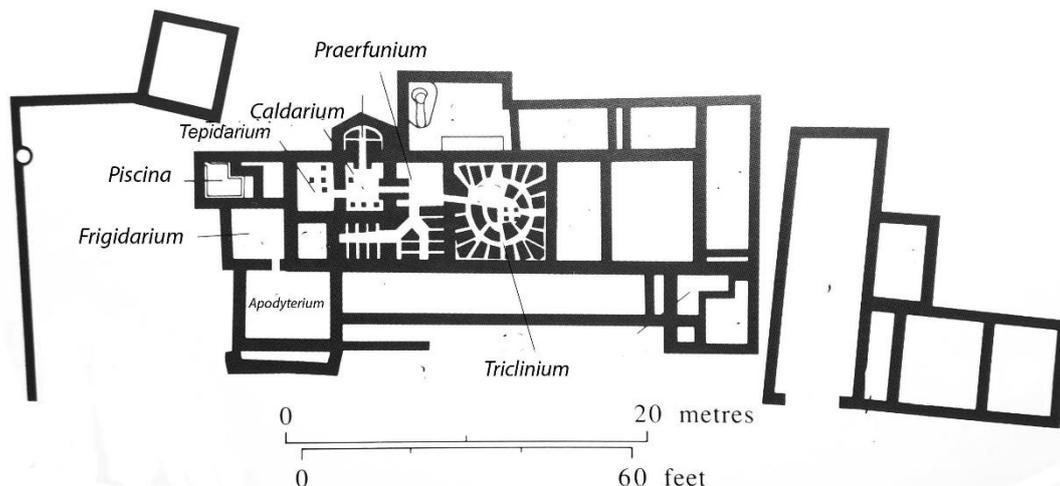


**Figura 8:** Fase 1 de Littlecote (170-180 d.C.). Em destaque, as *thermae* da *pars urbana*. Elaborado com base nas ilustrações em Walters (1984).

Por volta de 220 d.C., as *thermae* passam por sua primeira reforma: os pisos são retirados para a instalação de um sistema de hipocaustos; o

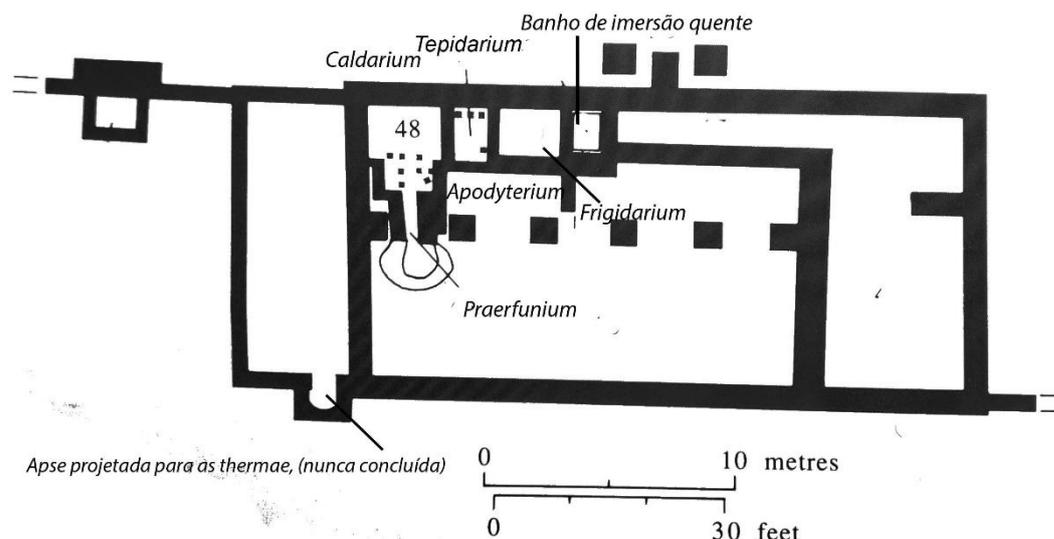
*apodyterium* perde seu formato de “T”, e o *frigidarium* é reduzido, dando lugar para uma antecâmara e uma sauna seca *laconium*. Neste mesmo período, é construído um mosaico no *triclinum*, localizado bem ao lado dos banhos. Um argumento possível para tamanho investimento em tão pouco tempo, ainda na virada dos séculos II-III, seria o de que a propriedade teria passado para as mãos de um cidadão romano, provavelmente membro do exército. Isso seria pouco provável, já que o sítio é muito distante das principais áreas de assentamento de ex-militares (em especial a *colônia* de *Glevum*). Para além disso, o que chama a atenção são as datas: este proprietário está investindo em instalações domésticas luxuosas não apenas em um período bem anterior ao tradicionalmente apontado como de “prosperidade” do sudoeste da *Britannia*, mas em período de guerra.

Não muito antes, em 196 d.C, Claudius Albinus, governador da província, é declarado imperador por suas tropas e entra em guerra com Septímio Severo, levando boa parte de suas tropas da *Britannia* para a Gália. Pouco depois, o próprio imperador Severo, junto de Caracala e Geta, farão uma campanha entre 208 e 211 d.C. no front da Muralha de Adriano, e com grandes investimentos nas defesas da província (SALWAY, 1998). O aumento da necessidade de suprimentos para as tropas é um bom período para os negócios, e a localização da *villa* em uma estrada secundária, que encurta a jornada de Londres até a costa oeste das Ilhas, certamente era bem movimentada no período. Certamente, o investimento em uma arquitetura que combinasse luxo e comodidade para a recepção de potenciais aliados comerciais foi não apenas o motivo, mas o fornecedor de capital para estas reformas, que incluem a criação de um novo celeiro ao sul da propriedade em 250-60 d.C (WALTERS, 1984).



**Figura 9: Detalhe das *thermae* da *pars urbana* da Fase 2 de Littlecote (220 d.C). Elaborado com base nas ilustrações em Walters (1984).**

Esta correlação entre investimento arquitetônico luxuoso, comércio de grãos e períodos de agitação militar se repete no período entre 270-300 d.C. (Fases III e IV). Neste período as *thermae* da *pars urbana* são demolidas, e convertidas em aposentos com mosaicos. Duas *thermae* são construídas em seu lugar, uma no celeiro norte, dividindo seu espaço com as áreas de secagem e estocagem e outro no celeiro sul, decorado com pórtico e colunatas, uma cozinha e uma grande área central que, sugiro, provavelmente servia para acomodar um grande número de viajantes (tropas ou comerciantes) acampados. Há extensas reformas na casa principal, que provavelmente passa a ter dois andares. É neste período também que uma grande guarita é construída na parte leste da propriedade, criando uma espécie de pátio interno limitado pelo rio ao norte, e as muralhas e controlando o fluxo da estrada por dentro da propriedade.



**Figura 10: Detalhe das thermae sul na Fase 3 de Littlecote (270-80 d.C). Elaborado com base nas ilustrações em Walters (1984).**

Autores como Salway (1998) e Mattingly (2007) abordam a prosperidade das elites e as questões político-militares como questões separadas, quando, na verdade, elas são concomitantes. Esta virada do séc. III-IV corresponde ao momento onde a *Britannia*, separada administrativamente do Império Romano, faz parte do Império Gálico (260-274) e, posteriormente, apoia Carausio na construção do Império da *Britannia* (286-296) (BIRLEY, 2005; CASEY, 1994). Durante o governo de Póstumo e seus sucessores com *Augustus* “usurpadores” na Gália, há o desenvolvimento de instituições locais semelhantes às de Roma, como a instituição de um Senado da Gália. Não há registros da participação de membros da elite insular nestes espaços, mas é razoável pensar que a circulação de mercadorias para a Gália inclui a formação de redes de clientela de ambos os lados do Atlântico.

Já sobre o Império da *Britannia*, este envolvimento é certamente maior. Birley argumenta que existem bons indícios de que Carausio, acusado de

pirataria no que seria o estopim de sua investida à posição de imperador, muito provavelmente era o comandante das forças navais romanas na região, a *Classis Britannica* (BIRLEY, 2005, p. 371), tinha também um papel fundamental no controle da mineração no vale do rio Severn, na parte oeste de Gloucestershire. Duas legiões, XX Valeria Vitrix e II Augusta, ambas da *Britannia Superior* (compreendendo o sul da Inglaterra e o País de Gales) são comemoradas em um medalhão de um provável oficial de Carausio na Gália, muito provavelmente por sua vitória contra as sucessivas tentativas de retomada da província por Maximiano em 290 d.C (BIRLEY, 2005, p. 372). A retomada da província por Constâncio Cloro e a ascensão de Constantino em York trouxeram um período de paz à província, que foi incluída nas reformas administrativas de Diocleciano e dividida em pelo menos quatro partes, submetidas à diocese da Gália (BIRLEY, 2005). Durante todo o reinado de Constantino, a propriedade viu poucas alterações, focadas nas *thermae* do celeiro norte, que passou a ser exclusivamente utilizado para banhos. Desde depois de sua fundação, foi a primeira vez que a propriedade teve uma intervenção arquitetônica fora de um período de turbulência político-militar.

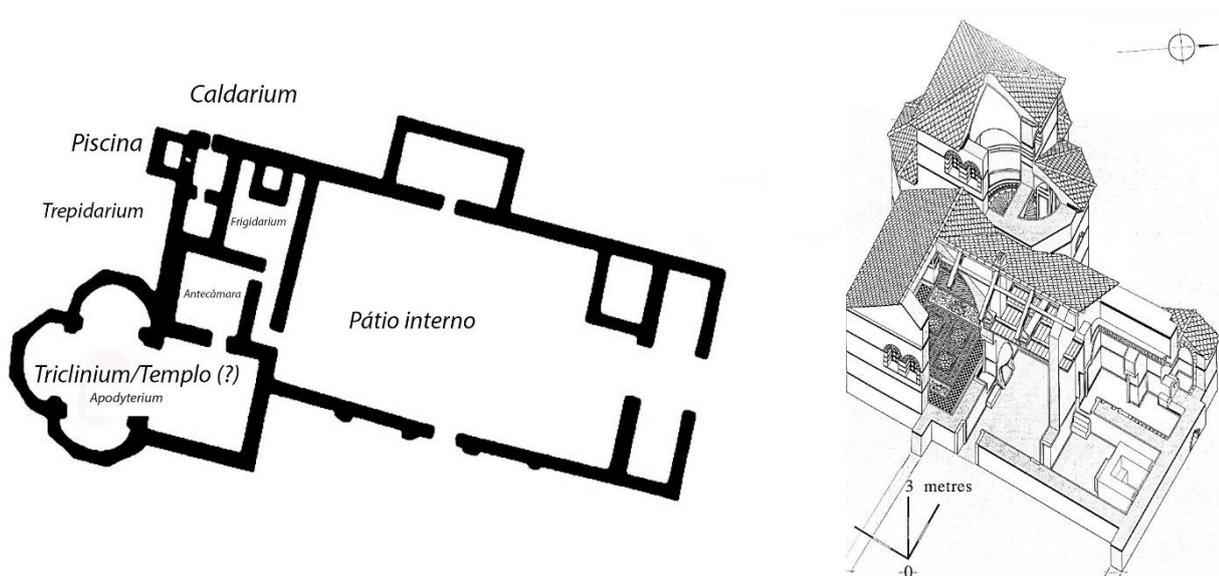
A última fase de intervenções, entre 360-362, traz mudanças radicais tanto na decoração quanto nas atividades da propriedade. Neste período cessa qualquer indício de atividade agropastoril e, concomitantemente, as *thermae* norte são transformadas por completo. Parte do telhado central é retirado, transformando-se em um grande pátio interno e um salão triconcha, único na *Britannia*, é construído e ornamentado com um luxuoso mosaico de Orfeu acalmando as feras. Walters (1984) aponta que o estilo da sala principal é certamente pós-constantiniano, e está geralmente relacionado a construções da

parte oriental do Império. O impressionante prédio provavelmente possuía um segundo andar. A identificação do uso projetado deste prédio a partir da segunda metade do séc. IV não é consensual. Walters (1984), que foi o realizador da escavação em Littlecote, sugere que a ausência de atividades agropecuárias e a construção do prédio e do mosaico indicam que o local se tornou um centro de cultos órficos. Interpretações como lugar de culto também aparecem em outros autores, no mesmo sentido (PERRING, 2002) ou identificando-o como um culto com elementos cristãos e da religião romana (SCOTT, 2000).

Ellis (1995) traz uma argumentação mais tradicional, identificando o aposento como um *triclinium*, com uma antecâmara e absides triconchas onde ficariam as *stibadia*, semelhante ao Palácio de Teodorico em Ravena (1995, p. 173). Esta proposição é contestada por Witts (2000), que aponta que as absides teriam 2,5m de profundidade, mas apenas 3,50m de largura, sendo muito pequenas para a alocação de um *stibadium* (WITTS, 2000, p. 195). Por fim, Stephen Cosh (2000) sugere que, apesar da riqueza decorativa, o cômodo poderia ser o *apodyterium* do novo complexo de *thermae* (COSH, 2000, p. 19-22).

Retornaremos a esta discussão quando analisarmos o mosaico de Littlecote, mas não precisamos entrar nos pormenores da iconografia para fazer algumas observações sobre o prédio. A primeira diz respeito à associação de grandes pavilhões, sejam *triclinia*, locais de culto ou uma combinação de ambos, com as *thermae*, uma tendência que, como veremos mais adiante em Halstock, parece ser uma tendência arquitetônica do séc. IV. A outra observação é relacionada à data de construção, que por seu nível de precisão nos permite localizá-la entre no curto período do império de Juliano I como *Augustus*. Há,

entretanto, exemplos mais antigos como de Chedworth, alinhados ao período do reinado de Magnânncio, discussão que retomaremos mais adiante.



**Figura 11:** *Thermae*/Sala do mosaico de Orfeu em Littlecote (360-362 d.C.). Ao lado, uma gravura da projeção do que seria o prédio no séc. IV d.C. Elaborado com base nos trabalhos de Walters (1984)

### 2.2.2 – Halstock

### 2.2.2 – Halstock

A *Via Fossa*, uma das principais estradas da *Britannia*, se ramifica em *Lindinis* em uma estrada secundária, em direção à *Durnovaria* ao sul. Ao longo desta via em Dorset, existem pelo menos nove *villae*. Isolada praticamente no meio do caminho entre as duas *civitates*, a *villa* de Halstock foi fundada entre meados e fim do séc. II d.C. Sua *pars urbana* compreendia dois prédios na encosta de uma colina, sendo o Prédio 1<sup>35</sup> um modesto bloco residencial, e o

<sup>35</sup> Utilizaremos neste caso o sistema de numeração de prédios e aposentos proposto por Lucas (2013).

Prédio 3 as *thermae*, composta por três aposentos: um possível *apodyterium*, um *tepidarium* (3.1) e o outro o *caldarium* (3.2). Apenas os dois últimos possuíam sistema de aquecimento por hipocausto. Um sistema de transposição de água de uma fonte próxima indica que muito provavelmente existiria neste primeiro período de um sistema de aquecimento (*testudo*). A *pars rustica* era composta por dois prédios, um na encosta próxima a *villa*, e outra próxima à estrada (LUCAS, 1993, p. 131–134).

O segundo período de intervenções da propriedade tem uma datação abrangente (175-300 d.C), mas a identificação de duas sub-fases, bem como o espectro mais restrito da Fase III (275-325 d.C.) nos permite argumentar que seu desenvolvimento tende mais para meados do séc. III d.C. Na fase 2a, o Prédio 1 ganha um pavilhão aquecido ao norte (1.9), com um pórtico em direção as *thermae*. Este aposento, que no séc. IV será decorado com um mosaico, neste período muito provavelmente servia como um *triclinium*. O Prédio 3 é estendido ao sul e oeste, com a construção de um *praerfunium* (3.8) e uma pequena área de imersão em água quente no aposento absidal oeste (3.6) (LUCAS, 1993, p. 133–135).

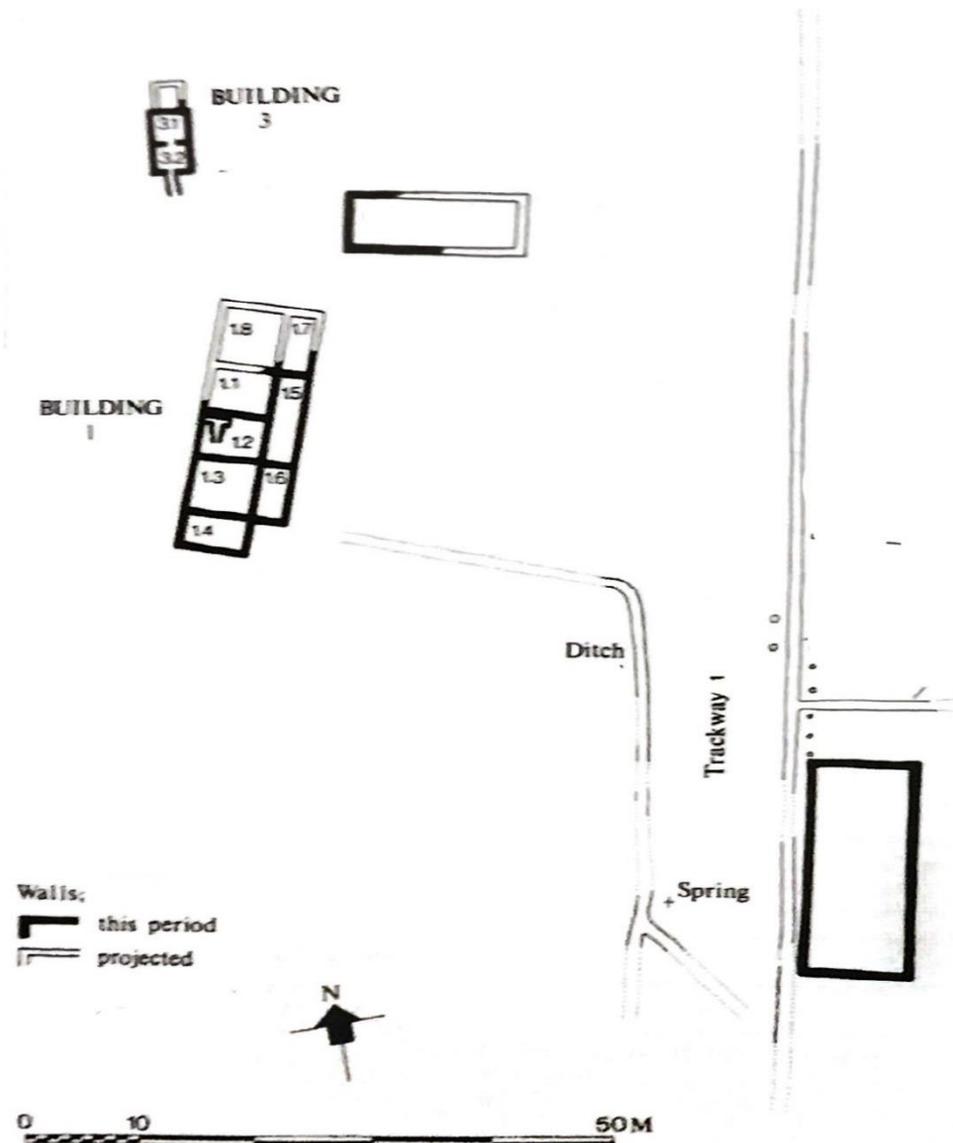


Figura 12: Fase 1 de Halstock (LUCAS 1993).

Não muito depois, na fase 2b, uma nova ala é construída ao sul do Prédio 1, e um novo prédio (Prédio 2) é feito em proporções externas que espelham o primeiro (LUCAS, 1993). Há um espaço entre os dois que preserva uma estrada que vem do oeste, muito provavelmente oriunda das áreas de plantio. Minha hipótese para a construção deste novo prédio é de que ele abrigaria um outro núcleo da mesma família. *Villae* compartilhadas por mais de uma geração familiar não são incomuns, e muitas das propriedades que posteriormente teriam

um pátio interno são resultado da junção de dois ou mais prédios residenciais ocupados ao mesmo tempo, como é o caso de Chedworth, por exemplo (CLEARY, 2013). Há, porém, a questão de que o Prédio 2 tem uma entrada discreta ao sul do apartamento 2.9, sem um pórtico na sua fachada principal como o Prédio 1. Esta disposição incomum para a circulação em uma *pars urbana* levou a hipótese de que, muito provavelmente, haveria um segundo andar que conectaria os prédios 1 e 2, o que permitiria certo grau de privacidade entre os núcleos familiares sem afetar o projeto arquitetônico da *villa*, ao mesmo tempo que formaria um túnel que regularia o acesso oriundo da passagem oeste (LUCAS, 1993, p. 143–144).

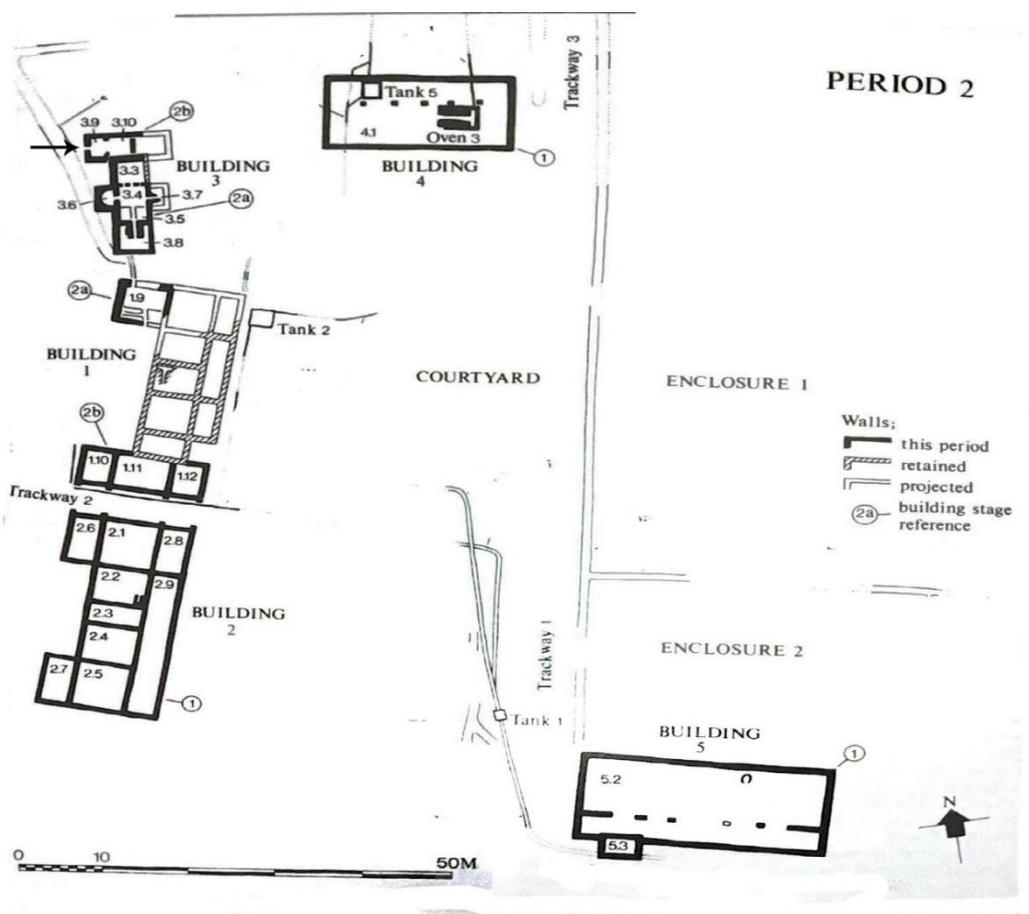


Figura 13: Fase 2 de Halstock (LUCAS 1993)

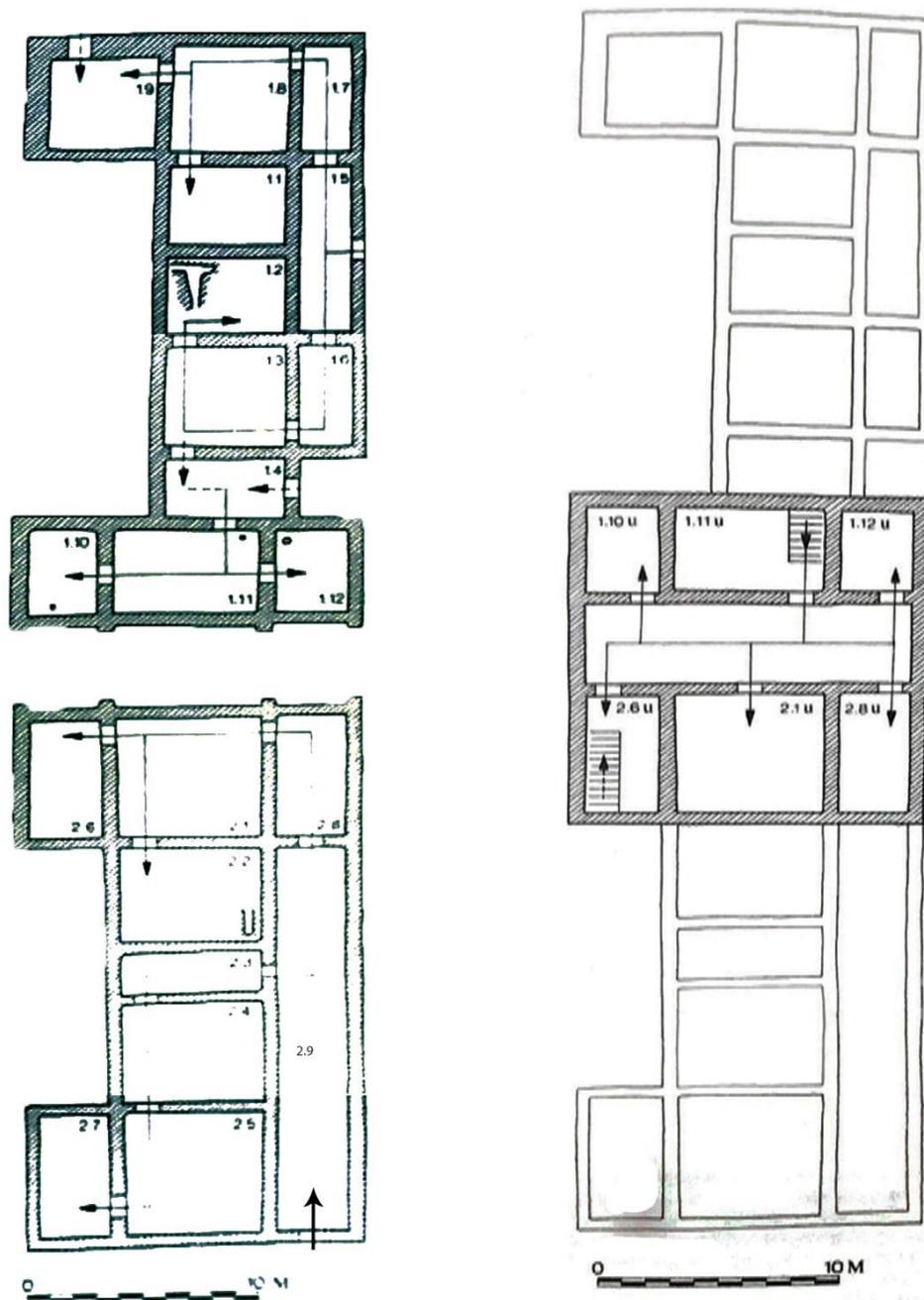


Figura 14: Prováveis linhas de circulação dos prédios 1 e 2 de Halstock. Ao lado, uma projeção do possível segundo pavimento que interligaria os dois prédios (LUCAS 1993)

Nas *thermae*, dois novos aposentos são construídos, transferindo o *apodyterium* (3.9) e *frigidarium* (3.10) para a parte norte do Prédio 3, com a construção de um pórtico. A *pars rustica* também recebe modificações, com a

construção de tanques de água e forno no Prédio 4. Há indícios de trabalhos em metalurgia, em especial cobre, no Prédio 5 a partir desta época.

A expansão tanto da atividade produtiva quanto da área residencial no séc. III alinha-se com a ideia de uma prosperidade das elites rurais no período. De forma semelhante a Littlecote, Halstock prospera muito provavelmente fornecendo tanto para o mercado interno quanto para o externo, em especial o exército no front continental. Esta tendência aumenta no período entre 275-325 d.C; onde mudanças significativas são feitas na área do Prédio 4, que tem parte de sua estrutura convertida em área residencial, e passa a se conectar com o resto dos prédios através de um longo corredor. Três novos aposentos são construídos na área das *thermae*, incorporando uma *piscina*. No Prédio 1, um mosaico (do qual só sobreviveu uma descrição, e que provavelmente representava os Ventos e um medalhão central com um busto) foi construído no *triclinium*. Segundo Lucas (1993), a instalação do mosaico é seguramente do início do séc. IV, incluindo-o no escopo do movimento mosaicista que se inicia no reinado de Constantino I, alinhando-se aos argumentos dos usos da arquitetura e decoração como forma de competitividade entre as elites (BOWES 2010).

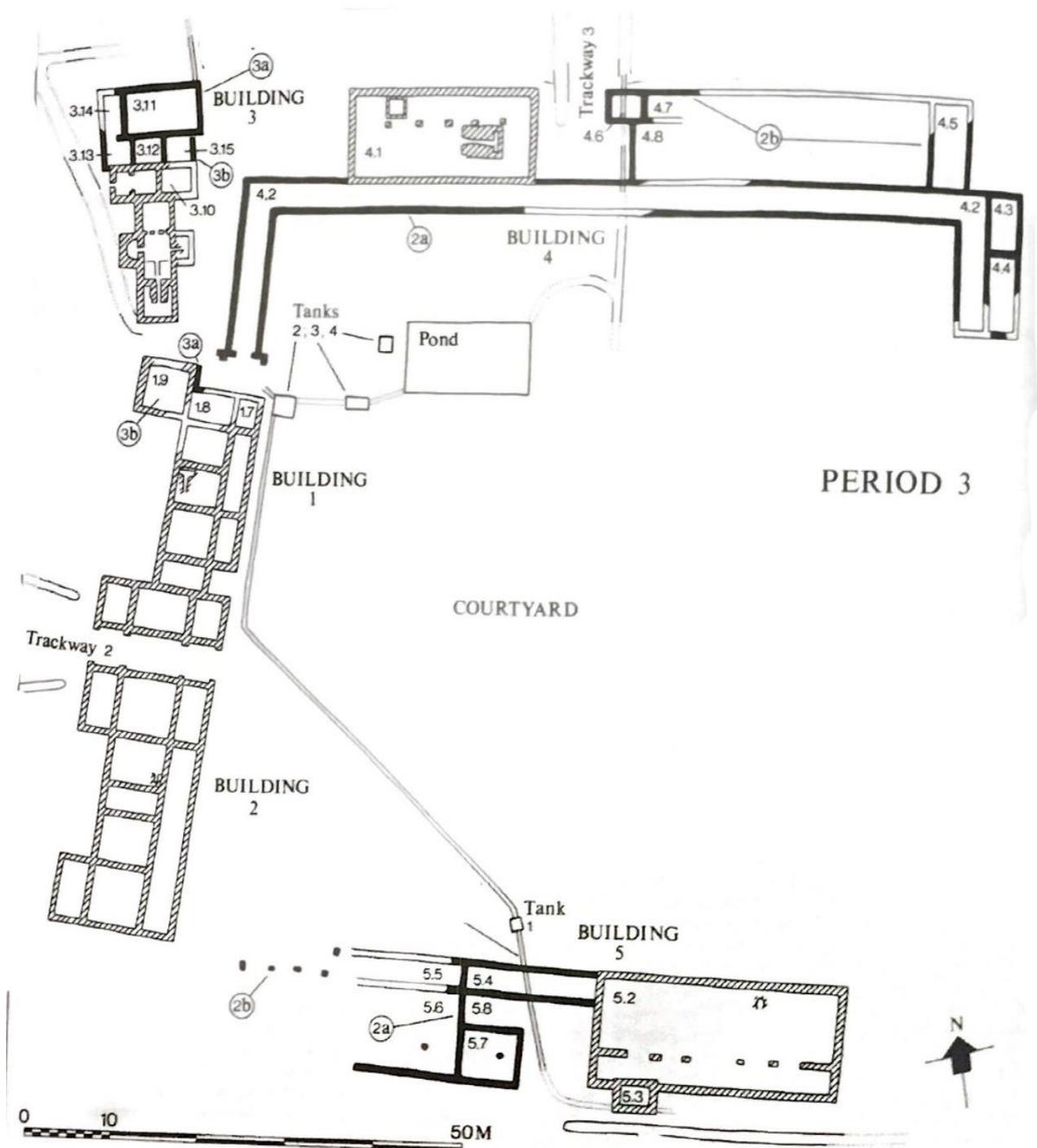


Figura 15: Fase 3 de desenvolvimento de Halstock (LUCAS 1993)

Entretanto, assim como em Littlecote, mudanças significativas envolvendo as *thermae* ainda no séc. IV d.C. Os dados não permitem uma percepção clara da sequência de demolição e rearranjo dos prédios, mas há uma clara valorização do Prédio 2. A faixa oeste foi completamente reconstruída, e uma

sala absidal bipartida (2.10 e 2.11) foi construída. Há indícios de que o piso era tesselado, e este aposento muito provavelmente se tornou um novo *triclinium*. O conjunto das salas 2.5, 2.7, 2.10, 2.11 e 2.14, acessadas pelo novo corredor da sala 2.12, formavam muito provavelmente o novo espaço de recepção de clientes, combinando as funções de *triclinium* e espaço para audiências, e rompendo com a unidade simétrica com o Prédio 1. Esta nova ala é efetivamente um pavilhão com pórtico, que como indica Smith (1998), é projetado de forma a dar ênfase no aspecto de luxo do aposento tanto de forma interna quanto externa, o que talvez explique seu rompimento com a assimetria do Prédio 1.

As *thermae* também são completamente remodeladas. Dois mosaicos relacionados ao “Saltire Group”, datados da segunda metade do séc. IV, são construídos no novo *apodyterium* (3.21) e *frigidarium* (3.22), e há indícios de pinturas nas paredes dos dois cômodos. A *piscina* (3.21) é reduzida, dando espaço para um novo bloco de aposentos na parte oeste: *tepidarium* (3.16), *caldarium* (3.17), uma banheira de imersão em água quente (3.18) e *praerfunium* (3.19), seguido por um reservatório suspenso de água (3.20). O tamanho e formato do *apodyterium* indicam que mais do que um espaço para o banho, ele foi projetado para servir de espaço de entretenimento e interação entre seus frequentadores. Seu acesso era alinhado diretamente com o *triclinium* do Prédio 1 (1.9), o que demonstra que apesar do maior investimento no período no prédio sul, o *triclinium* não só continuava a ser utilizado, mas formava junto às *thermae* um conjunto de aposentos voltados para o entretenimento e demonstração de prosperidade (LUCAS, 1993, p. 147).

## 2.2 – Política local e global

Quando comparamos a sequência de eventos acima com a cronologia das reformas das *villae*, é perceptível um aumento considerável de atividade, em especial das fases mosaicistas, após as reformas de Constantino. As mudanças radicais na arquitetura, em especial relacionada às *thermae*, com inovações em sua estrutura, investimento em mosaicos e a relação entre espaços de convívio social (sejam *triclinia* ou espaços ambíguos como o salão de Orfeu em Littlecote) certamente convergem para a hipótese de um universo competitivo no séc. IV, que como veremos a seguir, não é um caso isolado. Mas antes de seguir para uma análise das inovações arquitetônicas do período, gostaria de discutir algo que poderia ficar no meio do caminho: as *villae* não se tornam “máquinas de competição”, ou “pequenas obras de ficção científica” (BOWES, 2010, p. 98) no séc. IV, testamentos físicos de uma elite não-senatorial que buscava se legitimar em um universo político favorável. Elas sempre o foram.

Se há algo que os dois casos deixam bem claro, é que a patronagem de novas instalações no séc. IV é um momento específico dentro de um quadro maior, e responde a um contexto próprio. Cada geração de *dominus* destas *villae* investiu não apenas na produtividade de suas terras, mas no uso de instrumentos legitimados no mundo em que viviam, que neste caso era sua percepção de um estilo de vida “senatorial”, apropriado e ressignificado em seu contexto local através da circulação de uma “imagem” do que seria a *romanidade*, um palimpsesto resultante da interação de diferentes forças que incluem, mas não se limitam, ao controle e esforço propagandista de um Estado imperialista, oportunidades de negócios, as relações interpessoais e a sucessão geracional, todos eles em constante mudança.

Esse quadro se difere de uma visão tradicional das elites romano-bretãs, comum no séc. XX, que associa identidade das elites a origem nativa de seus integrantes. Uma das questões mais presentes nos trabalhos sobre as elites tem sido a ligação entre a monumentalização rural e a identidade destes proprietários. Para Collingwood (COLLINGWOOD & MYERS 1937, p. 210), este movimento para o campo estava relacionado a uma crise nas cidades, em especial por conta de pilhagens ocorridas no início do séc. III. O risco ao patrimônio teria levado as elites romano-bretãs a investir em propriedades rurais, longe dos olhos das milícias urbanas. Este movimento para o campo deixaria as cidades em situação cada vez mais precária durante todo o século. Esta visão foi contestada por Rivet (1969, p. 206–208), baseada especialmente em face de novos dados sobre o fluxo comercial entre as Ilhas e o Continente, bem como a escala das invasões estrangeiras e pilhagens.

Identificando a proximidade das propriedades rurais de centros urbanos, ele observa a fraca argumentação de uma "fuga para a campo" seja por medo de saques, seja pelo peso dos impostos, um território próspero o suficiente para que a aristocracia possuísse diversas propriedades na cidade e no campo, ao que podemos somar a certa segurança oferecida pela posição geográfica das Ilhas Britânicas, uma situação bem diferente da Gália no mesmo período. Para ele, a multiplicação das *villae* se deu como uma etapa natural do desenvolvimento econômico, e a predileção de suas construções perto de centros urbanos demonstraria a preocupação com o escoamento de mercadorias. Em outra passagem, aponta a possibilidade de que em algumas regiões, os donos destas propriedades fossem *curiales* gauleses buscando melhores empreendimentos.

Há nesta lógica, entretanto, sérias incongruências quando confrontada com a cultura material. Londres é um exemplo. Um dos maiores mercados para o escoamento de mercadorias da época, possui um número ínfimo de *villae* ao seu redor. Millet (1990, p. 192), revisando os dados de escavação e projeções populacionais até então, nota que as propriedades concentram-se em especial ao redor de sítios importantes desde a Idade do Ferro que progressivamente tornaram-se *civitas*, como Corinium. Outro argumento mais recente é o estudo dos estilos das escolas mosaicistas romano-bretãs. Segundo Perring (2002), seus repertórios coincidem, na maior parte, com as regiões de circulação das moedas nativas pré-romanas (PERRING, 2002, p. 269–271). O consenso acadêmico que se apresenta após os anos 60 de uma continuidade de fronteiras rurais entre a Idade do Ferro e o período romano passou a ser considerado prova de que a composição da *curia* seria de origem majoritariamente nativa (MILLET 1990, SCOTT 2000).

Creio, entretanto, que este binarismo entre identidade “nativa” e “estrangeira” não dá conta de todo o espectro das redes de alianças políticas. Nos parece que os modelos de análise apresentados tem como base a extrapolação da classificação de achados arqueológicos a um modelo identitário, colocando estas elites como “herdeiras” dos Celtas da Idade do Ferro. A principal crítica neste sentido seria a extrapolação teórica a-histórica que deixa de lado as agências locais e, ao mesmo tempo, defendem o valor teórico dos “Celtas” enquanto ferramenta de análise. As publicações acima nos chamam a uma reflexão sobre como “Celticidade” é tratada por diversos autores como *atributos* quasi-fenomenológicos, identidades *resistentes* na Longa-Duração. (COLLINGWOOD; MYERS, 1937; MILLET, 1990; RIVET, 1969)

Entendemos que as elites romano-bretãs tinham uma origem diversificada, não restrita a ascendência pré-colonial. Este posicionamento de abertura é importante, pois determina a perspectiva desta pesquisa frente a toda uma tradição acadêmica que defende que o funcionamento interno das elites da *Britannia* seria ditado por uma identidade pré-colonial “céltica” (COLLINGWOOD; MYERS, 1937; MILLET, 1990; RIVET, 1969), como também, de forma mais ampla, nos debates sobre uma “identidade celta persistente na Longa Duração”, que ditaram os debates acadêmicos por boa parte do século XX (COLLIS, 2003; REVELL, 2010; WOOLF, 2000).

Muitas das legiões enviadas no período da conquista que se estabelecem na região, integrando-se nas atividades comerciais e na sociedade provincial como um todo. Muitos vão criar famílias e, quando veteranos, se casar com mulheres nativas, recebendo terras e passando a fazer parte da dinâmica local como civis. As frequentes reposições de quadros do exército e das forças auxiliares ao longo dos séculos também contribuem para a diversidade de origens destes soldados. A *Legio II Augusta*, bem como a *XX Valeria Victrix*, foram as que ficaram mais tempo estacionadas no sudoeste das Ilhas Britânicas (em especial no primeiro século d.C), estando relacionadas com a construção de fortes e colônias, como a de Glevum. Nos séculos posteriores, a maior parte das guarnições fornecidas pelo Império seria de *auxiliares*, que ao longo do tempo possuíam quadros que variavam de origem: gauleses, trácios, batavos e mesmo nativos (MILLET; REVELL; MOORE, 2014).

Mas não apenas os soldados se moviam no Império. Comerciantes e artesãos migravam para essas localidades em busca de ambientes prósperos para investimento e trabalhos; agentes administrativos eram enviados com

alguma frequência para assumir cargos nas províncias, levando consigo família e escravos. Em uma sociedade escravista como a do Império Romano, a circulação destas pessoas para suprir mão-de-obra para o campo e obras de monumentalização era constante. Como vimos em páginas anteriores deste capítulo, o processo de divisão e comércio de terras era relevante, com potencial de atração de investidores estrangeiros e imigrantes. Não é possível dispensar por completo a ideia de grupos ou facções étnicas na província, em especial nas *coloniae*. Mas para nossas perguntas, mais do que identidades étnicas, nos interessam as redes de identidade **políticas**, que tem como ponto comum concepções locais de **romanidade**.

Podemos considerar essas elites como parte de um sistema de mundo global, representado pelos discursos de romanidade e mecanismos de controle e discurso imperiais. Estes mecanismos, entretanto, não tornam homogênea a experiência e identidade das elites provinciais. As ligações entre discurso de controle e identidade romanos e as elites provinciais têm um aspecto cosmopolita, que dialoga e negocia com valores, contextos e agência local. Há uma tendência crescente em se discutir o mundo romano como “glocal” (PITTS; VERSLUYS, 2016), tratando as questões da identidade romana nos contextos provinciais fora da lógica da “Romanização”. Nesse contexto de circulação de mercadorias, pessoas, conceitos e identidades, a ideia de centro e periferia perde sentido, sendo substituída por um debate onde se entende a dinâmica entre a experiência imperialista romana com as populações provinciais como multinivelada: de um lado, os discursos “globais”, do outro, as negociações discursivas da população local com esse projeto, adaptando-o e ressignificando-o dentro de suas próprias realidades (PIETERSE, 2015).

Por isso mesmo, creio ser fundamental a percepção de que cada movimento feito no sentido de investir na *pars urbana*, sejam *thermae* simples, pórticos, *triclinia* com ou sem mosaicos, dentro deste contexto imperialista conectado, representa uma ação clara de atividade não apenas identitária, mas de disputa de poder. Para autores como Michel Foucault (1995), o “poder” não existe enquanto uma entidade da qual se toma posse, mas uma prática social construída historicamente. Em outras palavras, o poder é uma atividade de intervenção no mundo, e não uma “coisa”. Este exercício passa por outra categoria, a dos *saberes* (FOUCAULT, 1995). Há uma produção de saberes em níveis pessoais e institucionais no Império Romano do que é *romanidade*, que balizam em cada época a agência dos indivíduos. Neste ponto, o investimento arquitetônico promovido em Halstock e Littlecote vinculam-se a estes saberes, mesmo em momentos onde a *Britannia*, de um ponto de vista institucional, está separada do Império Romano, como ocorreu na segunda metade do séc. III. É pouco provável que houvesse algum esforço destes proprietários na manutenção e expansão de um estilo de monumentalização que não fosse legitimado e que não os permitisse não só a produção de *status*, como sua expansão. Os momentos de investimento instigados pelas ações de Diocleciano e Constantino estão inseridos em um processo contínuo de disputa de poder que passou por diversas fases, e das quais a hipótese de Bowes (2010) é um recorte específico dentro de um momento da história da *Britannia*. A ideia de um mundo romano “glocal”, assim, deve levar em conta os diversos momentos de protagonismo político destas elites, que historicamente utilizavam-se da monumentalização como mecanismo de poder de forma ativa, e não reativa.

Há, certamente, um investimento na construção de propriedades rurais no fim do séc. III que coincide com os períodos de secessão da *Britannia* e o momento de prosperidade econômica descrito no capítulo anterior, mas este não se reflete no investimento de monumentalização de prestígio nas zonas rurais na mesma proporção que acontecerá no séc. IV. Durante o período do chamado “Império da Gália” e “Império da *Britannia*”, as elites locais possuíam condições econômicas para tal investimento e aumentaram sua influência e redes de articulação política através da criação de um Senado separatista. Ainda assim, as *civitates* continuam os centros políticos por excelência nesses períodos. O desenvolvimento de uma narrativa aristocrática que retoma as *villae* como parte central da legitimação de virtude e romanidade só se efetiva, como propõe Bowes (2010), após as reformas constantinianas e a revalorização das posições e virtudes senatoriais.

É também nesse período que a participação provincial nas questões sucessórias do Império se intensifica, através das relações entre essas elites e Magnêncio e Magno Máximo, que buscam nas elites da *Britannia* base de suporte inicial para aspirações maiores, como legitimar-se como *augustus* frente ao contexto imperial como um todo. Mesmo que essas experiências tenham fracassado em longo prazo, seus esforços propagandistas são claramente baseados em uma visão de integração e revitalização do Império, e não de sua fragmentação.

### Capítulo 3: Romanidade e *decorum*: o repertório dos mosaicos do sudoeste da *Britannia*

#### 3.1 – Introdução

Se a arquitetura revela um alinhamento entre a materialidade e determinados eventos políticos do séc. IV, ligando investimento econômico e social ao quadro sucessório imperial e as questões de defesa das fronteiras, os mosaicos oferecem uma outra faceta dessa dinâmica: quais os elementos culturais que evocam “romanidade” são privilegiados e exibidos na esfera pública da *pars urbana*<sup>36</sup>. O estudo do repertório mosaicista da *Britannia* nos permite entender em um nível mais específico quais os valores compartilhados compõem as narrativas dessas elites provinciais que buscam legitimar-se como merecedoras de maior influência no novo cenário político.

Dos cento e cinquenta e oito mosaicos catalogados para este trabalho no sudoeste da *Britannia Prima*, temos cinquenta e um casos em que o máximo de informações possíveis de extração são sua existência, localização e, em poucos casos, seu tamanho e formato. Sobram-nos cento e sete mosaicos “total” ou parcialmente preservados e destes, apenas trinta apresentam imagens que vão além do repertório geométrico-decorativo, um número justificado, conforme a lógica de investimento arquitetônico e *decorum* romanos, pela ênfase luxuosa dada a aposentos públicos como as *triclinia* e as *thermae*.

Os números acima não dão conta, entretanto, da riqueza patrimonial que este *corpus* representa para os estudos não apenas da arte clássica, mas da sociedade provincial do séc. IV. As representações mitológicas, animais e de

---

<sup>36</sup> Os estudos dos repertórios provinciais de mosaicos romanos vem se desenvolvendo em diversas frentes também na academia brasileira, com destaque para Trombetta (2004) e Bustamante (2006)

cenas heroicas contidas nestes mosaicos suntuosos apresentam uma variedade de temas que representam de forma abrangente tendências e temas correntes neste momento no imaginário das elites imperiais.

Os motivos geométricos são utilizados de formas tão inventivas quanto as da produção mosaicista continental; seja criando tapetes de padrões abstratos, contornos em ondas e guilhoches que, acompanhados de padrões vegetais ou traçando polígonos, orientam a visão e circulação nos ambientes, ao mesmo tempo que, em conjunto aos temas figurados, ajustam o “tom” da composição artística e do ambiente construído.

Os estudos da chamada “Arte Provincial” e sua comparação com os exemplos das *villae* italianas passaram, ao longo dos sécs. XIX e XX, por uma profunda discussão epistemológica, em especial acerca de sua “qualidade” (WITTS 2000, p. 10-12). Ainda as críticas ao juízo de valor implícito nessas primeiras visões tenham se dissipado com a proliferação de escavações e catálogos (HENIG, 1995; LING, 1997; MILLET, 1990; WITTS, 2000), um aspecto menos comentado é o de como o preconceito sobre estilos e temas também se refletiu na concepção de que as elites romano-bretãs teriam uma relação superficial com o repertório de suas próprias *villae*. Suas escolhas de temas dos mosaicos seriam um investimento puramente estético, escolhidos dentre padrões oferecidos pelos trabalhadores mosaicistas (LING, 1991).

O foco dado ao estudo comparativo dos repertórios das *officinae* da *Britannia* e do resto do Império não é acompanhado, entretanto, por um estudo da relação destes temas e o cenário literário do período, em especial o chamado “Renascimento Constantino-Teodosiano” (BAYET, 1953). Na primeira parte deste capítulo, mapearei e classificarei o repertório de mosaicos figurados,

apresentando os principais temas presentes na região e, em seguida, como se relacionam ao universo literário e retórico das elites romanas do séc. IV. Esta discussão facilitará ao leitor o entendimento quando, na segunda parte do capítulo, trabalharemos casos específicos onde temas mitológicos, animais e geométricos serão analisados de forma conjunta. Aqui, buscaremos recompor as linhas de circulação e usos planejados dos mosaicos, com ênfase em seus usos dentro da dinâmica política da província e do Império tardo-romano.

### **3.2 Educação e Repertórios: Mosaicos e Cultura Aristocrática**

#### **3.2.1: A educação dos futuros líderes: circuitos educacionais na prefeitura pretoriana da Gália**

“quibus Hector ab oris exspectate venis?”<sup>37</sup>

(Virgílio. Eneida II.282-283)

“Redeunt Saturnia Regna , iam Nova Progenies Caelo Demmittitur Alto”<sup>38</sup>

(Virgílio. Éclogas.IV 6-7)

As duas passagens de Virgílio transcritas acima aparecem pela primeira vez na província da *Britannia* no final do séc. III. Curiosamente, não em forma epigráfica ou em documentos textuais, mas na numismática do período do *Imperium Britanniarum* de Carausio. Em moedas emitidas na *Britannia*, Casey (1994) aponta para o uso de Virgílio como forma de propaganda, adaptando o trecho da Eneida sobre Heitor para intitular-se *EXPECTATE VENI*<sup>39</sup> (CASEY, 1994, p. 48). Guy de la Bédoyère (1998) propõe uso semelhante das Éclogas na

---

<sup>37</sup> “Heitor esperado, de quais Margens vens?” (ALMEIDA, 2011, p. 67)

<sup>38</sup> “retornam os reinos de Saturno, agora uma nova criança é enviada pelo alto céu.”(SCHMIDT, 2019)

<sup>39</sup> “O esperado”

presença das inscrições *RSR* e *I.N.P.C.D.A* em medalhões comemorativos de Carausio, em alusão ao retorno do “Tempo de Saturno”, que seria melhor colocado como “Era de Ouro”, dentro da lógica do sistema de Eras encontrado em autores como Hesíodo e Ovídio (DE LA BÉDOYÈRE, 1998, p. 83).

Ambos os autores concordam que tais referências seriam obscuras para qualquer um que não tivesse profunda familiaridade com a literatura latina. Ainda que sua circulação fosse abrangente, o fato destas moedas serem emitidas na *Britannia*, em associação a outras tantas especificamente cunhadas tendo como público-alvo a população local é forte indício de que já no período de Carausio está em formação uma elite provincial literata. Décadas depois, a forte presença de referências a literatura e cultura latinas nos mosaicos das *villae* não deve ser considerada simplesmente como escolhas aleatórias dentro de um repertório pré-existente, mas como elementos que expressam a educação e repertório de seus patronos, uma ou duas gerações depois.

A base do status na aristocracia romana sempre esteve ligada de alguma forma ao modelo senatorial baseado em riqueza agrária e domínio da cultura escrita clássica. A entrada nas duas ordens mais altas da sociedade romana, a senatorial e a equestre, estava condicionada às qualificações de propriedade (bem como ao correto caráter moral), assim como a entrada ao *ordo*, os conselhos que administravam as áreas de governo local do império (CLEARY, 2013, p. 77). Com as reformas administrativas de Constantino I, que restauram o poder do *status* senatorial e abrem novos caminhos para adquirir posições entre os *vir illustris* (HEATHER, 1997), não nos espanta que aristocracia romano-britânica da segunda metade do séc. IV seja fruto de um esforço de investimento educacional de seus antecessores, que enriqueceram nos cem anos anteriores,

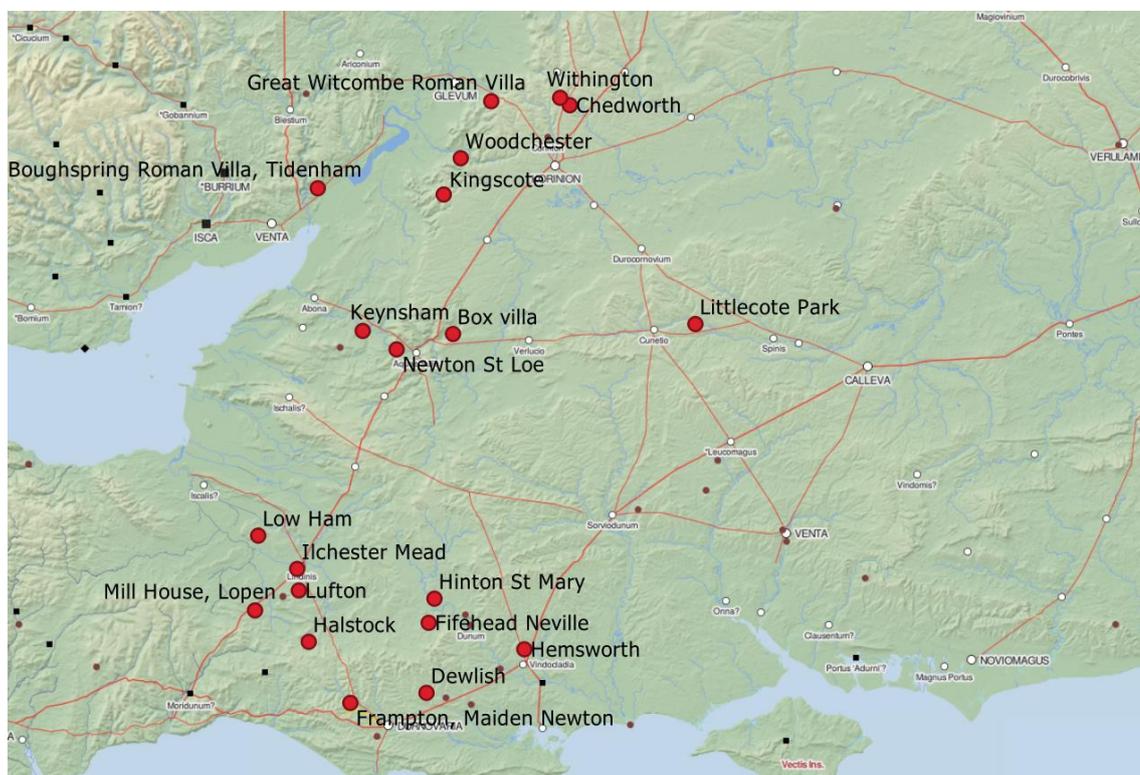
mas ainda lutavam por reconhecimento enquanto potências aristocráticas (vide seu apoio aos movimentos separatistas do período).

São diversos os caminhos educacionais possíveis. Poderia iniciar-se desde a primeira infância, através da figura de um *pedagogus*, passando então para os cuidados de um *grammaticus*, um “professor” que tutorava os jovens nas bases da produção textual, literatura (em especial poesia) e a base da *virtus* esperada de um cidadão romano pleno. Em seu currículo havia o estudo das partes do discurso e como funcionam suas relações, exame detalhado das obras do cânone poético de escritores como Virgílio e Ovídio, utilizando-os como exemplo do uso correto da linguagem, juntamente com as histórias que eles contavam e as personalidades (divinas, míticas, humanas) envolvidas, como elas exemplificavam o comportamento correto, além do conteúdo religioso e filosófico de tais obras. Poucos, ainda, continuariam seus estudos sob a tutoria de um *orator* e aprofundariam seus conhecimentos com um *rethor*, o que lhes permitiria maior capilaridade dentro da burocracia legislativa e judiciária (CLEARY, 2013, p. 79–81).

Este investimento geracional como forma de legitimação é comum em todo o período, em especial entre aqueles que descendem de famílias que ganharam *status* por proezas militares, mesmo entre imperadores. Constantino I, originalmente de família plebeia e elevado imperador em York por suas proezas militares, teve o cuidado de delegar ao *grammaticus* galo-romano Arbório a

educação de seus filhos. Anos depois, Valentiniano I faria o mesmo com o futuro imperador Graciano, empregando o sobrinho de Arbório, Ausônio<sup>40</sup>.

Talvez o mais próximo de uma evidência direta da existência de *grammaticus* na *Britannia* seja o aposento hexagonal de Keynsham, onde se localiza um de seus mosaicos (MS109), que Witts (2000, p. 316) sugere ser uma possível biblioteca. O *corpus* de temas e referências nos mosaicos do sudoeste da província, entretanto, corresponde de forma sólida ao *decorum* de outras partes do Império no mesmo período (DUNBABIN, 1999; SCOTT, 2000).



**Mapa 3** *Villae* com mosaicos de teor mitológico ou animal analisados nesta sessão. Exclui-se desta análise apenas a villa de Box

<sup>40</sup> Este, considerado um dos maiores de seu ofício no séc. IV, exercia a função de *grammaticus* e *rethor* principalmente em sua cidade natal, atual Bordeaux (França), e sua respeitabilidade e trânsito tanto entre a família imperial, Senado romano e autoridades cristãs lhe permitiu um *cursus honorum* singular, chegando ao cargo de *consul* em 379 (HARDIE, 2019; ROBERTS, 2012).

De qualquer forma, a forte ligação política, econômica e militar, bem como o fluxo de pessoas e apontamento de cargos entre a *Britannia* e a Gália<sup>41</sup> no séc. IV nos permite inferir que o acesso à educação destas elites não dependeria exclusivamente da existência de *grammaticus* na província. Os maiores centros de formação próximos seriam a própria Bordeaux e a capital *Augusta Treverorum*, atual Trier, Alemanha<sup>42</sup> (CLEARLY, 2013).

### 3.2.2: Jogos de imagem e poética visual através de Virgílio e Ovídio

Na tentativa de separar os temas dos mosaicos em grupos, uma categoria que podemos destacar são as cenas contendo heróis e deuses em contextos amorosos. Existe certo consenso de que tais cenas são fragmentos, representados de forma literal, retiradas das obras de Virgílio e Ovídio, em especial a *Eneida* e as *Metamorphoses* (DUNBABIN, 1999; LING, 1998; SCOTT, 2000; WITTS, 2005).

Apesar da ausência de cópias das obras em contextos arqueológicos, este é um sólido ponto de partida. O status de prestígio da *Eneida*, das *Geórgicas* e das *Bucólicas* nos círculos letrados romanos é bem documentado. A política de propaganda e reprodução de discurso de legitimidade de Roma e do Imperador, entrelaçada desde o Principado com a *Eneida*, ainda era relevante nos últimos séculos do Império. Aurisiano Méssio, *grammaticus* da Península Itálica do fim

---

<sup>41</sup> O que inclui a subordinação da diocese da *Britannia* a prefeitura pretoriana da Gália a partir de 337 (SALWAY, 1998).

<sup>42</sup> Existem inclusive discussões sobre se aquela que ficou conhecida como “Escola Corínia de Orfeu”, autora do mosaico do Grande Pavimento de Woodchester, não seria também responsável pelo hoje perdido mosaico do *Palastplatz* de Trier, devido a compartilhamento exclusivo de temas geométricos entre os dois pavimentos (SCOTT, 2000, p. 42)

do séc. IV o colocaria, junto a Terêncio, Cícero e Salústio, como as quatro bases do letramento romano (FIELDING, 2017, p. 3). Mas há uma apreciação de Virgílio da escrita poética, celebrado tanto nos circuitos politeístas quanto por escritores cristãos, dentre eles Ausônio, Paulino de Nola e Santo Agostinho (FIELDING, 2017, p. 9–10; HARDIE, 2019, p. 9–11).

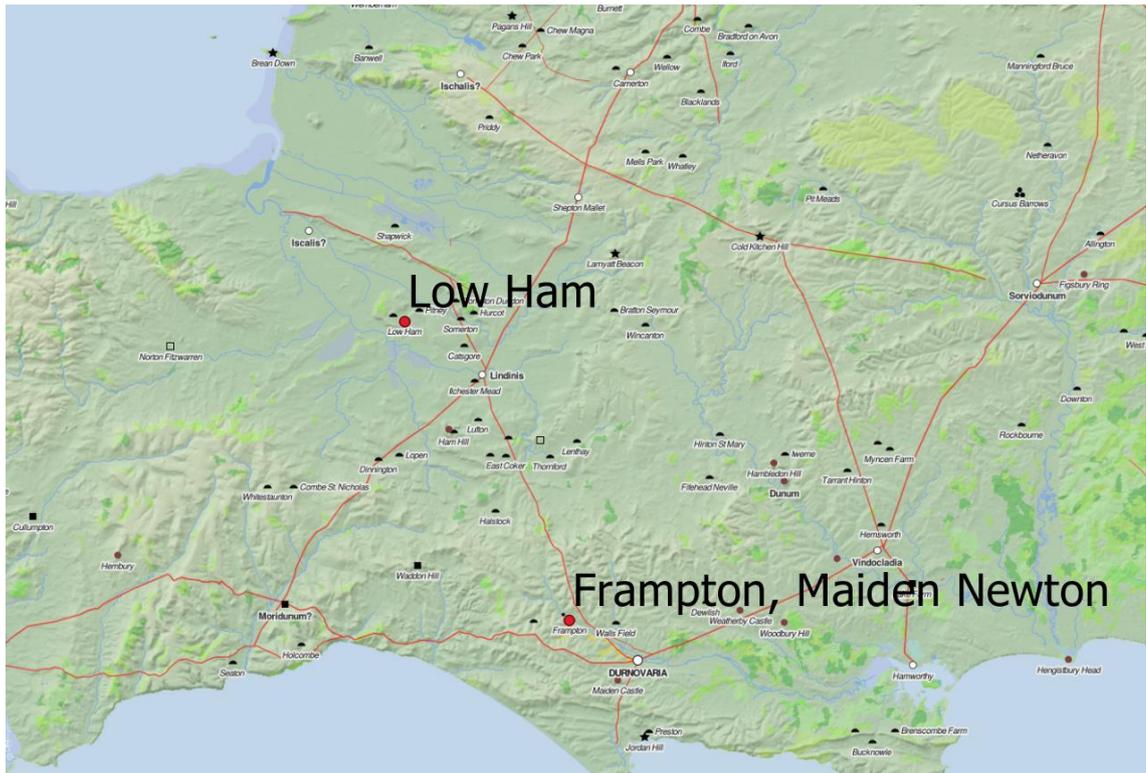
Enéias é, de fato, central em dois mosaicos: Em Low Ham<sup>43</sup> enquanto tema central e em Frampton<sup>44</sup>, junto a outros heróis e divindades. Sua representação nos dois casos é identificada pela armadura, lança e, principalmente, o uso de um barrete frígio, que é geralmente utilizado para representar troianos, como o próprio Enéias, seu filho Ascânio e Páris em outro mosaico de Frampton<sup>45</sup>. Também é utilizado para representar personagens de origem Trácia, como veremos ser o caso de Orfeu mais à frente.

---

<sup>43</sup> MS114, Vol 2, p. 226

<sup>44</sup> MS062, Vol 2, p. 124

<sup>45</sup> MS063, Vol 2, p. 127



**Mapa 4: Villae onde se encontram mosaicos representando Enéias**

Há poucas dúvidas de que a composição de Low Ham seja inspirada na *Eneida*, em especial os livros 1 e 4 (SMITH, 1998). Ao centro, a figura de Vênus é ladeada por dois cupidos, um com uma tocha para cima e outra para baixo, uma alusão às cenas trágicas de vida e morte representados no mosaico. O primeiro painel à direita de Vênus representa a chegada de Enéias à costa norte da África na região de Cartago entregando um diadema a um de seus companheiros, Achates, para presentear a rainha Dido de Cartago. Segundo a *Eneida* (*Aen. IV*), Vênus mãe de Enéias envia Cupido disfarçado de Ascânio para presentear a e, ao mesmo tempo, inflamar seu amor por Enéias. A cena do nicho superior não apresenta Cupido, mas a própria Vênus, nua, com diadema e pingente em seu colo.

Há, entretanto, o impedimento dessa união por conta da deusa Juno e sua inimizade contra os Troianos. Enéias, Vênus, Ascânio e Dido são representados no nicho logo acima do medalhão de Vênus, na entrada do aposento. Descontente com a intervenção de Vênus, Juno convoca uma tempestade durante uma excursão de caça de Enéias, Ascânio e Dido, forçando-os a se protegerem em uma caverna. A cena da caçada é representada no flanco esquerdo do mosaico. Durante o seu tempo na caverna Enéias e Dido consumam sua união, como demonstrado no último painel abaixo do medalhão de Vênus, com os amantes entrelaçados. As maquinações de Juno surtem efeito, enfurecendo Júpiter, que predeterminou o destino de Enéias como fundador de Roma e não quer que se demore em Cartago. O deus envia Mercúrio, seu mensageiro, ordenando que Enéias parta imediatamente, abandonando a rainha Dido. A narrativa de Virgílio termina de forma trágica, com Dido em desespero atirando-se sobre uma espada. Nem Mercúrio ou a morte de Dido são representadas no mosaico, mas o trágico fim dos amantes é sugerido pela posição das tochas dos cupidos, que representariam vida e morte.

É importante destacar que Vênus aparece não apenas acompanhada de Enéias, mas também em outros contextos no *corpus* estudado. Ela é, na verdade, a mais popular entre as deusas representadas nos mosaicos da *Britannia*. Há especial relação entre representações de Vênus e elementos aquáticos, uma alusão a versão de seu nascimento, originalmente em Hesíodo, relacionada a castração de Urano e as espumas do mar<sup>46</sup>. A deusa é principalmente identificada pela representação em cabelos claros; o uso de uma

---

<sup>46</sup> *Theogonia* 173-201

tiara, sugestão de corpo despido ou seminu e a presença de elementos decorativos de ondas e “folhas em formato de coração”. Estes elementos são a base de identificação nas representações dos bustos de Kingscote<sup>47</sup>, onde também há um espelho de mão; e Frampton<sup>48</sup> onde o rosto da imagem está parcialmente destruído, mas o busto é acompanhado de uma folha longa em formato de coração.

Vênus é representada também em corpo inteiro não apenas em Low Ham. Em Hemsworth<sup>49</sup>, está posicionada à frente de uma concha, a fronte nua. Uma capa lhe cobre as costas, e é ladeada por duas folhas em formato de coração e um arco superior de golfinhos. Uma única representação foge a esta estética: há uma segunda representação de Vênus em Frampton<sup>50</sup>, a única onde a deusa não é representada de forma central na composição, mas em um nicho lateral, em uma cena que remete a seu romance com Adônis.

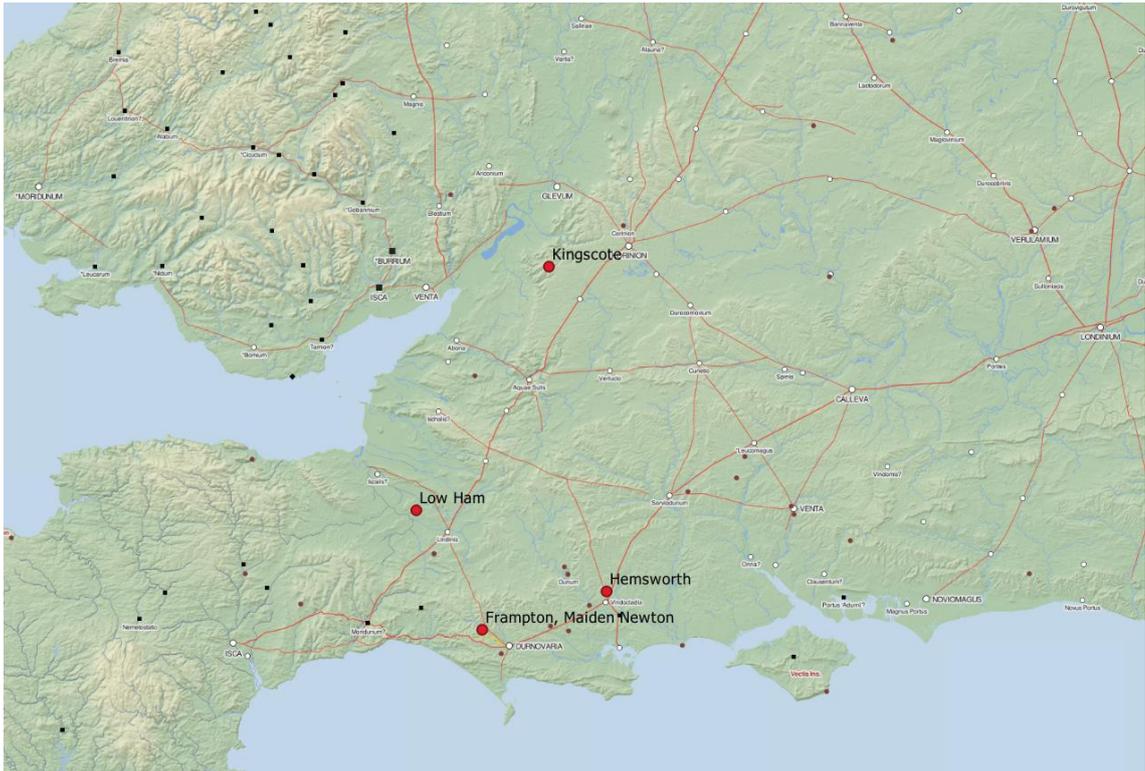
---

<sup>47</sup> MS026, Vol 2, p. 53

<sup>48</sup> MS062, Vol 2, p. 124

<sup>49</sup> MS073, Vol 2, p. 153

<sup>50</sup> MS063, Vol 2, p. 127



**Mapa 5: Distribuição dos mosaicos com representações de Vênus**

No MS062 de Frampton, Vênus novamente aparece em destaque, desta vez na entrada do aposento (Painel B), cercada de animais marinhos. Enéias é representado novamente no mosaico de Frampton (MS062<sup>51</sup>), em indumentária militar, túnica e barrete frígio, colhendo de uma árvore um de seus ramos. Esta cena também remete a Virgílio (Eneida VI, 210-11), quando o herói, buscando visitar seu pai Anquises no Outro Mundo, é aconselhado pela Sibila de Cuma a buscar um ramo de ouro escondido em uma árvore, que deveria ofertar a Proserpina para ganhar os favores da deusa, permitindo-lhe a passagem (BARRET, 1978; WITTS, 2005). Entretanto, em harmonia com as outras cenas representadas neste mosaico, que analisaremos a seguir, o mais provável é que a cena tenha sido inspirada em passagem semelhante das *Metamorphoses* de

---

<sup>51</sup> Vol 2, p.124

Ovídio (XIV-113-15), onde Enéias é atendido não por Proserpina, e sim por Orco/Plutão.

Oposta a cena do ramo de ouro, há uma imagem, hoje parcialmente perdida, de um jovem imberbe, coberto por uma túnica vermelha, atacando com sua lança uma serpente enrolada em uma árvore. A interpretação de Henig (1995, p. 126) é de que esta imagem representa Cadmo executando a serpente de Marte (*Met.*III.90-92). Em sentido horário, há fragmentos do que seria, muito provavelmente, Júpiter e Semele, amor que acaba de forma trágica quando, convencida por Juno, Semele pede a Jupiter que se revele em sua forma original. A imagem de um homem com um tridente sobre uma criatura marinha é por alguns interpretada como Perseu, mas há motivos, dado o contexto geral, para sugerir que seriam Netuno (mesmo imberbe, o que é incomum) e Ino. Dentro do mesmo tema, a cena de caça no canto superior, onde cães atacam um cervo, remeteria a Acteão, neto de Cadmo transformado em cervo por ter visto a deusa Diana nua. Todas estas cenas estão nos livros III e IV das *Metamorphoses*.

Tanto em Frampton quanto em Low Ham, estão presentes os temas da tragédia amorosa e da interferência de Juno e Vênus na vida dos mortais. Isso dá outra dimensão à dupla presença de Vênus no mosaico de Enéias e Dido: quando dentro do nicho superior, ao lado dos mortais, seu papel, para além de deusa do amor e fertilidade, é a de mãe do herói Enéias. Quando ao centro, junto aos Cupidos, ela acerta o *tom* da história, papel que muito provavelmente também exerce em Frampton.

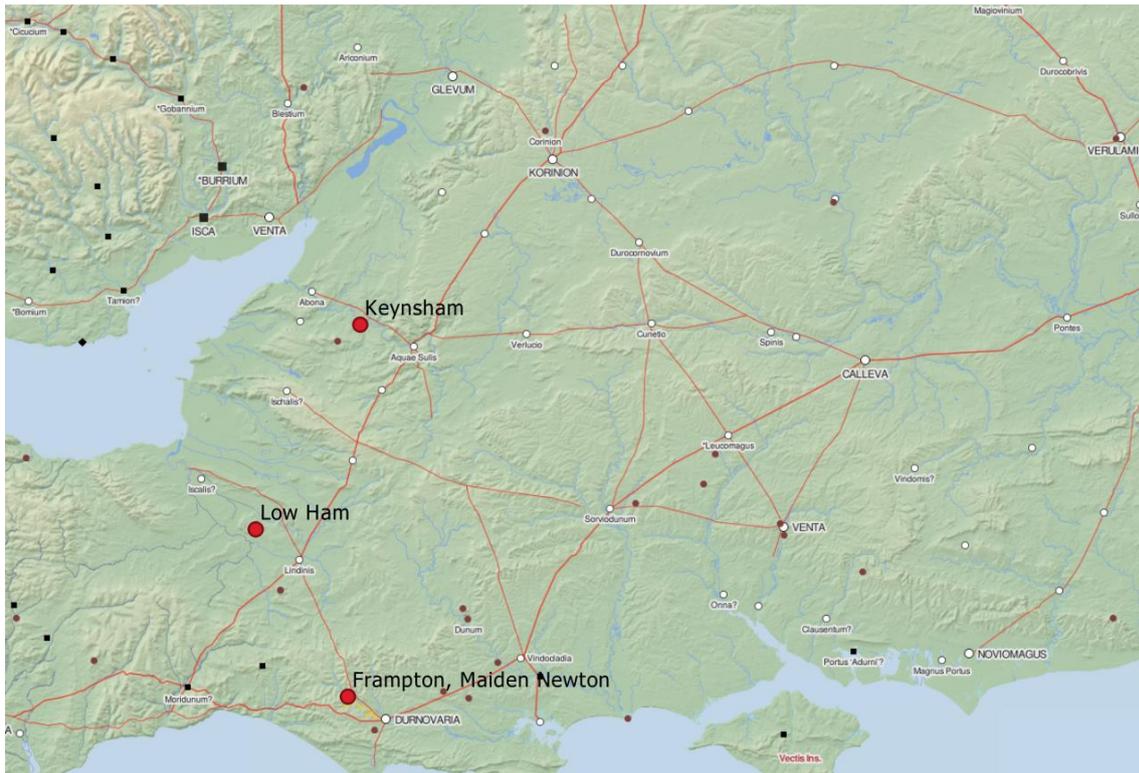
O episódio da serpente de Marte para Cadmo representa dor, exílio e, por fim sua transfiguração em serpente. Mas também carrega em si sua parceria com Harmonia/Concórdia. O pedido de Semele traz sobre si a tragédia de sua morte

nas mãos do amante Júpiter, mas também frutifica na figura de Dionísio, representado no medalhão central do mosaico. A exceção é a cena de Enéias, que aparece no livro XIV e parece deslocada, excluída sua relação com Vênus e Juno em sua história com Dido.

O mesmo ocorre no próximo aposento (MS063<sup>52</sup>). Aqui é a pantera, representando Dionísio que recebe grande destaque na entrada, e Vênus recebe neste mosaico o mesmo tratamento dado a linhagem de Cadmo, com os nichos exteriores representando sua história com Adônis. As cenas de caça retângulos ao lado da pantera dionisíaca também fazem parte da história como descrita por Ovídio (*Met.* X.503-559), representando o desafio de Adônis aos pedidos de cautela feitos por sua amante. A última cena diretamente compatível com as *Metamorphosis* está em Keynsham (MS109), no aposento que, provavelmente, servia como biblioteca, representando a História de Europa (irmã de Cadmus) e seu rapto por Júpiter transformado em touro (*Met.* II.850-875)

---

<sup>52</sup> Vol 2, p.127



**Mapa 6: Distribuição de mosaicos com elementos oriundos das obras de Virgílio e Ovídio**

A temática das vicissitudes amorosas, com destaque a interferência de Vênus nos assuntos mortais e dos deuses, é uma das principais marcas de Ovídio. Suas obras têm uma recepção peculiar no séc. IV, bem diferente das de Virgílio. Seu estilo de escrita é a base de toda a tradição poética e elegíaca do período, que Bayet chama de “Renascimento Constantino-Teodosiano” (BAYET, 1953). Suas soluções em língua latina para a métrica dactílica, o uso de sílabas curtas, entre outros fatores linguísticos, será imitado à exaustão, dentro e fora dos circuitos cristãos. Charlet (1988), discutindo as características da poesia latina do séc. IV, vê em Ovídio a inspiração de tropos como a justaposição de diferentes gêneros e tons em uma só obra (*acumulatio*); o uso enfático de uma abordagem descritiva do espetacular e do maravilhoso, e, de forma geral, uma predileção pelos temas da metamorfose, mudança e ilusão (CHARLET, 1988, p. 75–78; FIELDING, 2017, p. 3).

Ao mesmo tempo, a forma como Ovídio aborda as relações amorosas em temas como sexo, estupro, traição, vingança e maquinações entre deuses e mortais nas *Metamorphoses*, seu manual sobre as nuances e práticas da conquista amorosa (para homens e mulheres) na *Ars Amatoria* levavam muitos autores a renegarem sua obra publicamente, em um mundo intelectualmente cada vez mais preocupado com valores e exegese cristãs. Esta reprovação, entretanto, não fez com que seus detratores deixassem de usar seu estilo e léxico para a poesia e elegias, ou mesmo citações de seu trabalho, mesmo que sob um prisma cristianizado (FIELDING, 2017; HARDIE, 2019).

Chama a atenção, nos dois mosaicos, a forma como diferentes passagens de Virgílio e Ovídio são combinadas nos nichos. Esta lógica tem paralelos na poesia do período, no gênero chamado *centão*, poemas compostos *reutilizando* passagens de autores clássicos, recontextualizando-os e lhes trazendo novos sentidos dentro de um jogo de palavras. O *grammaticus* romano-gaulês Ausônio, no preâmbulo de seu *Cento Nuptialis*, oferece a única discussão conhecida sobre a técnica e tom deste gênero surgido no séc. IV:

*“Vou explicar o que vem a ser um centão. É um poema compactamente construído a partir de uma variedade de passagens e significados diferentes, de tal forma que ou duas meias-linhas são unidas para formar uma nova; ou uma linha acompanhada da outra meia-linha. Colocar duas linhas (inteiras) lado a lado é fraco, e três em sucessão é frívolo. Mas as linhas são divididas em qualquer uma das cesuras que o verso heróico admite (...)”<sup>53</sup>*

(*Cento Nuptialis Ausonius Paulo S*, tradução livre)

---

<sup>53</sup> *“cento quid sit absolvam. variis de locis sensibusque diversis quaedam carminis structura solidatur, in unum versum ut oeant aut caesi duo aut unus <et unus> sequenti cum medio. nam duos iunctim locare ineptum est et tres una serie merae nugae. diffiduntur autem per caesuras omnes, quas recipit versus heroicus”*

Este jogo de combinação curta de linhas e meia-linhas utiliza o “verso heroico” de Virgílio e Ovídio para o latim e Homero para o Grego, tanto para fins artísticos e de diversão leve quanto para fins didáticos (em especial entre os poetas cristãos), esta lógica lúdica de metamorfoseamento e rearranjo de citações seriam incorporados tanto em grandes obras quanto em correspondências (HARDIE, 2019).

O termo latino *cento* evoca, em seu sentido original (MCGILL, 2005, p. 153), a ideia de uma “tapeçaria de retalhos”, mas autores contemporâneos vem utilizando cada vez mais a analogia do “mosaico” para categorizar o gênero, criando paralelos não só com a forma de composição, mas a evocação visual e descritiva encontrada nos poemas (HARDIE, 2019; MCGILL, 2005, p. xv; MULLIGAN, 2018). Creio ser possível propor também o caminho inverso: mosaicos como o de Frampton e Keynsham podem ter sido compostos como representações físicas de centões escolhidos (ou mesmo compostos) pelos proprietários da *villa*. Ainda que aceitemos as restrições propostas por Ling (1998) sobre a disponibilidade de repertório estar restrita a um *corpus* pré-fabricado, as escolhas e arranjos das imagens parecem obedecer à lógica poética centista, da qual a elite romano-bretã certamente teria domínio como parte de seu percurso educacional e circuitos culturais.

Esta proposição explicaria finalmente o sentido das inscrições presentes no MS063 de Frampton: são complementos a poética visual do mosaico. Na direção da abside do aposento, o mosaico apresenta a cabeça do deus Netuno, com dois golfinhos saindo de sua boca. Em seus flancos, há uma inscrição em latim que, à primeira vista, serve como descrição da própria cena:

*“NEPTVNI VERTEX REGNEM SORTITI MOBILE VENTIS*

*SCVLTVM QVI CAERVLEA ES[T] DELFINIS CINCTA DVOBS”<sup>54</sup>*

Ling (2007) observa que, com poucas mudanças na sintaxe, a inscrição seria um hexâmetro perfeito, uma das métricas mais comuns na composição de centões. Próxima à passagem entre os Painéis A e B do mosaico há o fragmento final de outra inscrição, cuja contraparte está perdida: [MV]NVS PERFICIS VLLVM [SI DI]GNARE CVPIDO<sup>55</sup>, que para Ling (2007, p. 81–82) é forte candidata a representar outro hexâmetro.

De forma intencional ou não, os mosaicos de Frampton reúnem diversos dos elementos correntes do “Renascimento Constantino-Teodosiano” da literatura romana, escolhendo cuidadosamente cenas que remetem, em suas obras originais, aos percalços e tragédias do amor. Mesmo a cena de Enéias arrancando o Ramo de Ouro, que à primeira vista está deslocada do tema, tem sua ligação, se olharmos para a versão de Ovídio da passagem. Nela, quase nada se fala sobre a visita de Enéias ao pai no mundo dos mortos. O foco maior é dado em um diálogo entre ele e Sibila, que discorre sobre quando era cortejada por Apolo, e como seu presente de longa vida tornou-se uma maldição, por não pedir também juventude (*Met.*XIV.120-150).

---

<sup>54</sup> “A CABEÇA DE NETUNO ATRIBUIDO AO DOMÍNIO MOVIDO PELOS VENTOS, CUJA FIGURA AZUL ESCURO É FLANQUEADA POR DOIS GOLFINHOS”, em tradução livre baseada em Ling (2007, p. 81)

<sup>55</sup> “EXECUTAS QUALQUER SERVIÇO QUE DIGNA-TE, CUPIDO”, em tradução livre baseada em Ling (2007, p. 82)

### 3.2.3: Cultura clássica e o cristianismo

Há três elementos que, intencionalmente, ainda não discuti sobre Frampton: A primeira é a existência de um Chi-Ro, símbolo primariamente associado ao cristianismo, no MS063. O outro são as representações de Dionísio: a representação do deus segurando uvas sobre sua cabeça e segurando um tirso no MS062<sup>56</sup>, a pantera representada no MS063, onde há vestígios das pernas, manto e da ponta de um provável tirso, que sugere uma representação de Dionísio cavalgando o animal e a representação do cântaro na abside do mesmo mosaico. O último tema é a figura no medalhão central no MS062 de um cavaleiro utilizando sua lança para matar uma criatura, cuja identificação (em especial pelos traços da cauda da criatura) é indicada como uma cena de Belerofonte matando a Quimera. Como veremos a seguir, há elementos para argumentar de que, para as elites aqui estudadas, imagens cristãs e clássicas estavam interconectadas nestes contextos.

Para além de Frampton, existe apenas uma outra *villa* onde o Chi-ro (ou qualquer representação indiscutivelmente ligada ao cristianismo) foi encontrada em forma de mosaico. Este exemplo<sup>57</sup> fica na mesma região, na *villa* de Hinton St. Mary, em um mosaico composto por dois painéis. Em um deles, há o busto de um homem loiro e trajando o *pallium*, espécie de manto romano que se tornou muito comum nos círculos cristãos (PEARCE, 2008, p. 205). O Chi-Ro foi construído de forma a dar profundidade a peça e parecer estar atrás da figura

---

<sup>56</sup> A identificação da figura, parcialmente destruída, como de Dionísio é compatível com outras semelhantes em sítios da província como Thrupton e Stonesfield, fora da região de nosso recorte (SCOTT, 2000, p. 117–119)

<sup>57</sup> MS085, Vol 2, p.171

humana. Em cada um de seus lados, há uma romã, e o medalhão é circundado por um motivo em ondas, evocando um contexto marinho.

A composição possui bem menos elementos que a de Frampton, mas nela também cenas mitológicas e de caça são colocadas no mesmo contexto ou próximas ao Chi-Ro. Nos quatro cantos diagonais, há representações masculinas muito provavelmente reaproveitadas de modelos das Estações<sup>58</sup>, mas que neste contexto tem a si adicionadas a representação dos quatro Evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João), completas por representações de caça e árvores, características marcantes do grupo mosaicista Durnovariano, executores da peça.

---

<sup>58</sup> Assim como os Ventos, representados com asas na cabeça, representações das Estações são um elemento comum nos mosaicos do mundo romano entre os séc. II e IV, e ambas são utilizadas com alguma liberdade artística como representações das forças naturais e da passagem do tempo. Este seria o motivo de serem utilizadas como enquadramento para outras cenas, em especial mitológicas: adicionar um tom “cósmico/universal” as representações de deuses e heróis (SCOTT, 2000, p. 144). Há representações femininas, masculinas, mistas e mesmo o uso de cupidos para representar as Estações no repertório mosaicista da *Britannia*, com maior proeminência das figuras femininas (WITTS, 2005, p. 79).



**Mapa 7: Distribuição das representações dos Ventos (em vermelho) e Estações (em azul)**

A identidade da figura representada no medalhão central é objeto de disputa desde sua descoberta em 1963, onde autores como Toynbe (1964) e Henig (2006) indicando a possibilidade de ser uma representação incomum de Jesus Cristo.

Pearce (2008, p. 202) faz distinção entre duas representações de Cristo bem estabelecidas ou em ascensão no séc. IV: a representação de um Cristo “jovem”, baseada nas representações de Apolo e de outras divindades joviais, nunca aparece associada ao Chi-Ro, e as cenas em que aparece são ligadas aos relatos bíblicos e ao ato de pregação. A partir de meados do séc. IV, representações de Cristo com cabelos longos e barbado aparecem em contextos domésticos e sarcófagos na proximidade de Ravena, na Península Itálica, aqui sim acompanhado do Chi-Ro ou flanqueado dos símbolos de *Alfa* e *Omega*. O busto de Hinton St. Mary não se encaixa em nenhuma das duas categorias.

Haveriam semelhanças, por outro lado, entre o busto e as representações imperiais das moedas imperiais a partir de Constantino I, e propõe que o rosto provavelmente remete a figura imperial, o Chi-Ro, acompanhado de Belerofonte, remeteria a lealdade ao poder Imperial, representando o aspecto militar (e principalmente de proteção) do Imperador através do cavaleiro e o Chi-Ro como símbolo de Roma após a conversão de Constantino I, com quem as províncias da *Britannia* tem forte conexão desde sua elevação em York (PEARCE, 2008, p. 212–214). A mesma conexão de Belerofonte e a figura imperial serviria para o mosaico de Frampton.

Há outro candidato para a representação neste caso: Magno Magnêncio, *augustus* por “usurpação” entre 350-353. A ascensão do cristão Magnêncio, nascido na Gália, mas de pai bretão, deve muito ao apoio das elites romano-bretãs a sua investida contra Constâncio II (DRINKWATER, 2000). Não são raras nas moedas emitidas em seu reinado representações do cristograma, acompanhadas de seu busto, onde seu cabelo é representado com alguma semelhança ao do mosaico de Hinton St. Mary. Outra série de moedas apresenta Magnêncio de forma muito semelhante ao Belerofonte dos mosaicos discutidos: a cavalo, lança em riste, executando um invasor germânico (RUBIN, 1998). Apesar de seu curto reino, há um esforço considerável empreendido em seu período para a construção de sua legitimação, sendo seu movimento mais conhecido seu casamento Justina, bisneta de Constantino I, quando esta tinha ainda 10 anos<sup>59</sup> (DRINKWATER, 2000).

---

<sup>59</sup> Esta não seria a única vez que Justina desposaria um *augustus*. Anos depois, ela se torna a segunda esposa de Valentiniano I, e mãe do futuro imperador Valentiniano II (BARNES, 1998).

Os dois mosaicos mais complexos encontrados na região estão ligados em temas e cronologia<sup>60</sup> com Magnêncio não parecem coincidência. A região ao redor da de *Durnovaria* é repleta de indícios de ocupação e atividade cristã no séc. IV, em proporções muito superiores as *villae* mais ao norte, próximas a *Aquae Sulis* e *Corinium Dobunorum*. O sítio arqueológico de Poundbury em Dorset, próximo aos limites da muralha antiga ad cidade de *Durnovaria*, concentra enterramentos de cristãos para o período (SPAREY-GREEN, 2003). A cidade também, muito provavelmente, era uma das poucas cuja comunidade cristã era organizada ao redor de autoridades eclesiásticas, a outra sendo Water Newton, Cambridgeshire (SCOTT, 2000, p. 164).

Apesar de seu território ser submetido a prefeitura da *Galia*, o cristianismo na *Britannia* no séc. IV sempre teve uma presença pouco institucionalizada e militante como no Continente, que sedia os concílios de Arles em 353, Beziers em 356, Paris em 360, e participa ativamente das disputas teológicas do período através de nomes como Saturnius de Arles, Hilário de Poitiers e Martinho de Tours (FRIEND, 1992; SCOTT, 2000, p. 164; WATTS, 1991, p. 65–66). Há uma redução significativa da presença cristã na *Britannia* após a metade do séc. IV, que se torna quase nula após os ataques liderados por Pictos e Irlandeses conhecidos como a Grande Conspiração de 367 (FRIEND, 1992). Há uma crescente atividade politeísta na província durante o séc. IV, seja nas *villae*, seja em santuários rurais como o templo de Nodens em Lydney Park (ARAUJO, 2014; WATTS, 1991). Magnêncio é a última grande figura cristã conhecida com laços próximos a *Britannia*, e o surgimento de uma rede de patronato mosaicista ao

---

<sup>60</sup> Os mosaicos da região de Dorset, em especial os do grupo Durnovariano, tem uma datação mínima do meio do séc. IV. Em casos que a datação através de moedas encontradas na camada logo abaixo dos mosaicos, como em Dewlish, a datação coincide com o período de 350-353.

redor de sua promoção pessoal faz sentido, seja ela custeada pela elite local, ou com patrocínio do próprio Magnêncio, o que parece menos provável. De qualquer forma, é muito possível que as relações políticas entre Magnêncio e as elites locais sejam o estopim do desenvolvimento de um período de investimento em mosaicos, estabelecendo os artesãos responsáveis pelo estilo da escola Durnovariana.

É interessante notar que, mesmo nessa comunidade cristã, a relação das elites rurais com a figura de Cristo não é refletida nos mosaicos. Há, por outro lado, abundância de referências a Dionísio, que apesar de se encaixar na categoria de figuras de divindades joviais/sem barba, não é normalmente associado com Jesus. Ele é, se considerarmos seus mitos, os rituais das Bacantes e seu caráter transgressor e voltado aos excessos, sua antítese. Nem mesmo há produção de uvas e vinho na região, conhecida por sua atividade ceramista (BROWN et al., 2001; PUTNAM, 2007, p. 77–79).

Black (1986) procura este sentido nestes mosaicos através de uma interpretação de uma exegese da salvação, com Belerofonte como símbolo da sublimação das tentações. Perring (2003), por outro lado, relaciona as imagens aos movimentos “gnósticos” do período. Há limites para o que podemos inferir sobre as especificidades do cristianismo praticado por estes patronos, e toda tentativa parte de elementos circunstanciais, deixando muito a cargo da subjetividade do pesquisador.

Dentro desses limites, é inegável que as elites utilizaram extensivamente ao modelo representativo dos Ventos/Estrações cercando um medalhão dionisíaco, conciliando aspectos da religião e literatura romanas, cristianismo e a relação entre a nova religião oficial e o mundo político. Há uma ênfase especial

na simbologia aquática e na representação de golfinhos, que remete ao mito da transformação dos marinheiros tirrenos por Dionísio. Existem diversos outros exemplos de mosaicos com arranjos semelhantes na região. O medalhão central do mosaico perdido de Halstock<sup>61</sup>, interpretado inicialmente como uma representação de Medusa, tem elementos semelhantes o suficiente para que propuséssemos, no mínimo, que fosse um busto masculino, em especial pela presença de rolos *achantus* que simulam vinhas, saindo de um cântaro.

Dois dos mosaicos datados de meados do séc. IV em Fifehead Nevile, também são interessantes, de forma mais sutil. No principal aposento da área pública da *villa*, dois mosaicos ocupam um aposento bipartido. O MS058, ao fundo da piscina de um *frigidarium*, há cântaro central, rodeado por peixes e, principalmente, golfinhos. No MS059, há um busto central, hoje perdido, dentro de uma composição floral própria do grupo durnovariano<sup>62</sup>. A ausência dos Ventos/Estações no mosaico fizeram com que as sugestões sobre o busto sempre fossem na direção de representar o dono da propriedade. A existência de espaços reservados no mosaico, entretanto, justamente nos locais de representação dos Ventos/Estações, na forma de quatro círculos preenchidos com “Nós-de-Guilhoche”(BALMELLE, 1985), sugerem outra intenção: a de reserva destes espaços para mobiliário, altares ou até mesmo estátuas. A propriedade é bem próxima a Hinton St. Mary (apenas 6 quilômetros separam

---

<sup>61</sup> MS068, Vol 2, p.138

<sup>62</sup> Apesar de destruído durante sua última escavação, existem fotografias do medalhão central da década de 1930, seguindo a escavação original de 1903. Segundo Neal e Cosh (2009), a escolha de não representar a imagem do mosaico com o desenho integrado parte de uma dificuldade em restaurar tanto o mosaico original quanto as fotografias, e preferiram, assim, deixar o espaço em aberto.

as duas), e há registros arqueológicos de anéis com símbolos cristãos do período romano escavados na propriedade (NEAL & COSH, 2009, p. 128).

Existem três casos de mosaicos avariados que são interessantes analisar. Em Dewlish, é possível identificar nos fragmentos do MS050 uma pantera e os pés de uma figura humana, bem como o resto de um bastão longo que pode ser uma lança ou, muito provavelmente, um tirso. Perto da abside, há um cântaro com dois golfinhos saindo de cada lado, o que, somado ao design em nichos lembra muito as cenas de Frampton.

Os outros dois casos não pertencentes ao grupo Durnovariano. O primeiro é em Lufton, que reúne mosaicos do grupo de *Lindinis*. Há um mosaico bipartido<sup>63</sup> no *frigidarium*, logo antes da piscina. Ambos os painéis foram encontrados muito danificados, mas é possível identificar no primeiro um busto no canto onde são geralmente representados os Ventos/Estações. Na publicação de Hayward (1971) sobre a escavação, comenta-se que a espessura do pescoço, bem como o local do mosaico, sugeriria a representação de um atleta. Há, porém, outros fatores a serem considerados, como o cálice de onde saem heras logo abaixo do busto, e os vestígios no centro, prováveis cornucópias. O painel seguinte também deve ser considerado, já que lembra o esquema de Fifehead Nevile, em especial a reserva de espaços ao redor do medalhão central para altares ou estatutária.

Quanto ao local, as *thermae* da propriedade, de formato octogonal e de mais de um andar, é certamente o aposento público mais valioso da propriedade, de tal forma que a borda da *piscina*, do mesmo formato do aposento, é decorada

---

<sup>63</sup> MS129, Vol 2, p.250

com motivos marinhos (MS130<sup>64</sup>), e tem no seu outro lado um grande espaço também decorado com um mosaico (MS131<sup>65</sup>). Em comparação, o mosaico que ocupa o possível *triclinium* é muito menos trabalhado (MS123<sup>66</sup>). A datação dos mosaicos é de dez anos a mais (após 360), e as semelhanças aqui podem representar apenas circulação de design e formas de representação nas regiões. Já em Chedworth, a presença de Dionísio e das Estações (aqui representadas como cupidos) é incontestável (MS007<sup>67</sup>). A temática, por outro lado, diverge dos contextos cristãos próximos de *Durnovaria*: Dionísio aparece em nichos externos, acompanhado de Ariadne, e compartilha este espaço com sátiros e ménades. A falta do medalhão central, destruído pelo tempo, não nos permite ir mais a fundo neste caso.

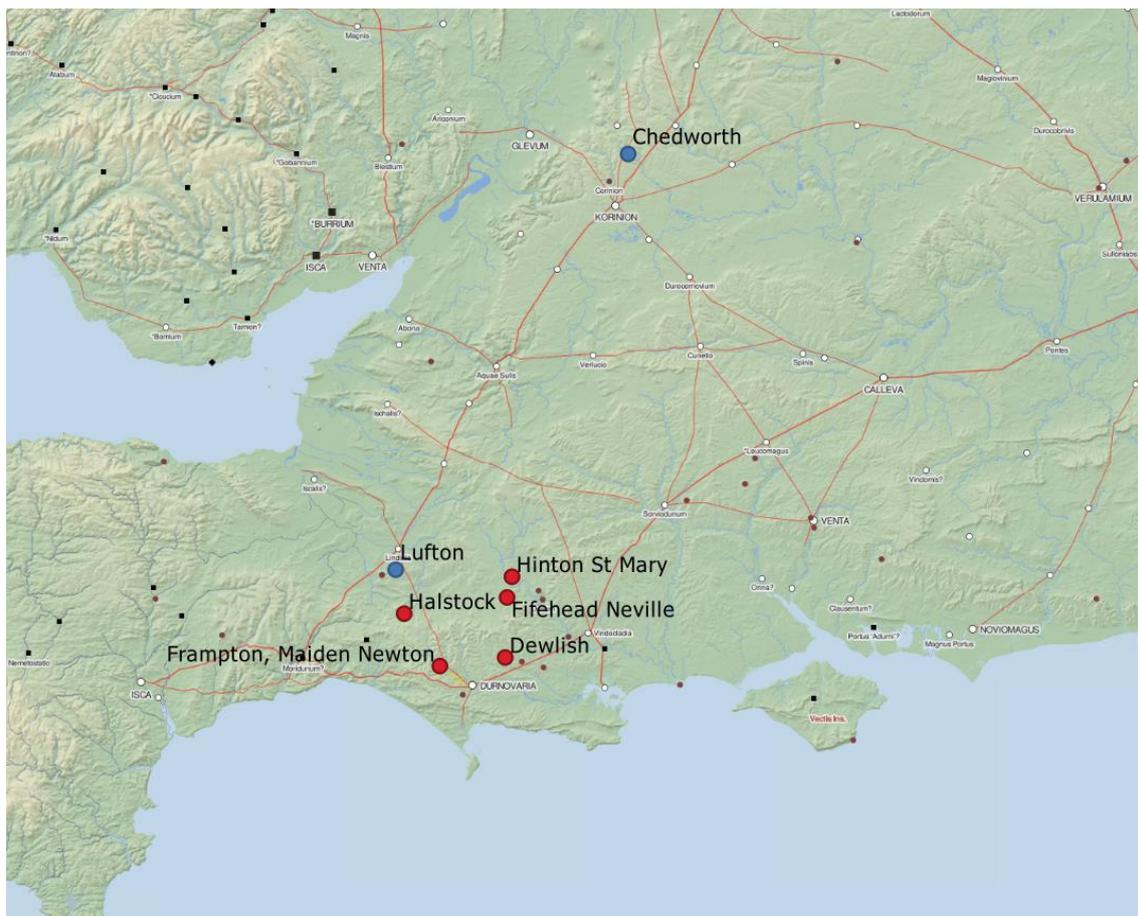
---

<sup>64</sup> Vol 2, p. 253

<sup>65</sup> Vol 2, p.256

<sup>66</sup> Vol 2, p. 241

<sup>67</sup> Vol 2, p.24



**Mapa 8: Distribuição dos mosaicos com representações de Dionísio. Em vermelho, os exemplos da "Escola Durnovariana"; outras ocorrências em azul.**

### 3.2.4: Orfeu e os animais

Em paralelo aos mosaicos dionisíacos, em meados do quarto século nas *villae* próximas a *Corinium* e *Aquae Sulis* há um investimento significativo em outro tipo de representação de personagens da cultura clássica. O padrão conector destes mosaicos é a figura de Orfeu, sempre vestido e adornado por um barrete frígio. Segurando uma lira ou cítara, é rodeado por diferentes animais, muitos deles selvagens, formando um círculo a sua volta, como que encantados pela música do filho de Calíope. Neste tipo de composição, uma especialidade local com ocorrência quase exclusiva na *Britannia*, Orfeu está sempre

acompanhado aos seus pés por uma figura canina, interpretada como um cão ou uma raposa (WITTS, 2005, p. 65)



**Mapa 9: Distribuição dos mosaicos com representação de Orfeu**

Imagens de Orfeu são encontradas no repertório mosaicista romano desde o séc. II em todo império romano. A cena onde o poeta acalma os animais com sua música é encontrada em outras partes do Império, mas de forma mais espalhada e em configurações diferentes do empregado pelos artesãos da região de *Corinium* (DUNBABIN, 1999; SCOTT, 2000, p. 133). Há uma tradição destes mosaicos serem instalados próximos a fontes de água (SCOTT, 2000, p. 137), o que também ocorre em exemplos britânicos como no MS035 em Woodchester.

A raridade de representações de Orfeu encantando animais, e sua alta concentração na *Britannia* orientou as investigações de sua intencionalidade, em parte, para uma relação com a religiosidade local, em especial com

representações de divindades relacionada a caça. Isso se dá pela presença de um barrete similar ao de Orfeu presente em outras representações de divindades locais, e acompanhado de um cão, em especial a figura de *Apolo Maponus* identificada em Ribchester, que também é adornada com uma lira (SCOTT, 2000, p. 136).

A tendência que temos visto, porém, é de outra lógica, mais interconectada com o contexto imperial, por trás da patronagem dos mosaicos. A movimentação da religiosidade local no período, ainda que rural, é mais frequente não em contexto doméstico, mas em templos específicos. Mas o principal ponto que pende a outra interpretação creio eu, passa por um fator próximo ao dos casos anteriores: a suntuosidade. O mosaico de Orfeu de Woodchester representa um dos maiores investimentos arquitetônicos e decorativos das elites romano-bretãs, em tamanho e em detalhes, e se encaixaria no período de disputa de poder descrito mais acima, que culmina com a usurpação de Magnêncio e seus esforços em propaganda e legitimação.

Neste sentido, parece mais interessante olhar para a relação entre as imagens de Orfeu com os animais e a cultura cristã imperial. Há exemplos através do império deste tipo de uso, como nas catacumbas de Santa Priscila, São Pedro e Marcellinus na região da *Via Segni* em Roma, Porto Torres na Sardenha, e figuras de bronze em Interciza e pavimentos na Hungria e Jerusalém (HUSKINSON, 1974, p. 69). A associação nestes casos entre Orfeu e o cristianismo não seria uma “cristianização” do herói como substituto de representações de Cristo ou do “bom pastor”, mas partiria de uma reflexão mais profunda entre o mito de Orfeu e o pensamento cristão. Isso é confirmado por autores como Clemente de Alexandria e Eusébio de Cesareia, que utilizam Orfeu

e Jesus como elementos para discutir a questão da música e sua relação com o sagrado.

Clemente retrata Cristo como um novo Orfeu, recorrendo a duas características do personagem: o herói cantor que fascina até os animais selvagens e o fundador dos Mistérios. Como poeta, Orfeu também era visto como o sacerdote que revela esses cultos e, por meio deles e de seus objetos sagrados, proporciona a possibilidade de perceber algo dos próprios deuses. A argumentação que Clemente constrói não retira poder de Orfeu, mas o caracteriza como um precursor, incompleto, do que seria Cristo no futuro (JOURDAN, 2014, p. 116–117)

Clemente tem como objetivo, no séc. II, a conversão de novos fiéis. Seu método faz uso de imagens politeístas para convencer seus ouvintes de que a nova religião é superior às suas antigas tradições. O ponto principal para o autor é a questão do *Logos*: Se os Mistérios a trabalham como a Razão, a Palavra bíblica a substituiria com o verdadeiro *Logos*, complementada por uma compreensão do universo direcionada ao monoteísmo e a moralidade trazidas pelas palavras de Cristo (JOURDAN, 2014, p. 119).

Esta representação seria resgatada e expandida no séc. IV por Eusébio de Cesareia. O tom do discurso apologético aqui é mais brando, fruto de uma consolidação da posição cristã frente ao politeísmo, e seu foco é a potencial didático da comparação entre Cristo e Orfeu enquanto poetas do *Logos*, que apesar de diferentes, tem o mesmo potencial de recriação da harmonia frente ao caos (HUSKINSON, 1974; JOURDAN, 2014). A discussão sobre Orfeu de Eusébio está inserida em sua *De Laudibus Constantini*, panegírico em homenagem ao imperador Constantino I proferido em 336, e se insere no

contexto maior da obra, que é a conciliação entre o cristianismo e o novo modelo de realeza, a *Basiléia* (SILVA; MARVILLA, 2006).

A retomada de Orfeu por Eusébio em contexto constantiniano não me parece aleatória. O sentido didático muito provavelmente não parte de um local vazio, e sim da observação e uso de referências correntes no período. Em um contexto como do da *Britannia*, onde há a ausência de uma institucionalização cristã e forte ligação com diversas vertentes politeístas, a escolha de Orfeu como unificador de imagens relacionadas a Cristo e Constantino parece uma estratégia viável. O MS035<sup>68</sup> de Woodchester é certamente o mais antigo exemplo deste esforço pela política local, e sua suntuosidade o coloca como “modelo” para os demais exemplos na província, que se encaixa com alguma coerência dentro da construção da imagem de “conciliador” e “retomada da glória constantiniana” buscada por Magnânncio, semelhante ao que vimos mais ao sul em contextos mais cristianizados. Os esforços em contextos de *villae* menores em Whithington<sup>69</sup> e Newton St. Loe<sup>70</sup>, fiéis ao modelo estabelecido em Woodchester, podem ser considerados como exemplos do sucesso da disseminação desta estratégia política.

O caso mais excepcional é a representação de Orfeu em Littlecote (WITTS, 2005, p. 91)<sup>71</sup>. Ao invés de uma procissão de animais selvagens, caçadores e presas em harmonia, são dispostos quatro pares de animais montados por homens: uma corça, um leopardo, um touro e uma cabra. Witts (2005, p. 91) aponta a ocorrência como uma representação atípica das Estações ou, como

---

<sup>68</sup> Vol 2, p.71

<sup>69</sup> MS030, Vol 2, p.61

<sup>70</sup> MS134, Vol2, p.264

<sup>71</sup> MS158

alternativa, que estariam relacionadas a Zagreus/Dionísio dentro de uma tradição mística. Estas alternativas levam em consideração apenas o medalhão central, e excluem outros elementos do mosaico. Na parte inferior, há duas ânforas em retângulos diferentes, uma ladeada por criaturas marinhas, outra por leopardos, de forma muito semelhante às representações dionisíaco-cristãs argumentadas na sessão anterior. Semelhante a Hinton St. Mary (AMEISENOWA, 1949)<sup>72</sup>, as quatro figuras são, muito provavelmente, representações dos quatro evangelistas, em uma reinterpretação da tradição que relaciona cada um deles a um animal específico (tetramorfia), iniciada com Irineu no séc. II (AMEISENOWA, 1949). Littlecote é uma construção peculiar. Muito provavelmente, é a mais recente das representações de Orfeu, afastada da região de *Corinium*, e construída **fora** do prédio principal da *villa*, renovada em um grande anexo dotado de *thermae*. A localização, tamanho e organização do aposento, com três nichos triconches, sugere uma expectativa de alta concentração de pessoas no local, e destoa do resto do complexo. Uma possibilidade é de que a *villa* tenha sido comprada por um novo *dominus*, não para residência definitiva, mas como parte de um grupo maior de propriedades e que o aposento triconche tenha a intenção de servir como local de reunião esporádica com outros membros da comunidade, em um esforço de projeção do discurso cristão-imperial.

---

<sup>72</sup> MS085, Vol2, p.171

#### Capítulo 4: Mobiliário, circulação e usos políticos do espaço: vestígios da *salutatio* através dos mosaicos geométricos

O repertório mosaicista da *Britannia* no quarto século nos oferece diversos dados relevantes sobre a vida das elites provinciais em diversos níveis. Sua presença ou ausência em um cômodo da *villa* nos permite, em um primeiro olhar, entender a hierarquia dos usos do espaço doméstico: ainda que aposentos tesselados possam ser efetivamente utilizados com mais de um fim, o mais simples mosaico é um testemunho de **intencionalidade**. Como vimos anteriormente<sup>73</sup>, isso não impede usos não planejados dos recintos, mas patronagem e manutenção destas obras de arte representam um investimento financeiro considerável que restringe o espectro de possibilidades, caso o *dominus* queira preservar seu investimento (e sua imagem pública).

As escolhas artísticas, sejam geométricas, florais, animais ou de cenas, não são de forma alguma aleatórias, mas o equilíbrio entre as expectativas sobre *decorum*, a individualidade do patrono e a gama de opções que os artistas (mosaicistas) tem a oferecer. O repertório “decorativo”, com diversas variações de guilhões, meandros, padrões em onda, cântaros ou flores varia em estilos o suficiente para identificar grupos mosaicistas e a circulação de estilos, mas, como defende Dunbabin (1999), há certa uniformidade entre seus usos por todo o Império, e poucos motivos são exclusivos da indústria mosaicista, sendo em sua maioria parte do “vocabulário ornamental da arte e arquitetura gregas, presentes em diversos suportes muito antes do aparecimento de mosaicos [no Mundo Antigo]” (DUNBABIN, 1999, p. 292).

---

<sup>73</sup> Discutimos este tema através das observações de Bowes (2010), no cap. 1.

Seu papel enquanto elementos centrais na composição da narrativa imagética, como acontece com as representações figurativas/mitológicas é um caminho de análise ainda circunstancial (DUNBABIN, 1999, p. 291–298). Isso não significa, entretanto, que os padrões decorativos não ofereçam pistas sobre os usos e intencionalidades dos mosaicos, e sua relação com mobiliário, circulação de pessoas e intencionalidade original dos aposentos, com exemplos deste tipo de abordagem tanto para o Continente quanto para a *Britannia*<sup>74</sup>. Um dos exercícios mais frutíferos deste tipo de análise é a identificação de *triclinia/cenatio* ou outros aposentos que, em algum momento do ano, seriam aptos à prática do *convivium*.

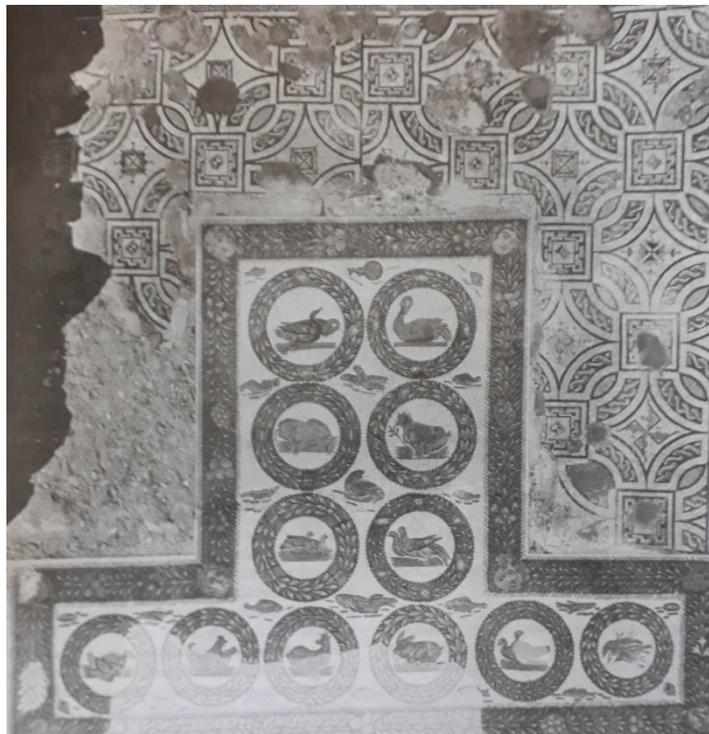
Autores como Ellis (1995) propuseram um modelo inicial mais próximo à arquitetura clássica, onde os grandes salões diretamente opostos ao pórtico e com mosaicos seriam candidatos a salões de banquete. Esta classificação é contestada por Patricia Witts (2000), com base nas questões arquitetônicas próprias das *villae* bretãs. Para a autora, a localização do aposento de frente ao *porticus* precisa ser confrontada com outros dados mais importantes. O primeiro deles, diretamente relacionado aos mosaicos, é a questão da circularidade: a intencionalidade para o uso do aposento em banquetes está marcada no design dos mosaicos. O posicionamento de cada *kliné* necessita de espaço reservado entre 1,5-2,0 metros, para não ocultar as imagens do mosaico e permitir a circulação dos servos com comidas e bebidas (WITTS, 2000, p. 292–294). No caso do *stibadium*, as medidas são as mesmas, e a autora sugere que absides com áreas menores, mesmo que decoradas com mosaicos não devem ser

---

<sup>74</sup> Para o continente ver especialmente Thébert (1987) e Ellis (1991, 1997), para a *Britannia* ver, Black (1987), Ellis (1995), Witts (2000), Cosh (2001) e Perring (2003).

consideradas como indicação direta de uso comensal (WITTS, 2000, p. 295–296).

Os motivos geométricos e florais, em especial quando preenchem nichos, servem a outro propósito: indicam a reserva de espaço para determinados tipos de mobiliário ou artefatos, como estátuas, mesas e mesmo as acomodações. O arranjo mais comum para *triclinia* são padrões em “T”, “U” ou uma combinação de ambos, como ocorre, por exemplo, em sítios na atual Tunísia (COSH, 2001, p. 220; DUNBABIN, 1999, p. 287).



**Figura 16: Mosaico em padrão T/U em *triclinium* do sítio “House of the Trussed Animal” em Thuburbo Maius, Tunísia, séc. III. A parte em “U” seria reservada aos três assentos característicos do *triclinium*, enquanto a parte em “T” receberia a mesa central com os alimentos. O mobiliário neste caso oculta apenas parcialmente as partes figuradas, permitindo algum nível de apreciação pelos convidados. Fonte: Dunbabin (1999), p. 287.**

Este tipo de arranjo, entretanto, não aparece nos mosaicos das *villae* bretãs do séc. IV<sup>75</sup>, o que não significa que o equilíbrio entre disposição de mobiliários, proporção, apreciação dos mosaicos e uso de iconografia considerada adequada para ambientes de comensalidade não fossem respeitados. Cosh (2001) dá especial atenção a presença de *cantharus* nos mosaicos, seja em medalhão central, seja compondo os cantos dos mosaicos. Para o autor, outro fator a ser levado em consideração nos mosaicos romano-bretões é de que a orientação dos *canthari*, quando nas cantoneiras dos mosaicos, tem sua orientação voltada para os convidados, enquanto os medalhões centrais são pensados para apreciação ao entrar no aposento (COSH, 2001, p. 224). Isso não quer dizer que a presença dos *canthari* seja indicação incontestável de que o aposento era um *triclinium/cenatio*, em especial quando representados dentro das *thermae*. Esta associação, para o autor, passa pela relação entre as atividades nos banhos como etapa anterior ao banquete no contexto do *convivium* (COSH, 2001, p. 224–225).

Estes critérios, como veremos, são importantes para entender como o posicionamento e tamanho dos mosaicos nos auxiliam a entender a circulação e usos planejados das *villae* do sudoeste da província, em especial quando contrastamos as pequenas e médias propriedades com aquelas de características mais palacianas, como Woodchester.

---

<sup>75</sup> Há formas semelhantes em contextos urbanos como Cirencester (Ashcroft House), Caerwent e Verulamium, mas todos datados do séc. III (COSH, 2001; WITTS, 2000).

#### 4.1 Woodchester e a dinâmica da salutatio<sup>76</sup>

De todas as *villae* da *Britannia*, duas destacam-se por sua suntuosidade. Uma delas é o Palácio de Fishbourne, em West Sussex, a maior da província, fundada no início do séc. I e abandonada após um incêndio por volta de 270<sup>77</sup> (CUNLIFFE, 1998). A outra é a *villa* de Woodchester, próxima a capital da *Britannia Prima*<sup>78</sup>, onde foi encontrado o Grande Pavimento de Orfeu (MS035), o segundo maior mosaico das províncias romanas.

Para acessá-lo, era necessário atravessar seus três pátios. Os dois externos, antigas estruturas familiares de prédios com alas convertidas para estocagem de grãos e atividades de metalurgia, e o terceiro, reformado e expandido no séc. IV. Corredores laterais, pavimentados com mosaicos geométricos, davam acesso à entrada principal do salão. Este cômodo quadrado possuía impressionantes 220,8 m<sup>2</sup>, cobertos pelo mosaico em toda sua área. A parte central, sustentada por quatro colunas e contendo cenas mitológicas e uma fonte de água octogonal, ocupa 105m<sup>2</sup> da área total do aposento, com exatos 10,26 metros entre uma coluna e outra (CLARKE; RIGBY; SHEPHERD, 1982; NEAL & COSH, 2010).

---

<sup>76</sup> Vol 2, p. 68.

<sup>77</sup> A datação é próxima ao fim do Império da Gália comandada por Póstumo. A falta de um esforço de reconstrução sugere que o incêndio provavelmente foi intencional.

<sup>78</sup> A datação do sítio não é precisa, com duas fases distinguíveis (séc. II e séc. IV), mas a presença de decoração de mármore dos Pirineus e argamassa-rosa como método selante de alguns cômodos, de forma muito semelhante a Fishbourne, faz com que alguns autores sugiram um alto grau de importância desde o período Flaviano ou do imperador Trajano (CLARKE; RIGBY; SHEPHERD, 1982, p. 210–211). Entretanto, a localização destes elementos no sítio, na parte mais nova, sugere que a importação pode ser posterior. Outra possibilidade é a incorporação destes elementos provenientes de Fishbourne, o que explicaria a similaridade de materiais.



Figura 17 (esq) Foto de réplica do mosaico de Orfeu, baseado na última escavação do mosaico em 1973. A área em vermelho possui 105m<sup>2</sup>; a parte entre as linhas vermelha e verde (ambulatório), 35m<sup>2</sup> de área e 40,2m de extensão. A parte externa, totalmente geométrica, tem área de 80m<sup>2</sup>.

Figura 18 (dir): Foto dos irmãos Woodward, executores da réplica, para fins de escala. A réplica, feita através de extensa pesquisa e que demorou 10 anos para ser concluída, foi vendida em leilão por um valor estimado de 25 mil libras em 2010. (Fontes: Jornal “The Telegraph”

<https://www.telegraph.co.uk/news/newstoppers/howaboutthat/7541361/Reconstruction-of-Roman-mosaic-to-sell-for-25000.html>

Woodchester será nosso modelo, como ponto de partida, para a análise das relações entre intencionalidade arquitetônica e produção de sentidos nesta “paisagem construída”<sup>79</sup>. Buscamos com esta metodologia não apenas a identificação de ideias sobre cultura e identidade, mas também a forma como o próprio design dos mosaicos sua localização nos sítios comunicavam, de forma não-verbal (RAPOPORT, 1990), intenções de design sobre mobiliário, circulação no espaço e interação entre pessoas e artefatos. Enquanto a representação de Orfeu, por exemplo, nos permite inferir sentidos relativos à cosmologia, religião

---

<sup>79</sup> Este palimpsesto da cultura material e sua relação com os seres humanos é definido pelo arquiteto Amos Rapoport (1990) “ambiente construído” (“Built Environment” no original), mas poderia muito bem ser traduzido como “paisagem construída”, se pensarmos que a produção de sentidos e narrativas neste espaço o tornam, por excelência, um “lugar”. Dada a adequação da noção de “paisagem construída” ao escopo deste trabalho, utilizarei esta conceituação adaptada no decorrer do texto a partir daqui.

e circulação de elementos culturais da Antiguidade Tardia na região, há produções de sentido que são mais simples, e que dependem não **do que** está representado no mosaico, mas de **como** ele existe fisicamente naquele contexto.

Deixemos a análise dos sentidos mitológicos do Grande Pavimento de lado por enquanto. Qual a sua importância na interpretação das atividades e posição hierárquica deste aposento frente aos demais? A proporção entre o Grande Salão e o resto da propriedade, e sua localização, nos inferem sua importância, mas não seus usos. Estivesse o mosaico ausente, o salão, de um ponto de vista unicamente arquitetônico, não permitiria uma análise mais precisa. Em termos semióticos, seria um “significante vazio”, com um espectro tão grande de significados possíveis que dificultaria qualquer tentativa de uma análise aprofundada (CHANDLER, 2007; MEHLMAN, 1972).

O chão e as paredes nuas, as tendências arquitetônicas, são os **elementos fixos** (RAPOPORT, 1990, p. 88–89) da paisagem construída: são produtores de sentidos, mas de forma abrangente, sutis demais para uma análise que vá para além das noções gerais para os iniciados na lógica da arquitetura vitruviana. Mas há, também, limites práticos: a arquitetura está subordinada às técnicas de engenharia, ao espaço e aos próprios materiais. Mosaicos, bem como estátuas, mobiliário e acabamentos em mármore são elementos **semi-fixos** (RAPOPORT, 1990, p. 89–96), que permitem maior grau de diálogo entre patrono e artesão, criando uma teia coerente de significantes que nos permitem uma narrativa mais personalizada sobre a paisagem construída.

A primeira indicação neste sentido está relacionada a discrepância entre a parte interna, mitológica e a parte externa, geométrica. Com exceção da figura de Orfeu e da máscara do deus Oceano, a parte circular pode ser apreciada,

com alguma coerência de elementos (ninfas, animais selvagens e pássaros) de qualquer ponto do aposento. Na verdade, a disposição dos animais, voltados com as patas para o rolo “acanthus”, sugere que a intenção é de que o observador **orbite** o mosaico para entender seus elementos. As pilastras dificultariam a visibilidade se o percurso fosse realizado na parte geométrica, mas as proporções do mosaico e a repetição do padrão de folhagens mais externa aos animais criam um ponto de observação e movimentação muito favoráveis. O mesmo acontece na parte interna, mais próxima à fonte, em relação às figuras de aves e (possivelmente) peixes na parte mais interna.



Figura 19: Diagrama com a circulação proposta para o observador do mosaico nos círculos externo e interno. (Fonte: NEAL e COSH, 2010, adaptado).

As escolhas de *design* da parte central do mosaico, assim, sugerem que esta área não foi projetada para a ocupação de outros elementos semi-fixos,

como mobiliário ou estátuas. Como vimos anteriormente, a parte interna do mosaico acomodava quatro pilares que sustentariam uma cúpula, criando um espaço central ventilado, com bom aproveitamento de luz e protegido do clima (WALTERS, 1996), mas que também impõe outras dificuldades para visualização do mosaico, que só aumentariam com a adição na paisagem construída de mais elementos, mesmo no “ambulatório”, formada por repetição de padrões geométricos (fig 19).

Ainda que sua compartimentalização em nichos geométricos e com medalhões de cântaros sejam propícias para o posicionamento de elementos semi-fixos, como pedestais, mesas ou assentos, há elementos o suficiente para argumentar contra tal de forma constante. Se algum tipo de objeto era posicionado no “ambulatório”, muito provavelmente acontecia de forma esporádica e sem exageros que comprometessem o protagonismo da parte interna do mosaico. Os nichos retangulares nos pontos axiais, alinhados as quatro entradas do aposento, indicam que a necessidade **informar** a importância da reserva de espaço para circulação de pessoas para dentro da área das colunas vem desde a instalação do mosaico.

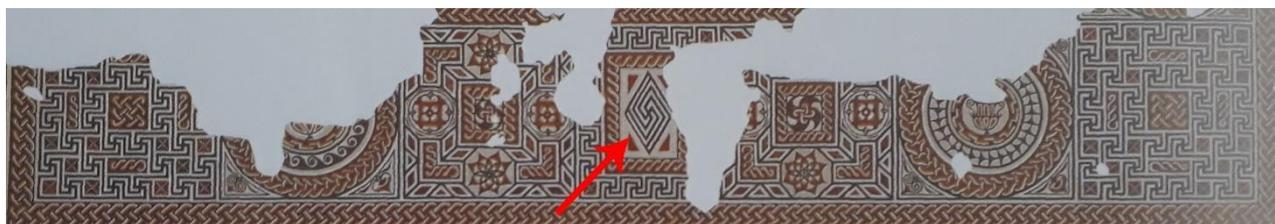


Figura 20: Detalhe do ambulatório do Grande Pavimento. A seta vermelha destaca o nicho retangular centralizado, que se repete nos quatro lados. Sugerimos que este nicho, diferente em forma e tema dos demais, indica a reserva de espaço para entrada e saída de pessoas da área interna do mosaico e acesso à fonte central. (Fonte: NEAL e COSH, 2010, adaptado).

Estabelecida a ideia de que o salão do Grande Pavimento é, antes de tudo, um espaço de circulação e conectividade, o próximo passo é entender sua relação com o resto da *villa*<sup>80</sup>. Sobre a saída indicada ao norte, sabemos muito pouco, já que esta parte do assentamento hoje é ocupado por uma igreja. A dificuldade de se definir com certeza a localização das *thermae* no período final de ocupação de Woodchester indica uma possibilidade para investigações futuras (CLARKE; RIGBY; SHEPHERD, 1982). As saídas leste e oeste dão para corredores simétricos e decorados com mosaicos (MS039 e MS041).

O corredor oeste vai em direção a parte não escavada do sítio, mas, à leste, se conecta com outros dois aposentos, um deles com um mosaico figurado e com inscrições (MS042). A parte mais preservada, com dois *erotes* segurando um vaso com frutos e a inscrição “BONVM EVENTVM”, ligada a mesma divindade agrária com atributos ligados a prosperidade e sorte (WITTS, 2005, p. 118). Há vestígios de culto a Bonus Eventus na *Britannia*, mas Ling (2007) sugere, baseado no esquema do mosaico, que a intenção neste caso é outra. Há dois fatores a serem levados em conta aqui. O primeiro é a imagem e inscrição de Bonus Eventus, direcionada para um outro cômodo, mais interno. Sua leitura, de quem vem do Grande Pavimento, só seria possível se o transeunte saísse completamente de seu caminho. A segunda questão tem a ver com uma segunda inscrição, voltada para a ligação entre o Grande Salão e o MS042, com a inscrição *BIINII C[...]*, geralmente traduzida como “*bene colite*” (LING, 2007, p. 71). O posicionamento das imagens e inscrições sugerem que elas não deveriam ser lidas juntas (“*Bonum eventum bene colite*”)<sup>81</sup>, mas como

---

<sup>80</sup> Planta baixa no Vol. 2, p.70

<sup>81</sup> “Honre o culto a *Bonus Eventus*” em tradução livre.

duas mensagens separadas, desejando fortuna e bons empreendimentos na entrada e na saída.

Os resultados da escavação são ambíguos quanto a ligação das outras salas da ala leste, em especial a entrada do aposento onde se encontra o MS159. Apesar de parcialmente perdido, tem um medalhão central de maior destaque do que outros mosaicos em Woodchester de tamanhos semelhantes no entorno do Grande Salão (MS038<sup>82</sup> e MS040<sup>83</sup>, por exemplo). Entretanto, se houvesse comunicação entre o aposento adjacente ao MS042<sup>84</sup>, o trânsito de pessoas acabaria por interromper um dos nichos *acanthus* do mosaico. Este aposento, assim como os demais no eixo oeste-sul, são precedidos de pequenas antessalas, e sugerimos que fossem utilizados como *cubicula* para convidados (fig.21).

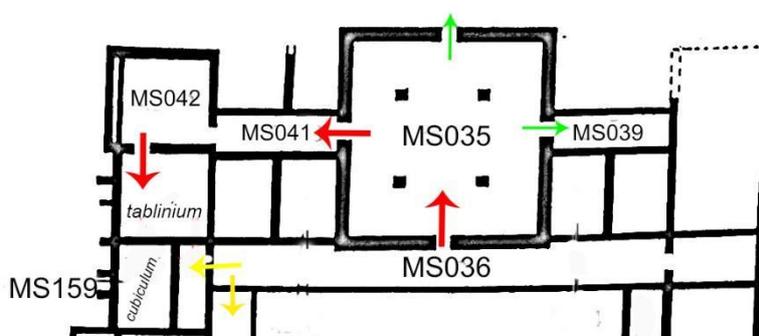


Figura 21: : Linhas de circulação de Woodchester. As setas vermelhas indicam o caminho feito pelo visitante, passando pelo Grande Pavimento. As setas verdes indicam as áreas de acesso para a parte norte (não escavada) e a seta amarela o caminho de acesso para os outros aposentos do lado oeste.

O acesso ao aposento também é mais reservado do que os demais, e, se concordarmos com a interpretação de Ling (2007) o mosaico de *Bonus Eventus*,

<sup>82</sup> Vol 2, p.77

<sup>83</sup> Vol 2, p.79

<sup>84</sup> Vol 2, p.81

podemos sugerir que o aposento onde se encontra o MS159 servia aos mesmos propósitos de um *tablinium*, aposento que em Vitruvius (*De Arch.* 6.5.2) é descrito como um local para que o *dominus* pudesse se isolar, dormir, receber pessoas de alto *status* em privado<sup>85</sup>. Somado à grandiosidade de investimento e proporções do Grande Pavimento que, como defende Walters (1996), era um aposento basilical, fica evidente que Woodchester não é um empreendimento arquitetado apenas para a exibição, mas para a prática política, como altos magistrados ou mesmo o governador da *Britannia Prima*.

Excluídas ocasiões especiais, a prática política rotineira que justifica o investimento arquitetônico no Grande Salão de Woodchester e suas adjacências é a *salutatio*. O termo, presente tanto nas fontes textuais e epigráficas à partir do fim da República, refere-se de forma geral a recepções formais diárias, nas primeiras horas da manhã, promovidas por senadores e outros membros das elites (BADIAN, 2012). Os estudos mais recentes sobre a dinâmica da *salutatio* são baseados principalmente em contextos urbanos (*domus*), e indicam o *atrium* como lugar principal de aglomeração dos visitantes (*salutatores*). Estes seriam divididos posteriormente sob uma hierarquia de importância política, que garantia aos indivíduos de maior prestígio acesso a partes mais internas da *domus*, enquanto visitantes de menor prestígio teriam seu acesso restrito ao *atrium*. (GOLDBECK, 2010, p. 147–167).

Se levarmos em consideração as linhas de circulação de Woodchester, a dinâmica não parece ser muito diferente. O Grande Salão tem todas as

---

<sup>85</sup> De forma clássica, o *tablinium* é associado aos assentamentos urbanos, com um posicionamento alinhado ao *atrium*. O argumento aqui proposto entre o sítio de Woodchester e o *tablinium* é de natureza funcional, e não de conceituação arquitetônica.

condições para assumir o lugar do *atrium* dentro do modelo clássico da arquitetura urbana romana, servindo de ponto focal tanto para a acomodação de grande número de pessoas, saudação e atendimento simultâneo de múltiplos querelantes que, pela natureza coletiva do problema ou *status* social, a resolução em ambiente compartilhado não representasse quebra do *decorum* estabelecido. A admissão as partes mais interiores da *villae*, em especial o “*tablinium*”, oferecem oportunidade para tratativas que exigissem maior privacidade segundo a descrição dos envolvidos, bem como oportunidades de demonstrar deferência e prestígio a *salutatores* específicos, fosse por seu *status* político na província, ou como forma de fortalecer relações entre patrono e clientes.

#### **4.2 *Tablinium* e *Salutatio***

Há apenas mais uma *villa* no recorte estudado que apresenta um possível *tablinium*. O Grande Salão absidal da *villa* de Box, Wiltshire<sup>86</sup>, possui a segunda maior abside da *Britannia*, e, apesar de destruído, o chão do aposento é descrito como aquecido por hipocausto e com vestígio os de um grande mosaico de alta qualidade<sup>87</sup>. (CORNEY, 2012, p. 61–62). Há duas entradas para este salão sendo uma partindo das áreas mais públicas da propriedade, iniciado no aposento que serve de ligação entre as *thermae* e o salão, e que era decorado pelo MS151. A outra partiria do corredor interno da área privativa da propriedade, onde se encontram os MS143<sup>88</sup> e MS145<sup>89</sup>.

---

<sup>86</sup> Vol. 2, p. 274

<sup>87</sup> MS149, Vol 2, p.287

<sup>88</sup> Vol 2, p.280

<sup>89</sup> Vol 2, p.282

Tomando Woodchester como referência, o pequeno corredor onde se localizava o MS148 muito provavelmente serviria de ligação com o “*tablinium*” decorado pelo MS147<sup>90</sup>, cujo medalhão central, composto por um nó de guilhoche parece reservar espaço para um elemento semi-fixo, como mesas em tripé ricamente decoradas, sejam em metal ou mármore, onde se colocariam assentos ao redor<sup>91</sup>.

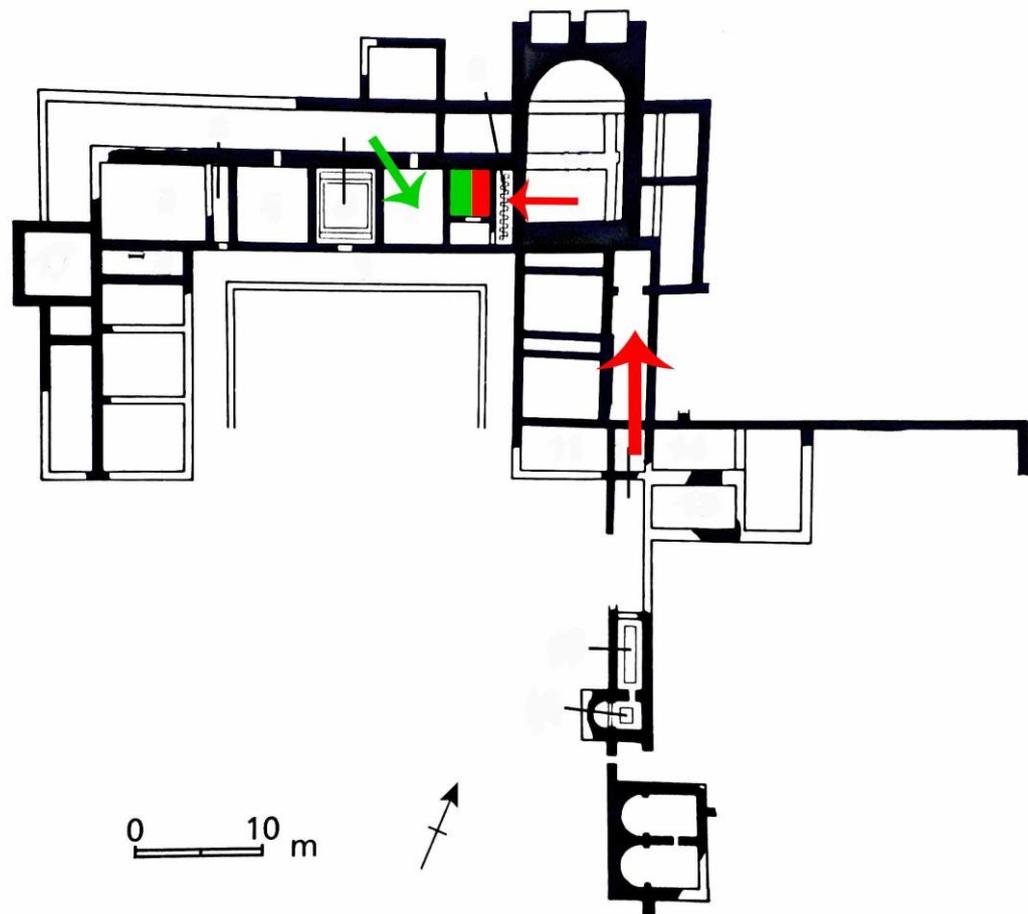


Figura 22: : Linhas de circulação de Box. Setas vermelhas indicam caminho de acesso externo. As verdes, acesso interno. Em destaque, o aposento com função de “*tablinium*” (NEAL & COSH, 2009, adaptado.).

<sup>90</sup> Vol 2, p.285

<sup>91</sup> Vestígios deste tipo de mobiliário, em especial pés em formato de animais, são presentes no material arqueológico das *villae* romano-bretãs. Para maiores informações e paralelos com artefatos semelhantes encontrados em Pompéia, ver Rivet (1969, p. 162–167).

### 4.3 – *Triclinium* e *Salutatio*

Dentro do escopo das *villae* estudadas, apenas estas duas, de proporções “palacianas” apresentam um planejamento arquitetônico harmônico quando o assunto é a recepção de *salutatores* e suas diversas demandas, com espaços específicos identificáveis para situações que exigissem participação pública ou conversas privativas. Esta separação hierárquica e bem definida de funções dos aposentos não se repete, entretanto, em outros sítios. Em Chedworth<sup>92</sup>, toda a ala oeste da *pars urbana* é dedicada a espaços de convívio público, sem ligação direta com a parte domiciliar da *villa*. O ponto central desta ala, seja pelo esquema bipartido, seja pela complexidade da mensagem do mosaico MS007<sup>93</sup>, é o *triclinium* onde o mesmo se encontra.

A orientação do mosaico MS007, entretanto, denuncia que o aposento tem linhas de circulação que não correspondem apenas para a realização de comensalidades. Para entrar no aposento, deve-se passar por cima do octógono com figuras mitológicas, todas viradas para o fundo da sala, com a intenção de serem observadas apenas por quem já tivesse sido admitido na segunda parte do aposento, onde ficaria o mobiliário de banquete, como indicam os nichos “acanthus” no painel B do MS007. Na parte oposta a entrada do aposento, há uma série de galerias com mosaicos (MS008-MS011). Segundo as escavações de Chedworth, esta área era ocupada por estátuas (CLEARY, 2013). Sua posição oposta as linhas de circulação sugeridas pelo mosaico do *triclinium* nos sugerem que esta galeria não foi pensada como área para conversas privativas

---

<sup>92</sup> Vol. 2, p. 19

<sup>93</sup> Vol 2, p.24

entre o *dominus* e seus clientes. Seu uso como espécie de “sala de espera” para regular o fluxo de convidados admitidos durante a *salutatio*.

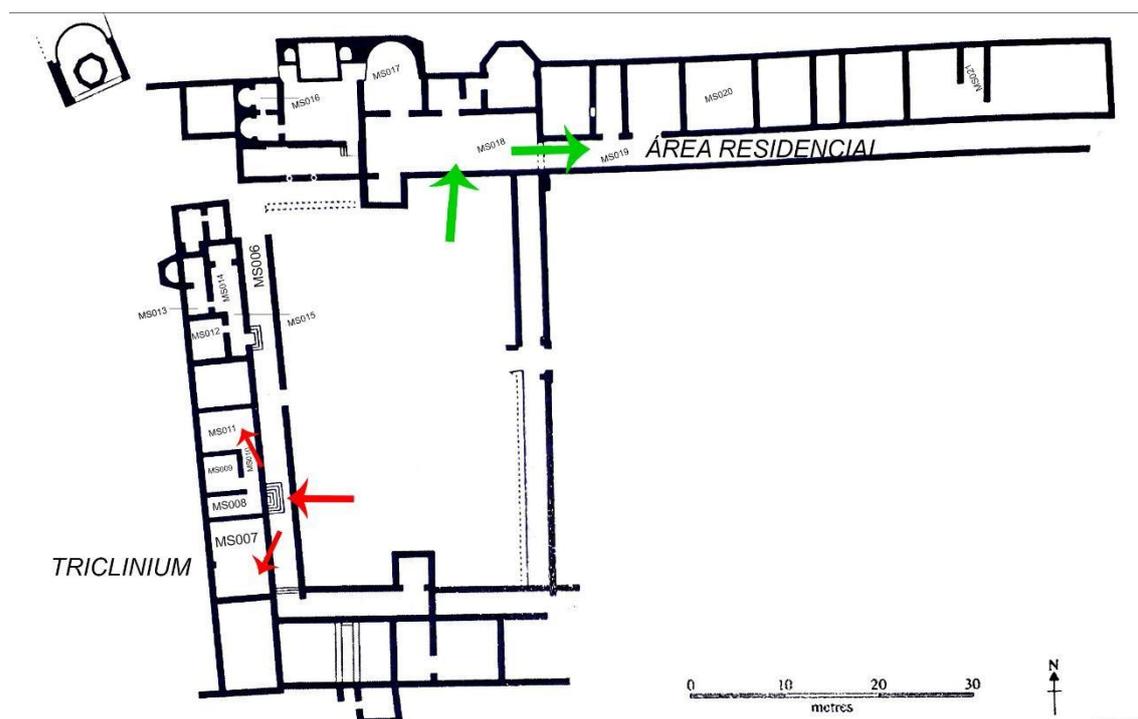


Figura 23: Linhas de circulação de Chedworth. Setas vermelhas indicam a área de recepção e as verdes, o acesso à área residencial.

Este tipo de arranjo onde há uso múltiplo de *triclinium* bipartido não é exclusivo das grandes *villae*. Em assentamentos de menor porte como o de Fifehead Neville<sup>94</sup>, onde os mosaicos são mais escassos, o local reservado à comensalidade recebe atenção e investimento especial, investindo em uma estrutura mosaicista semelhante ao de Chedworth. Os nichos dos mosaicos

<sup>94</sup> Vol 2, p. 110

MS059<sup>95</sup> tem uma conformação própria para que os convidados se disponham em *stibada*, com os pequenos círculos em nó-de-guilhochê reservados para tripés e mesas. Este primeiro ambiente muito provavelmente serve tanto de antecâmara quanto, em ocasiões de banquetes, como área reservada para convidados em geral, ou, possivelmente, separação entre homens e mulheres. Pouco sabemos sobre o total do mosaico MS060<sup>96</sup>, que compõe a segunda parte da sala, mas as duas estruturas circulares sobreviventes, próximas ao portal, sugerem uma intencionalidade de separação (seja com estatuária, colunas, complementos como tecidos e biombos) tornando o ambiente de alguma forma mais reservado. Esta separação dos ambientes feita pela composição mosaicos-objetos é útil tanto na ocasião da *salutatio*, criando um ambiente em separado para recepção privada, como para eventos maiores como banquetes, permitindo que o evento, de forma simultânea, acomode configurações como geral (familiares, escravo) e restrito (patronos e clientes).

---

<sup>95</sup> Vol 2, p.115

<sup>96</sup> Vol 2, p.118

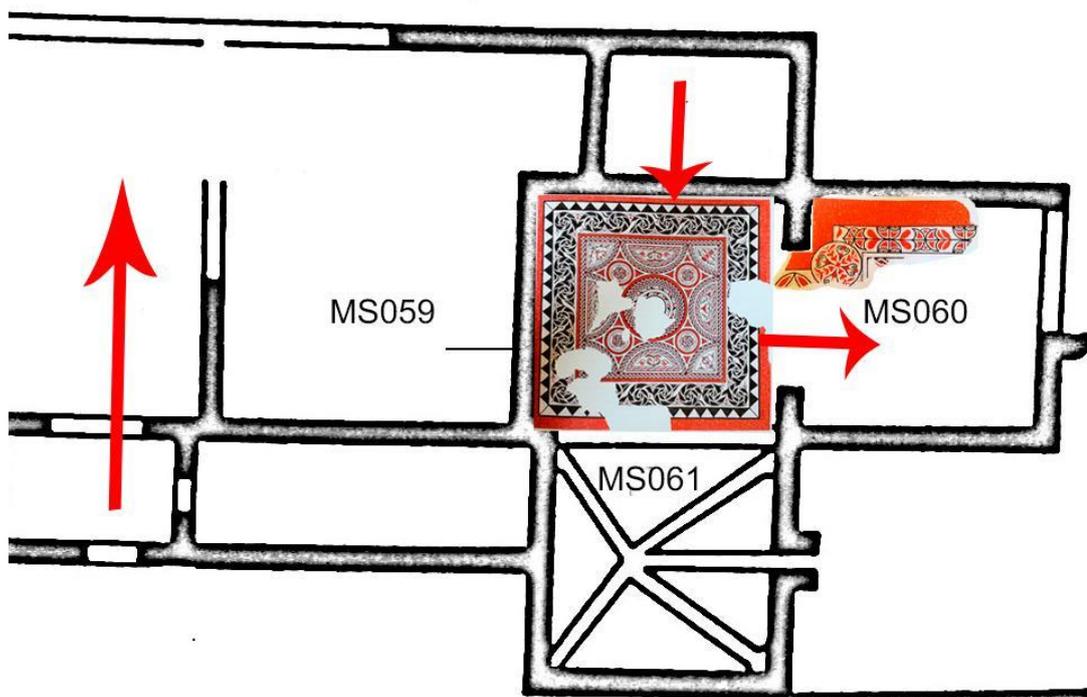


Figura 24: Circulação em Fifehead Nevile

Em Badminton<sup>97</sup>, o arranjo do mosaico no *triclinium* bipartido sugere um uso inverso: enquanto o primeiro e segundo aposentos em Fifehead Neville são pensados como espaços de banquete, a disposição dos nichos do primeiro aposento em Badminton não possui nenhuma marcação específica que indique reserva de espaço coerente para elementos semi-fixos como *kliné*, *stibadium* ou outros aparatos de comensalidade. A arte abstrata predominante no MS001 realça o medalhão central como ponto focal do primeiro aposento, que funciona muito bem como púlpito para audiências dentro das visitas dos *salutatores*. Todos os elementos que tornam este mosaico parte de um *triclinium* estão concentrados na segunda parte do aposento, onde se encontra a abside decorada em formato de concha semicircular, pensado como espaço reservado para um *stibatium*, bem como o medalhão central, propício para elementos semi-

<sup>97</sup> Vol 2, p.6

fixos e móveis relacionados ao banquete. A configuração total sugere que o segundo aposento era utilizado em ocasiões privadas ou na recepção, fora do ritual de *salutatio*, de patronos e clientes especiais, enquanto a maior parte das atividades cívico-políticas da *domus* seriam tratadas na primeira parte do aposento.

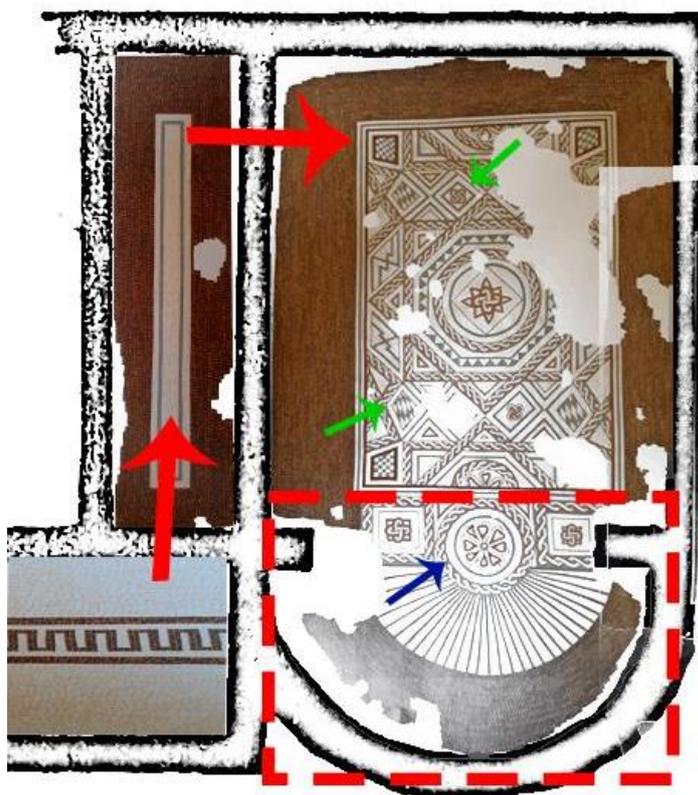


Figura 25: Circulação em Badminton (em setas vermelhas), com destaque a área da abside reservada ao *stibadium* (pontilhado). Em verde, espaços reservados para elementos móveis e semifixos. Medalhão reservado aos móveis de comensalidade em azul.

A *villa* de Dewlish<sup>98</sup> no quarto século possui três aposentos com características próprias para a recepção de banquetes, sendo dois deles decorados com mosaicos. A cronologia e disposição dos aposentos sugere que o assentamento se enquadra nos casos de ocupação multifamiliar, onde o único

<sup>98</sup> Vol 2, p. 88

apartamento com abside (onde se encontra o mosaico MS050<sup>99</sup>) demarcaria a separação das duas alas residenciais. Putnam sugere que este apartamento seria o *triclinium* de verão, enquanto o apartamento onde se encontra o MS045<sup>100</sup> seria utilizado, por seu posicionamento e presença de hipocausto, como *triclinium* de inverno.

Esta avaliação, entretanto, vai de encontro com uma análise mais detalhada dos elementos sobreviventes dos mosaicos. Os vestígios de ambos os mosaicos indicam que a maior parte de sua composição central era feita em nichos, como o caso da pantera preservada no MS050. Este tipo de arranjo tem como objetivo dar ênfase as figuras representadas, e os elementos semi-fixos e móveis próprios do banquete são dispostos nas laterais ou nos espaços absidais ou trapezoidais. O *triclinium* “de inverno” onde se encontra o MS045, tem em suas laterais e “abside” trapezoidal motivos geométricos que condizem com tais usos. O mesmo não ocorre no outro apartamento: o único espaço próprio para alocação de assentos (no caso, *stibadium*) é a abside (WITTS, 2000).

O fato de todo o investimento mosaicista da propriedade ser datado do mesmo período (pós-353), a posição de destaque do MS050 em relação à entrada na *villa* e sua singularidade de formato de abside (em contraste com os apartamentos “trapezoidais”) nos permite afirmar que, ao invés de uma hierarquização baseada nas estações do ano, os apartamentos foram projetados com usos bem diferentes, onde o *triclinium* central segue a lógica de multifuncionalidade dos casos anteriores, com maior ênfase na recepção de clientes fora da lógica do banquete, onde os convidados seriam acomodados em

---

<sup>99</sup> Vol 2, p.99

<sup>100</sup> Vol 2, p.93

pé. Esta separação possibilita a ocorrência na propriedade tanto do ritual de *salutatio* em área mais pública da propriedade, e reserva o outro aposento para parentes, clientes e patronos em situações mais intimistas, como festas e banquetes (WITTS, 2000, p. 299–301).

#### 4.4 Aposentos exóticos

As plantas-baixas e os mosaicos nem sempre explicitam a primeira vista a relação hierárquica dos espaços de *salutatio*. No capítulo anterior discutimos um tipo específico de construção em “torre” denominado Exeter-Severn (WALTERS, 1996), cuidadosamente projetados como destaques arquitetônicos na paisagem externa e igualmente decorados com mosaicos de alto valor e complexidade. Em Great Witcombe<sup>101</sup>, Gloucestershire, o estilo é utilizado tanto nas *thermae* quanto na reforma do antigo *triclinium*, anteriormente dotado de abside. As reformas feitas no fim do séc. III/ início do séc. IV (Período II) são identificadas pela construção do MS025<sup>102</sup>, hoje perdido. Não há identificação de um possível *cubiculum*, mas não é impossível que existisse um espaço mais reservado no segundo andar. A sequência de construção de Great Witcombe, onde o principal aposento de recepção pública é transformado no estilo Exeter-Severn, reafirma a importância deste tipo de aposento como ponto focal da vida pública da *villa*. Este dado é importante quando olhamos para exemplos onde o investimento em decoração é mais significativo não no *triclinium*, mas em outros aposentos.

---

<sup>101</sup> Vol 2, p.41

<sup>102</sup> Vol 2, p.49

Em Keynsham<sup>103</sup>, há uma diferença significativa em número e complexidade dos mosaicos do *triclinium* (MS101<sup>104</sup>) e as duas torres da propriedade. Witts (2000) aponta que o espaço dos nichos é incompatível com mobiliário de um *triclinium*, identificando o aposento onde está o MS109<sup>105</sup> como uma possível biblioteca. No caso da outra torre, onde outros quatro aposentos com mosaico são conectados através do salão central onde fica o MS104<sup>106</sup>, há uma preocupação em criar pequenos espaço privados, com ênfase na angulação sentido MS104-MS102-MS103, que corta a linha de visão de quem está na parte externa. Este caminho dá acesso a um cômodo com abside, mas que não é acompanhado pelo desenho do mosaico ou a inferência de reserva de espaços deste tipo para elementos semi-fixos e móveis desta magnitude, o que denota que a ideia original arquitetônica não previa o uso de *stibada* e práticas comensais, como em um *triclinium* de inverno. A ênfase nas soluções espaciais no térreo do complexo descarta um uso específico de um segundo pavimento; muito provavelmente, o pé-direito da construção tem como objetivo, semelhante a *villa* de Box, em aumentar o fluxo de ar e luz por claraboias. Podemos considerar o exemplo de Keynsham como um caso em que foi construído um aposento específico para a recepção e vida política, como um *cubiculum* representado no MS103.

Em Lufton<sup>107</sup>, Somerset, as *thermae* da propriedade seguem o mesmo padrão, concentrando a maior parte dos mosaicos, bem como os de iconografia mais complexa, em um prédio no estilo Exeter-Somerset. Diferente dos casos de

---

<sup>103</sup> Vol 2, p.193

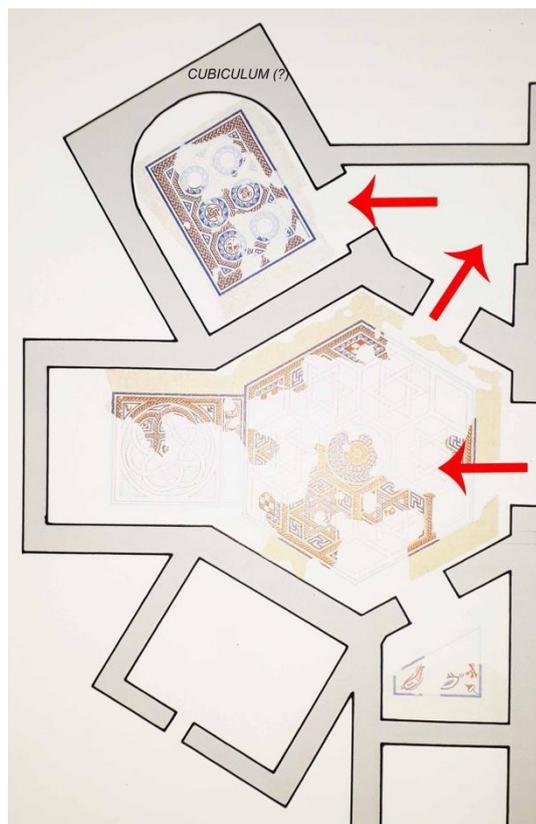
<sup>104</sup> Vol 2, p.197

<sup>105</sup> Vol 2, p.210

<sup>106</sup> Vol 2, p. 201

<sup>107</sup> Vol 2, p.237

Littlecote e Halstock discutidos no capítulo 3, onde a conexão entre o ambiente de recepção<sup>108</sup> e o complexo de banhos dentro de um circuito doméstico em dois ambientes, aqui as *thermae* não tem uma conexão direta. A cuidadosa decoração ao redor da *piscina* octogonal, decorada com animais marinhos<sup>109</sup> cria um efeito de movimentação, que em conjunto ao espaço de circulação que leva ao quadrante do MS131<sup>110</sup>.



**Figura 26: Circulação em Keynsham, saindo do salão central em direção ao possível *cubiculum*. Destaque para a angulação que cria um “ponto cego” intencional entre o salão central e a área do mosaico no interior.**

Quando discutimos o MS129<sup>111</sup>, que dá entrada à torre, ressaltamos como sua iconografia muito provavelmente não corresponderia a decoração de um

<sup>108</sup> Que no caso de Littlecote, não se caracteriza como *triclinium*.

<sup>109</sup> MS130, Vol 2, p.253

<sup>110</sup> Vol 2, p.256

<sup>111</sup> Vol 2, p.250

espaço de atividades físicas (*palaestra*); suas semelhanças com outros exemplos de mosaicos da região onde Dionísio é representado cercado pelos Ventos/Estações sugere que estivesse dentro do circuito das elites cristãs da parte mais ao sul da região de nosso recorte. Todos estes elementos combinados apontam como possibilidade o uso religioso deste prédio, muito provavelmente como batistério ou uso ritualizado semelhante envolvendo a água. Não seria o único exemplo na *Britannia*: Em Chedworth, há indício de um ninfeu externo ao prédio principal que, durante o séc. IV recebe inscrições de três cristogramas de forma a caracterizá-lo dentro de um contexto cristianizado (CLEARY, 2013, p. 98–99).

Assim como em Lufton, o conjunto iconográfico de Chedworth transita entre a cultura politeísta e cristã, sem oferecer distinções claras se isso é resultado de diversos *domini* sucessivos que ocuparam a propriedade ou, o que nos parece mais plausível, é resultado de expressões novas e locais onde as fronteiras entre os dois universos simbólicos é muito mais permeável do que fazem parecer os relatos textuais, em especial de membros do clero continental.

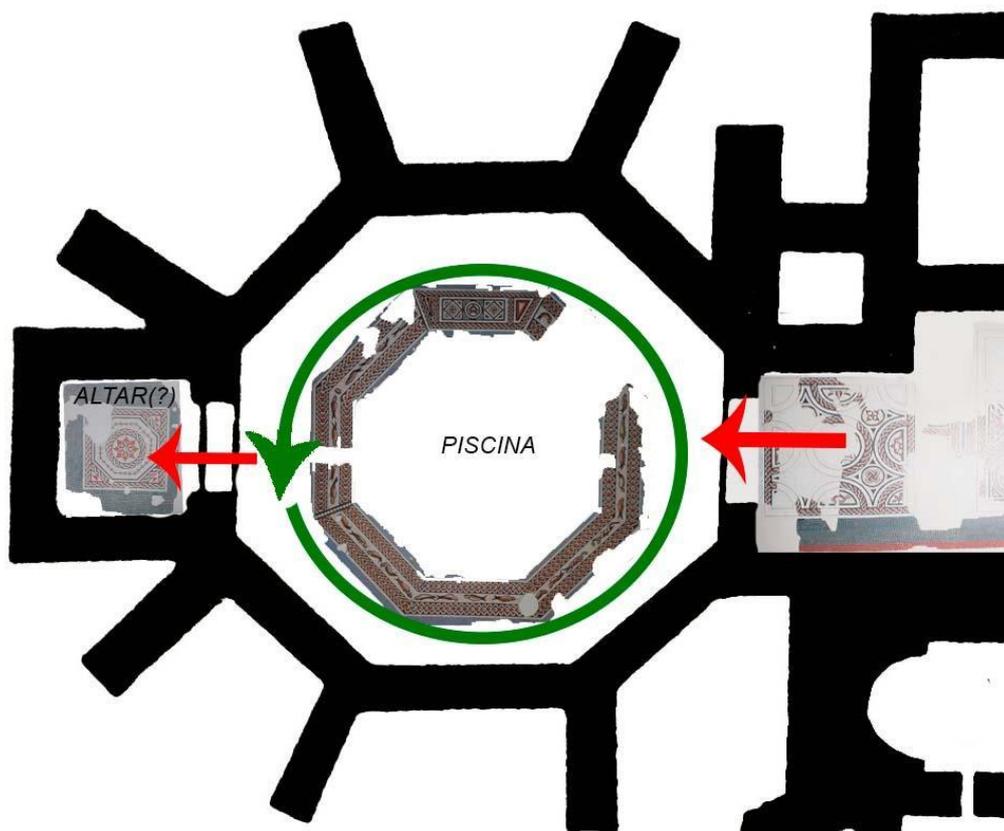


Figura 27: Circulação nas *thermae* de Lufton, destacando a direção de acesso ao possível altar (em vermelho), e demarcando a área de circulação ao redor da *piscina* octogonal (em verde)

## Considerações finais

Procuramos, ao longo desta tese, demonstrar como a expansão de investimento das *villae* do sudoeste da *Britannia* no séc. IV evidencia, em sua arquitetura e decoração, o momento político das reformas pós-constantinianas. A desigual alocação de investimentos no aspecto público e político das propriedades rurais em detrimento dos ambientes urbanos faz parte de um contexto em que as novas oportunidades de ascensão aos cargos senatoriais retomam as *villae* como instrumentos legitimadores de virtudes aristocráticas e de romanidade.

A organização das *villae* através da base de dados, base do catálogo do Vol. 2, nos permitiu a observação gráfica e análise dos dados cronológicos e de concentração de temas, fundamentais para nossa abordagem biográfica da cultura material. Através destes dados, pudemos organizar as planilhas comparativas de reformas das *thermae* e traçar sua transformação, bem como reunir e mapear os padrões de distribuição dos temas dos mosaicos.

Comparados aos dados arquitetônicos, sob uma perspectiva de adequação ao conceito de *decorum* em Vitrúvio, analisamos os usos pretendidos dos aposentos, ao mesmo tempo que reconhecemos como limitante a demarcação de um uso fixo ou idealizado, sem levar em consideração os elementos materiais. O estudo dos aspectos geométricos dos mosaicos, em especial a reserva de espaços para elementos semi-fixos e móveis nos aposentos bipartidos ao estilo Dorset-Wiltshire, revela que sua identificação automática como *triclinia* é problemática, pois muitas vezes seu espaço interno não corresponde ao necessário para o mobiliário “correto”, seja a *kliné* ou, no caso

de absides, o *stibadium*. Este fato não descaracteriza o uso público destes aposentos, mas expande as possibilidades de interação entre as elites e seus clientes, onde a arquitetura basilical é utilizada não como parte da comensalidade, mas como instrumento de hierarquização do espaço no ritual da *salutatio*. Esta análise também nos ajudou a dar um sentido mais específico para as torres ao estilo Exeter-Severn, indo além de seu impacto na paisagem construída do ponto de vista dos visitantes que chegam à propriedade, e nos permitindo identificar usos diferenciados dessas estruturas, como o salão de recepção octogonal e a provável biblioteca na *villa* de Keynsham, expandindo a relação abside-espaço público para além de uma conexão direta a política em contexto de banquete.

No que diz respeito aos mosaicos, a sistematização dos dados em mapas temáticos revela padrões de patronagem ancorados nos perfis das elites locais. A recorrência iconográfica de temas da Eneida e das *Metamorphoses* demonstra a conexão entre as *villae* romano-bretãs com as práticas de educação e preparação das elites necessárias para inserir-se no circuito administrativo imperial. A estrutura das narrativas dos mosaicos de origem literária e sua proximidade a lógica dos centões demonstra a preocupação de comunicar a audiência que os *domini* navegam com maestria a lógica da língua latina, sua métrica e tradição, muito provavelmente sob a supervisão de um *grammaticus*. As inscrições ao lado das figuras de Netuno e Cupido em Frampton seriam a expressão máxima desta tradição poética que compõe, sob a mesma lógica dos centões, narrativas visuais e literárias. A materialidade aqui é fundamental na construção de um discurso aristocrático de pertencimento, eficiência e

romanidade aos frequentadores da propriedade, que seria benéfica na escalada dentro do universo burocrático imperial.

Na região próxima a *Durnovaria*, identificamos a relação entre as representações dos Ventos/Estações com a iconografia dionisíaca, e discutimos a relação entre as representações de jovens divindades e o cristianismo antigo, e como essa região de alta concentração de atividade cristã muito provavelmente utilizou-se das representações dionisíacas como forma de expressar uma identidade local com a cristandade, mas que difere da organização mais rígida de suas contrapartes continentais.

A presença de cristogramas em Frampton e Hinton St. Mary corroboram esta identificação com a simbologia cristã. Argumentamos que o cristianismo presente nos mosaicos muito provavelmente tem ramificações maiores do que a identidade religiosa. Sua presença na iconografia das *villae* representa também uma tentativa de se inserir na narrativa maior da nova religião oficial do Império, em especial através da figura de Constantino I, que tem grande poder simbólico entre as elites provinciais. As representações de Belerofonte vão na mesma direção, sendo cooptadas como forma de demonstrar filiação a figura de Constantino, seja pelas elites locais, seja por iniciativas de aquisição de *status* imperial como a campanha militar e política de Magno Máximo.

Um processo semelhante de representações de origem clássica ligadas ao imaginário cristão é explorado no contexto dos mosaicos de Orfeu na região de *Corinium*. O cristianismo como veículo de propaganda e legitimação política das elites ao poder imperial sob a memória de Constantino I aparece com tema transversal no imaginário discursivo das *villae*. A suntuosidade dos investimentos na construção dessa imagética em *villae*-chave como Great

Witcombe, dentro da cronologia estabelecida, sugere um esforço “propagandista”, que se alinha ao período das campanhas de Magno Máximo no Ocidente, e um apoio à sua reivindicação ao posto de Augusto expressa na decoração dos espaços públicos das *villae*.

Os investimentos em arquitetura e decoração, quando analisados sob a perspectiva da circulação de pessoas nessa paisagem construída dentro das *villae*, revelam-se como um espaço de comunicação de valores e mensagens para diversos públicos, e não apenas dentro de um sistema de competição e demonstração de virtudes entre as elites locais. Ao considerarmos estes espaços públicos sob a ótica dos rituais de *salutatio*, temos um público maior de pessoas, das mais diversas ordens sociais, circulando com frequência nesses espaços e vivenciando, de acordo com os próprios referenciais socioculturais, níveis diferentes dos discursos dessa paisagem.

O esforço de monumentalização rural do sudoeste da *Britannia*, assim, é o resultado do alinhamento de diversos interesses e condições. De um ponto de vista econômico, é realizado em um momento de prosperidade das elites provinciais, que prosperaram desde o séc. III como fornecedoras de grãos, cerâmica e minérios para o Continente, e que utilizam os lucros desse momento para investir em capital político, no séc. III através de sedição junto às experiências do Império da Gália e do Império da Bretanha e, no séc. IV, apoiando diretamente pretendentes a césares e augustos, sejam estabelecidos na historiografia como “legítimos” como no caso de Constantino I, sejam os chamados “usurpadores” como Magnêncio e Magno Máximo.

O financiamento da produção mosaicista se coloca dentro desse jogo político, servindo tanto de “plataforma propagandista” dos valores de seus

“favoritos”, quando demonstração de que são participantes dos circuitos de cultura e poder correntes no Império do séc. IV, aumentando sua capilaridade política. Este esforço em aquisição de capital político não visa apenas garantir cargos e benesses, mas também responde a uma preocupação mais geral: a defesa da província e de suas riquezas frente ao clima de instabilidade militar, não apenas nas fronteiras continentais, mas bem próximas e reais representadas pelas incursões ao norte e ao oeste, e que tem seu ápice no período romano na Grande Conspiração de 367. O investimento político da *Britannia* não é motivado apenas por prestígio, mas pela sobrevivência de um estilo de vida e momento de prosperidade e paz. Os esforços propagandistas de Magnêncio e Magno Máximo enfatizam a “retomada da paz, dos modos de vida romanos” de forma quase messiânica, inspirada na memória dos feitos de Constantino I.

Politicamente, o sudoeste da *Britannia* no séc. IV opera em camadas locais e globais de articulação política em defesa de seus interesses, sejam eles de pequenos grupos políticos ou como uma frente maior no que diz respeito a sua segurança militar. Distinções entre uma “identidade nativa” ou “colonizada” não fazem sentido nesse contexto: as especificidades locais são vistas como legitimamente romanas, e a materialidade das “máquinas de competição” que são as *villae* apresentam discursos que não procuram “tornar romanas” as elites, e sim alicerçar suas disputas políticas da mesma forma que outros grupos estão, ao mesmo tempo, fazendo em outras províncias.

A diminuição desses investimentos e o subsequente fim da manutenção do estilo de vida rural na *Britannia* acontece de forma mais ou menos sincronizada com as das demais províncias imperiais, justamente quando tem-se mudanças

estruturais em que essa dinâmica político-administrativa não mais se sustentava, isto é, ante as mudanças, perde força, resultado das mudanças na hierarquia de poder do Ocidente e a ascensão das instituições germânicas e da Igreja como novos centros de poder político em detrimento das antigas redes senatoriais e da figura do Imperador. É justamente nessa transição do séc. IV-V que nosso recorte de pesquisa se detém, reconhecendo os potenciais de expansão das discussões sobre a importância das *villae* no novo momento político não mais como “máquinas de competição”, mas monumentos de memória e paisagens ressignificadas no contexto da Antiguidade Tardia.

## Bibliografia

### Fontes textuais

- AMIANO MARCELINO. **History, Volume I: Books 14-19**. Translated by J. C. Rolfe. Loeb Classical Library 300. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1950.
- AUSÔNIO. **Volume I: Books 1-17**. Tradução by Hugh G. Evelyn-White. Loeb Classical Library 96. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919.
- CATÃO; VARRÃO. **On Agriculture**. Tradução: W. D. Hooper; Tradução: Harrison Boyd Ash. Edição: Revised ed. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1934.
- CICERO, M. T. **De officiis**. Tradução Walter Miller. Cambridge (Mass.); London: Harvard University Press ; W. Heinemann, 1913. v. XXI
- COLUMELLA. **On Agriculture, Volume I: Books 1-4**. Tradução Harrison Boyd Ash. Cambridge (Mass.); London: Oxford University Press, 1941.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. **In praise of Constantine. With a historical study and new translation** by H. A. Drake. Berkeley: University of California Press, 1976.
- HESÍODO. **Theogony. Works and Days. Testimonia**. Edição e tradução por Glenn W. Most. Loeb Classical Library 57. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2018.
- LIBÂNIO. **Selected Orations, Volume I: Julianic Orations**. Edited and translated by A. F. Norman. Loeb Classical Library 451. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1969.
- OVÍDIO. **Metamorfoses**. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. Apresentação de João Angelo Oliva Neto; São Paulo: Editora 34, 2017
- THEODOSIAN CODE. Translation with commentary, glossary and bibliography by Clyde Pharr. London: Princeton University Press, 1952.
- VIRGÍLIO. **Eclogues. Georgics. Aeneid: Books 1-6**. Tradução H. Rushton Fairclough. Revisão por by G. P. Goold. Loeb Classical Library 63. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1916.
- VITRÚVIO. **“Ten Books on Architecture”**. New York: Cambridge University Press, 2001.

## Leituras complementares

- ALCOCK, J. P. **Life in Roman Britain**. Tempus, 2006.
- ALISSON. Roman households: an archaeological perspective. Em: PARKINS, H. (Ed.). **Roman Urbanism: Beyond The Consumer City**. Taylor & Francis, 1997.
- ALLEN, M., BRINDLE, T., SMITH, A., RICHARDS, J. D., EVANS, T., HOLBROOK, N., FULFORD, M., & BLICK, N. **The Rural Settlement of Roman Britain: an online resource**. Archaeology Data Service, 2015
- AMEISENOWA, Z. Animal-Headed Gods, Evangelists, Saints and Righteous Men. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, v. 12, n. 1, p. 21–45, jan. 1949.
- ARAUJO, M. B. O. O deus de Dwarf's Hill: novas visões sobre o universo simbólico ao redor do culto de Nodens na Bretanha Romana. **Revista Plêthos**, v. 4, n. 1, p. 22–37, 2014.
- BADIAN, E. **salutatio**. (S. Hornblower, A. Spawforth, E. Eidinow, Eds.)**The Oxford Classical Dictionary**OxfordOxford University Press, , 2012.
- BAHN, P. **Archaeology: A Very Short Introduction**. Edição: Second ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- BALMELLE, C. **Le Décor géométrique de la mosaïque romaine**. Picard, 1985.
- BALMELLE, C. **Les demeures aristocratiques d'Aquitaine: société et culture de l'Antiquité tardive dans le Sud-Ouest de la Gaule**. Ausonius, 2001. v. 5
- BARNES, T. D. **Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality**. Cornell University Press, 1998.
- BARRET, A. A. Knowledge of the Literary Classics in Roman Britain. **Britannia**, v. 9, p. 307–313, 1978.
- BAYET, J. **Littérature latine: Histoire**. Paris: Armand Colin, 1953.
- BEARD, M. **SPQR - Uma História da Roma Antiga**. Crítica, 2017.
- BIRK, S.; POULSEN, B. (EDS.). **Patrons and Viewers in Late Antiquity**. Aarhus University Press, 2012.
- BIRLEY, A. R. **Septimius Severus: The African Emperor**. 2 edition ed. London ; New York: Routledge, 1999.
- BIRLEY, A. R. **The Roman Government of Britain**. Oxford ; New York: OUP Oxford, 2005.

- BLACK, E. W. Christian and Pagan hopes of salvation in Romano-British Mosaics. Em: HENIG, M.; KING, A. (Eds.). **Pagan Gods and Shrines of the Roman Empire**. Oxford University Committee for Archaeology, 1986. p. 147–158.
- BLACK, E. W. **The Roman villas of south-east England**. Oxford, England: B.A.R, 1987.
- BOURDIEU, P. A casa kabyle ou o mundo às avessas. **Cadernos de Campo**, v. 8, n. 8, p. 147–159, 1999.
- BOWES, K. **Houses and Society in the Later Roman Empire**. London: Bristol Classical Press, 2010.
- BROWN, A. G. et al. Roman vineyards in Britain: stratigraphic and palynological data from Wollaston in the Nene Valley, England. **Antiquity**, v. 75, n. 290, p. 745–757, dez. 2001.
- BROWN, P. **O fim do mundo classico: de Marco Aurèlio a Maomé**. Verbo, 1972.
- BUSTAMANTE, R. M. da C. *Embates político-religiosos na Antiguidade Tardia: análise comparativa entre o discurso imagético provincial e o discurso jurídico imperial*. In SILVA, G. V. da; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. org., **As identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião**, Vitória, EDUFES, 1, 2006, p. 321-351.
- CARLSEN, J.; ØRSTED, P.; SKYDSGAARD, J. E. **Landuse in the Roman Empire**. L'ERMA di BRETSCHNEIDER, 1994.
- CASEY, P. J. **Carausius and Allectus: The British Usurpers**. Taylor & Francis, 1994.
- CHANDLER, D. **Semiotics: The Basics**. Edição: 2 ed. London ; New York: Routledge, 2007.
- CHARLET, J.-L. AESTHETIC TRENDS IN LATE LATIN POETRY (325-410). **Philologus**, v. 132, n. 1–2, p. 74–85, 1 fev. 1988.
- CHAVARRÍA, A. **El final de las " villae" en " Hispania"(siglos IV-VIII)**. Brepols Pub, 2007. v. 7
- CLARKE, G.; RIGBY, V.; SHEPHERD, J. D. The Roman Villa at Woodchester. **Britannia**, v. 13, p. 197–228, 1982.
- CLARKE, J. R. **The Houses of Roman Italy, 100 B.C.-A.D. 250: Ritual, Space, and Decoration**. University of California Press, 1991.
- CLEARY, S. E. **Chedworth: Life in a Roman Villa**. History Press Limited, 2013.
- COLLINGWOOD, R. G.; MYERS, J. N. L. **Roman Britain and the English Settlements**. Biblo and Tannen, 1937.

- COLLIS, J. **The Celts: Origins, Myths & Inventions: Origins, Myths and Inventions**. First Edition edition ed. Stroud, Gloucestershire: The History Press, 2003.
- CORNEY, M. **The Roman Villa at Box: The Story of the Extensive Romano-British Structures Buried Below the Village of Box**. 1 edition ed. Hobnob Press, 2012.
- COSH, S. R. Seasonal Dining-Rooms in Romano-British Houses. **Britannia**, v. 32, p. 219–242, 2001.
- CUNLIFFE, B. W. **Fishbourne Roman Palace**. Tempus, 1998.
- DRINKWATER, J. F. **The Gallic Empire**. Steiner Franz Verlag, 1987.
- DRINKWATER, J. F. The revolt and ethnic origin of the usurper Magnentius (350–353), and the rebellion of Vetrico (350). **Chiron**, n. 30, 2000.
- DUNBABIN, K. M. D. **Mosaics of the Greek and Roman World**. Cambridge University Press, 1999.
- EGLEHEART, G. H. The Roman villa at Hemsforth,. **Proceedings of the Dorset Natural History and Archaeological Society**, v. 30, 1909.
- ELLIS, S. P. The End of the Roman House. **American Journal of Archaeology**, v. 92, n. 4, p. 565–576, 1988.
- ELLIS, S. P. Power, architecture and decor: how the late Roman aristocrat appeared to his guests. **Roman Art in the Private Sphere**, p. 117–134, 1991.
- ELLIS, S. P. Classical Reception Rooms in Romano-British Houses. **Britannia**, v. 26, p. 163–178, 1995.
- ELLIS, S. P. Late Antique houses in Asia Minor. Em: ISAGER, S.; POULSEN, B. (Eds.). **Patron and Pavements in Late Antiquity**. Odense University Press, 1997.
- ENGLEHEART, G. H. Roman Vila at Fifehead Neville. **Proceedings of the Dorset Natural History and Archaeological Society**, n. 24, p. 172–177, 1903.
- FIELDING, I. **Transformations of Ovid in Late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- FIGUINHA, M. Monasticismo, arte e riqueza na Gália tardo-antiga. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 20, n. 40, p. 64–83, abr. 2019.
- FOUCAULT, M. **Microfísica Do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- FREND, W. H. C. Pagans, Christians, and ‘the Barbarian Conspiracy’ of A.D. 367 in Roman Britain\*. **Britannia**, v. 23, p. 121–131, nov. 1992.

- FRERE, S. **Britannia: A History of Roman Britain**. New ed of 3 Revised ed edition ed. London: Pimlico, 1991.
- FRIGHETTO, R. Estruturas Sociais na Antiguidade Tardia Ocidental (séculos IV/VIII). Em: SILVA, G. V. DA; MENDES, N. M. (Eds.). **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Mauad Editora Ltda, 2006.
- FULFORD, M. Economic Structures. Em: **A Companion to Roman Britain**. John Wiley & Sons, Ltd, 2007. p. 309–326.
- GOLDBECK, F. **Salutationes: die Morgenbegrüßungen in Rom in der Republik und der frühen Kaiserzeit**. Akademie Verlag, 2010.
- GOSDEN, C.; MARSHALL, Y. The cultural biography of objects. **World Archaeology**, v. 31, n. 2, p. 169–178, 1999.
- HARDIE, P. **Classicism and Christianity in Late Antique Latin Poetry**. Univ of California Press, 2019.
- HAYWARD, L. C. Roman villa at Lufton near Yeovil. **Somerset Archaeology and Natural History**, v. 97, p. 91–112, 1952.
- HAYWARD, L. C. Roman villa at Lufton. **Somerset Archaeology and Natural History**, v. 116, p. 59–77, 72 1971.
- HAYWARD, L. C. **Ilchester Mead Roman villa**. Guernsey: Toucan Press, 1982.
- HEATHER, P. Senators and senates. Em: CAMERON, A.; GARNSEY, P. (Eds.). **The Cambridge Ancient History: Volume 13: The Late Empire, AD 337–425**. The Cambridge Ancient History. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. v. 13p. 184–210.
- HENIG, M. **The Art of Roman Britain**. Batsford, 1995.
- HENIG, M. Religious Diversity in Constantine's Empire. Em: HENIG, M. et al. (Eds.). **Constantine the great. York's Roman emperor**. [s.l: s.n.]. p. 85–95.
- HINGLEY, R. **O Imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha**. Annablume, 2010.
- HUSKINSON, J. Some Pagan Mythological Figures and Their Significance in Early Christian Art. **Papers of the British School at Rome**, v. 42, p. 68–97, nov. 1974.
- INGOLD, T. The temporality of the landscape. **World Archaeology**, v. 25, n. 2, p. 152–174, out. 1993.
- JIMÉNEZ, A. Pure hybridism: Late Iron Age sculpture in southern Iberia. **World Archaeology**, v. 43, n. 1, p. 102–123, 1 mar. 2011.

- JOHNSON, P. **Romano-British mosaics**. Shire Publications, 1982.
- JOHNSTON, D. E. The Central Southern Group of Romano-British Mosaics. Em: MUNBY, J.; HENIG, M. (Eds.). **Roman life and art in Britain: A celebration in honour of the eightieth birthday of Jocelyn Toynbee**. Oxford: British Archaeological Reports, 1977.
- JONES, M. W. Greek and Roman Architectural Theory. Em: MARCONI, C. (Ed.). **Greek and Roman Architectural Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- JOURDAN, F. The Orphic Singer in Clement of Alexandria and in the Roman catacombs: comparison between the literary and the iconographic early Christian representation of Orpheus. **Studia Patristica**, v. LXXIII, p. 113–127, 2014.
- KOPYTOFF, I. Biografia cultural das coisas: A mercantilização como processo. Em: APPADURAI, A. (Ed.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008.
- LAURENCE, R.; WALLACE-HADRILL, A. (EDS.). **Domestic space in the Roman world: Pompeii and beyond**. JRA, 1997.
- LAYCOCK, S. **Britannia - The Failed State: Tribal Conflict and the End of Roman Britain**. Stroud: The History Press, 2008.
- LING, R. Brading, Brantingham and York: a New Look at Some Fourth-Century Mosaics\*. **Britannia**, v. 22, p. 147–157, nov. 1991.
- LING, R. Mosaics in Roman Britain: Discoveries and Research since 1945. **Britannia**, v. 28, p. 259–295, 1997.
- LING, R. **Ancient mosaics**. British Museum Press, 1998.
- LING, R. Inscriptions on Romano-British Mosaics and Wall-Paintings. **Britannia**, v. 38, p. 63–91, 2007.
- LUCAS, R. N. **the Romano-British villa at Halstock, Dorset: excavations 1967-1985**. Dorset Natural History and Archaeological Society, 1993.
- LYSONS, S. **Reliquae Britannico-Romanae**. London: [s.n.]. v. 1
- MATTINGLY, D. **An Imperial Possession: Britain in the Roman Empire, 54 BC - AD 409**. London: Penguin, 2007.
- MATTINGLY, D. J. Introduction: Dialogues of power and experience in the Roman Empire. Em: MATTINGLY, D. J. (Ed.). **Dialogues in Roman Imperialism: Power, Discourse, and Discrepant Experience in the Roman Empire**. Portsmouth, Rhode Island ed. JRA, 1997. p. 7–24.
- MCGILL, S. **Virgil Recomposed: The Mythological and Secular Centos in Antiquity**. Oxford University Press, USA, 2005.

- MCWHIRR, A. **Roman Gloucestershire**. A. Sutton, 1981.
- MEHLMAN, J. The “Floating Signifier”: From Lévi-Strauss to Lacan. **Yale French Studies**, n. 48, p. 10–37, 1972.
- MILLER, D. **Trecos, troços e coisas: Estudos antropológicos sobre a cultura material**. Zahar, 2010.
- MILLET, M. **The Romanization of Britain: An Essay in Archaeological Interpretation**. Cambridge University Press, 1990.
- MILLET, M.; REVELL, L.; MOORE, A. **The Oxford Handbook of Roman Britain**. Oxford University Press, 2014.
- MULLIGAN, B. Epigrams, Occasional Poetry, and Poetic Games. Em: **A Companion to Late Antique Literature**. John Wiley & Sons, Ltd, 2018. p. 241–258.
- NEAL, D. S. Upper storeys in Romano-British villas. Em: JOHNSON, P.; HAYNES, I. (Eds.). **Architecture in Roman Britain**. Council for British Archaeology, 1996.
- NEAL, D. S.; COSH, S. R. **Roman Mosaics of Britain: South-East Britain**. Illuminata Publishers for the Society of Antiquaries of London, 2009. v. 2
- NEAL, D. S.; COSH, S. R. **Roman Mosaics of Britain: Western Britain**. Society of Antiquaries of London, 2010. v. 4
- OLIVER, V. F. Roman Vila at Fifehead Neville. **Proceedings of the Dorset Natural History and Archaeological Society**, n. 50, p. 92–96, 1928.
- OSGOOD, R. The First Badminton House: discovery of a Late Roman mosaic in South Gloucestershire. **Transactions of the Bristol and Gloucestershire Archaeological Society**, v. 127, p. 203–2011, 2009.
- PEARCE, S. The Hinton St Mary Mosaic Pavement: Christ or Emperor? **Britannia**, v. 39, p. 193–218, 2008.
- PERCIVAL, J. **The Roman villa: an historical introduction**. Batsford, 1976.
- PERRING, D. **The Roman house in Britain**. London; New York: Routledge, 2002.
- PERRING, D. “Gnosticism” in Fourth-Century Britain: The Frampton Mosaics Reconsidered. **Britannia**, v. 34, p. 97, 2003.
- PERRY, E. **The Aesthetics of Emulation in the Visual Arts of Ancient Rome**. Cambridge University Press, 2005.
- PHILLIPS, B.; WALTERS, B.; THOMPSON, L. **Littlecote Roman Villa: illustrated guide**. Place of publication not identified: Roman Research Marketing Ltd., 1994.

- PIETERSE, J. N. Ancient Rome and globalisation: decentring Rome. Em: PITTS, M.; VERSLUYS, M. J. (Eds.). **Globalisation and the Roman World: World History, Connectivity and Material Culture**. Cambridge University Press, 2014. p. 225–239.
- PITTS, M.; VERSLUYS, M. J. (EDS.). **Globalisation and the Roman World: World History, Connectivity and Material Culture**. Edição: Reprint ed. New York, NY: Cambridge University Press, 2016.
- PLATTS, H. The Development and Role of the Roman Aristocratic Domus. **A Companion to the City of Rome**, p. 299–316, set. 2018.
- PURCELL, N. The Roman villa and the landscape of production. Em: CORNELL, T.; LOMAS, K. (Eds.). **Urban society in Roman Italy**. London: University College London Press, 1995. p. 151–179.
- PUTNAM, B. **Roman Dorset**. Dovecote Press, 2007.
- RAPOPORT, A. **The Meaning of the Built Environment: A Nonverbal Communication Approach**. University of Arizona Press, 1990.
- REVELL, L. **Roman Imperialism and Local Identities**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2010.
- RIVET, A. L. F. **The Roman Villa in Britain**. Praeger, 1969.
- ROGERS, A. **The Archaeology of Roman Britain: Biography and Identity**. Routledge, 2015.
- RUBIN, Z. Pagan propaganda during the usurpation of magnentius (350-353). **Scripta classica israelica**, n. 17, p. 124–141, 1998.
- RUSSEL, J. R. The Keynsham roman villa and its heaxagonal triclinia. **Bristol and Avon Archaeology**, n. 4, p. 6–12, 1985.
- RUSSEL, J. R. Russel, J.R. (1991). The roman villa at Newton St Loe. **Bristol and Avon Archaeology**, v. 9, p. 2–23, 1991.
- SALWAY, P. **Roman Britain**. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- SCOTT, S. **Art and Society in Fourth-century Britain: Villa Mosaics in Context**. Oxford University School of Archaeology, 2000.
- SCOTT, S. Samuel Lysons and His Circle: Art, Science and the Remains of Roman Britain. **Bulletin of the History of Archaeology**, v. 23, n. 2, p. Art. 3, 16 set. 2013.
- SESSA, K. The Household. Em: **Daily Life in Late Antiquity**. Cambridge University Press, 2018. p. 84–124.
- SFAMENI, C. **Ville residenziali nell'Italia tardoantica**. Edipuglia srl, 2006.

- SILVA, G. V. DA; MARVILLA, M. 'De laudibus Constantini', o discurso de Eusébio de Cesaréia sobre a realeza. **Dimensões**, n. 18, 20 dez. 2006.
- SMITH, D. J. Three fourth-century schools of mosaic in Roman Britain. Em: **La mosaïque gréco-romaine I**. STERN, H., 1965. v. 1.
- SMITH, J. D. The Mosaic Pavements. Em: RIVET, A. L. F. (Ed.). **The Roman Villa in Britain**. Praeger, 1969.
- SMITH, J. T. **Roman Villas: A Study in Social Structure**. London ; New York: Routledge, 1998.
- SPAREY-GREEN, CHRISTOPHER. **Where are the Christians? : late Roman cemeteries in Britain**. [Woodbridge: York Medieval Press : Boydell and Brewer, 2003.
- THÉBERT, Y. Private life and domestic architecture in Roman Africa. Em: VEYNE, P. (Ed.). **A history of private life: from pagan Rome to Byzantium**. Londres: Harvard University Press, 1987. p. 313–409.
- THOMPSON, S.; CHELU, R. A. A Roman Villa Complex at Withington, Gloucestershire. **Transactions of the Bristol and Gloucestershire Archaeological Society**, v. 127, p. 195–202, 2009.
- TIMBY, J. **Excavations at Kingscote and Wycomb, Gloucestershire**. Cotswold Archaeological Trust, 1998.
- TOYNBEE, J. M. C. **Art in Britain under the Romans**. Clarendon Press, 1964.
- TRINGHAM, R. Engendered places in prehistory. **Gender, Place & Culture**, v. 1, n. 2, p. 169–203, 1994.
- TRINGHAM, R. Archaeological houses, households, housework and the home. Em: BENJAMIN, D.; STEA, D. (Eds.). **In The Home: Words, Interpretations, Meanings, and Environments**. Aldershot: Avebury Press, 1995.
- TROMBETTA, S. **O cotidiano e sua representação nos mosaicos das províncias romanas da Gália, norte da África e Palestina**. São Paulo, Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2004
- WALTERS, B. **Archaeological Excavations in Littlecote Park, Wiltshire**. Littlecote Roman Research Trust, 1984.
- WALTERS, B. Exotic structures in 4th century Britain. Em: JOHNSON, P.; HAYNES, I. (Eds.). **Architecture in Roman Britain**. Council for British Archaeology, 1996.
- WATTS, D. **Christians and pagans in Roman Britain**. London; New York: Routledge, 1991.

- WITTS, P. Mosaics and Room Function: The Evidence from Some Fourth-Century Romano-British Villas. **Britannia**, v. 31, 2000.
- WITTS, P. **Mosaics in Roman Britain: Stories in Stone**. Tempus, 2005.
- WOOLF, P. G. **Becoming Roman: The Origins of Provincial Civilization in Gaul**. 59394th edition ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- YEATES, S. J. **A Dreaming for the Witches: The Recreation of the Dobunni Primal Myth**. Oxbow Books, 2009.
- YEGÜL, F. K. Roman Imperial Baths and Thermae. Em: ULRICH, R. B.; QUENEMOEN, C. K. (Eds.). **A Companion to Roman Architecture**. Chichester: Blackwell Publishing, 2014.
- ZARMAKOUPI, M. Private Villas: Italy and the Provinces. Em: **A Companion to Roman Architecture**. [s.l: s.n.]. p. 363–380.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL  
NEREIDA – NÚCELO DE ESTUDOS E REPRESENTAÇÕES E  
IMAGENS DA ANTIGUIDADE

Monumentalização, Paisagem e Identidade das Elites  
Romano-Bretãs: Um estudo a partir das *villae* do Sudoeste  
da *Britannia* (séc. IV)

Brunno Oliveira Araujo

Tese apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal Fluminense como  
requisito para a obtenção do título de  
Doutor em História Social

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Adriene Baron Tacla

Niterói, 2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A658m Araujo, Bruno Oliveira  
Monumentalização, Paisagem e Identidade das Elites Romano-  
Bretãs: Um estudo a partir das villae do Sudoeste da  
Britannia (séc. IV) : Vol. 2: Catálogo / Bruno Oliveira  
Araujo. - 2022.  
304 f.: il.

Orientador: Adriene Baron Tacla.  
Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto  
de História, Niterói, 2022.

1. Historia Antiga. 2. Mosaicos (Arte). 3. Arquitetura  
romana. 4. Inglaterra. 5. Produção intelectual. I. Tacla,  
Adriene Baron, orientadora. II. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD - XXX

**VOL 2:  
CATÁLOGO**

## SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u> .....	1
<u>BADMINTON</u> .....	6
<u>BOUGHSRING</u> .....	13
<u>CHEDWORTH</u> .....	19
<u>GREAT WITCOMBE</u> .....	41
<u>KINGSCOTE</u> .....	50
<u>WITHINGTON</u> .....	55
<u>WOODCHESTER</u> .....	68
<u>DEWLISH</u> .....	88
<u>FIFEHEAD NEVILE</u> .....	110
<u>FRAMPTON, MAIDEN NEWTON</u> .....	121
<u>HALSTOCK</u> .....	134
<u>HEMSWORTH</u> .....	147
<u>HINTON ST. MARY</u> .....	168
<u>ILCHESTER MEAD</u> .....	175
<u>KEYNSHAM</u> .....	193
<u>MILL HOUSE, LOPEN</u> .....	214
<u>LOW HAM</u> .....	223
<u>LUFTON</u> .....	237
<u>NEWTON ST. LOE</u> .....	259
<u>BOX</u> .....	274
<u>LITTLECOTE PARK</u> .....	296

## 1. Introdução ao catálogo

O catálogo foi elaborado através dos dados reunidos em nosso banco de dados, utilizando como entidades principais as *villae* e os mosaicos estudados. A coleta de dados foi feita utilizando o cruzamento de dados oriundos de diferentes fontes, que podem ser divididas em três categorias: O banco de dados “The Rural Settlements of Roman Britain”, desenvolvido pela equipe da Universidade de Reading; dois dos quatro volumes da série “Roman Mosaics of Britain”, catálogo que reúne informações e imagens de todas as mosaicos urbanos e rurais escavados até meados da primeira década do séc. XXI nas Ilhas Britânicas e, por último, a bibliografia específica de cada sítio, sejam seus relatórios de escavação ou publicações acadêmicas que apresentem dados das fontes primárias, bem como discussões sobre cronologia e classificação dos sítios e mosaicos.

Os dados são apresentados aqui em dois tipos de fichas: uma específica para os sítios, e outra relacionada aos mosaicos. Abaixo, explicaremos a metodologia de organização de cada um dos campos. É importante ressaltar que, devido à natureza de muitos dos registros de mosaicos ser datada originalmente dos séc. XVIII, XIX e início do séc. XX, em um processo que descontextualizou ou destruiu muitos destes sítios, algumas informações não estão disponíveis, e foram deixadas em branco.

### 1.1. VILLAE

1. ID VILLA: Identificação única do assentamento dentro da nossa base de dados
2. NOME DO ASSENTAMENTO: A atribuição contemporânea do sítio, geralmente relacionado a sua localização geográfica
3. REGIÃO: A macrorregião em que o sítio está localizado (Gloucestershire, Dorset, Somerset, Wiltshire)

4. DESCRIÇÃO DO ASSENTAMENTO: Uma breve descrição o histórico do assentamento, baseado nas informações reunidas

5. INÍCIO DAS ESCAVAÇÕES: Época da primeira escavação do sítio

6. INÍCIO DE ASSENTAMENTO: Data provável da primeira ocupação do sítio. Para este campo, é considerada a data das primeiras atividades humanas registradas para o assentamento, seja no período romano ou não. Onde possível, utilizamos o lastro referencial da base “The Rural Settlements of Britain”, que representa as datas anteriores ao séc. I d.C. com números negativos (ex: -50), datação esta extrapolada pelos autores, de forma geral dos dados numismáticos em contexto. Quando uma datação mais precisa não é possível, apresentamos as datas aproximadas mais plausíveis. Por fim, há sítios em que os dados não permitem uma datação até o momento para o prédio. Nestes casos, as datações do sítio são deixadas em branco, sendo utilizadas apenas as datas prováveis de produção dos mosaicos presentes no assentamento.

7. FIM DE ASSENTAMENTO: Data provável do fim da ocupação da *villa*. Seus critérios de datação são os mesmos da seção acima.

8. TAMANHO DA VILLA: Quando em m<sup>2</sup>, representa a área construída da *villa*; quando em hectares, representa a área projetada da propriedade como um todo.

9. REF. BIBLIOGRÁFICA: As obras de referência para os dados inseridos na base de dados.

Sobre as plantas baixas das *villae*, optamos por apresentá-las no primeiro capítulo do Vol. I, durante a descrição dos sítios, para facilitar a visualização do autor neste primeiro contato com as fontes, e evitar redundâncias.

## 1.2. MOSAICOS

1. ID MOSAICO: Identificação única do mosaico em nossa base de dados
2. VILLA: Assentamento ao qual o mosaico pertence.
3. ID APOSENTO: Identificação única do aposento em nossa base de dados.

Este campo nos permite identificar quando dois mosaicos ocupam o mesmo aposento.

4. TIPO DE APOSENTO: Identificação da função *provável* do aposento, baseado em seu projeto arquitetônico e outros dados de escavação<sup>1</sup>

5. TAMANHO DO APOSENTO: As dimensões do aposento onde se encontra o mosaico

10. REGIÃO: A macrorregião em que o sítio está localizado (Gloucestershire, Dorset, Somerset, Wiltshire)

6. DATAÇÃO (D.C): Provável data de confecção do mosaico. Todos os artefatos apresentados neste catálogo são de depois do séc. I d.C., dispensando uma diferenciação a.C/d.C

7. GRUPO MOSAICISTA: Quando possível, a filiação do mosaico com um dos grupos discutidos por Smith (1965; 1969), Johnston (1977) e Johnson (1982).

8. PRESENÇA DE INSCRIÇÕES (S/N): Assinala a existência de inscrições no mosaico analisado. Quando são presentes, são apresentados dentro do campo “DESCRIÇÃO DOS MOSAICOS”.

9. TEMA DO MOSAICO: Temas identificados no mosaico, levando em consideração o conjunto de seus elementos mitológicos, geométricos, animais, florais e de cunho aquático.

---

<sup>1</sup> Para uma discussão sobre o problema em se atribuir uma funcionalidade *fixa* dos aposentos, ver nossos comentários sobre o trabalho de Kim Bowes (2003) no primeiro capítulo do Vol. I.

10. DESCRIÇÃO DO MOSAICO: Descrição detalhada do mosaico, composto por suas dimensões (quando disponível), a descrição de seus elementos. Os chamados elementos “decorativos”, ou seja, aqueles mais próximos de uma identificação geométrica e/ou floral, utilizam a nomenclatura padronizada pelo “Le Décor géométrique de la mosaïque romaine” (BALMELLE 1985), obra de referência amplamente utilizada nos últimos anos em uma tentativa de padronizar a nomenclatura destes motivos. A identificação de figuras mitológicas ou animais segue as proposições, muitas vezes conflitantes, dos estudos específicos de cada mosaico. Quando houver conflito, nesta tese, entre a identificação proposta pelos autores para as figuras mitológicas ou animais e as nossas análises, elas serão discutidas no corpo do texto da tese.

11. IMAGEM DO MOSAICO: Reprodução, quando disponível, do mosaico estudado, através de reconstruções e gravuras disponíveis no catálogo dos volumes II e IV da obra “Roman Mosaics of Britain” (NEAL & COSH 2009;2010). Escolhemos para a representação no catálogo as imagens com a menor intervenção possível do ilustrador sobre a possível reconstrução dos mosaicos danificados. Entretanto, no corpo da tese (Vol. I), são apresentadas imagens alternativas, como elementos isolados ou proposições de reconstrução, à fim de aprofundar sua análise.

12. REF. BIBLIOGRÁFICA: As obras consultadas para a composição da ficha documental.

### 1.3. Resumo dos sítios do catálogo

<b>Nome do sítio</b>	<b>Região</b>	<b>Número de mosaicos</b>
Badminton	Gloucestershire	4
Boughspring	Gloucestershire	1
Chedworth	Gloucestershire	16
Great Witcombe	Gloucestershire	4
Kingscote	Gloucestershire	1
Whittington	Gloucestershire	8
Woodchester	Gloucestershire	10
Dewlish	Dorset	15
Fifehead Neville	Dorset	4
Frampton	Dorset	5
Halstock	Dorset	5
Hemsworth	Dorset	13
Hinton St Mary	Dorset	2
Ilchester Mead	Somerset	13
Keynsham	Somerset	11
Lopen	Somerset	3
Low Ham	Somerset	8
Lufton	Somerset	11
Newton St Loe	Somerset	7
Box	Wiltshire	18
Littlecote	Wiltshire	1
<b>TOTAL</b>		<b>160</b>

**ID**

VL001

**Região**

Gloucestershire

**Nome**

Badminton villa

**Descrição do assentamento**

Há relatos sobre este assentamento desde o séc. XVIII, e escavações (sem registro) foram conduzidas no sítio no séc. XIX. A propriedade possui três fases de monumentalização, mas a única datável é a última, já que um dos mosaicos é positivamente identificado como do quarto século d.C., e foi construído no mesmo período. A área construída, nesta fase, era composta por um prédio principal (65x20m), dotado de um cômodo apsidal (um provável *triclinium?*), e dois outros prédios com cerca de 20x12m cada. Há vestígios de um incêndio na propriedade ainda no quarto século, e o prédio romano foi abandonado desde o incidente.

## **Fases romanas**

Fase 1: Datação Inconclusiva

Fase 2: Datação Inconclusiva

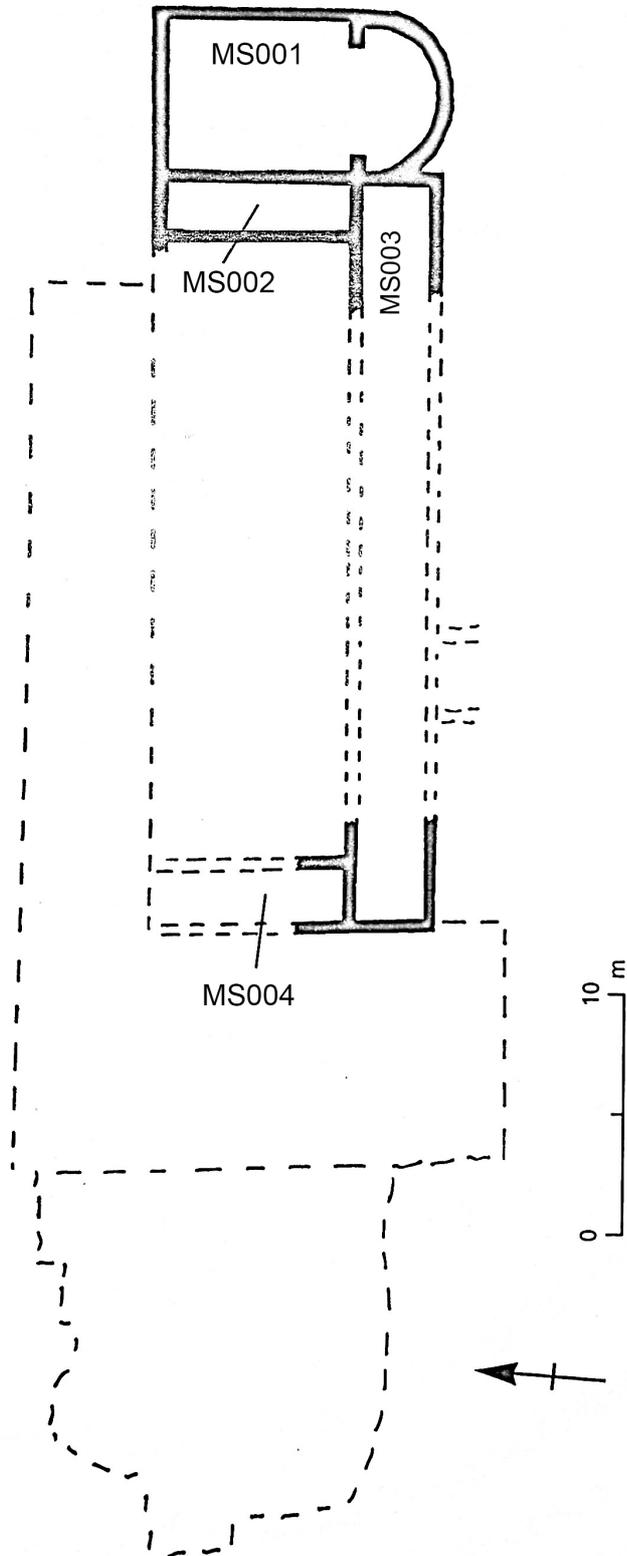
Fase 3: Séc. IV d.C.

## **Bibliografia**

OSGOOD 2009

NEAL & COSH 2010, 43-46

ALLEN et al. 2015





### **ID Mosaico**

MS001

### **ID Villa**

VL001

### **Datação**

IV séc.

### **Grupo Mosaicista**

Não Disponível

### **Descrição do Mosaico**

Painel A - Nó de Salomão central com irradiações que lembram pétalas de flores, compondo um medalhão. Cercando este, um círculo em guilhoché, seguido por um esquema de quadrados entrelaçados em guilhoché. Na parte de fora desta estrutura geométrica, espalham-se zonas "abstratas" com composições fora do esquadro de quadrados, triângulos e zonas poligonais feitas pela sobreposição de linhas em guilhoché simples. Cercando as laterais centrais do mosaico, quatro vezes aparecem símbolos que lembram um relâmpago dentro de um losango com uma linha em seu centro, que Bresson (2006) sugere ser uma referência a Zeus.

Painel B - Centro formado por flores em formato de coração estilizadas,

circuladas por um guilhochê; além de outros dois quadrados no mesmo padrão. Na parte inferior, uma concha finaliza toda a composição.



**ID Mosaico**

MS002

**ID Villa**

VL001



**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Retângulo formado por linha simples

**ID Mosaico**

MS003

**ID Villa**

VL001

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Meandro simples contornado por linha tripla.

**ID Mosaico**

MS004

**ID Villa**

VL001

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Painel em padrão quadriculado simples

**ID**

VL002

**Região**

Gloucestershire

**Nome**

Boughspring Roman Villa, Tidenham

**Descrição do assentamento**

Escavações em 1969 e 1976-7 revelaram uma vila romana próxima à área do rio Severn. O edifício da vila media pelo menos 30x16m na última de suas três fases de monumentalização. A fase 1 (final do século II d.C.) compreendia um bloco de 2 a 3 quartos, um dos quais com um mosaico geométrico próximo a um corredor. A propriedade passa por uma grande remodelação (Fase II) no final do século III d.C., incorporando aposentos providos de hipocaustos nas alas nordeste e noroeste. Um destes cômodos provavelmente pertencia a um complexo de *thermae*. Na Fase III, o antigo corredor sudeste foi convertido em três salas, e a análise estatigráfica sugere que esta fase de renovações ocorre entre o fim do terceiro/início do quarto século d.C.

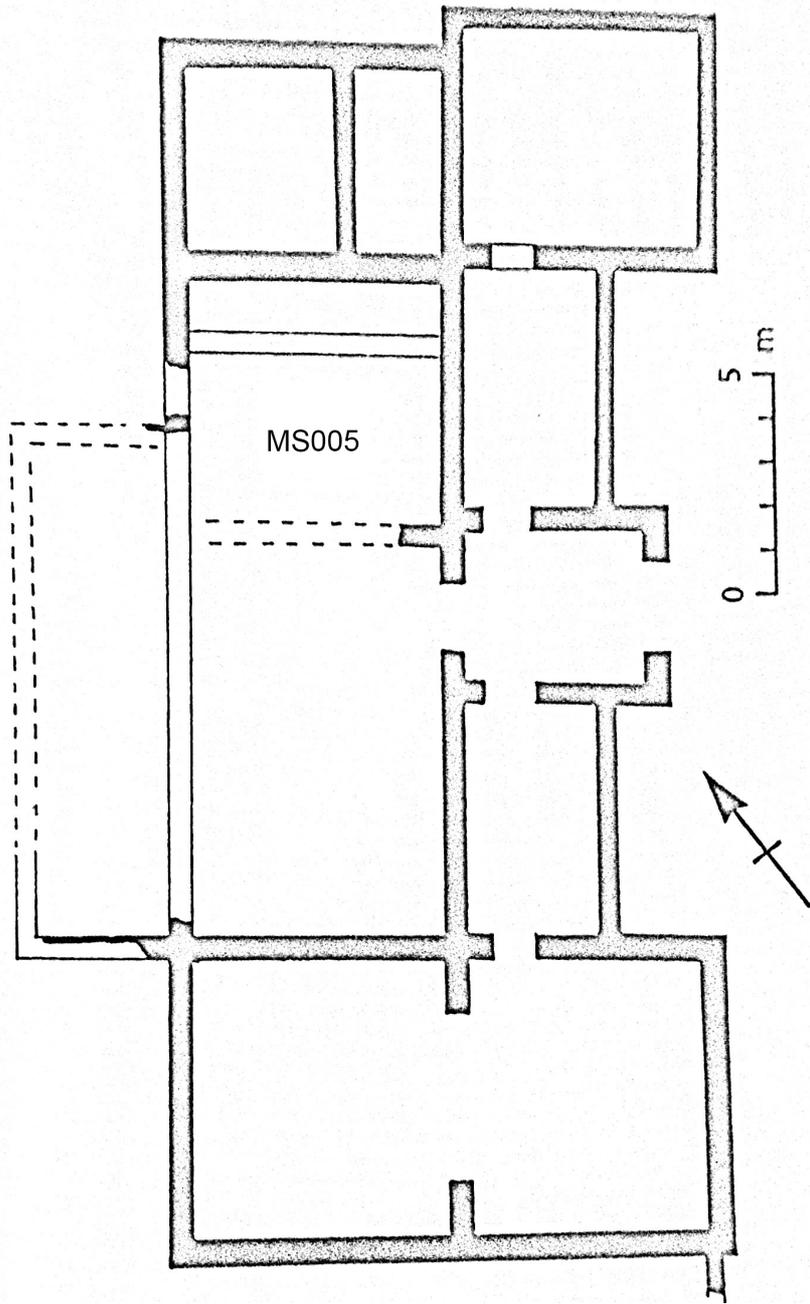
## **Fases romanas**

Fase I - Fim séc. II d.C.

Fase III - Séc. III-IV d.C.

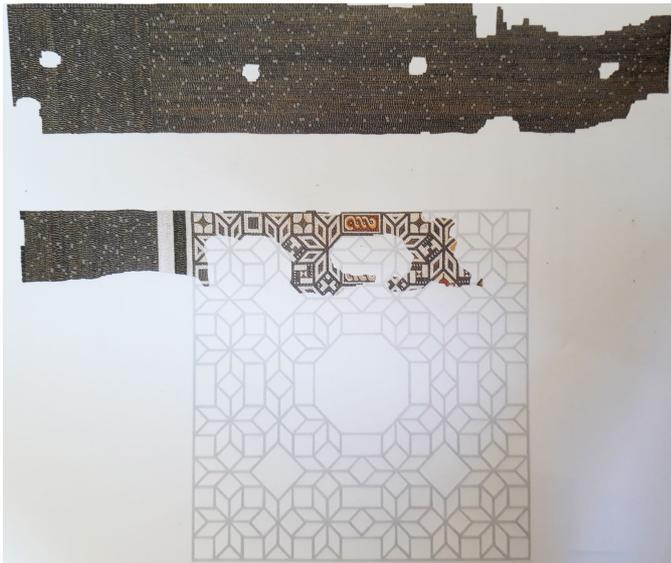
## **Bibliografia**

NEAL & WALKER 1988  
NEAL & COSH 2010, 47-48  
ALLEN et al 2015



**ID Mosaico**

MS005

**ID Villa**

VL002

**Datação**

II séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. O mosaico é formado por um padrão em espelhamento, composto por estrelas de oito pontas losangulares (provavelmente 12), com suas lacunas preenchidas com composições geométricas em "T", em formato de "ampulheta" ou em "L" ou pares entrelaçados de guilhochê em vermelho e amarelo, contrastando com as tesserae acinzentadas/azuladas que compõem o resto dos elementos. Em seu centro, um medalhão que segundo Neal e Walker (1988) poderia conter um cântaro ou uma flor estilizada. Um fragmento de uma flor estilizada, de tesserae vermelha e amarela e 4 pétalas, pode ser encontrada em um dos quatro quadrados que cercam o medalhão central, padrão este provavelmente repetido nas demais áreas.

**ID**

VL003

**Região**

Gloucestershire

**Nome**

Chedworth

### **Descrição do assentamento**

Escavado nos séculos XIX e XX, a *villa* era localizada no extremo leste do vale do rio Coln, nas colinas das Cotswold. A propriedade teve duas fases de existência: a primeira no início do séc. II d.C. e, a segunda (conhecida como “Grande Reconstrução”), já na virada do terceiro para o quarto século d.C.

A vila inicial (Fase I) consistia em três prédios com uma única linha de quartos cada. Não sabemos em que ordem eles foram construídos, mas provavelmente foram ocupados ao mesmo tempo. A faixa oeste, a mais monumentalizada, provavelmente era neste período um *triclinium*. Na faixa norte, as *thermae* consistiam em duas salas aquecidas lado a lado. Este projeto foi expandido durante a Fase II. Três galerias (ou corredores) foram construídos unindo os três prédios. Uma galeria atravessava ainda ligava os agora expandidos setores Norte e Sul, criando um pátio interno, e um *ninfaeum* foi construído, usando a fonte que saía do lado noroeste do vale. O resultado foi um edifício com dois pátios (um externo e outro interno) e três Alas: Oeste, focada no entretenimento; Norte, combinando banheiros, residências e aposentos de recepção; e Sul, que foi apenas parcialmente escavada.

A maioria dos aposentos da Ala Oeste era provida de mosaicos geométricos e mitológicos, enquanto a ala Norte possuía mosaicos menos elaborados. Estas ainda eram dotadas de hipocaustos, ausentes na ala Sul. No extremo norte da Ala oeste, um complexo de banhos compreendia os aposentos 10 a 15. O extremo sul é ocupado por um triclinium, conectado a uma série de aposentos adjacentes ao norte, cujos usos possíveis discutiremos mais adiante neste capítulo. As galerias conectavam o triclinium à Ala Sul, onde foram identificadas uma cozinha e uma latrina.

Na Ala norte, a oeste do quarteirão principal, outro conjunto de *thermae* foi construído, com a adição de vestiários e uma pequena saunas secas (*laconium*) com espaço para uma única pessoa por vez. Ao lado, há um cômodo apsidal, que pode ser uma *aula*, uma espécie de aposento de audiência formal para receber comerciantes, escravos, clientes e petiçãoários sem precisar penetrar mais no pátio interno. O restante dessa ala é interpretado como a área residencial, dotada de outra cozinha e o um provavelmente um *triclinium* de verão.

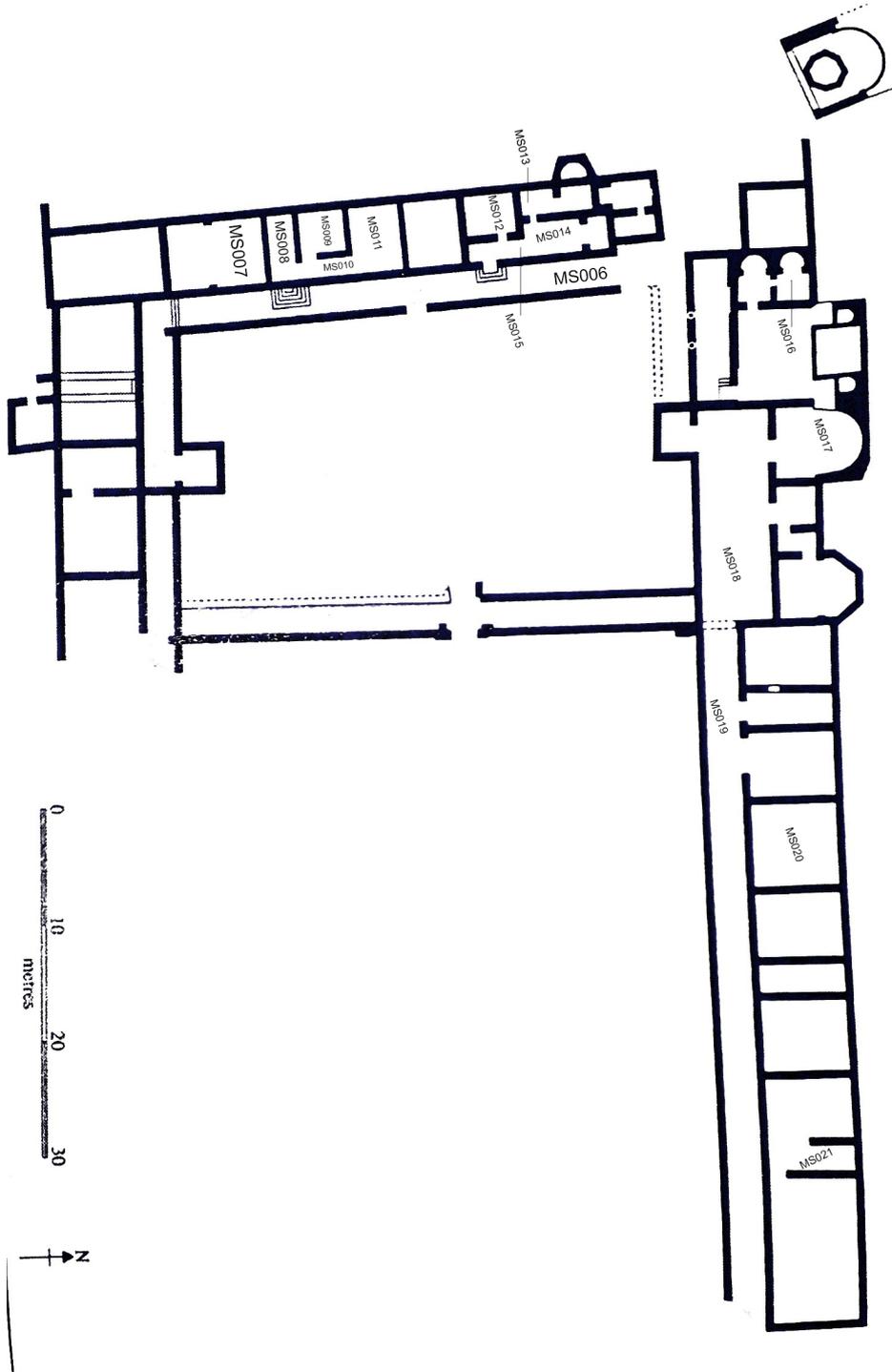
## **Fases romanas**

Fase I - Fim séc. II d.C.

Fase II - Início do séc. IV d.C.

## **Bibliografia**

CLEARY 2013  
NEAL & COSH 2010, 49-68  
ALLEN et al 2015



**ID Mosaico**

MS006

**ID Villa**

VL003

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico composto por faixas que servem de bordas à círculos interseccionados e tapete de guilhochê.





## ID Mosaico

MS007

## ID Villa

VL003

## Datação

IV séc.

## Grupo Mosaicista

Corinian Orpheus  
Group

## Descrição do Mosaico

Painel A:

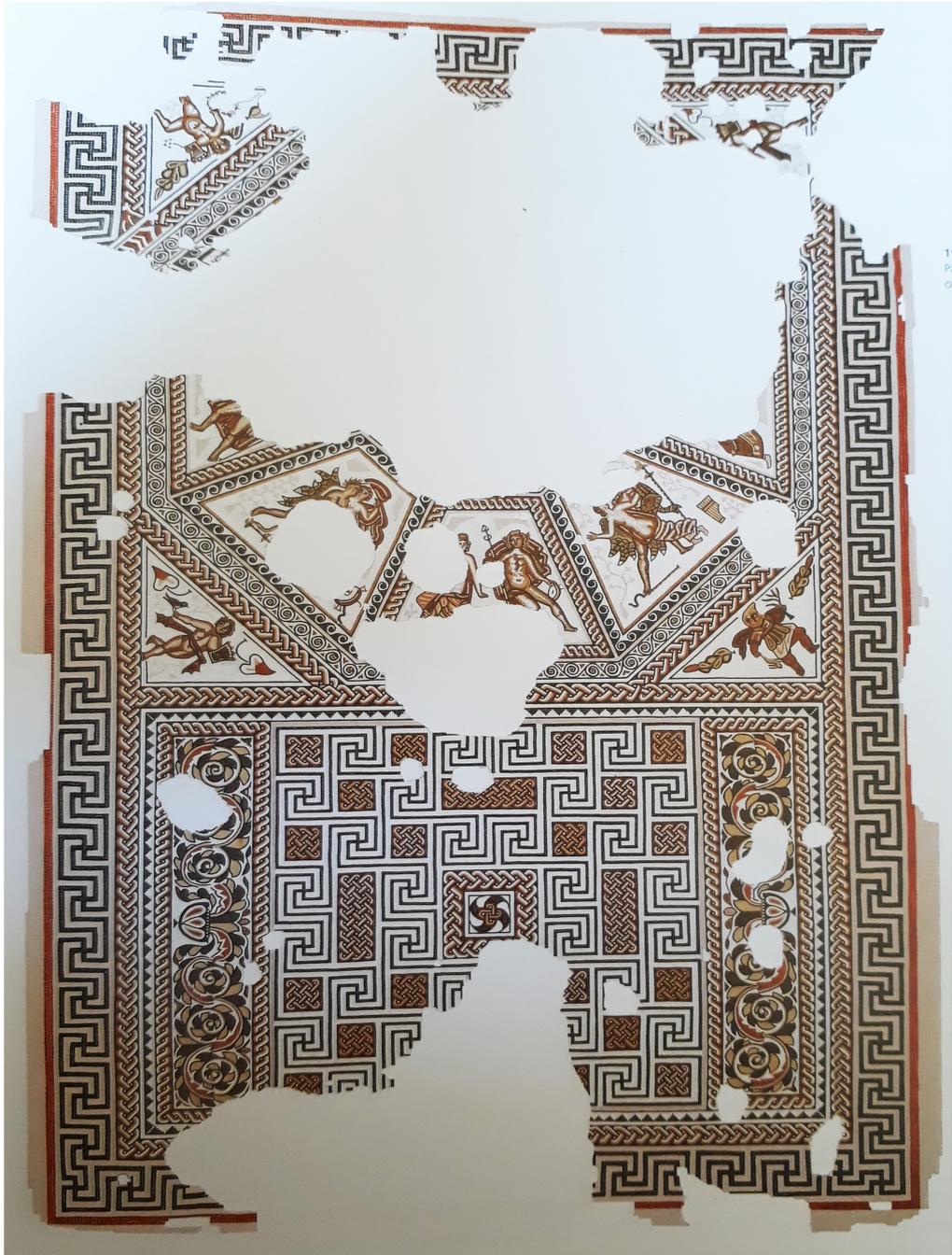
Os temas do mosaico estão dispostos, de fora para dentro, com quatro canteiras triangulares com imagens de cupidos, que cercam 8 espaços trapezoidais de figuras mitológicas e humanas, em especial sátiros e ménades. A disposição dos trapézios forma um medalhão octogonal no centro, hoje perdido. Compõe o campo decorativo do mosaico rolos volutos, padrões em onda, folhas em formato de coração, guilhochê triplo e meandros em formato de cruz gamada. Todo o medalhão e boa parte das figuras de cinco das áreas trapezoidais está perdida.

Painel B:

Medalhão central composto por uma única peltae com cruz gamada, cercada por mistura de meandros em forma de cruz gamada e tapetes de guilhocê, formando um quadrado perfeito.

Nas laterais direita e esquerda, espaços retangulares preenchidos por rolos "acanthus" que se espalham de um vaso central em cada um.

Enquadram a composição padrões em guilhocês simples, duplos e, por último, meandros em forma de cruz gamada e faixas, estas compartilhadas com o painel A.



**ID Mosaico**

MS008

**ID Villa**

VL003

**Datação**

IV d.C

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico com bordas de linha simples, triângulos isósceles chanfrados em linha e padrões em Z alongados, respectivamente, com amplo padrão em peltae ao centro.

**ID Mosaico**

MS009

**ID Villa**

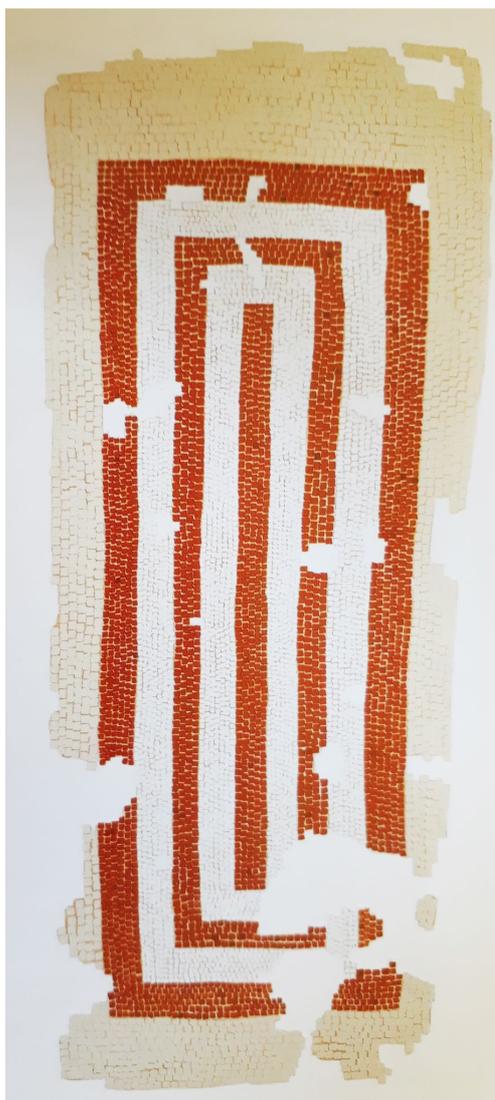
VL003

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**Corinian Orpheus  
Group**Descrição do Mosaico**

Duas faixas cercam meandros em forma de cruz gamada e guilhocê, que criam moldura para a parte central, praticamente toda perdida, exceto uma folha em formato de coração que compunha um dos canteiros.



**ID Mosaico**

MS010

**ID Villa**

VL003

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Retângulos Concêntricos

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS011

## ID Villa

VL003

## Datação

IV séc.

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Fragments de tesserae.

**ID Mosaico**

MS012

**ID Villa**

VL003

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Corinian Saltire Group

**Descrição do Mosaico**

Bordas em guilhochê simples e meandros em forma de cruz gamada. Ao centro, esquema "Saltire" preenchido em seus espaços externos com duas aves com ramos, folhas em formato de coração e urnas de peltae com volutos. Ao centro, medalhão com cântaro e folhas em formato de coração.



**ID Mosaico**

MS013

**ID Villa**

VL003

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Esquema de círculos concêntricos bordeados por faixas simples.

**ID Mosaico**

MS014

**ID Villa**

VL003

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Faixas e guilhoché duplo entorno de padrão em peltae composta.

**ID Mosaico**

MS015

**ID Villa**

VL003

**Datação**

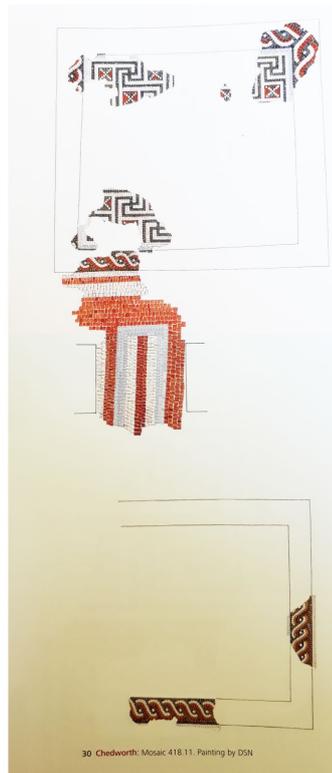
IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico retangular com faixa simples bordeando meandro de Latchkey e guilhoché simples.



## ID Mosaico

MS016

## ID Villa

VL003

## Datação

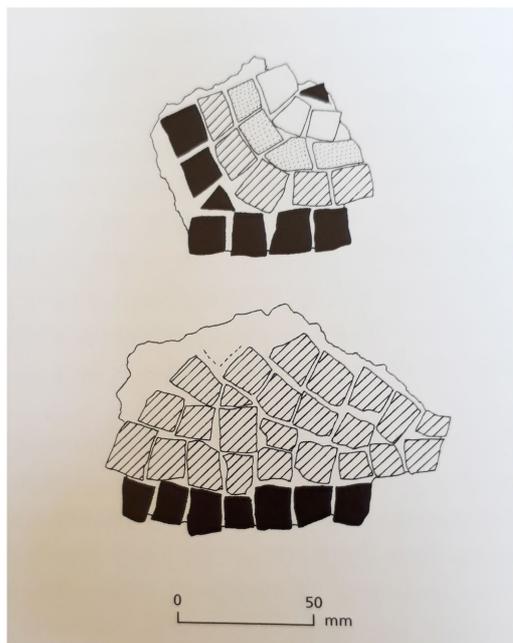
IV séc.

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Painéis A e B muito danificados. Meandros em forma de cruz gamada e guilhoché identificáveis no painel A. Guilhoché simples identificável no painel B.



### **ID Mosaico**

MS017

### **ID Villa**

VL003

### **Datação**

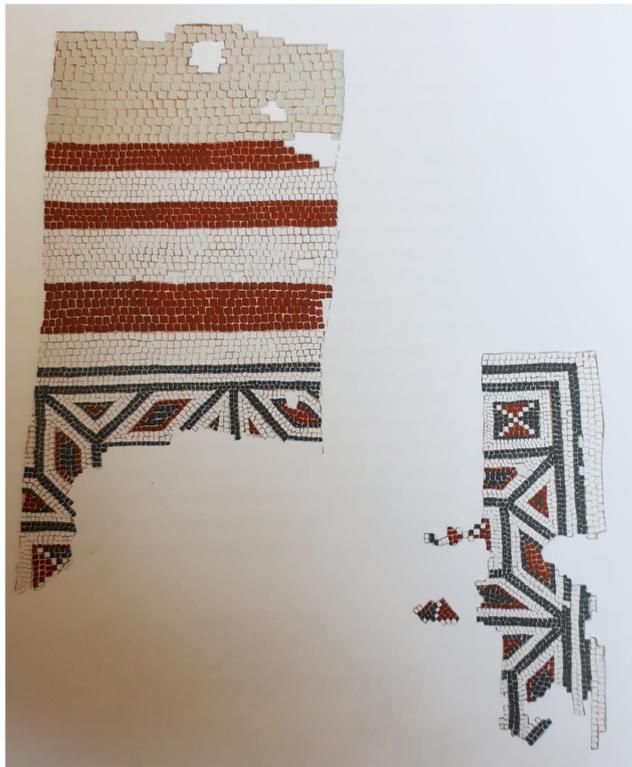
IV séc.

### **Grupo Mosaicista**

Não Disponível

### **Descrição do Mosaico**

Mosaico Perdido

**ID Mosaico**

MS018

**ID Villa**

VL003

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Corinian Orpheus  
Group

**Descrição do Mosaico**

Padrões em losango, quadrados e triângulos circundados por faixas simples e linhas triplas. Parcialmente danificado.

**ID Mosaico**

MS019

**ID Villa**

VL003

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente Perdido. Podemos destacar a composição de triângulos isósceles chanfrados, esquemas em xadrez e meandros em forma de cruz gamada.

**ID Mosaico**

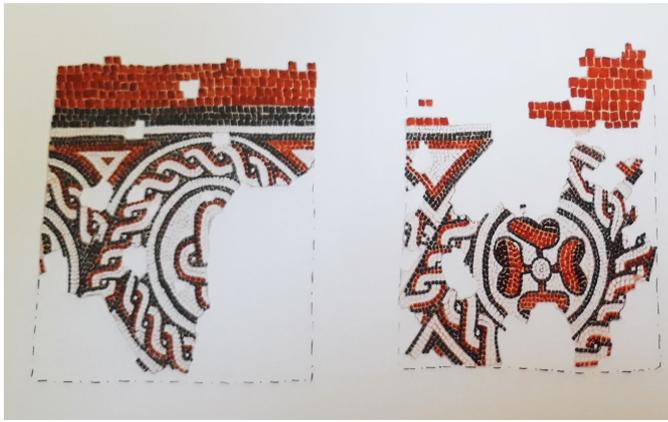
MS020

**ID Villa**

VL003

**Datação**

IV séc.



**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Medalhões com Nó de Salomão e folhas em formato de coração circundados por guilhoché simples.

**ID Mosaico**

MS021

**ID Villa**

VL003

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível



**Descrição do Mosaico**

Mosaico Perdido

**ID**

VL004

**Região**

Gloucestershire

**Nome**

Great Witcombe Roman Villa

**Descrição do assentamento**

A *villa*, construída em dois níveis, era posicionada de forma a permitir uma visão ampla do Vale Severn, e tem sua fundação com a construção de casas de alvenaria no início do século III d.C. (Fase I). O núcleo dos edifícios da vila compreende um layout em forma de H, com alas geminadas, ligadas por uma faixa central de salas em torno de um pátio ao sul (um segundo pátio mais tarde revelado por pesquisa de campo). A ala oeste era dominada por dois conjuntos de *thermae*, uma delas em edifício separado. Um sistema complexo de drenos revestidos de pedra fornecia água para a vila de nascentes nas imediações. Todo o edifício da villa foi ampliado e ampliado durante o terceiro e quarto séculos d.C. (Fase II), incluindo a incorporação de um corredor na faixa sudeste. Nos últimos anos do século IV (Fase III), o local perdeu parte de sua caracterização de “elite”, pelo menos como visto na ala oeste, onde as *thermae* os pisos foram pavimentados novamente em pedra bruta, assim como vestígios de lareiras e silos de secagem em áreas onde tais usos afetam a decoração e usos anteriores.

### **Fases romanas**

Fase I: Início séc. III d.C.

Fase 2: Fim séc. III/Início séc. IV d.C.

Fase 3: Fim séc. IV d.C.(descaracterização)

### **Bibliografia**

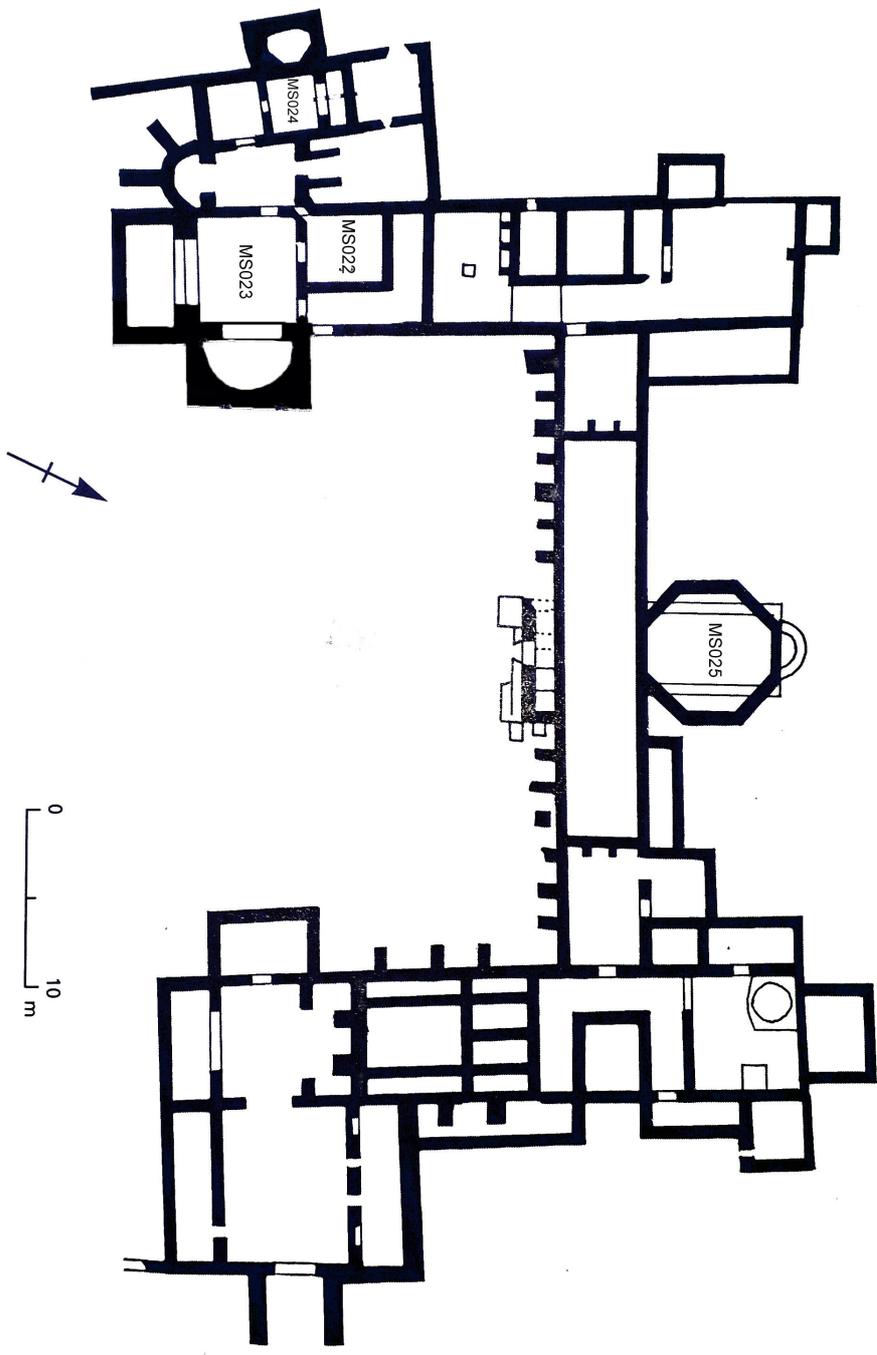
CLIFFORD 1954

HOLBROOK 2003

LEACH 1988

NEAL & COSH 2010, 157-63

ALLEN et al 2015



**ID Mosaico**

MS022

**ID Villa**

VL004

**Datação**

II séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico disposto em grade de octógonos, com entremeios preenchidos por guilhoché simples, e bordado por meandros de Lachtkey. Existem 8 medalhões externos, com variações de folhas em formato de coração (2), estrelas de oito pontas (4) e Nós-de-Salomão (2), estes últimos com elementos em suas ponteiros que imitam pétalas. No medalhão central, uma ânfora onde suas alças são decoradas com pétala, circundado por guilhoché triplo.



**ID Mosaico**

MS023

**ID Villa**

VL004

**Datação**

II séc.

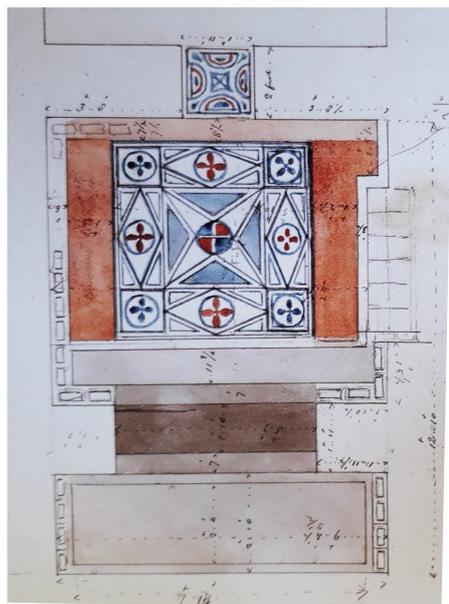
**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Enquadrado por meandros em formato de cruz gamada, estão diversos animais marinhos distribuídos de forma aleatória. São aqui representados golfinhos, peixes, caranguejos, uma provável enguia e pelo menos três animais mitológicos: uma cabra-do-mar, um touro-do-mar e possivelmente um grifo-do-mar. Os peixes e animais fantásticos tem caudas estilizadas.





## ID Mosaico

MS024

## ID Villa

VL004

## Datação

II séc.

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Painel disposto de forma a dar ênfase aos seus nove elementos, compondo "flores" através do uso de losangos entremeados. Ao centro uma seção quadrada é entrecortada por tesserae em formato de "X", e um medalhão ao centro preenchido de forma a apresentar um círculo dividido em quatro partes, duas em cerâmica vermelha, duas em azul.

**ID Mosaico**

MS025

**ID Villa**

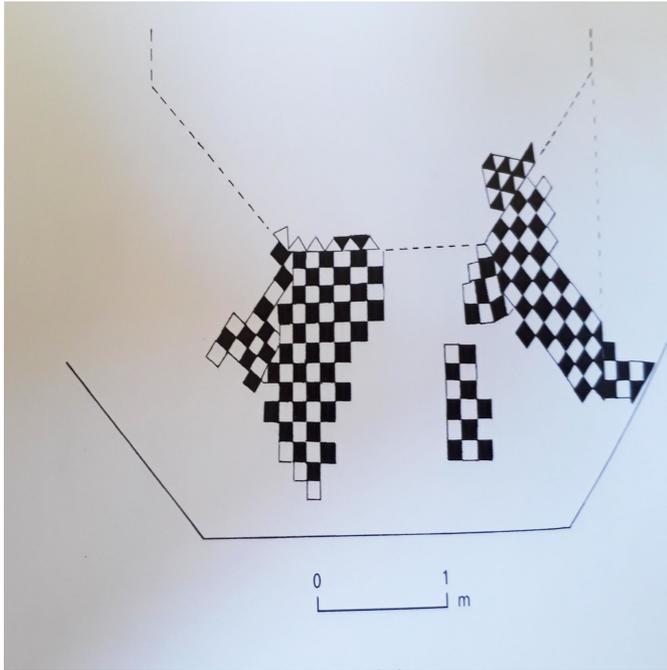
VL004

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico perdido. São distinguíveis padrões quadriculados à sua volta, e um possível medalhão octogonal em seu centro, acompanhando o esquadro do aposento.

**ID**

VL005

**Região**

Gloucestershire

**Nome**

Kingscote

**Descrição do assentamento**

Duas escavações na região das Cotswolds identificaram um complexo agrário e residencial que passou por diversas fases. As primeiras atividades romanas (Fase 1) detectadas no local são construções de madeira datadas de 140-160 d.C. O próximo período principal de atividade (Fase II: 220-270 d.C) é marcado pela construção de sete edifícios alongados, com o eixo definido em ângulo reto com a estrada norte-sul. A organização dos edifícios sugerindo uma ocupação por múltiplas famílias.

Em algum momento do final do terceiro século ou início do quarto século (Fase III: 270-320 d.C), boa parte dos prédios individuais foi demolida, com exceção dos edifícios no extremo sul, incorporado a um novo complexo luxuoso. Inicialmente, uma estrutura retangular simples, este edifício passou por uma série de rápidas modificações e reformas, incluindo a adição de paredes internas, a construção de novas salas na adição de uma ala sul e um anexo ao norte da propriedade. As três novas salas dos fundos eram aquecidas com um sistema subterrâneo de hipocausto, e pelo menos uma delas era decorada com gesso e um mosaico com a representação de Vênus. O último uso do edifício como residência foi a Fase IV (253-260 d.C), quando o prédio principal é destruído por um incêndio, e não foi reconstruído. As demais áreas foram posteriormente utilizadas para armazenamento.

### **Fases romanas**

Fase 1: 140-160 d.C.

Fase 2: 220-270 d.C.

Fase 3: 270-320 d.C.

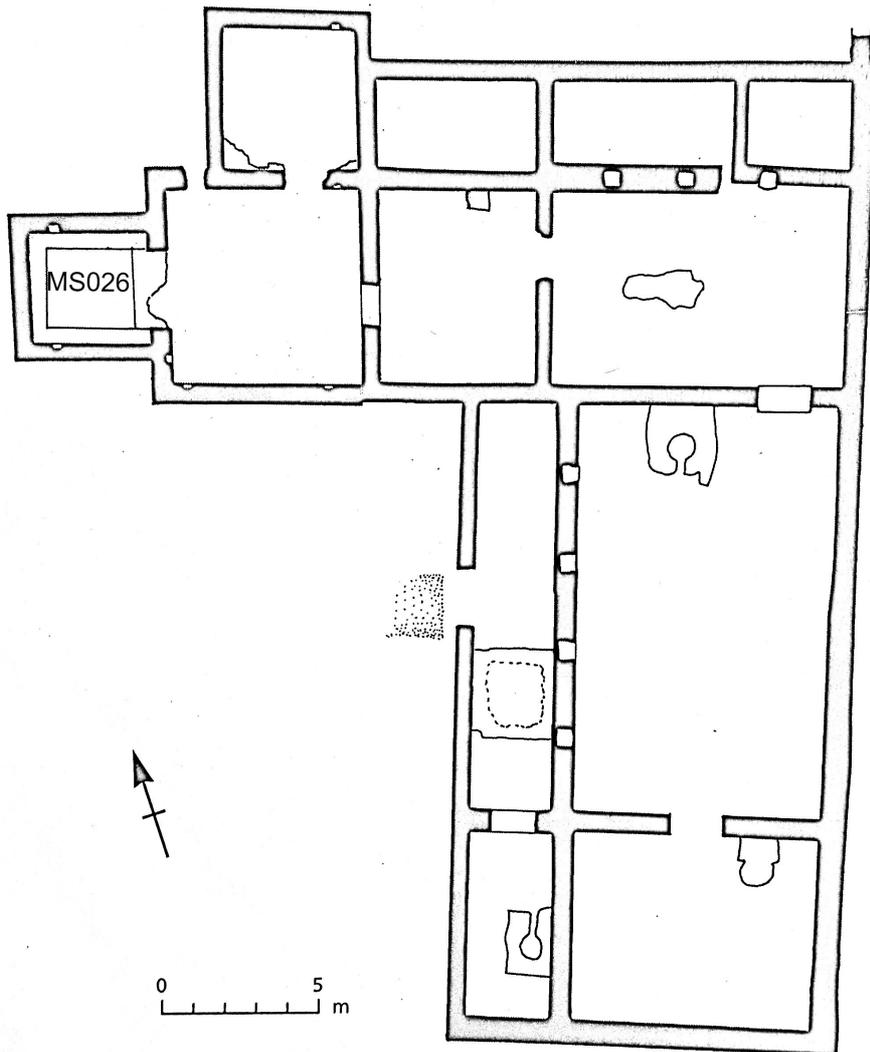
Fase 4: 353-360 d.C.

### **Bibliografia**

NEAL & COSH 2010, 168-72

TIMBY 1998

ALLEN et al 2015





## ID Mosaico

MS026

## ID Villa

VL005

## Datação

IV séc.

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Painel A: Um esquema de guilhocê simples e meandros em forma de cruz gamada enquadra um espaço com quatro canteiras e uma estrela de oito pontas em guilhocê, que por fim circundam um medalhão. Nas canteiras, pétalas interseccionadas em linha ocupam duas posições opostas; nas outras canteiras, cântaros estão dispostos da mesma forma.

O medalhão central é circular, formado por ondas em linha, uma guirlanda de rolos folhados e, por fim, a imagem de uma mulher de cabelos claros, tiara, colar e espelho, identificada como Vênus.

Painel B: Guilhocês duplos arredondados enquadram uma barra superior de padrões em Z e, abaixo destes, golfinhos e outra criatura marinha não identificada.



**ID**

VL006

**Região**

Gloucestershire

**Nome**

Withington

**Descrição do assentamento**

Villa construída entre o final do séc. I e início do séc. II d.C, passou por diversas reformas até o fim do séc. IV d.C. Possui provável conexão com um assentamento maior (Manor Court Field), descoberto em 2009 à noroeste da propriedade. Não há discussão sobre os achados e escavações no sentido de uma funcionalidade dos aposentos, excluindo um sistema de termas na ala leste.

### **Fases romanas**

Fase 1: Fim séc. I - Início séc. II d.C.

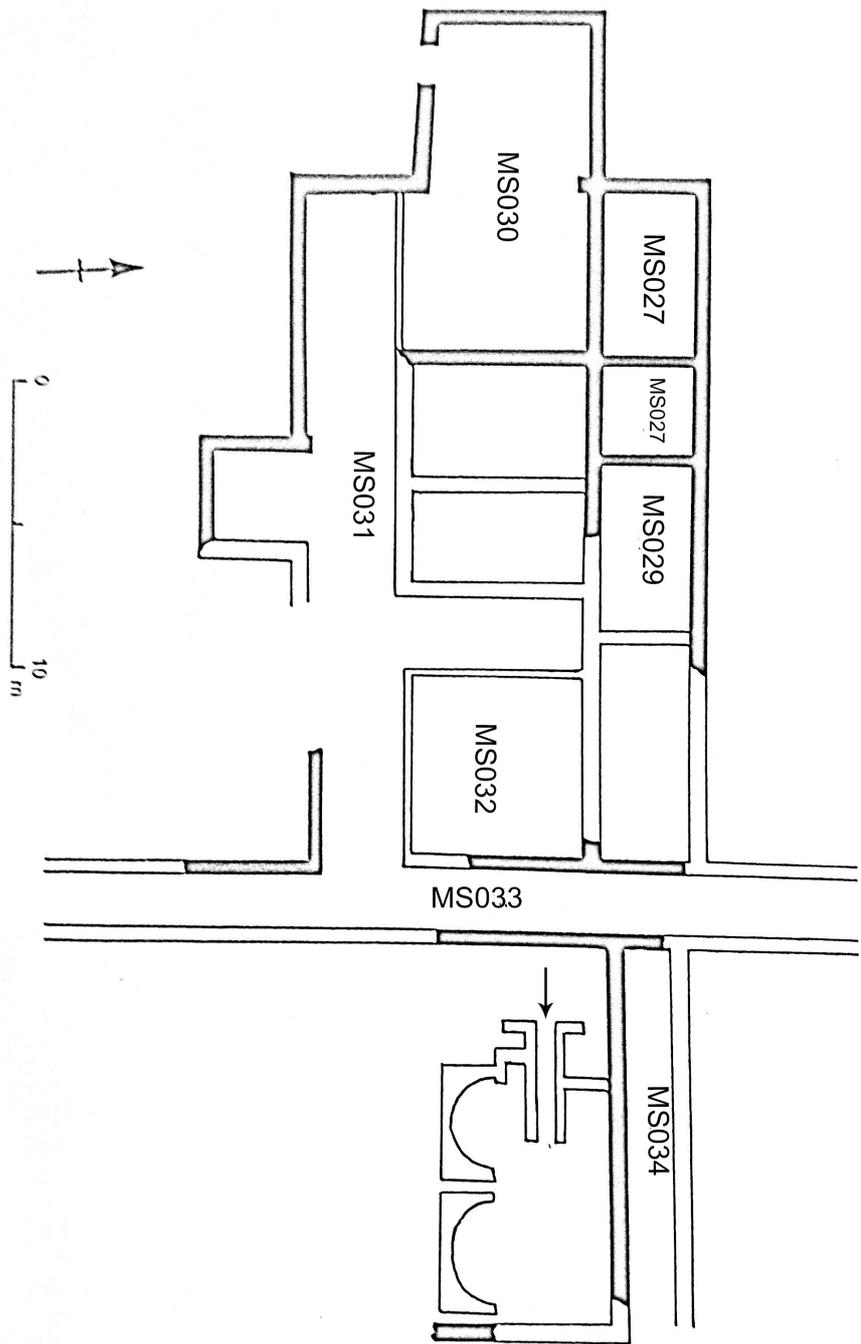
Fase 2: Séc. IV d.C.

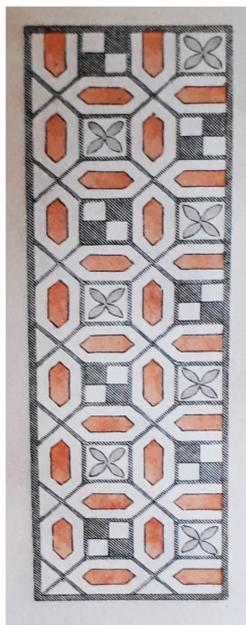
### **Bibliografia**

NEAL & COSH 2010, 202-11

THOMPSON & CHELU 2009

ALLEN et al 2015



**ID Mosaico**

MS027

**ID Villa**

VL006

**Datação**

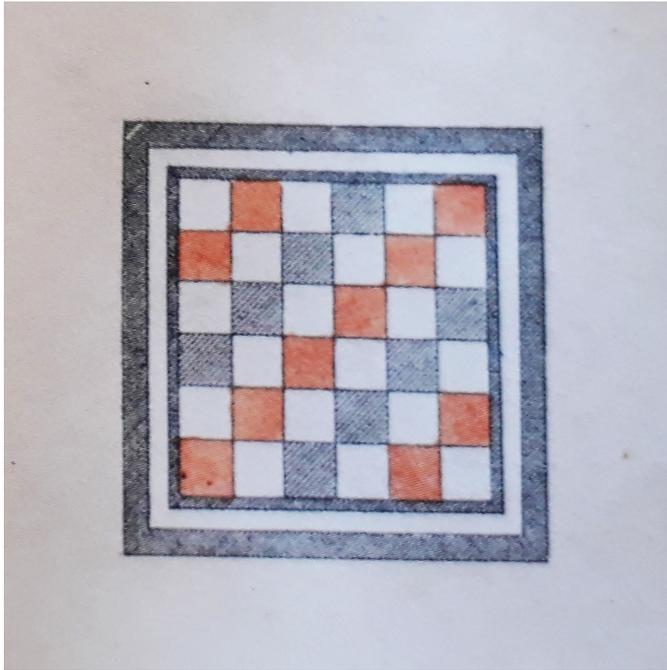
IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico retangular formado de octógonos interseccionados, com seus espaços preenchidos por padrões quadriculados, polígonos hexagonais e flores estilizadas.

**ID Mosaico**

MS028

**ID Villa**

VL006

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Padrão quadriculado enfileirado em três cores (vermelho, branco e azul acinzentado), com bordas cremes.



## **ID Mosaico**

MS029

## **ID Villa**

VL006

## **Datação**

IV séc.

## **Grupo Mosaicista**

Não Disponível

## **Descrição do Mosaico**

Três painéis voltados para o leste (parte longitudinal do aposento).

Painel A: Estrela de oito pontas losangulares preenchida por quadrados e canteiras triangulares

Painel B: Círculos interseccionados enquadrados por linhas simples e guilhocê simples

Painel C: Estrela de oito pontas losangulares com canteiras triangulares, preenchimento periférico losangulares e medalhão central quadrado, contendo nó de guilhocê, ou Nó-de-Salomão.



## ID Mosaico

MS030

## ID Villa

VL006

## Datação

IV séc.

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Formado por cinco painéis enquadrados por guilhocês simples, duplos arredondados, meandros em forma de cruz gamada e padrões em "Z". A orientação de todas as cenas e personagens mitológicos é para leste, sugerindo uma experimentação A-B-C-D-E do conjunto. O painel A compunha um mosaico solitário que, com a expansão do aposento à oeste, foi incrementado pelos painéis B à E.

Painel A: Duas barras externas à esquerda e direita decoram a parte norte e sul do painel. à esquerda, um cântaro é cercado por dois pavões; à direita, uma flor composta de oito pétalas é cercada por quatro pombas e dois galos, todos voltados para esquerda. Entre estes dois flancos, um quadrado em

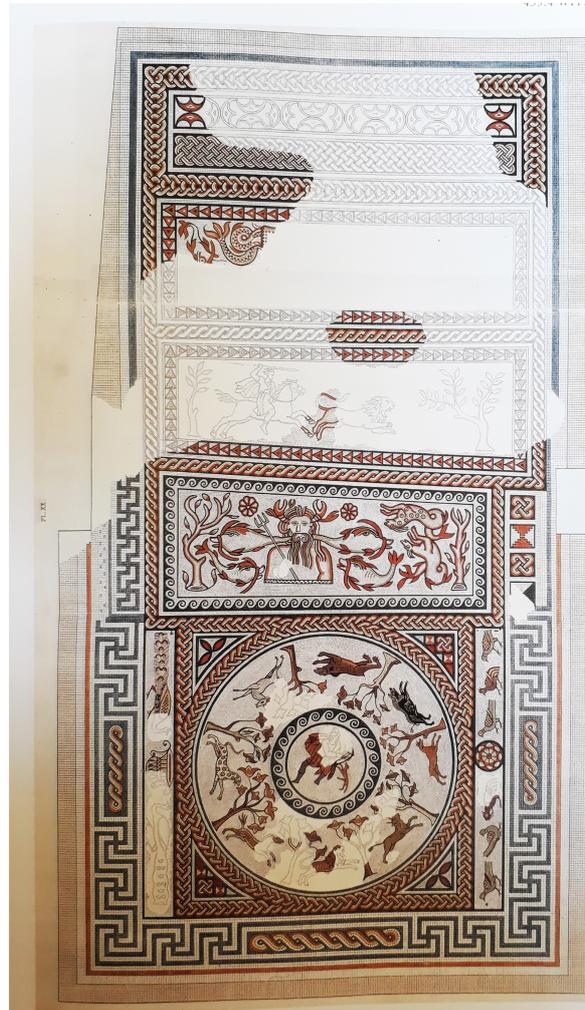
guilhochê, seguido por um espaço central também em guilhochê simples circunda uma cena de animais, com um medalhão de Orfeu no centro. Quadro canteiras triangulares são preenchidas com triângulos isósceles e Nó-de-Salomão (2), e plantas com três folhas (2). Na cena com os animais, cada fera é separada de outra por uma árvore em flor. No sentido anti-horário, da imagem mais à leste no mosaico, identificamos um leão, um touro, um cão de caça, um javali, um urso, um animal identificado como cabra ou corsa, um leopardo e um cavalo. Os animais parecem dispostos de forma a dar a impressão de uma relação caçador-presa. No centro, um medalhão formado por padrões de ondas em linha circunda uma imagem de Orfeu sentado, vestido de um manto, com harpa e capuz frígio. Ao seu lado esquerdo, um cão-de-caça.

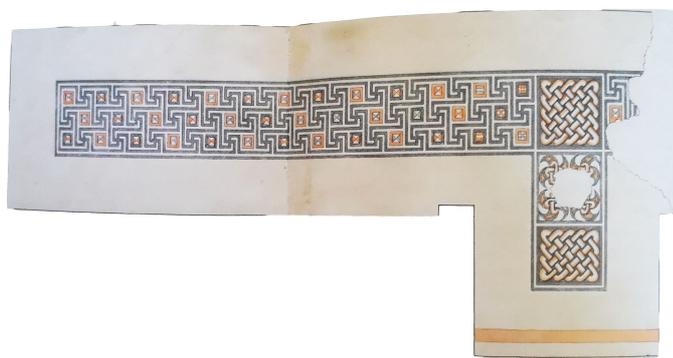
Painel B: Ondas formam um retângulo irregular sobre as antigas bordas do Painel A. Dentro deste enquadramento, duas árvores ou algas flanqueiam uma cena marinha, com dois golfinhos de cada lado; à direita do observador, provavelmente duas criaturas que interpretamos como cabras-do-mar. Ao centro, A cabeça e torso de Oceanus/Netuno barbado, com cabelos grandes, tridente e garras crustáceas emaranhadas em sua cabeça, formando uma espécie de tiara/chifres. Dois dos golfinhos, em lados opostos, parecem sair da boca da divindade.

Painel C: Triângulos isósceles formam um retângulo que compõe uma provável cena de caça, hoje perdida. Fragmentos identificáveis sugerem uma figura à cavalo perseguindo um leão.

Painel D: Triângulos isósceles formam um retângulo com cenas marinhas perdidas. Tal conclusão se dá por fragmentos do que parece a cauda de uma figura marinha.

Painel E: Parcialmente perdido. São distinguíveis um tapete em guilhochê, bem como peltae.



**ID Mosaico**

MS031

**ID Villa**

VL006

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Um pequeno retângulo com tapetes em peltae e guilhoché decora o pórtico, enquanto o resto do mosaico estende-se pelo corredor. Em sua parte maior, observamos um tapete de guilhoché flanqueado por meandros em forma de cruz gamada, preenchidos por linhas simples paralelas e triângulo isósceles opostos, que dão um efeito losangulares aos preenchimentos.

**ID Mosaico**

MS032

**ID Villa**

VL006

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Padrão em círculos concêntricos vermelhos, com fundo em tesserae creme.

**ID Mosaico**

MS033

**ID Villa**

VL006

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Meandros em forma de cruz gamada em azul e vermelho. Duas linhas cinzas em cada lado, paralelas, acompanham o mosaico.



### **ID Mosaico**

MS034

### **ID Villa**

VL006

### **Datação**

IV séc.

### **Grupo Mosaicista**

Não Disponível

### **Descrição do Mosaico**

Linhas simples enquadram e dividem cinco nichos. O primeiro, terceiro e quinto são compostos por três losangos concêntricos, com canteiras triangulares. Os ímpares, com linhas duplas formando um quadrado, e em seu centro, padrões quadriculados em vermelho e preto.

**ID**

VL007

**Região**

Gloucestershire

**Nome**

Woodchester

**Descrição do assentamento**

As primeiras escavações, conduzidas por Samuel Lysons na década de 1790, revelaram uma grande villa romana em um vale nos limites das Cotswolds. Um total de 65 aposentos foram registrados, interconectados através de três pátios. Outras escavações em pequena escala, em 1973, contribuíram em pouco para uma cronologia precisa. O primeiro período identificável de atividade (Fase I) se estende por todo segundo século d. C., com base no uso de materiais de construção, cerâmica e broches. Acredita-se que o centro e os pátios externos tenham sido construídos nesta fase.

A maior e mais complexa fase da villa (Fase II) data do quarto século d. C., com a construção do pátio interno, hipocausto, edifícios de uso agrícola, termas e um aqueduto associado à villa. A partir desta fase, 13 mosaicos da escola de Corinium estão presentes, incluindo o mosaico Orpheus, na sala central próxima ao pátio interno, o maior já encontrado nas Ilhas Britânicas. Devido ao seu tamanho e luxuosidade monumental, existem hipóteses de que a área provavelmente era uma propriedade imperial.

## **Fases romanas**

Fase I: Séc. II d.C.

Fase II: Séc. IV d.C.

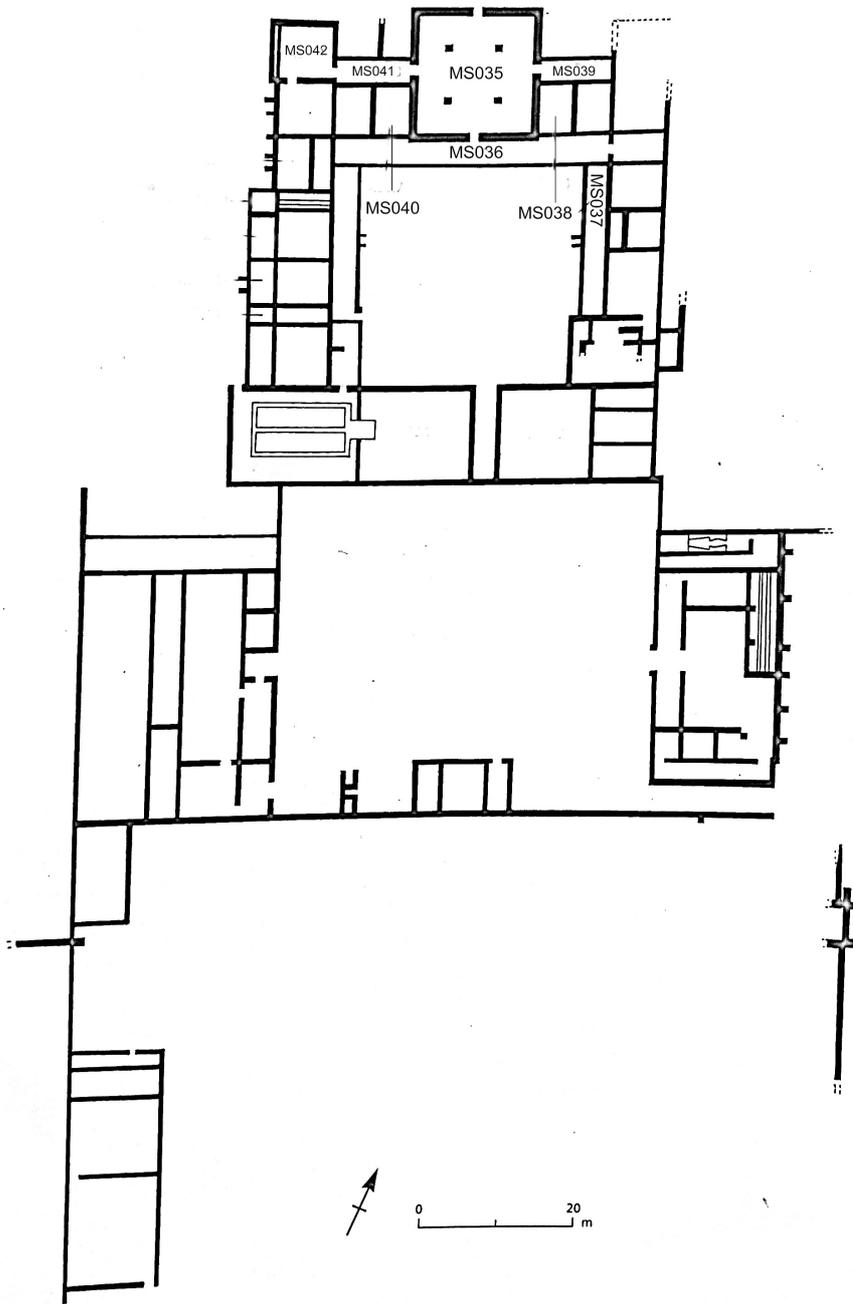
## **Bibliografia**

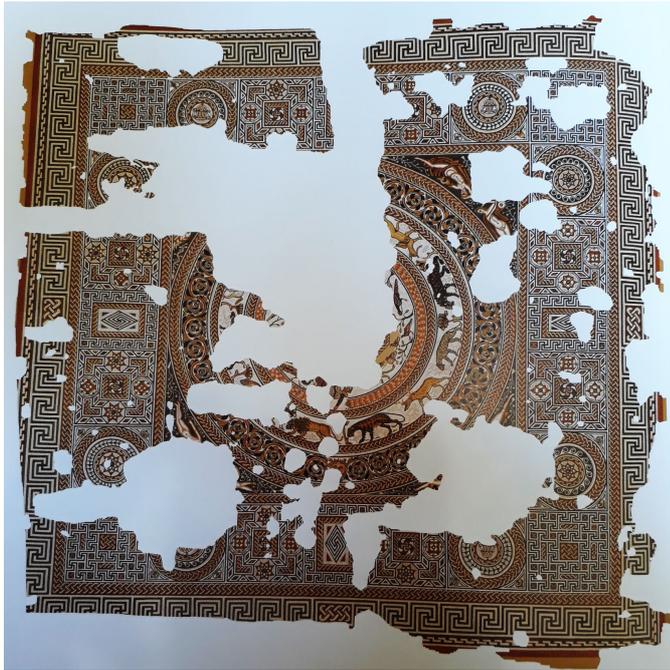
CLARKE, RIGBY & SHEPHERD 1982

NEAL & COSH 2010, 212-34

O'NEIL 1955

ALLEN et al 2015





## ID Mosaico

MS035

## ID Villa

VL007

## Datação

IV séc.

## Grupo Mosaicista

Corinian Orpheus  
Group

## Descrição do Mosaico

Enquadrados por barras de tesserae amarelas e vermelhas, bem como tapetes em guilhochê retangulares e meandros em forma de cruz gamada, o mosaico pode ser dividido em três zonas distintas: Um quadrado externo, de temática geométrica, floral e pontuada com elementos como cântaros, nós em guilhochê derivados de peltae, flores estilizadas, retângulos, guilhochês simples e duplos arredondados, meandros em forma de cruz gamada com retornos, losangos e padrões em ondas. Esta zona externa enquadra a parte principal do mosaico: quatro canteiras onde são representadas ninfas e a parte central, com cenas dionisíacas:

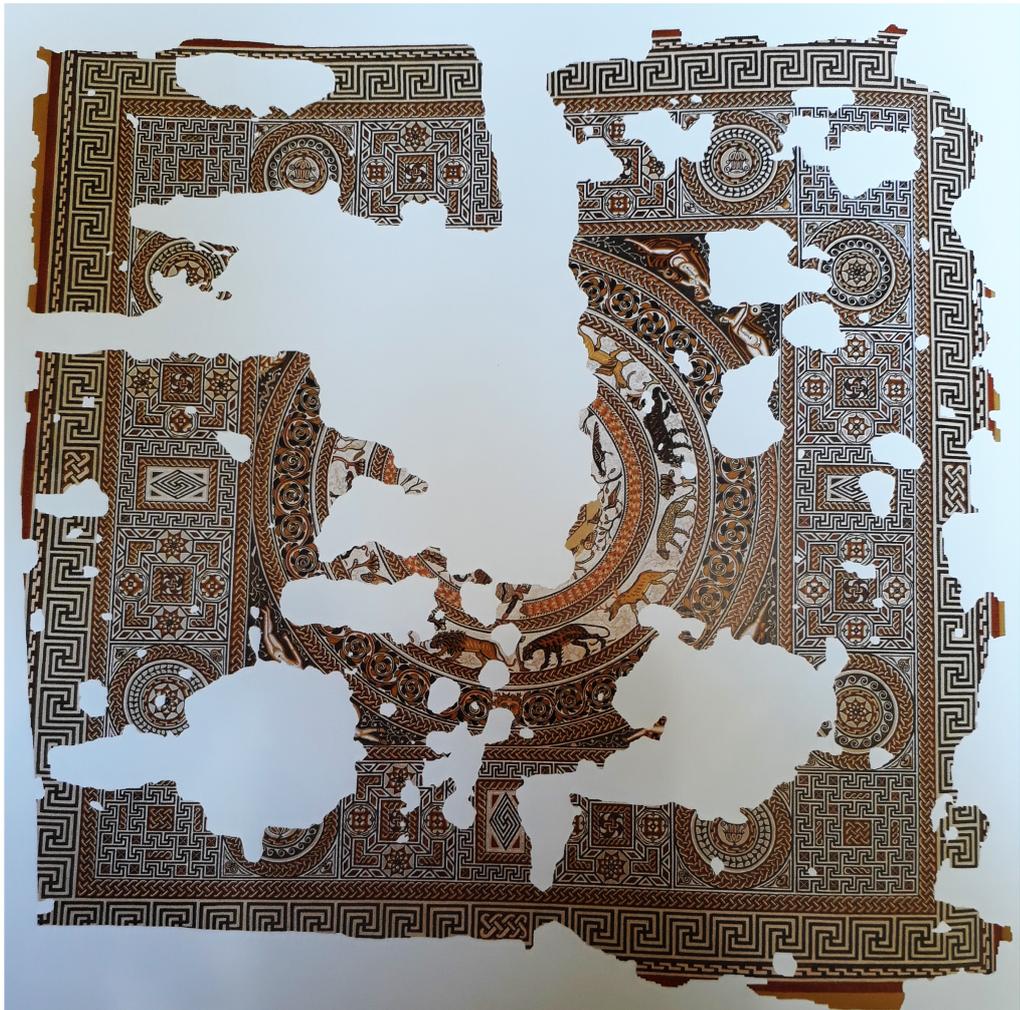
Parte central: Em formato circular, ditado por guilhochê duplo arredondado e

rolos "Acanthus" visivelmente modelados a dar aspecto vegetal, que terminam mais ao sul com uma cabeça masculina barbada e com uma espécie de tiara/chifres que remetem a representações de Oceanus.

Seguindo mais ao centro, há uma procissão de animais selvagens em dois níveis. Na parte externa, começando pela parte sul do mosaico e em sentido anti-horário: um leão, um tigre, um cervo, um leopardo, um urso, um grifo, um felino (perdido), um elefante, um cavalo, um javali e outro tigre pardo, todos separados por vegetação e voltados para esquerda do observador.

Um guilhochê triplo e uma composição de grãos (provavelmente trigo), separa esta parte externa de outro ponto circular, onde aves (pavões, faisões, pombas e patos) e árvores dividem espaço com uma figura humana, parcialmente perdida, mas com elementos o suficiente para identificá-la como Orfeu com manto, harpa em punho e acompanhado de um cão ou raposa. Diferentemente da disposição tradicional, Orfeu não se encontra no medalhão central (hoje perdido), do qual não temos nenhuma informação, mas sim deslocado abaixo do medalhão.

Canteiras: Preenchendo os espaços da composição central circular, estão quatro canteiras triangulares, cada uma com a representação de duas ninfas, parcialmente perdidas. As ninfas são representadas reclinadas, em volta das colunas que originalmente compunham o Grande Salão. Seis delas portam vasos de onde saem elementos que podem ser interpretados como alusão à fontes de água. Em todos os cantos, as ninfas usam mantos, mas a cobertura total de seus corpos gradativamente diminui, sendo as ninfas do canto sudoeste as mais desnudas, seguidas pelo sudeste, noroeste e por fim, nordeste. Tal disposição pode sugerir uma relação com as estações do ano.



## ID Mosaico

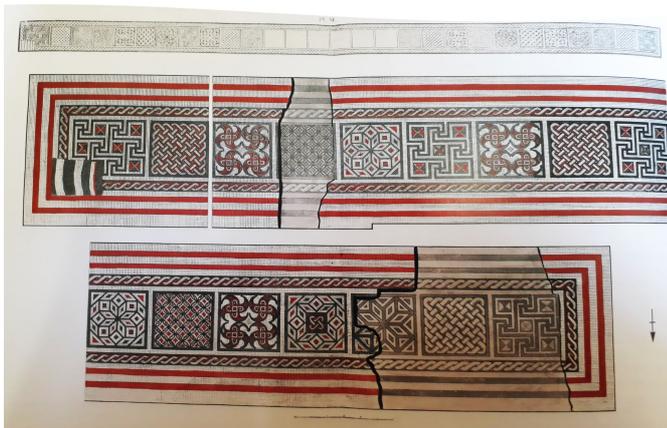
MS036

## ID Villa

VL007

## Datação

IV séc.



## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Enquadrados por duas linhas paralelas de tesserae vermelhas e guilhochê simples, este mosaico estende-se pelo hall de entrada com composições de estrela de oito pontas losangulares, tapetes de guilhochê, peltae composta com cruz gamada, círculos interseccionados e triângulos isósceles que formam espécies de "ampulhetas". No total, dos 28 painéis geométricos, seis foram perdidos.

**ID Mosaico**

MS037

**ID Villa**

VL007

**Datação**

IV séc.

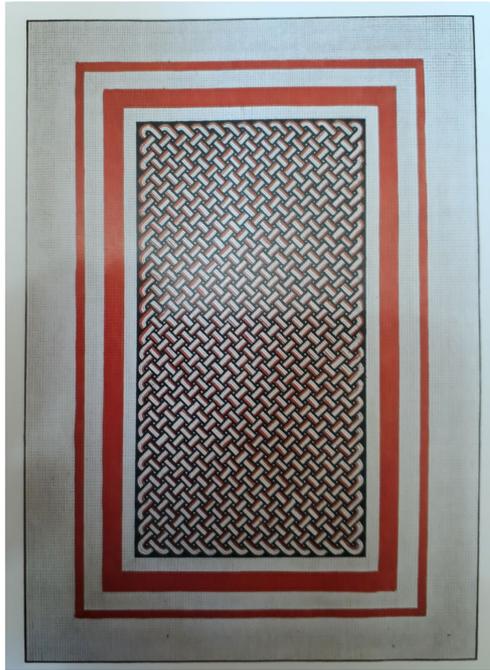
**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Pelas gravuras de Lysons, distinguimos partes de duas figuras humanas: uma masculina, com torso desnudo e manto cobrindo as costas; e outra feminina, de onde só sobreviva a cabeça com uma diadema.



**ID Mosaico**

MS038

**ID Villa**

VL007

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Linha vermelha paralela a barra vermelha enquadram um tapete em guilhochê preto, branco e vermelho.

**ID Mosaico**

MS039

**ID Villa**

VL007

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Materialmente perdido, tem sua única representação pelas gravuras de Lysons, que revelam linhas duplas vermelhas enquadrando meandros em forma de cruz gamada negros.

## ID Mosaico

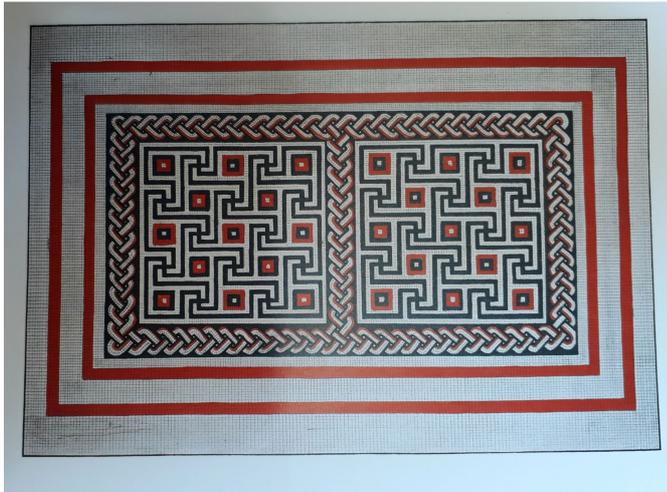
MS040

## ID Villa

VL007

## Datação

IV séc.



## Grupo Mosaicista

Corinian Orpheus  
Group

## Descrição do Mosaico

Duas barras paralelas em vermelho enquadram dois painéis, divididos por guilhochê triplo, com meandros em forma de cruz gamada com retornos simples, com seus espaços preenchidos por quadrados vermelhos e pretos.

**ID Mosaico**

MS041

**ID Villa**

VL007

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Linhas paralelas simples, uma vermelha e outra negra, enquadram meandros concêntricos que se alternam com tapetes de guilhochê.



## ID Mosaico

MS042

## ID Villa

VL007

## Datação

IV séc.

## Grupo Mosaicista

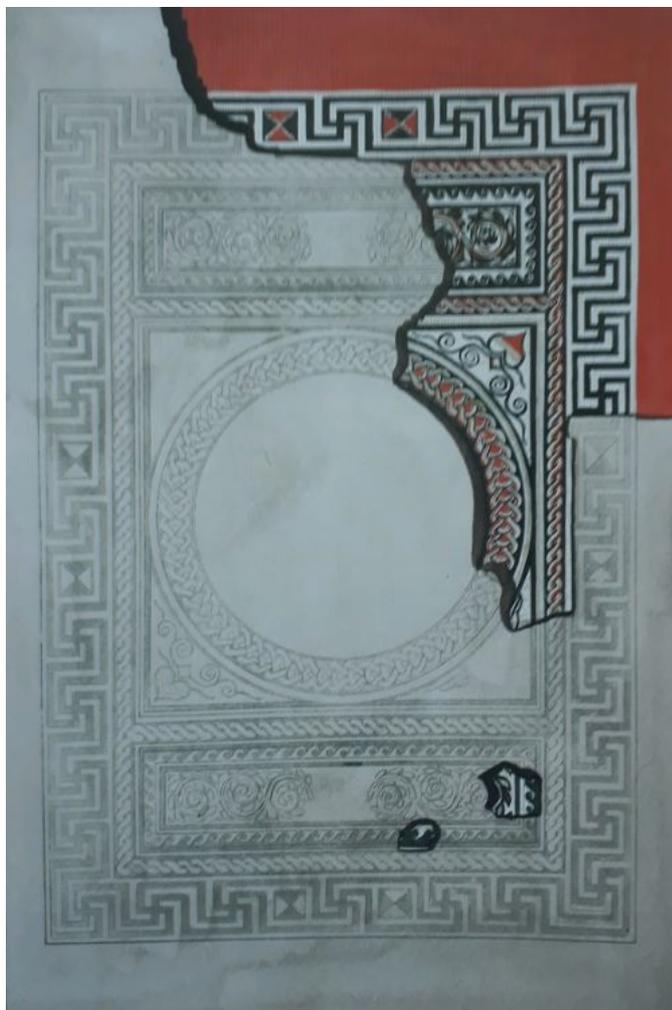
Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Enquadrado por meandros em forma de cruz gamada e uma barra superior de rolos folhados, a composição central é disposta em padrão de intercessão de octógonos (5), com espaços entre estes preenchidos por flores com folhas em formato de coração. Do conteúdo dos cinco medalhões octogonais, apenas um sobreviveu completo: dois cupidos segurando um vaso com frutas, com a inscrição "BONUM EVENTVM" logo abaixo. Seguindo em sentido anti-horário, os fragmentos do segundo medalhão apresentam os pés de uma figura humana, provavelmente masculina e partes de um manto. No terceiro medalhão apenas sobreviveu parte de uma inscrição, "BIINIIC", que se especula ser originalmente "BENE C[OLITE]". O quarto medalhão apresenta a parte inferior de duas pessoas, uma mulher com manto e uma

figura masculina nua. O último medalhão octogonal, no centro, foi completamente perdido, salvo o pedaço do que se supõe ser um pescoço.



**ID Mosaico**

MS159

**ID Villa**

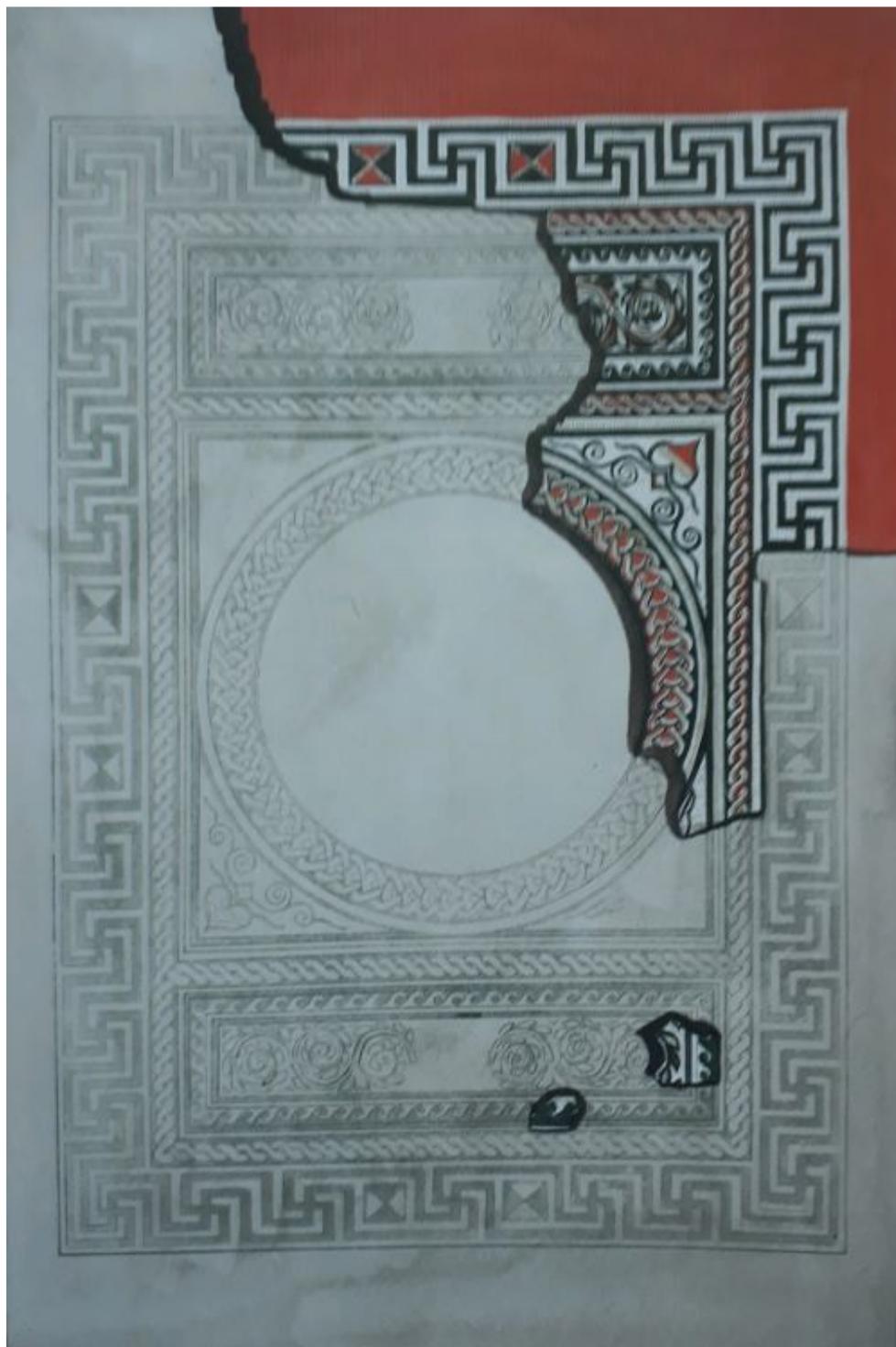
VL007

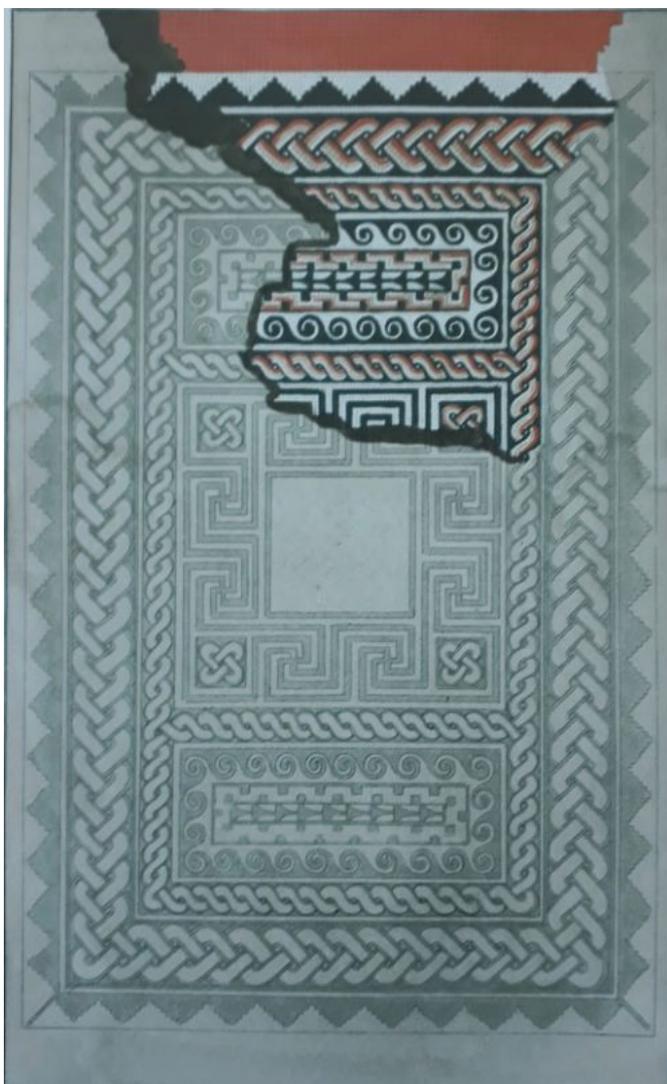
**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**Corinian Orpheus  
Group**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Esquema em forma de cruz gamada na parte exterior de um retângulo, seguido por guilhoché simples. Parte de um medalhão circular central em guilhoché sobreviveu, sem indicação de seu conteúdo. O medalhão é completado por uma flor em formato de coração. Na parte superior do retângulo (e muito provavelmente na inferior, através de pequenos fragmentos), já um nicho em rolos "acanthus" e ondas.



**ID Mosaico**

MS160

**ID Villa**

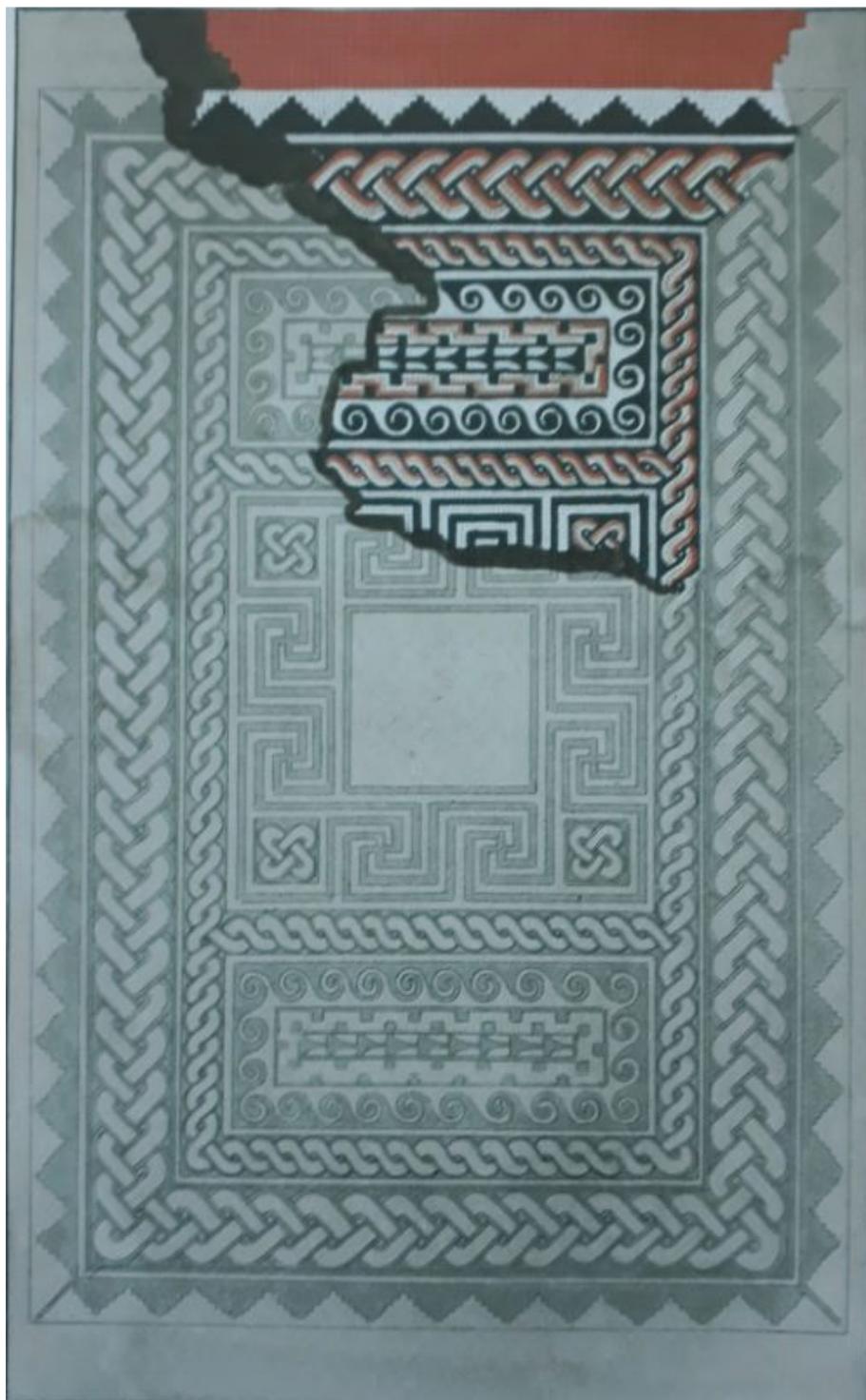
VL007

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**Corinian Orpheus  
Group**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Na parte exterior, há um enquadramento em triângulos, seguidos por um guilhochê triplo, e depois um simples. O mosaico originalmente era um retângulo, com um nicho retangular em cada uma de suas pontas, preenchido por padrões em ondas e triângulos sobrepostos. Na parte central, em formato quadrado, sobreviveu apenas parte do contorno em meandros em cruz gamada e intercalados com Nós-de-salomão



**ID**

VL008

**Região**

Dorset

**Nome**

Dewlish

**Descrição do assentamento**

Essa extensa *villa* romana localizada em Dorset foi escavada entre 1969 e 1979, mas um relatório completo nunca foi totalmente publicado. O corpo principal da vila é composto por um bloco de aposentos, conectados por um corredor. Em uma das pontas, ficam localizadas as *thermae*. Situada atrás do edifício principal há uma série de salas de cozinha / serviço e um *triclinium*.. Há apenas uma fase relacionada ao romano identificada, com datação que varia do fim do terceiro/início do quarto século d.C.

## **Fases romanas**

Fase 1: Fim séc. III - Início séc. IV d.C.

## **Bibliografia**

HENIG 1984

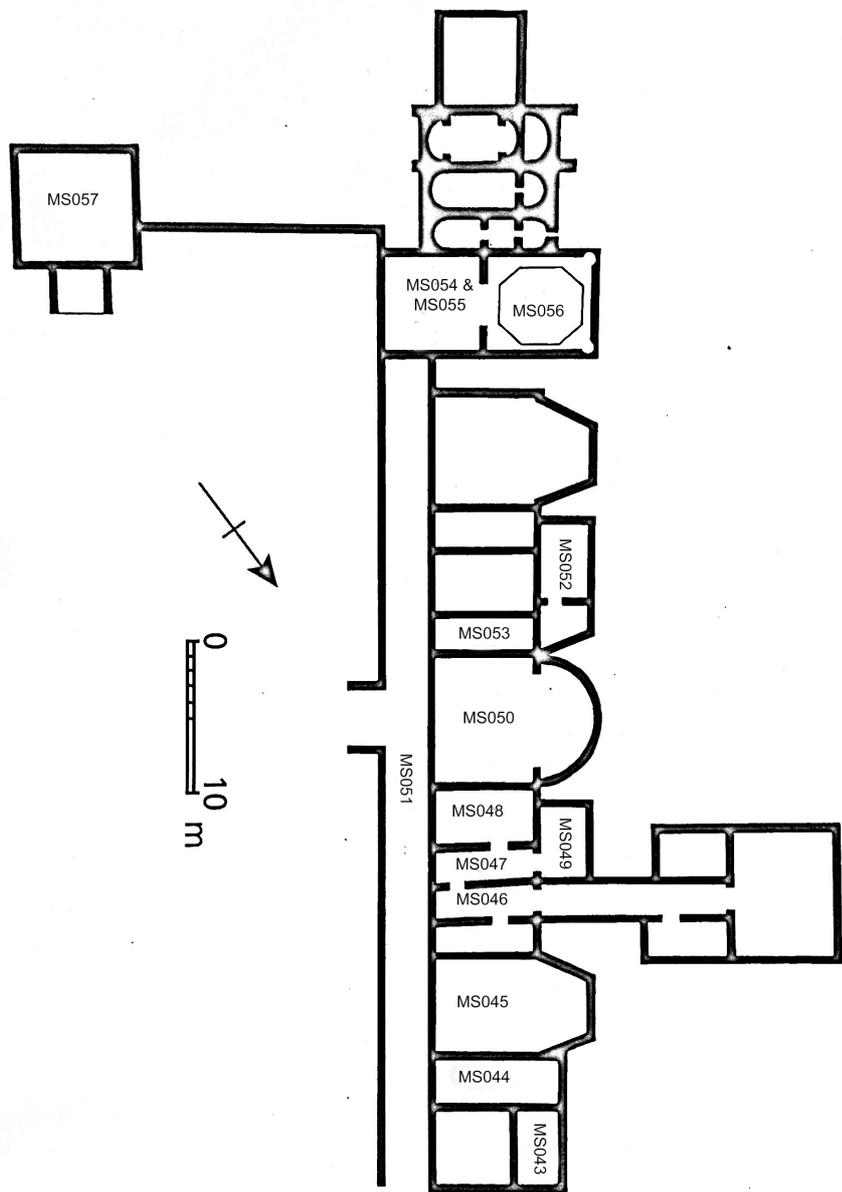
JOHNSTON 1994

NEAL & COSH 2009, 74-86

PUTNAM 2007

ALLEN et al 2015

[https://www.heritagegateway.org.uk/Gateway/Results\\_Single.aspx?uid=MDO985&resourceID=1012](https://www.heritagegateway.org.uk/Gateway/Results_Single.aspx?uid=MDO985&resourceID=1012)



**ID Mosaico**

MS043

**ID Villa**

VL008

**Datação**

após 350

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido, o mosaico retangular apresenta esquema quadriculado em tesserae brancas e vermelhas.

**ID Mosaico**

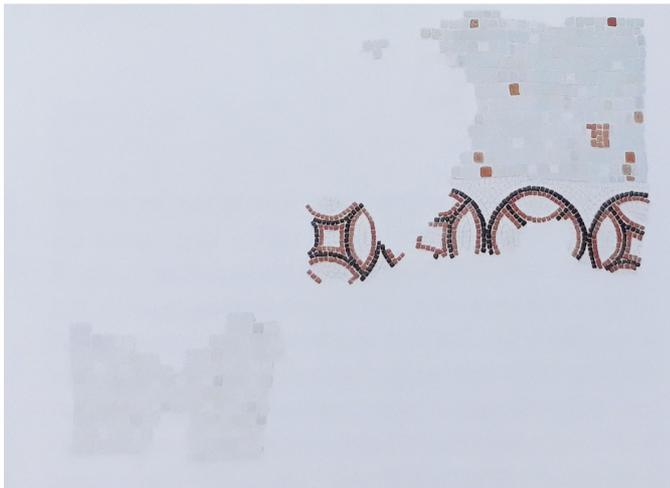
MS044

**ID Villa**

VL008

**Datação**

após 345

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Parcialmente perdido. Mosaico apresenta círculos em interseção.

## ID Mosaico

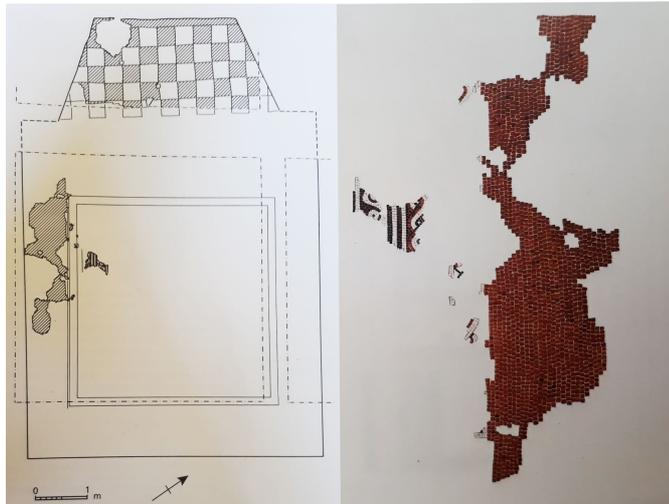
MS045

## ID Villa

VL008

## Datação

após 350



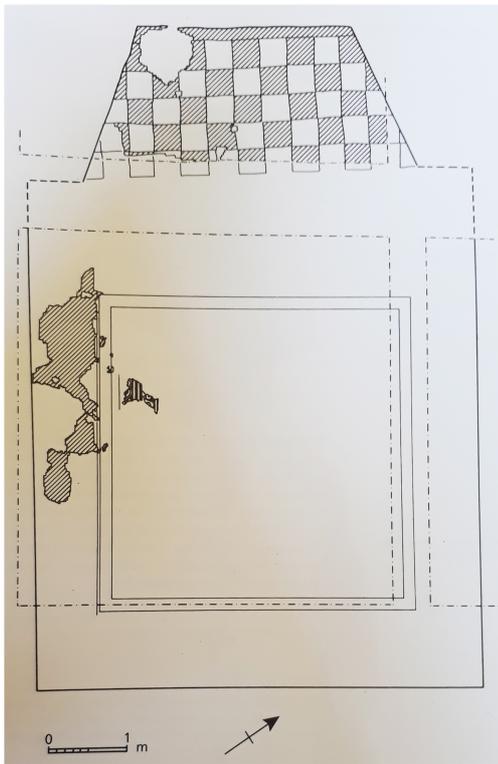
## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Painel A: Quase totalmente perdido. São identificáveis guilhocês perto da parte central do retângulo, dispostos de tal forma que sugerem uma composição em nichos, cujos medalhões são desconhecidos.

Painel B: Situada no abside do aposento, apresenta padrões quadriculados em tesserae branca e vermelha.



**ID Mosaico**

MS046

**ID Villa**

VL008

**Datação**

após 350

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

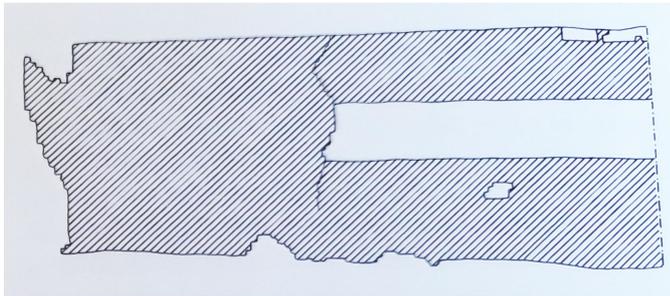
Meandro em forma de cruz gamada com retorno simples, de tesserae branca e azul-acinzentada, preenche um retângulo central enquadrado por faixas em tessera vermelha, acompanhando o corredor.

**ID Mosaico**

MS047

**ID Villa**

VL008



**Datação**

após 350

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico perdido.

**ID Mosaico**

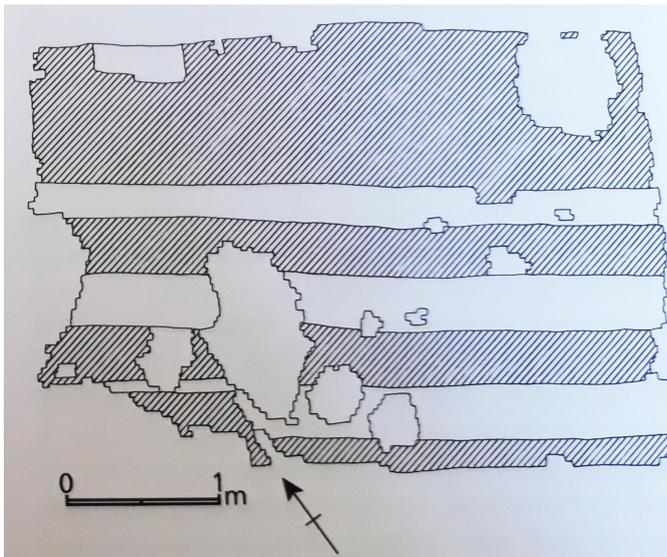
MS048

**ID Villa**

VL008

**Datação**

após 353

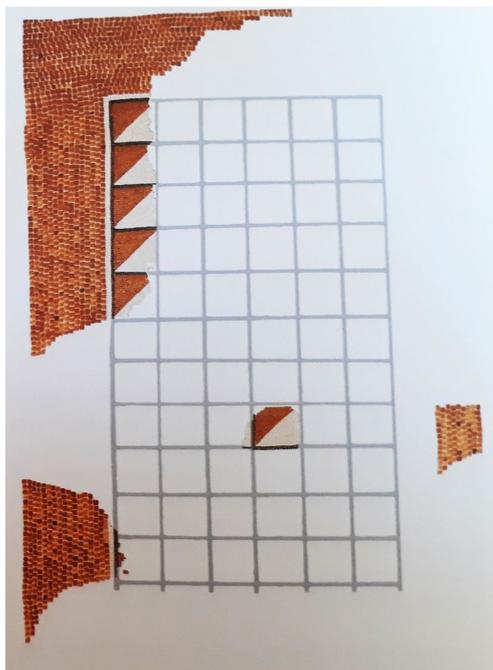


**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Faixas brancas e vermelhas.

**ID Mosaico**

MS049

**ID Villa**

VL008

**Datação**

após 353

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. São distinguíveis triângulos retângulos dispostos em nichos quadrados, padrão que parece se repetir por todo mosaico, inclusive nas partes perdidas.



## **ID Mosaico**

MS050

## **ID Villa**

VL008

## **Datação**

após 353

## **Grupo Mosaicista**

Durnovarian Group

## **Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Formado originalmente por dois painéis (A e B), sendo o primeiro em formato retangular, com o painel B seguindo a absida do recinto

Painel A: Segundo o trabalho de reconstrução de Johnston (1994), o mosaico era formado por 16 nichos, separados por guilhochê simples (que sobreviveram e m parte), enquadrando um medalhão central cercado por quatro estruturas que lhe serviam de cantoneiras. Parte de três destes nichos sobreviveram. Um deles apresenta partes de um busto, provavelmente uma representação das Estações ou do Vento. Outro, melhor conservado, apresenta uma cena onde um leopardo ataca um antílope, com o felino

agarrado em suas costas e com a presença de sangue. Em volta do busto, duas figuras fragmentárias aparecem nos nichos: as pernas de um ser humano, provavelmente um homem em posição de arremesso de uma lança, cuja ponteira pode ser identificada. A cena pode ser relacionada, segundo Henig (1984) à Cadmus lutando contra uma serpente. O outro nicho apresenta pernas de um animal não identificado (possível corça ou javali), e o que parece ser a estrutura de uma árvore. Uma das estruturas que serviam de cantoneiras para o medalhão (perdido) sugere uma cauda tripartida de um animal marinho, em consonância com as representações deste tipo nas Ilhas Britânicas.

Painel B: Parcialmente perdido. Um retângulo em guilhochê simples vermelho separa o painel A do B, contendo rolos de vinha "acanthus" em seu interior, motivo este que também acompanha a curvatura externa da abside. Cinco nichos trapezoidais, separados por guilhochê simples, apresentam uma espécie de "candelabro" formado por folhas vermelhas. Nos nichos ímpares, o candelabro parece conter um rosto. Entre os nichos e o retângulo que separa os dois painéis, um nicho semicircular apresenta dois golfinhos saindo de dentro de um cântaro.



**ID Mosaico**

MS051

**ID Villa**

VL008

**Datação**

após 353

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

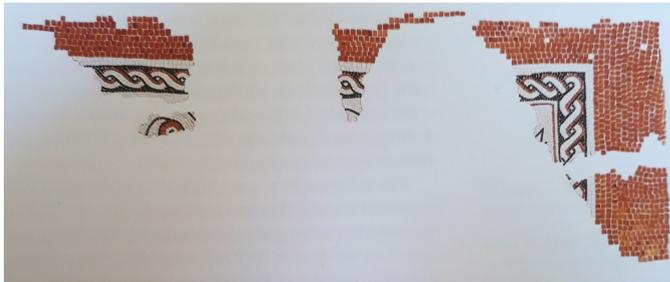
Faixas azuis claras, brancas e pretas com meandros em forma de ruz gamada vermelhos e pretos com retornos simples.

**ID Mosaico**

MS052

**ID Villa**

VL008

**Datação**

após 353

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Guilhochê simples enquadra painel retangular, onde é identificável parte de motivos florais.

**ID Mosaico**

MS053

**ID Villa**

VL008

**Datação**

N/A

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

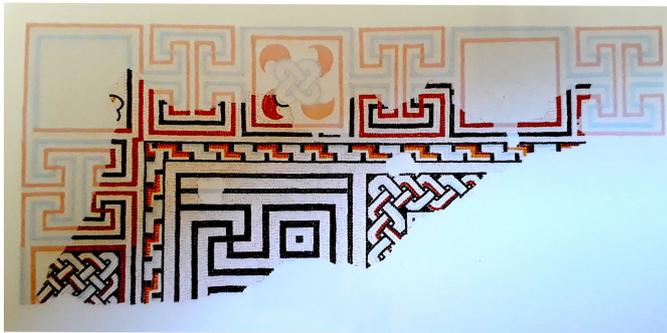
Parcialmente perdido. Sobreviveu parte da estrutura externa, que enquadra o mosaico, onde identificamos padrões em formato de ondas.

**ID Mosaico**

MS054

**ID Villa**

VL008

**Datação**

IV século

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente destruído. As bordas sobreviventes parecem intercalar Meandros-de-Latchkey, tapetes de guilhochê e peltae com cruz gamada, todos em nichos, formando uma estrutura retangular no centro.

Este, bordado por padrões em Z, apresenta meandros em forma de cruz gamada, e guilhochê duplo que parece enquadrar outro motivo, hoje perdido.



## ID Mosaico

MS055

## ID Villa

VL008

## Datação

após 353

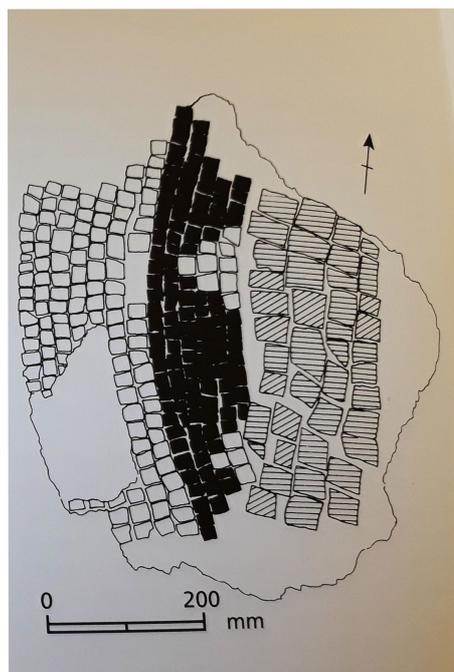
## Grupo Mosaicista

Durnovarian Group

## Descrição do Mosaico

Parcialmente perdido. Nas partes recuperadas, são identificáveis um leopardo-marinho, um capricórnio, um golfinho e partes do que se sugere ser um cupido. O golfinho é retratado com feições agressivas, dentes à mostra, como que atacando o leopardo, que também lhe retribui de boca aberta e sugestão de ameaça. O capricórnio acompanha a cena de longe. Abaixo desta cena, linhas brancas, pretas e vermelhas formam o enquadramento de elementos perdidos.



**ID Mosaico**

MS056

**ID Villa**

VL008

**Datação**

N/A

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico Perdido. O mosaico se encontrava dentro da piscina octogonal do frigidarium.

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS057

## ID Villa

VL008

## Datação

IV séc.

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

**ID**

VL009

**Região**

Dorset

**Nome**

Fifehead Neville

**Descrição do assentamento**

A *villa*, associada a uma fonte termal localizada ao lado do rio Divilish, foi escavada em 1880 e 1902-5. Um plano parcial mostra que a *villa* possuía um pátio central, com pelo menos dois edifícios situados nos lados norte e leste (a área sul provavelmente possuía outra área construída). No prédio norte, foram identificados cinco mosaicos e *thermae* na parte mais a oeste. O edifício original pode ter sido ampliado no lado leste para acomodar uma sala bipartida. Moedas que datam da época de Galieno e Graciano sugerem uma data do final do século III ou IV (Fase I) para a construção da *villa*. Os mosaicos, entretanto, são datados, segundo análise estilística, como pertencentes a escola de Corinium, de meados do séc. IV d.C. (Fase II)

### **Fases romanas**

Fase I: Fim do séc. III - Início do séc. IV d.C.

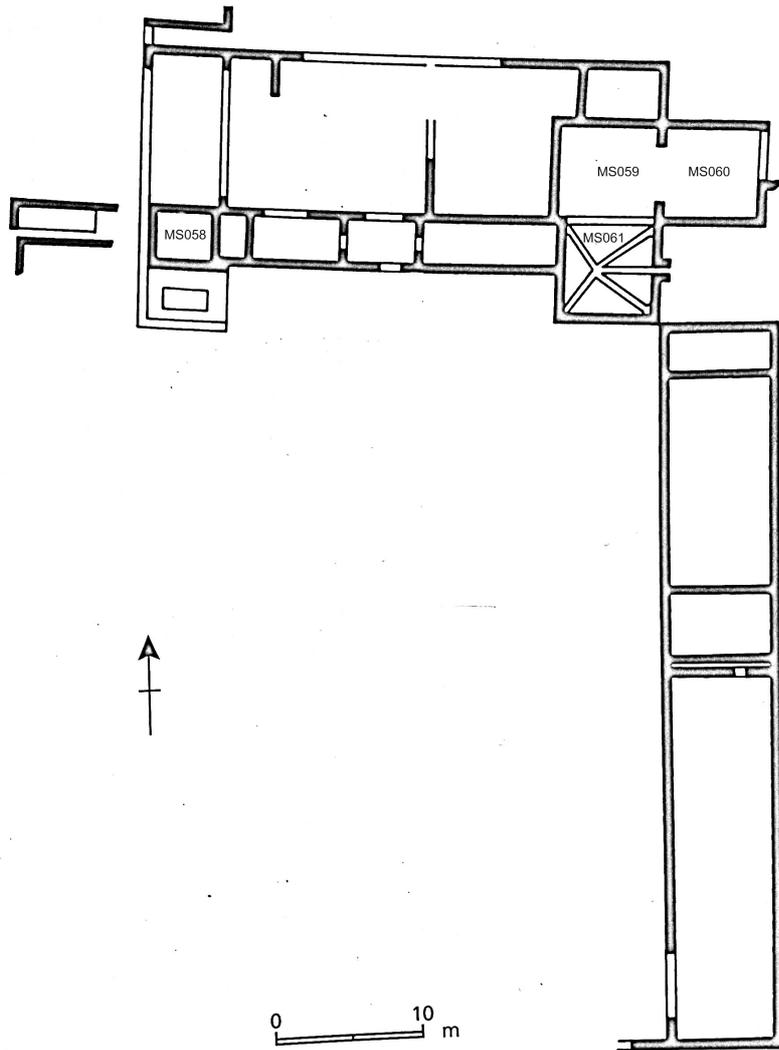
Fase II: Meados do séc. IV d.C.

### **Bibliografia**

NEAL & COSH 2009, 125-29

SMITH 1964

ALLEN et al 2015





## ID Mosaico

MS058

## ID Villa

VL009

## Datação

meados do IV séc.

## Grupo Mosaicista

Durnovarian Group

## Descrição do Mosaico

Esquemas interligados em formato de "T" enquadram este mosaico quadrangular. Duas barras de guilhoché simples em vermelho, branco e preto estão dispostas nas partes superior e inferior. Uma faixa de tesserae vermelha enquadra um painel central, com quatro cantoneiras, dois círculos concêntricos e, por último, um medalhão. As cantoneiras repetem dois padrões diferentes que lembram plantas, não identificadas, criando um efeito de espelhamento nos cantos opostos. A cantoneira superior esquerda está perdida. No primeiro círculo, são representados quatro golfinhos, de corpo rajado e caudas bi ou tripartidas. No segundo círculo, são representados peixes. Por fim, o medalhão ao centro apresenta um cântaro.





## ID Mosaico

MS059

## ID Villa

VL009

## Datação

meados do IV séc.

## Grupo Mosaicista

Durnovarian Group

## Descrição do Mosaico

A parte exterior que cria a o enquadramento deste mosaico quadrangular é composta por linhas vermelhas, seguidas por triângulos isósceles em linha, rolos "acanthus" em negro e , por fim, outra linha vermelha. A parte interior é composta por nove semicírculos tangenciais, em guilhochê simples, sendo os dos cantos da estrutura quadrangular ligeiramente menores. Três destes nichos menores apresentam em seu interior imagens de plantas, todas em estilos diferentes, mas que lembram as representações de flores em formato de coração encontradas em outros mosaicos na Britannia. O quarto nicho está perdido. Os nichos maiores também apresentam flores estilizadas que lembram o formato de coração, mas são bordadas por padrões em formato de Z. Quatro círculos, contendo Nós-de-Salomão, flanqueiam o medalhão

central, circundado de guilhochê quadruplo e uma estrutura folhada. No centro, uma figura humana masculina, branca e loira, com uma linha diagonal atravessando a parte direita do mosaico, sugerindo um cajado ou tirso.



**ID Mosaico**

MS060

**ID Villa**

VL009

**Datação**

meados do IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Durnovarian Group

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. O mosaico apresenta motivos únicos para os mosaicos da Britannia: Um medalhão deslocado, na parte esquerda, onde folhas em formato de coração se irradiam para os quatro lados e uso de peltae e corações que lembram não apenas as folhas supracitadas, mas também a cauda de alguns animais marinhos comumente representados no mosaicos.



# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS061

## ID Villa

VL009

## Datação

IV séc.

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico perdido. Sua única referência vem de trabalhos dos anos de 1970, que descrevem "cabeças dispostas em um círculo" (NEAL & COSH 2005, p. 129).

**ID**

VL010

**Região**

Dorset

**Nome**

Frampton, Maiden Newton

**Descrição do assentamento**

*Villa* próxima à Dorchester, escavada principalmente no séc. XVIII, no escopo das contribuições de Samuel Lysons. As escavações produziram uma planta segmentada e incompleta, e se resumem ao registro de três cômodos (um deles bipartido e com apse presente), dois corredores e cinco mosaicos. A complexidade, luxuosidade e mistura de temas mitológicos e cristãos presentes em dois dos mosaicos tornaram o sítio central nos estudos sobre o período, e sua identificação com os trabalhos do Grupo Durnovariano, bem como suas semelhanças com os trabalhos executados no sítio de Hinton St. Mary sugerem que um *terminus post quem* para os mosaicos em 355 d.C..

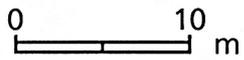
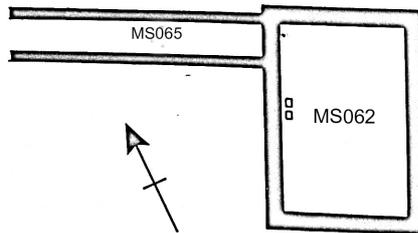
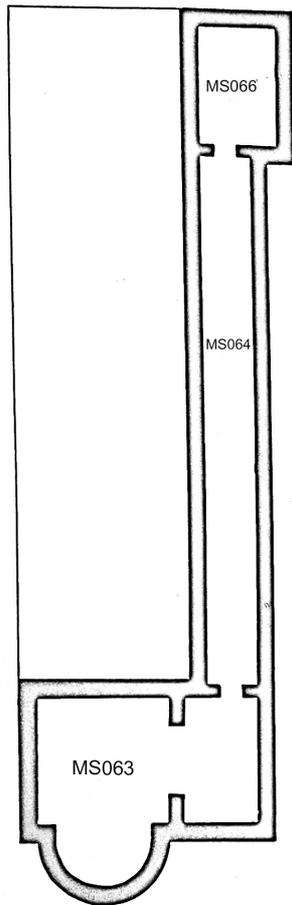
## **Fases romanas**

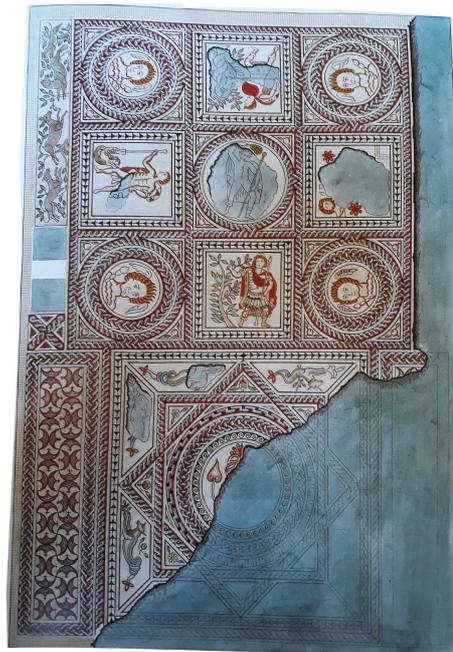
Fase I: T.P.Q. 355 d.C.

## **Bibliografia**

NEAL & COSH 2009

ALLEN et al 2015





## ID Mosaico

MS062

## ID Villa

VL010

## Datação

meados do IV séc.

## Grupo Mosaicista

Durnovarian Group

## Descrição do Mosaico

Painel A: Parcialmente perdido. Um painel retangular sobrevivente na esquerda onde uma corça foge de um cão de caça enquanto um cervo corre em direção dos dois. Ao fundo, árvores são representadas. É plausível que existisse uma composição geminada no lado esquerdo, hoje perdida. Guilhocês simples vermelhos enquadram e dividem nove nichos quadrangulares. Os quatro nichos localizados nas arestas da disposição quadrangular apresentam representações dos Ventos, cada um carregando uma concha e com assas saindo de suas cabeças. Estes medalhões com os Ventos são circundados por guilhocê simples e triplos, e em suas arestas há cantoneiras que parecem representar frutos. Os nichos restantes formam uma cruz. Todos são enquadrados por estruturas em formato de "espinhos"

sobrepostos. No sul, há uma representação de um homem de pé, com armadura, capa e gorro frígio, segurando uma lança e posicionado ao lado de uma árvore, e possivelmente representa Enéias. No nicho oeste, Um homem de pé posa com um tridente ao lado de uma criatura mitológica marinha. As interpretações sugeridas são de Netuno (o que seria incomum, pela ausência de barba) ou Perseu . O Nicho Norte apresenta uma figura masculina, de lado, olhando fixamente para uma árvore de onde a restauração sugerida é de uma serpente enrolada. Esta imagem tem sido associada à Apolo e Píton. Já no nicho leste, o busto de uma figura masculina e barbada, bem como duas orelhas animais e duas flores são os únicos elementos distinguíveis. As interpretações sugeridas são diversas: Júpiter, Hércules ou o rei Eetes, pai de Medeia.

Painel B: Parcialmente perdido. Assim como o painel A, duas seções retangulares flanqueiam a parte central. Nestas laterais, peltae em sequência preenchem o espaço bordado por guilhochê triplo. A estrutura esquerda, gêmea da descrita acima, foi praticamente perdida, assim como a metade sudeste do mosaico. Desta parte central, enquadrada por guilhochê simples e "espinhos" sobrepostos, um esquema de quadrados entrelaçados como uma estrela dividem o espaço do enquadramento. Em sua parte externa, sobreviveram inteiros dois bois ou cabras marinhas, bem como a cauda de mais duas criaturas. As pontas da "estrela" são preenchidas por bulbos ou frutos folhados. No centro, padrões em Z, guilhochê triplo e ondas criam um medalhão, com uma imagem parcial de uma mulher vestida de tiara e acompanhada de uma folha em formato de coração. Sugere-se a interpretação como Vênus.





## ID Mosaico

MS063

## ID Villa

VL010

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Painel A: Parcialmente perdido. Pode ser subdividido em duas partes: uma composição quadrangular e um "arco" na parte sul que acompanha o desenho da abside do recinto. A parte quadrangular é enquadrada por golfinhos, garças e patos (duas delas perdidas ou danificadas) e as pernas do que parece um homem em pé, parcialmente danificado, o que dificulta qualquer identificação. Na parte mais sul desta composição quadrangular, é representada a cabeça de Netuno, barbada e com os cabelos de forma a representar folhas ou algas, com dois dos golfinhos saindo de sua boca, Flanqueando Netuno, duas estruturas apresentam Nós-de-Salomão (dois de cada lado) e a inscrição "NEPTVNI VERTEX REGNEM SORTITI MOBILE VENTIS SCVLTVM QVI CAERVLEA ES[T] DELFINIS CINCTA DVOBS".

Passando para a parte principal, guilhochê simples forma quatro nichos quadrados nas arestas, e quatro nichos semicirculares que, junto ao medalhão central, formam uma cruz. O medalhão central, parcialmente perdido, apresenta um homem montado em um cavalo, bem como a parte do corpo de um animal quadrúpede e de tamanho médio, com um bulbo tripartido na ponta da cauda. A interpretação sugerida é de uma cena de Belerofonte e Quimera. Este medalhão é circundado por linhas negras e toldos. Os nichos próximos às arestas são todos enquadrados por "espinhos" sobrepostos. O nicho nordeste está perdido, bem como partes do sudeste e um pequeno pedaço do sudoeste. O nicho sudeste apresenta parte do corpo de um homem sentado, e os pés do que se infere ser uma mulher. O nicho sudoeste apresenta um casal, uma mulher reclinada e nua, e um homem vestido, identificado por um "pendum". Já o nicho noroeste, o homem aparece sentado e vestido, segurando um "pendum" e uma "syrinx", e com gorro frígio. Uma mulher seminua, com manto caído pela cintura, o acompanha. Os nichos semicirculares estão todos perdidos, sobrevivendo apenas a representação de padrões em Z que os bordeavam. Os espaços restantes ao redor do medalhão são preenchidos por oito flores, provavelmente anêmonas, associadas à Vênus e Adonis. Metade de uma inscrição foi encontrada na área que separa o painel A do B: "[ ] NVS PERFICIS VLLVM [ ] GNARE CVPIDO".

A abside é separada da composição quadrangular por uma barra com rolos "acanthus", três de cada lado, dispostos com um Chi-rô ao centro, e duas colunas vermelhas, azuis e brancas flanqueando toda a composição. O espaço semicircular se inicia com um padrão quadriculado, e triângulos isósceles acompanham o arco, bem como guilhochê simples. Seu centro é composto por oito Nós-de-Salomão, um tapete de guilhochê e as abas do que foi identificado como um cântaro.

Painel B: Uma barra em peltae contínua separa os dois painéis. A disposição das cenas compreende um espaço quadrangular central, flanqueada por dois espaços retangulares, um deles posicionado na entrada do cômodo. No espaço lateral adjacente à entrada, partes de uma cena onde um homem caça com lança um leopardo. No espaço oposto, fragmentos da perna de um homem compõem uma cena de caça à um veado, acompanhando de um cão. Há um espaço com triângulos quadrados, provavelmente destinado à mobiliário. O medalhão central, parcialmente perdido, apresenta uma pantera olhando para trás e algumas folhas. A parte perdida poderia indicar alguma interação da pantera com outro elemento. Este medalhão é bordado por guilhochê duplo redondo, guilhochê simples, folhagens e, nas cantoneiras,



**ID Mosaico**

MS064

**ID Villa**

VL010

**Datação**

meados do IV século

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Uma parte do mosaico foi escavada, revelando círculos concêntricos e meandros em negro, bem como um padrão de peltae contínua. Um enquadramento em guilhochê é identificável, mas seu interior foi perdido.

**ID Mosaico**

MS065

**ID Villa**

VL010

**Datação**

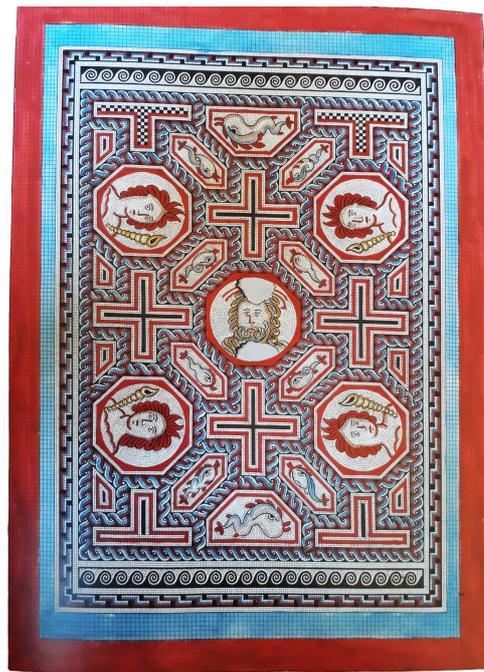
meados do IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Quadrados concêntricos enquadram meandros em forma de cruz gamada com retornos simples.



## ID Mosaico

MS066

## ID Villa

VL010

## Datação

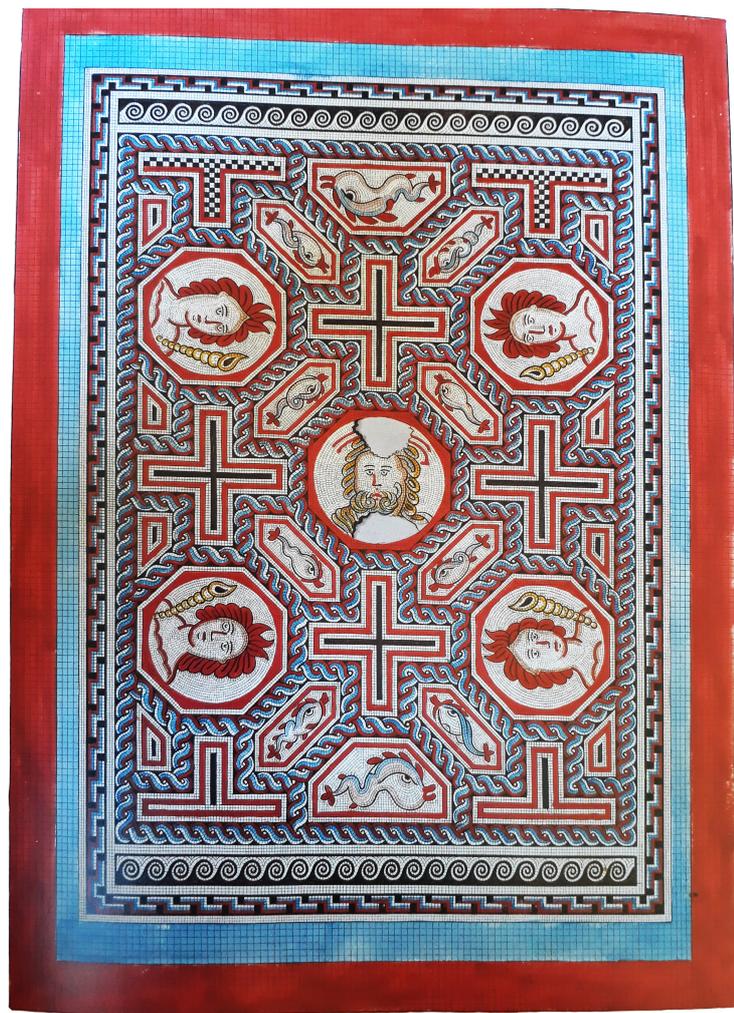
meados do IV séc.

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Três faixas, uma vermelha, outra em azul e uma última branca, são seguidas por padrões em Z. Nas partes superior e inferior, uma barra com ondas em linha. Este enquadramento cerca uma disposição de grade, com cinco octógonos, e outros 26 nichos poligonais. Nos octógonos, o central (medalhão) representa Netuno. Os outros quatro apresentam os Ventos, segurando conchas. Dez dos nichos octogonais abrigam golfinhos. Outros dois, padrões quadriculados, dispendo um formato de "T". Os últimos notáveis são os quatro que circundam o medalhão central, em formato de cruz.



**ID**

VL011

**Região**

Dorset

**Nome**

Halstock

**Descrição do assentamento**

Situada entre Ilchester e Dorchester, a *villa* de de pátio interno, formadas pelas alas norte, oeste e sul, é um antigo assentamento relacionado à tribo dos Durotrigues, estabelecido em meados do século I a.C. e abandonado em meados do século I d.C. A vila foi descoberta pela primeira vez no início do século XIX, com novas escavações entre 1967 e 1985.

Sobre a cronologia do assentamento em estilo romano, quatro períodos principais de desenvolvimento são identificáveis. A Fase I (140 d.C.) foi marcado pela construção de um edifício atravessado por um corredor, um complexo de *thermae* independente, e com dois edifícios situados mais ao sul. No século terceiro d.C., duas fases de intervenção arquitetônica são discerníveis, com mudanças em larga escala que culminam em uma vila em estilo de pátio, com três áreas interligadas. A faixa oeste continha os principais edifícios residenciais, uma faixa norte com corredores de corredor único ligados por um pórtico e a faixa sul com outro corredor de corredor e *thermae* expandidas. Desde a Fase 2 (200 d.C.), há um sistema de aproveitamento da água de uma nascente ao sul, que foi remodelada na Fase 3 (275/325 d.C) para abastecer uma lagoa ornamental e tanques dentro do pátio. A Fase 4 (meados séc. IV d.C) é marcada por alterações das *thermae* principais, e mosaicos ligados ao grupo de Corinium são construídos.

### **Fases romanas**

Fase 1: 140 d.C.

Fase 2: 200 d.C.

Fase 3: 275/325 d.C.

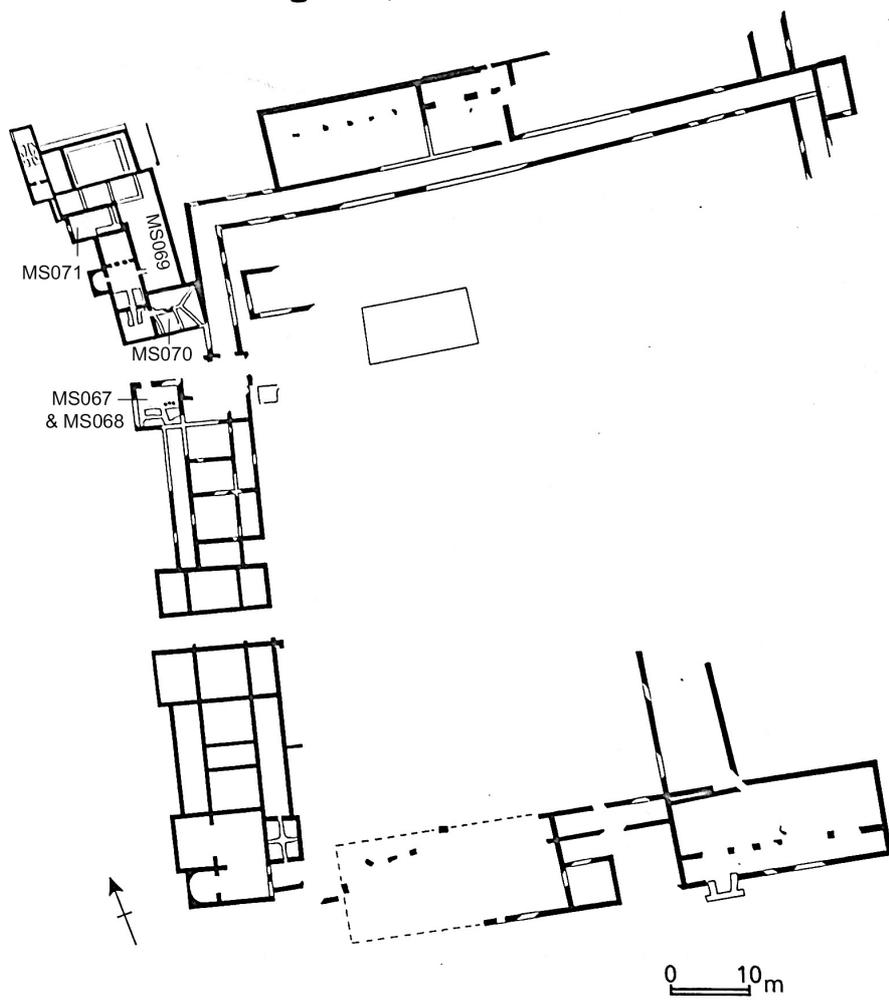
Fase 4: Meados séc. IV d.C.

### **Bibliografia**

LUCAS 1993

NEAL & COSH 2009, 142-149

ALLEN et al 2015



# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS067

## ID Villa

VL011

## Datação

IV séc.

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido.

## ID Mosaico

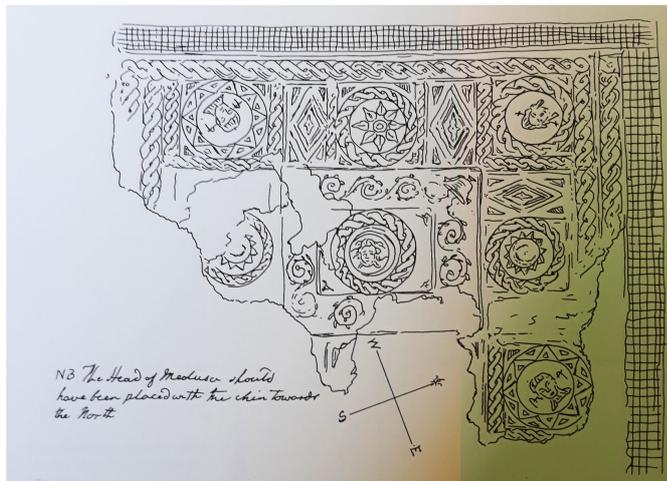
MS068

## ID Villa

VL011

## Datação

IV séc.



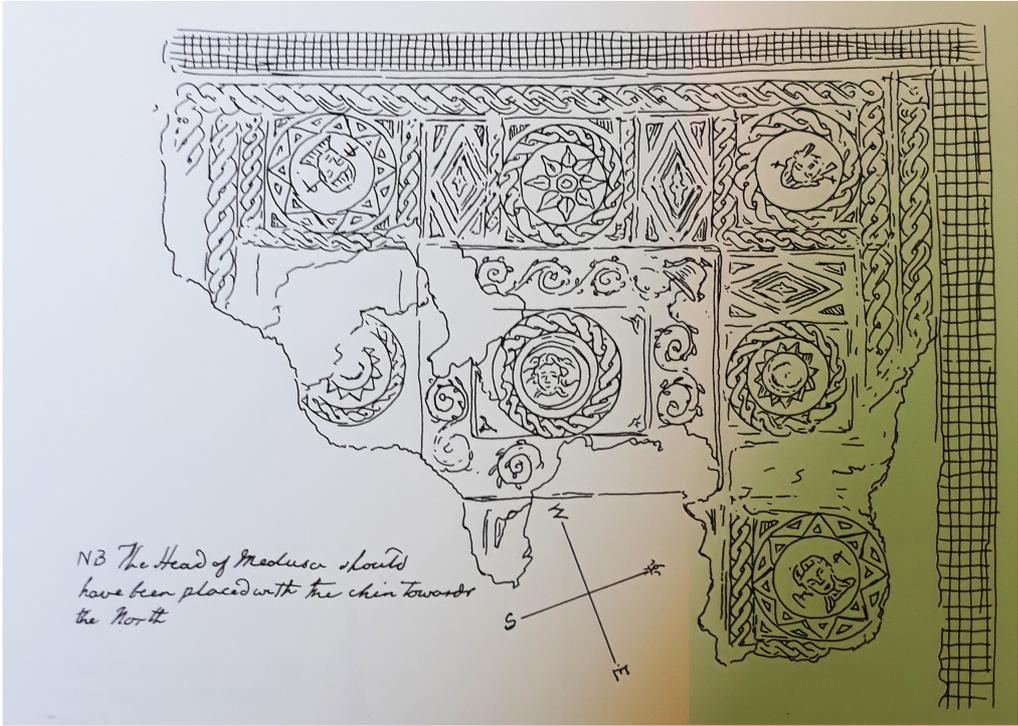
## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico atualmente perdido. Sua única representação vem de uma ilustração de 1818, feita por T Rackett, que participava de uma das escavações. Ele o descreve como um mosaico quadrado, que formava nichos também quadrangulares enquadrados em guilhocê simples. Todos os nichos apresentam decoração interna circular em guilhocê, e o nicho central se apresenta maior que os outros, com um medalhão. Em 1818, eram distinguíveis três dos quatro nichos nas arestas, que apresentariam bustos com asas nas têmporas, uma provável representação dos Ventos. Já os nichos cardeais, dos quais apenas três puderam ser descritos, apresentam flores com oito pétalas. O medalhão central apresentaria uma borda externa quadrada em rolos folhados saindo de um cântaro. No medalhão, uma

representação humana que é interpretada como Medusa.





## ID Mosaico

MS069

## ID Villa

VL011

## Datação

meados do IV século

## Grupo Mosaicista

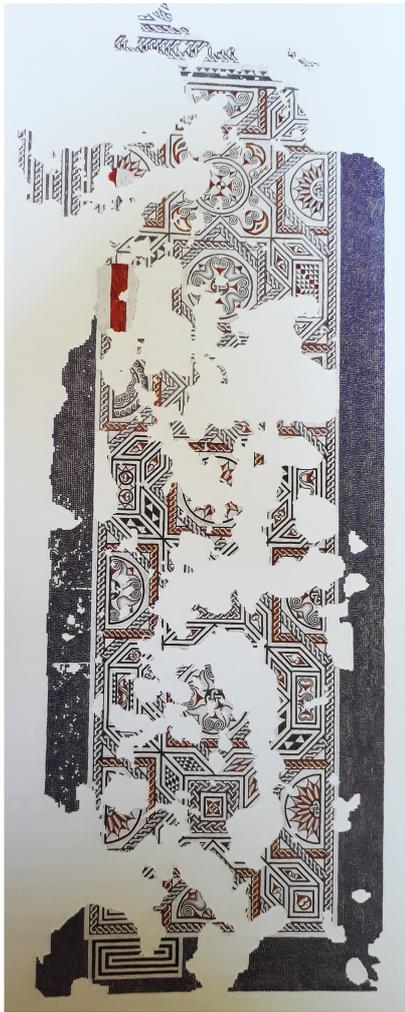
Saltire Group

## Descrição do Mosaico

Parcialmente perdido. Este mosaico, que se estendia por todo o cômodo em formato de "L", é formado por esquemas repetidos, cada um constando com quadrados entrelaçados em guilhoché simples, contendo em seu centro um medalhão com um Nó-de-Salomão circundado por flores em formato de coração convolutas e urnas-cálice. Os espaços laterais são preenchidos por semicírculos, que apresentam metade da composição descrita acima. nas laterais, linhas negras formam caixas retangulares, contendo flores em formato de coração à esquerda, e urnas-cálice à direita.

Esta composição é seguida por outra distribuída em esquema "saltire", com urnas-peltae com volutos ocupando as quatro partes do "X". No centro, um medalhão contendo uma flor composta por quatro folhas em formato de

coração convolutas e um círculo branco e vermelho, que cria uma ilusão de uma flor maior, com pétalas que lembram uma urna-cálice. Nas laterais, nichos formados por esquemas de quadrados entrelaçados representados pela metade abrigam Nós-de-Salomão com pétalas irradiantes, como o Sol. Esta representação, completa, serve de medalhão para um terceiro padrão, disposto em quadrados entrelaçados. Um último padrão apresenta uma flor cercada por guilhoché triplo.



## ID Mosaico

MS070

## ID Villa

VL011

## Datação

meados do IV séc.



## Grupo Mosaicista

Corinian Saltire Group

## Descrição do Mosaico

Parcialmente perdido. Na parte externa, um padrão quadriculado em vermelho e azul-acinzentado, com um nicho em tapete de guilhochê. Esta composição enquadra a parte principal, contornada e separada em guilhochê simples. Nas partes superior e inferior, duas barras preenchidas com rolos de folhas em formato de coração. A parte central é dividida em dois esquemas "saltire", sendo o esquema oeste o mais danificado. Os nichos do esquema são preenchidos com folhas volutas em formato de coração, Nós-de-Salomão, triângulos isósceles e quadrados. No centro do "saltire" leste, um medalhão em guilhochê triplo circunda um esquema de flores em formato de coração volutas dispostos em formato de "estrela", flanqueados por vasos em peltae volutas e vasos de onde brotam flores em formato de coração.



**ID Mosaico**

MS071

**ID Villa**

VL011

**Datação**

meados do IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido, tendo distinguível apenas um padrão de guilhochê simples.

**ID**

VL012

**Região**

Dorset

**Nome**

Hemsworth

**Descrição do assentamento**

Localizada em uma área plana de terrenos levemente inclinados e perto de uma estrada romana entre Old Sarum e Badbury Rings (Vindocladia), a villa de Hemsworth foi escavada na atual área de Walls Field, Hemsworth Farm, a cerca de 7km da noroeste de Wimborne. O sítio foi escavado em 1909, e identificou duas áreas de prédios. Uma delas possui cinco aposentos, sendo um deles em formato hexagonal, interpretado como uma piscina; a outra é composta por três aposentos, situado na parte sul da área escavada. O prédio principal possui um sistema de hipocausto para aquecimento, e oito mosaicos foram identificados no sítio, em sua maioria representações de cenas marinhas e de Vênus. A datação do sítio, entretanto, é pouco precisa: Uma série pequena de moedas sugere uma fundação (Fase I) entre o fim do séc. III/início do séc. IV d.C; e os mosaicos, ligados ao Grupo Durnovariano, de meados do séc. IV (Fase II).

### **Fases romanas**

Fase 1: Fim séc. III/Início séc. IV d.C.

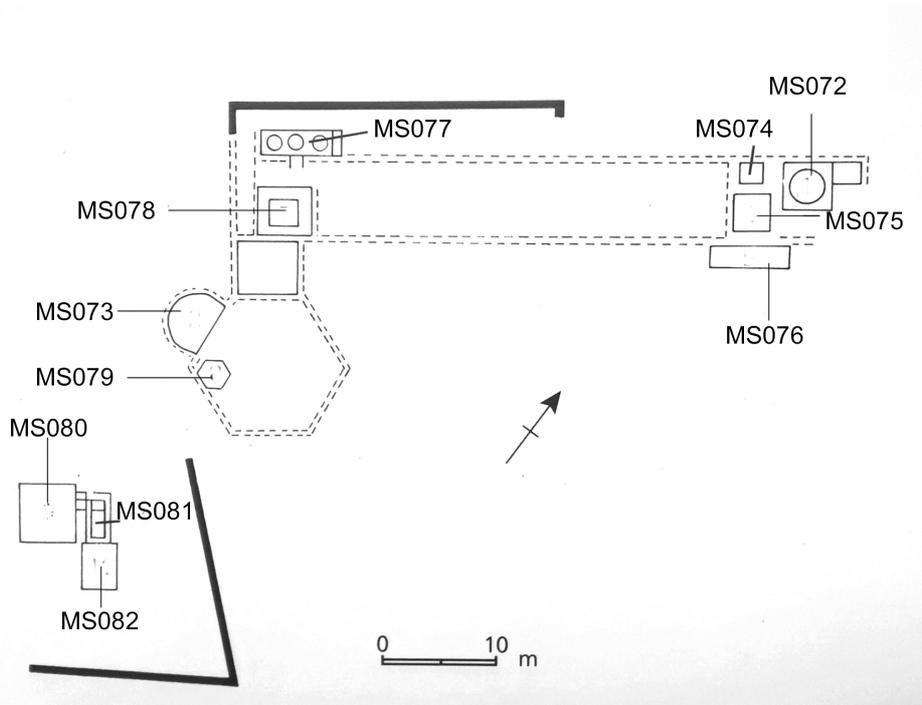
Fase 2: Meados do séc. IV d.C.

### **Bibliografia**

ENGLEHEARTH 1909

NEAL & COSH 2009

ALLEN et al 2015



**ID Mosaico**

MS072

**ID Villa**

VL012

**Datação**

IV séc.

**Grupo Mosaicista**

Durnovarian Group

**Descrição do Mosaico**

Esquema de círculos concêntricos emoldurado por filete simples. No centro, um busto masculino, a cabeça ligeiramente virada para a direita, com mechas encaracoladas marrons e um bigode enrolado. Na cabeça existem duas protuberâncias vermelhas e três pares de formas em V invertidas vermelhas, talvez destinadas a representar as pernas de uma lagosta e provavelmente a identificar a figura como Netuno / Oceanus, apesar de Johnston (1982) sugerir que seriam juncos representados na cabeça de uma divindade fluvial. No entorno do medalhão, há faixas circulares concêntricas em preto, vermelho, branco, azul acinzentado e amarelo contíguo com uma faixa vermelha com bordas em preto, padrão de onda, guilhochê quádruplo, rolos folhados e guilhochê simples. Em um dos cantos, há fragmentos de uma faixa

vermelha com bordas em preto, a parte curva contígua ao círculo de guilhoché simples, contendo uma folha em forma de coração com volutos.





### ID Mosaico

MS073

### ID Villa

VL012

### Datação

Meados do IV séc.

### Grupo Mosaicista

Não Disponível

### Descrição do Mosaico

Mosaico absidal, com representação de Vênus sobreposta a um escalope (a parte superior do corpo está perdida). Atrás dela, há uma capa azul esvoaçante e outras dobras em vermelho e amarelo ocre em ambos os lados, que sugere a utilização da técnica de *velificatio* como forma de dar movimento à cena. As arestas do escalope apresenta partes vermelhas e brancas alternadas entre os filetes pretos, dando um efeito de jóias e com pequenos círculos nos pontos; uma linha ondulada completa a borda inferior. No flanco da cena, folhas com volutos em forma de coração.

O enquadramento intermediário de Vênus é feito através de uma sucessão de faixas concêntricas de ornamento, compreendendo um filete duplo preto, uma faixa vermelha com bordas pretas e padrões em onda e guilhoché duplo.

Na parte mais periférica, há um friso representando uma procissão de cinco golfinhos, com caudas formadas de forma tripartida. Três dos golfinhos nadam da direita para a esquerda e dois da esquerda para a direita. A figura ainda possui mariscos e dois peixes.





**ID Mosaico**

MS074

**ID Villa**

VL012

**Datação**

N/A

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Padrão em Peltae

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS075

## ID Villa

VL012

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS076

## ID Villa

VL012

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

**ID Mosaico**

MS077

**ID Villa**

VL012

**Datação**

Iv séc.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Linhas de tessera negra formam três nichos quadrados, e um nicho retangular de dimensões menores. Do primeiro nicho, apenas sobreviveram as bordas, enquanto o segundo nicho apresenta vestígios de um quadrado com as arestas alinhadas com o centro do nicho. Já o terceiro apresenta um padrão de círculos concêntricos feitos com triângulos retângulo e semicírculos. O nicho retangular tem, em seu centro, dois losangos concêntricos, com dois quadrados de tessera criando um efeito semelhante a uma "linha pontilhada" ligando o losango às bordas. Na parte exterior, uma faixa espessa de tessera vermelha cerca a maior parte dos itens anteriores, exceto na parte esquerda do nicho central, onde são identificados padrões losangulares, sugerindo que o mosaico provavelmente

se estendia para outras direções.

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS078

## ID Villa

VL012

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS079

## ID Villa

VL012

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

**ID Mosaico**

MS080

**ID Villa**

VL012

**Datação**

N/A

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico Perdido

**ID Mosaico**

MS081

**ID Villa**

VL012

**Datação**

N/A

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS082

## ID Villa

VL012

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido.

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS083

## ID Villa

VL012

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido. Não há informações sobre contexto.

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS084

## ID Villa

VL012

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido. Não há informações sobre contexto.

**ID**

VL013

**Região**

Dorset

**Nome**

Hinton St Mary

**Descrição do assentamento**

A *villa* de Hinton St. Mary foi escavada entre 1964 e 1965 no vale de Blackmoor, próximo ao rio Stour. A área escavada provavelmente compunha um dos lados de um pátio. A evidência dos dados de cerâmica são todos do início do século III d.C., e as moedas são quase todas datadas entre 270 e 400 d.C. A falta de análises estratigráficas, entretanto, me leva a argumentar que a única fase distinta é a colocação dos mosaicos, em meados do quarto século d.C.

## **Fases romanas**

Fase 1: Meados do séc. IV d.C.

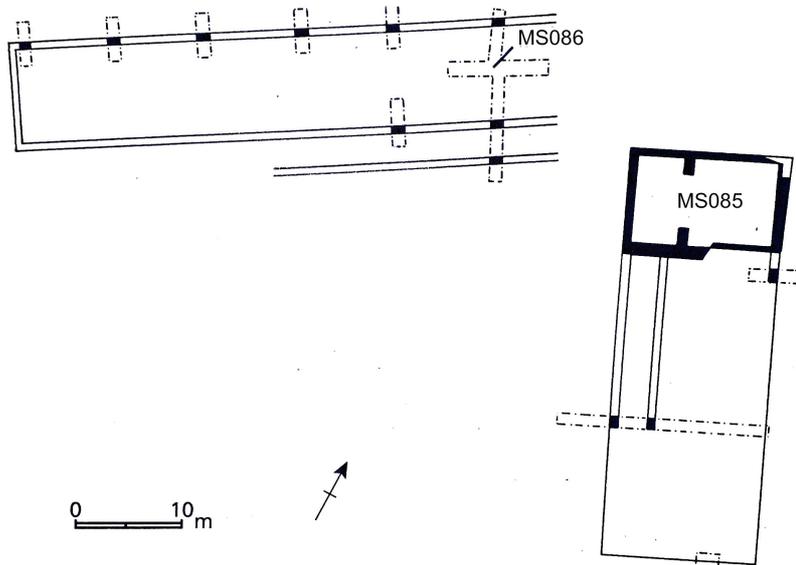
## **Bibliografia**

TOYNBEE 1964

PAINTER 1967

NEAL & COSH 2009

ALLEN et al 2015





## ID Mosaico

MS085

## ID Villa

VL013

## Datação

Meados do séc. IV

## Grupo Mosaicista

Durnovarian Group

## Descrição do Mosaico

### PAINEL A

Esquema é baseado em nove círculos tangentes, truncados para formar um círculo central, semicírculos laterais e quadrantes nos cantos, faixa de guilhochê e um círculo central. Todo o esquema é desenhado em guilhochê simples, padrão em Z e peltae. O círculo central contém uma série de faixas concêntricas de padrão Z em ângulo reto, guilhochê triplo, padrão em onda e filetes simples e duplo, emoldurando um busto masculino usando um palium branco no ombro direito. Atrás de sua cabeça está um chi-rho e, de ambos os lados, uma romã.

Três semicírculos em quadros de padrão Z em ângulo reto retratam cenas de caça nas quais cães usando coleiras cravejadas atacam veados e, em um

caso, uma corça. Atrás do cervo perseguido há árvores com troncos, folhas e uma árvore que se espalha. Ocupando as canteiras estão bustos envoltos em mantos vermelhos presos por broches no ombro direito. Os diminutos braços direitos das figuras estão dobrados no cotovelo e dobrados sob as túnicas. Seus cabelos têm um estilo ereto e varrido pelo vento, sugerindo que eles podem ter sido adaptados das personificações dos Ventos. Eles são ladeados por rosetas e romãs. O rolo foliado ocupa as duas metades de alguns quadrados.

#### PAINEL B

Este é separado do painel A por um limiar retangular com pelta em execução e uma banda de guilhocê quadroplo. Consiste em um grande círculo de guilhocê simples dentro e tangente a um quadrado. O círculo é ladeado por dois retângulos grandes, também em guilhocê simples. O círculo contém um rolo foliar dentro de círculos lineares emoldurando um retrato de Belerofonte cavalgando Pégaso e enfrentando a Quimera de três cabeças: uma cabeça de leão, uma cabeça de cabra emergindo de suas costas e uma cabeça de serpente para sua cauda. Ocupando as cantoneiras estão canthari com tigelas e corpos canelados, as alças em forma de S se estendendo em rolos volutos, e brotando da base de um dos canthari há um talo com uma folha vermelha. Os grandes retângulos que lardeiam a imagem contêm cenas de caça com veados perseguidos por cães usando coleiras. Atrás deles, há árvores, e atrás de um painel está um traseiro, olhando para o agressor.

ORSET



**ID Mosaico**

MS086

**ID Villa**

VL013

**Datação**

Meados do séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Apenas uma pequena parte desse mosaico fragmentário do canto da sala foi escavada. A área contém dois pequenos fragmentos de guilhochê simples e uma linha de triângulos serrilhados.

**ID**

VL014

**Região**

Somerset

**Nome**

Ilchester Mead

**Descrição do assentamento**

A *villa* de Ilchester Mead, a cerca de 1 km a sudoeste de Ilchester e próxima a *Via Fossa*, foi escavada em 1955, 1960 e de 1967 a 1972. Sua estrutura arquitetônica final era formada por três edifícios, situadas nos lados norte, oeste e sul de um pátio. O edifício do norte era provavelmente a parte principal da casa e compreendia uma longa série de aposentos com um pórtico voltado para o sul. Um prédio menor na parte oeste tinha pelo menos quatro aposentos, e o prédio do sul, seis aposentos.

Três fases de construção são identificáveis. A primeira (Fase I) data de meados do segundo século d.C. com a construção de uma primeira versão do edifício oeste. Durante a segunda metade do século III d.C. houve uma remodelação completa do pátio da vila (Fase II), a instalação de um sistema de hipocausto e a instalação de *thermae* no edifício oeste. Uma terceira fase, com um *terminus post quem* entre 361/75 d.C. é identificado pela presença de moedas de Valentiniano I logo abaixo de um dos mosaicos no prédio norte.

### **Fases romanas**

Fase 1: meados séc. II d.C.

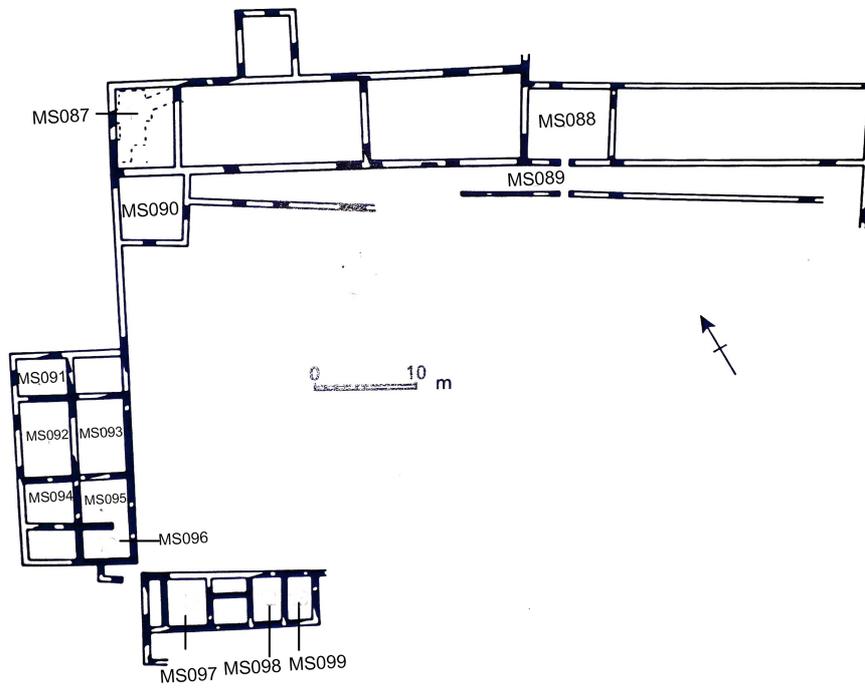
Fase 2: meados séc. III d.C.

Fase 3: T.P.Q. 361/75 d.C.

### **Bibliografia**

NEAL & COSH 2009

ALLEN et al 2015



**ID Mosaico**

MS087

**ID Villa**

VL014

**Datação**

Fim do séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Lindinnis Group

**Descrição do Mosaico**

Composto por um esquema de quatro quadrados entrelaçados em guilhochê simples, criando losangos e octógonos. O design é emoldurado por um quadrado com semicírculos no meio de cada lado, todos delineados em guilhochê simples. Dos espaços triangulares ao longo dos lados, apenas um permaneceu, mostrando um padrão triangular isósceles. No extremo norte, e talvez também originalmente no extremo sul, há um painel retangular estreito, limitado por guilhochê simples e com um design de pelta contínua.



# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS088

## ID Villa

VL014

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS089

## ID Villa

VL014

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS090

## ID Villa

VL014

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

**ID Mosaico**

MS091

**ID Villa**

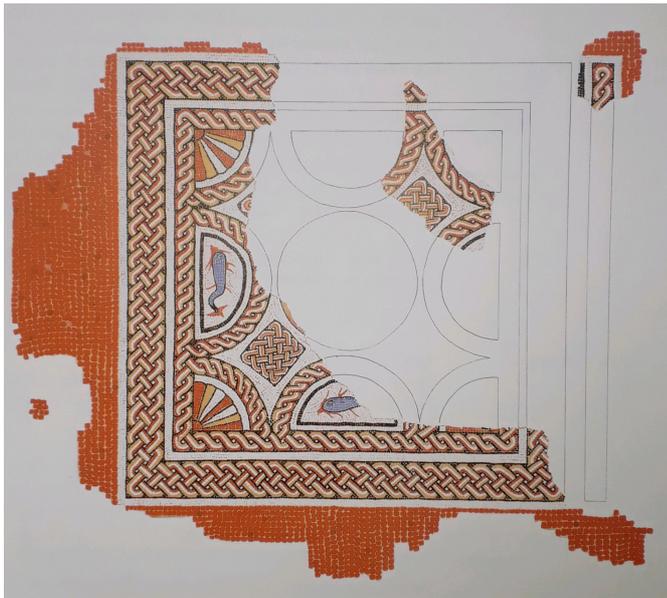
VL014

**Datação**

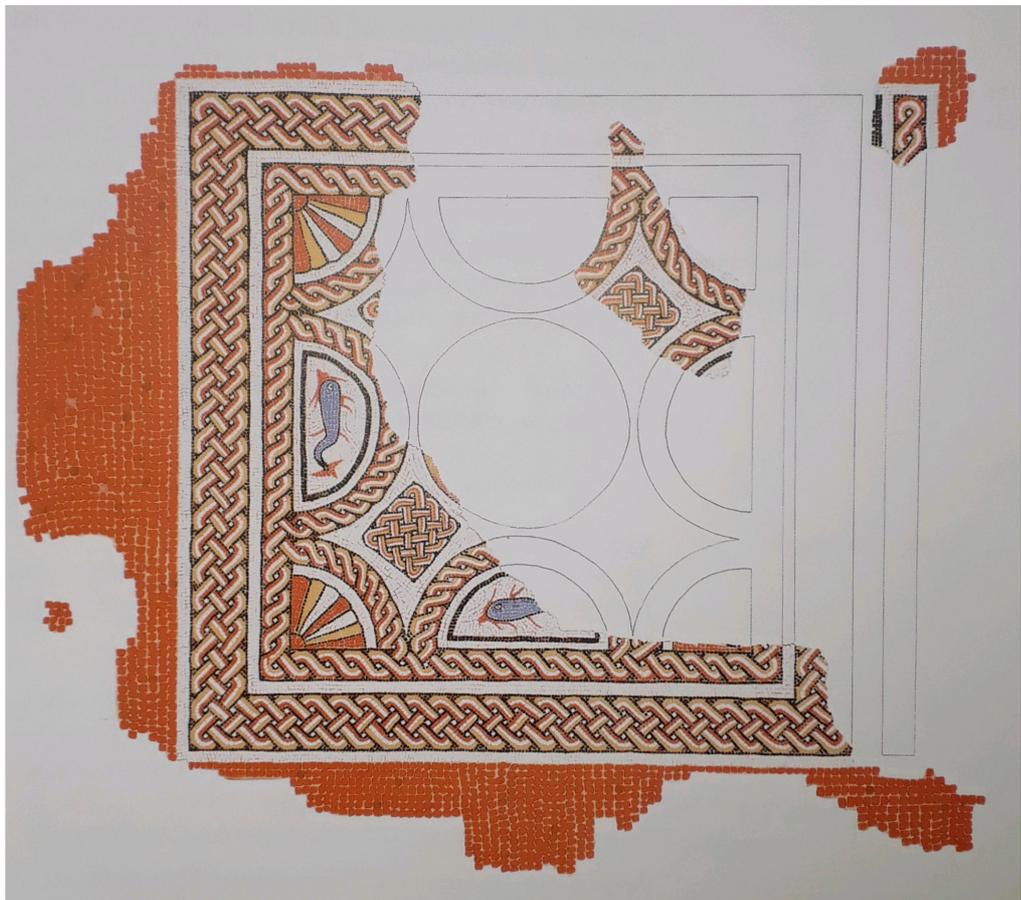
Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Esquema de em nove círculos tangentes, aqui truncados para formar um círculo central, semicírculos laterais e quadrantes nos cantos, dentro de uma moldura quadrada em guilhochê simples. Os dois semicírculos sobreviventes têm a representação de golfinhos. Em três dos quadrantes, e sem dúvida no quarto também, há motivos de conchas ou leques. No quadrado côncavo, os espaços são preenchidos com tapete de guilhochê. O painel quadrado é cercado por guilhochê quadruplo e, de um lado, há uma faixa adicional de guilhochê simples.



# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS092

## ID Villa

VL014

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS093

## ID Villa

VL014

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS094

## ID Villa

VL014

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS095

## ID Villa

VL014

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS096

## ID Villa

VL014

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS097

## ID Villa

VL014

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS098

## ID Villa

VL014

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS099

## ID Villa

VL014

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

**ID**

VL015

**Região**

Somerset

**Nome**

Keynsham

**Descrição do assentamento**

Escavações em 1922-24 e 1998-2000 revelaram partes de um extenso complexo villa romano-britânico no Vale do rio Avon, sob um cemitério público e uma capela. A vila era composta por um grande pátio, com edifícios nos lados norte, oeste e sul. O prédio norte possui um aposento com um mosaico, que é interpretado como um possível *triclinium*. Na parte oeste, um pórtico dá entrada para um complexo de aposentos que se conectam á fim de formar um polígono, com sistema de hipocausto e oito mosaicos, constituindo um complexo de *thermae* dotado de uma *piscina*. Na ala sul, outro cômodo, hexagonal, compunha um provável *triclinium* ou biblioteca. O fato de o local ter sido usado como cemitério até recentemente dificulta muito a definição precisa de uma cronologia de intervenções arquitetônicas, mas sua última fase de intervenções é seguramente parte do séc. IV d.C.

## **Fases romanas**

Fase 1: séc. IV d.C.

## **Bibliografia**

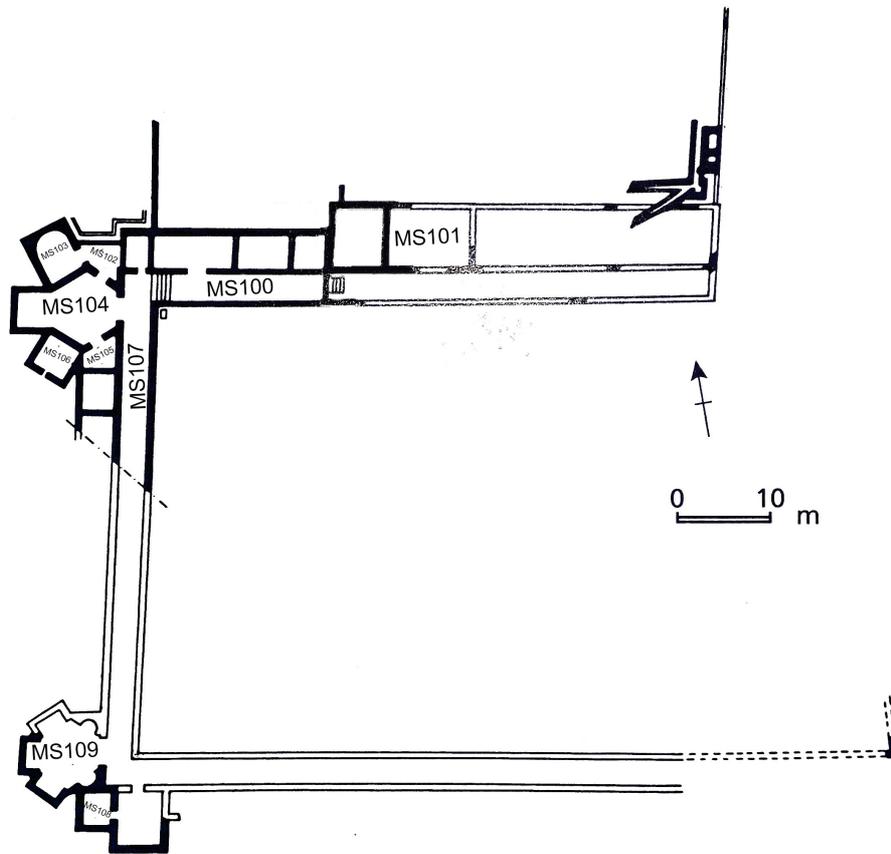
BULLEID & HORN 1925

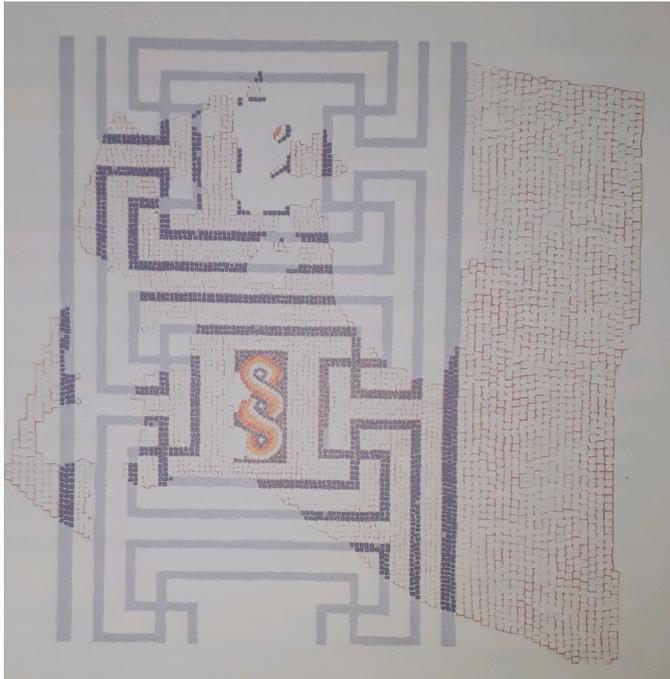
COX 1998

WITTS 2000

NEAL & COSH 2009

ALLEN et al 2015



**ID Mosaico**

MS100

**ID Villa**

VL015

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Composição com Meandros de "Latchkey", com centro em guilhochê simples.

**ID Mosaico**

MS101

**ID Villa**

VL015

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. A parte sobrevivente é um meandro em forma de cruz gamada. A parte central não é identificável.

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS102

## ID Villa

VL015

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido



### **ID Mosaico**

MS103

### **ID Villa**

VL015

### **Datação**

Séc. IV

### **Grupo Mosaicista**

Southern Dobbunic  
Group

### **Descrição do Mosaico**

O mosaico é composto por uma grade de octógonos, com quadrados e triângulos equilibrados nas margens, delineados em guilhochê simples e um moldura retangular de guilhochê quádruplo. Os octógonos incluem círculos em padrão de onda, fluindo no sentido horário, exceto no canto sudoeste, e um círculo linear. Os três motivos de preenchimento sobreviventes são todos diferentes; dois são arranjos de flores em formato de coração e a outra um nó de guilhochê com a parte central em forma de cruz gamada. Todos os espaços triangulares ao longo da aresta parecem ter o mesmo motivo: um triângulo dentro de um triângulo invertido.



**ID Mosaico**

MS104

**ID Villa**

VL015

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

South Western Group

**Descrição do Mosaico****PAINEL A**

O esquema desta parte é uma grade de sete hexágonos dentro de uma estrutura hexagonal, criando losangos nos ângulos, todos desenhados em guilhocê simples. O hexágono central contém um círculo de guilhocê reto duplo. A peça central é uma flor estilizada com seis pétalas com entre as cálices. Ao redor da central, todos contêm pares de triângulos equiláteros entrelaçados, criando uma composição "estrela" feita de guilhocê simples. Nas partes externas, losangos com padrões de ondas, padrões de ondas e meandros de cruz gamada.

**PAINEL B**

Entre os dois painéis principais, há um retângulo linear estreito que contém um rolo folhado. As folhas centrais são reclinadas e, das duas restantes, uma provavelmente é em forma de coração.

#### PAINEL C

Menos de um terço da composição sobreviveu, mas restou o suficiente para indicar que consistia em um quadrado e um círculo de guilhochê simples, formando um emaranhado de seis círculos sobrepostos, e um hexágono central. No centro, há um busto do qual apenas a parte superior sobreviveu. O cabelo é escasso e parecido com uma cobra, sugerindo que isso poderia ser Medusa. Apenas um motivo restava das lacunas: três folhas em forma de coração. Das duas cantoneiras identificáveis, uma representa dois triângulos e o outro um cântaro



**ID Mosaico**

MS105

**ID Villa**

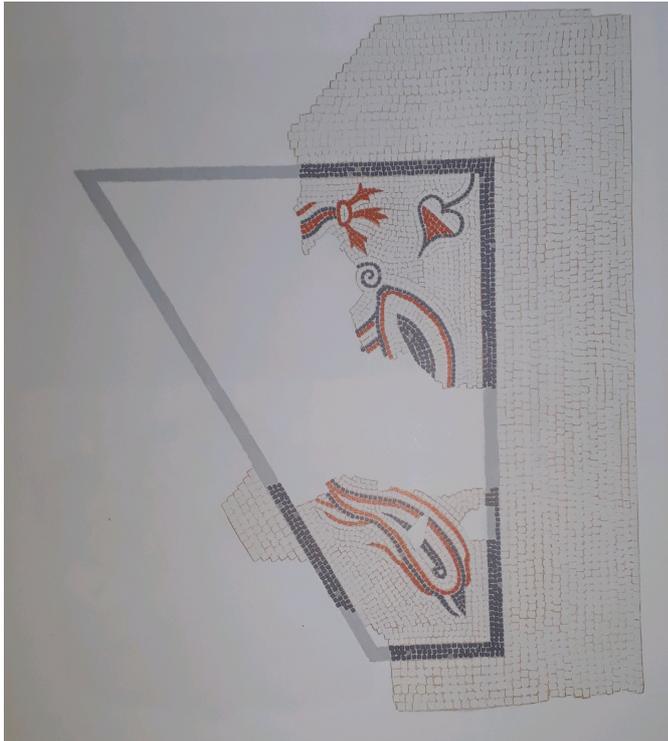
VL015

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Cântaro ladeado por dois golfinhos. O golfinho à direita foi o mais bem preservado, com apenas a cauda ausente. Apenas a cauda do outro golfinho permaneceu. No canto superior, uma folha em formato de coração.



# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS106

## ID Villa

VL015

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

**ID Mosaico**

MS107

**ID Villa**

VL015

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. A composição é feita com esquemas de octógonos e retângulos estreitos reclinados, formando losangos. Cada octógono é dividido em três, criando trapézios em ambos os lados de um retângulo vertical. O painel é delineado por uma linha dupla de e todo o painel é enquadrado por uma faixa de tesserae. Cada um dos retângulos contém uma faixa de guilhochê simples; os trapézios contém peltae com seus pontos externos curvados para dentro.



# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS108

## ID Villa

VL015

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

## ID Mosaico

MS109

## ID Villa

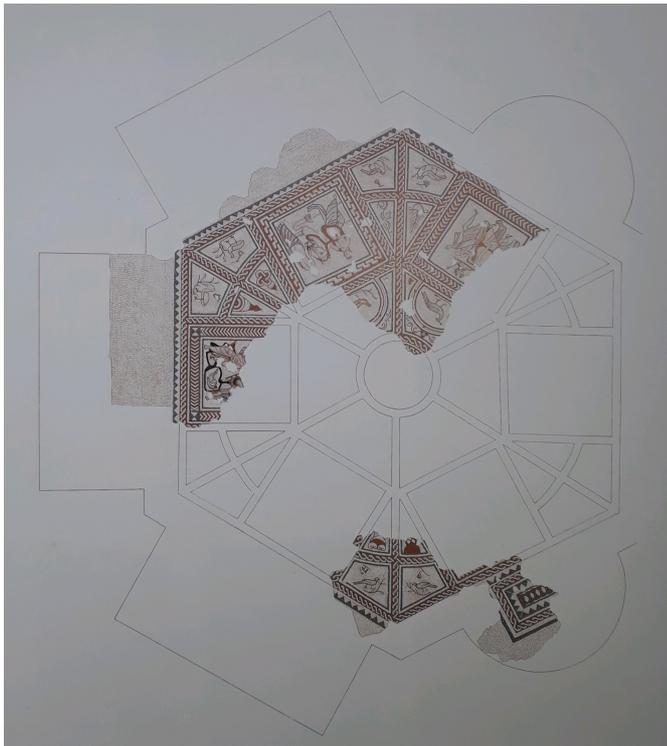
VL015

## Datação

Séc. IV

## Grupo Mosaicista

Lindinnis Group



## Descrição do Mosaico

Parcialmente perdido. O mosaico segue as linhas do aposento hexagonal, com a entrada ampla no lado sudeste e ladeada por absides, com linhas irradiando de um medalhão central para cada ângulo, formando virtualmente seis triângulos equiláteros. Sobre esse esquema é sobreposto um grande círculo que foi interrompido por painéis quadrados dentro de cada triângulo equilátero. Tudo isso é desenhado em um padrão em Z simples. O círculo central foi destruído, exceto por parte de um círculo interno, um padrão em Z. O espaço acima de cada painel é um trapézio. Apenas duas partes sobrevivem, cada uma composta por um semicírculo formado por faixas e envolvendo um pássaro, sendo o mais bem preservado identificado como um pavão. Acima do semicírculo mais completo, há uma pequena face ou

máscara com um barrete e um pergaminho de cada lado. Os espaços trapezoidais nos ângulos do hexágono também são ocupados por pássaros, os pares se confrontando com uvas acima de um e figo acima do outro. Dois dos pares de aves são identificados como pombas, enquanto o outro par restante pode ser um perdiz. Os espaços triangulares são preenchidos com uma planta em um vaso, rolo foliado, um nó de guilhochê com folha em formato de coração, semicírculos dispostos de forma concêntrica, com uma folha semelhante e uma forma de pelta voluta.

Os painéis quadrados contêm cada um outro quadrado alternadamente em divisas e cenas mitológicas de enquadramento de padrão Z em ângulo reto. Apenas três desses painéis sobreviveram, dois apenas parcialmente. O norte mostra Europa e Júpiter (na forma de um touro) antes de sua jornada pelo mar. Europa, seminua e vestindo um diadema, está reclinado nas costas de um touro branco reclinado, decorando-o com uma guirlanda vermelha, conforme descrito nas Metamorfoses de Ovídio (Livro 11, 850-875). Uma companheira de Europa, que está igualmente vestida e de costas para o espectador, está alimentando o touro de uma cesta.

A cena à esquerda, da qual falta o lado superior esquerdo, é geralmente aceita como retratando Aquiles em Skyros com as filhas do rei Lycomedes. A figura central representaria, assim, Aquiles, disfarçado em trajes femininos e aparentemente sentado em um trono, no ponto da história em que a produção de armas faz com que ele salte para frente, revelando sua identidade masculina. A figura feminina à direita, presumivelmente uma das filhas do rei Lycomedes, levanta as mãos em alarme e foge para a direita. Por causa da parte ausente do mosaico, não está claro se uma figura existia originalmente à esquerda de Aquiles. No fundo, e atrás de uma barreira representada por linhas horizontais, há uma figura barbada com um bastão, que poderia ser o rei Lycomedes com seu cetro.

A mais danificada das três cenas, com apenas a parte inferior presente, foi identificada como parte da lenda de Marsyas, na qual Minerva, sentada ao lado de uma piscina enquanto toca a flauta dupla (tíbia), olha seu reflexo no água e percebe que suas bochechas a fazem parecer ridícula. No painel, Minerva está à esquerda, com o pé esquerdo apoiado em uma rocha e as partes inferiores das tíbias visíveis no centro. A cabeça com capacete abaixo dela, também tocando tíbia, seria assim seu reflexo na piscina, delineada em preto. A figura à direita representa uma ninfa segurando uma urna da qual a água derrama.



# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS110

## ID Villa

VL015

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido. Única informação sobre contexto são fragmentos encontrados na parte sul do sítio, sem maior precisão.

**ID**

VL016

**Região**

Somerset

**Nome**

Mill House, Lopen

**Descrição do assentamento**

A *villa* de Lopen, na região central de Somerset, possuía pelo mens oito aposentos, embora sua extensão total seja desconhecida. O plano geral consistia em um edifício com uma grande sala bipartida central, com duas alas nas pontas leste e oeste. Essas alas tinham um corredor na parte norte e uma série de quartos no sul. Partes de três quartos foram encontradas ao sul do corredor na ala leste e partes de dois quartos foram expostas ao sul do corredor na ala oeste.

Dois períodos de construção foram identificados, mas a prospecção limitada do sítio não permite uma datação clara. Pode-se argumentar que o segundo período de monumentalização (Fase I, para fins cronológicos) é compreendido pelo final do século IV d.C; período de construção dos mosaicos.

## **Fases romanas**

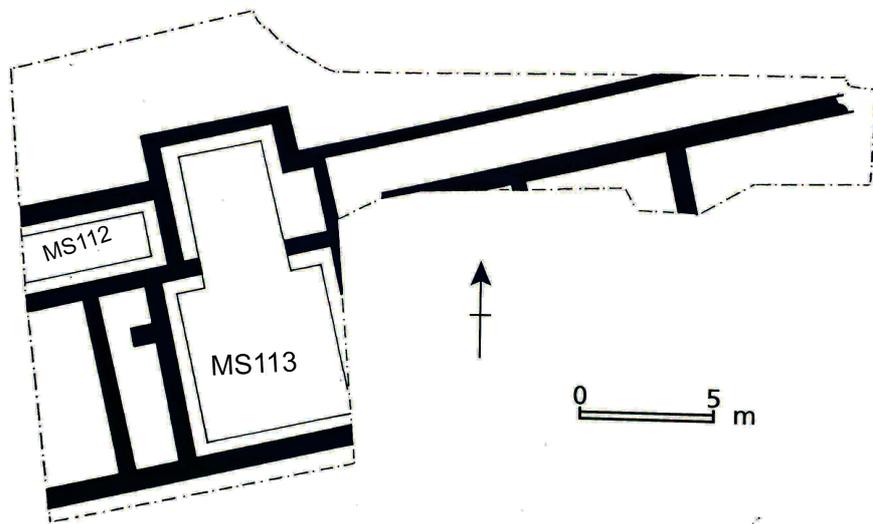
Fase 1: Fim do séc. IV d.C.

## **Bibliografia**

BELLAMY & GRAHAM 2004

NEAL & COSH 2009

ALLEN et al 2015



# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS111

## ID Villa

VL016

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido



**ID Mosaico**

MS112

**ID Villa**

VL016

**Datação**

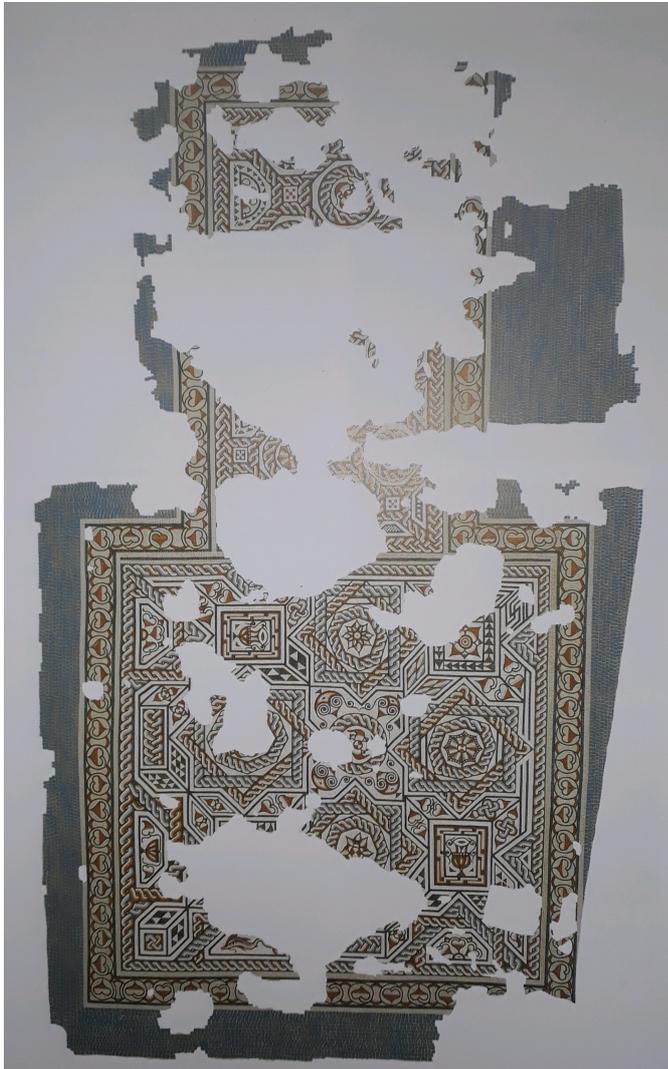
Final do séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Esquema enquadrado por triângulos chanfrados, contendo um meandro em "Lichtkey". Dois nichos centrais, quadrados, sobreviveram. Um deles com flores estilizadas em formato de coração e, o outro, com um nó de guilhoché com pétalas estilizadas em sua volta.

**ID Mosaico**

MS113

**ID Villa**

VL016

**Datação**

Fim do séc. I d.C.

**Grupo Mosaicista**

Saltire Group

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido.

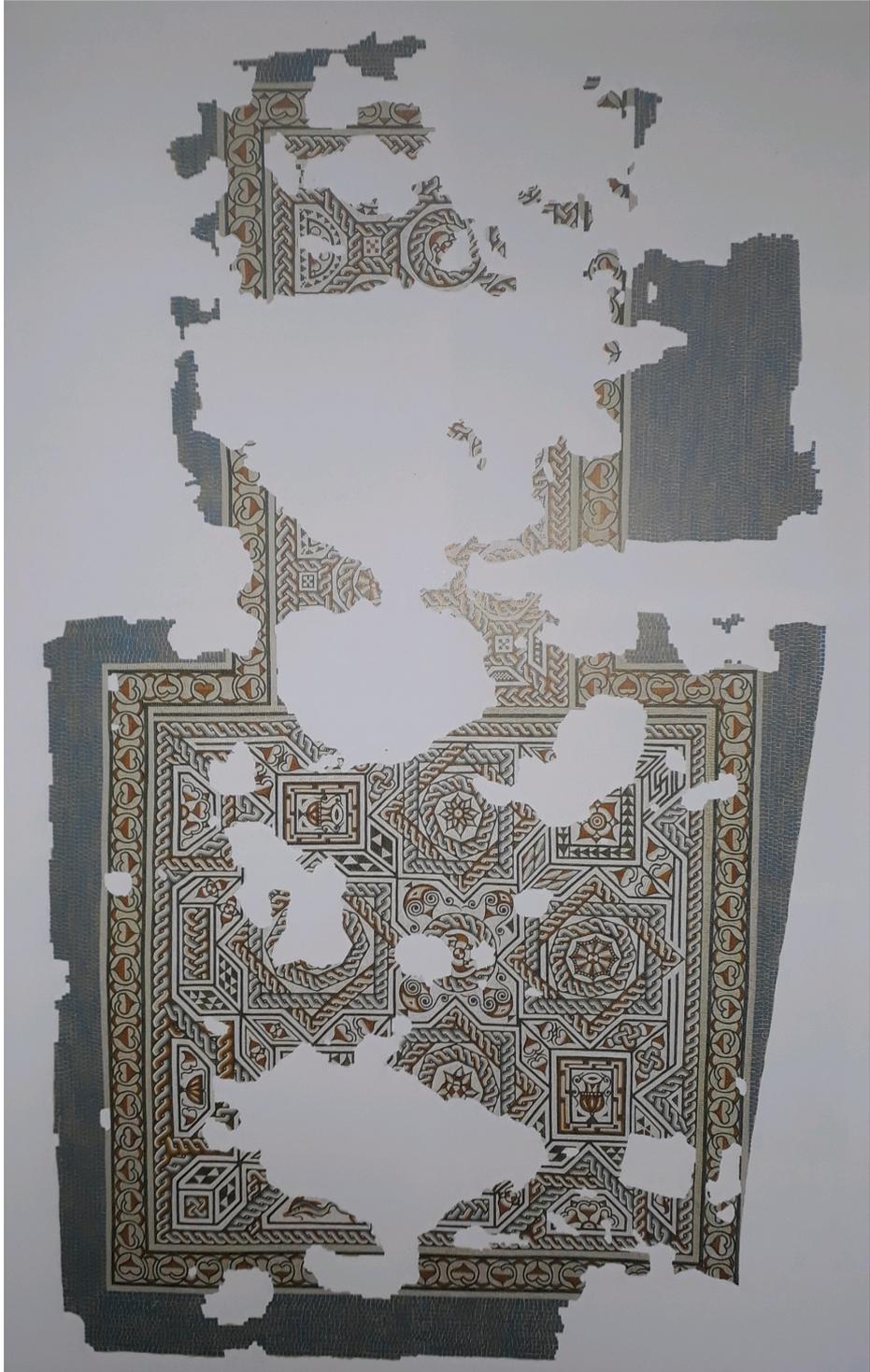
PAINEL A.

Esse arranjo em forma de T é cercado por uma borda de padrão de corno formada por círculos em linhas únicas, envolvendo folhas alternadas em forma de coração voltadas para dentro e para fora com hastes que os ligam aos círculos; as 'excrecências' entre os círculos são curvadas ao redor do Painel B e apontadas ao redor do Painel A. É baseado em um esquema de octógonos tangentes com pequenos espaços quadrados, desenhados em guilhoché simples e por uma moldura retangular de guilhoché de três

vertentes (entrelaçando com o guilhoché simples) criando meios-octógonos nas margens nos lados norte e oeste e trapézio nos lados sul e leste. Onde pelo menos parte sobrevive, todos os compartimentos octogonais completos incluem medalhões de guilhoché simples. O conteúdo de apenas dois permanece: um tem o mesmo motivo floral e o outro, no canto sudoeste, tem um motivo de leque. Os compartimentos semi-octogonais contêm lunetas definidas por triângulos escalonados apontando para dentro. O conteúdo de dois sobrevive, ambos com meias flores estilizadas: uma com pétalas em forma de coração que apontam para dentro e a outra pétalas e cálices em forma de coração que apontam para dentro. Três dos compartimentos trapezoidais permanecem; os dois no canto sudeste são simplesmente preenchidos por damas dentro de um quadro de filete duplo, e o terceiro contém um peixe. A maior parte da criatura está perdida, exceto a cabeça e a cauda. Há ainda nichos com cântaro, lardeados por folhas em formato de coração, e nós de guilhoché.

#### PAINEL B

O painel possui um esquema de quadrados entrelaçados definidos por guilhoché simples, tangentes entre si em cantos alternados. O esquema é enquadrado por guilhoché simples sombreados alternadamente como no painel A.



**ID**

VL017

**Região**

Somerset

**Nome**

Low Ham

**Descrição do assentamento**

Escavações durante 1945-55 revelaram uma villa romana aproximadamente 10 km distante de Lindinis (Ilchester). A parte oeste do sítio foi o mais escavado, mas a *villa* em sua forma final, provavelmente era composta por três edifícios em torno de um pátio. A fase inicial de assentamento (Fase I: final do século II / início do século III d.C.) compreendia construções relativamente modestas de madeira ou parte de madeira. Durante o final do terceiro século / início do século quarto (Fase II), pelo menos um edifício de alvenaria foi construído, com mosaicos de evidências e um pequeno complexo de termas. As escavações da parte oeste demonstram que em 330 d.C. (Fase III) houve uma expansão significativa, com a construção do sistema de hipocausto e expansão das termas, com destaque para uma *piscina* precedida por um *frigidarium* decorado por um mosaico representando Enéias e Dido. O aposento mais a nordeste (*triclinium*) apresenta uma apse trapezoidal, e era decorada com um mosaico. A análise do mosaico presente no *frigidarium* oferece um *terminus post quem* em 340 d.C., representando um novo momento de intervenções arquitetônicas (Fase IV).

### **Fases romanas**

Fase 1: Fim séc. II/Início séc. III d.C.

Fase 2: Fim séc. III/Início séc. IV d.C.

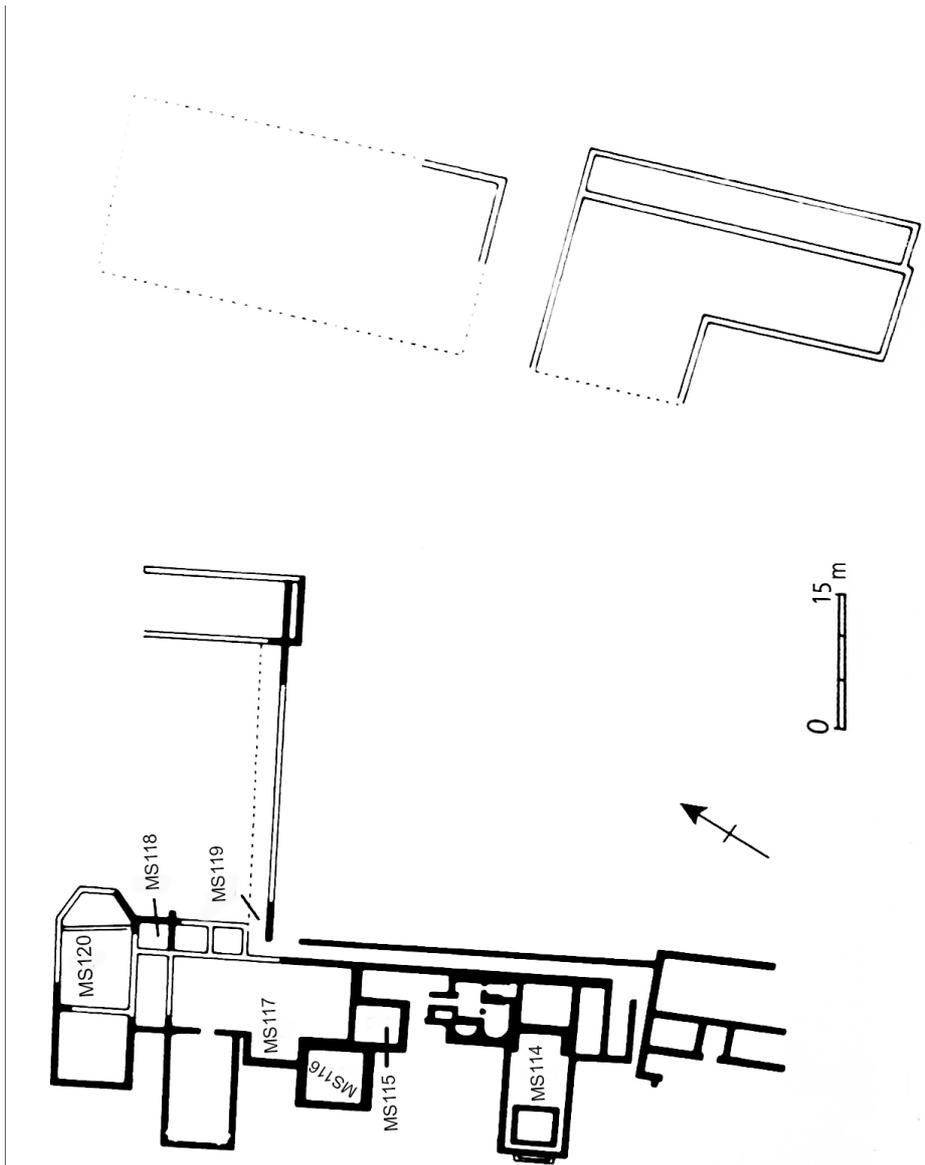
Fase 3: 330 d.C.

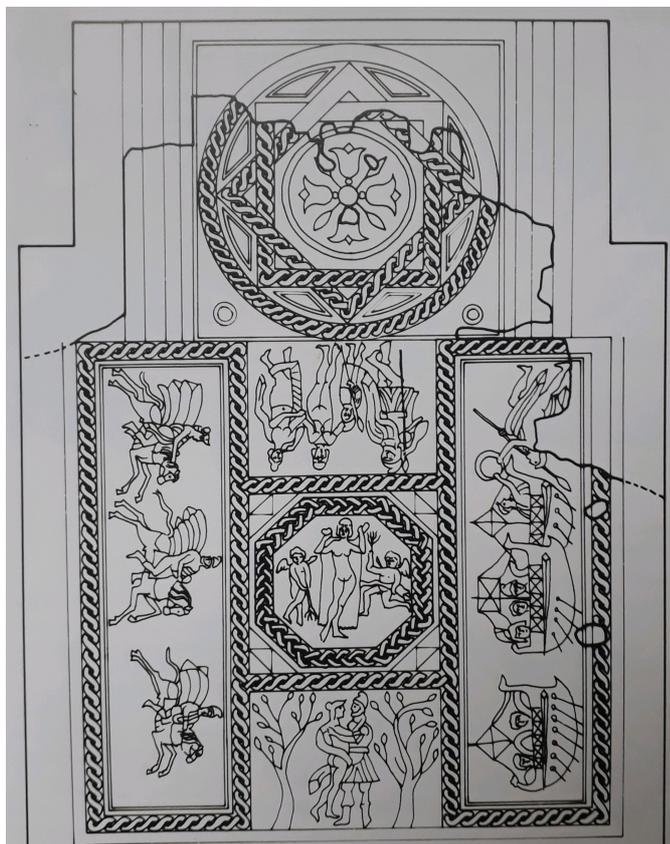
Fase 4: TPQ 340 d.C.

### **Bibliografia**

NEAL & COSH 2009

ALLEN et al 2015





## ID Mosaico

MS114

## ID Villa

VL017

## Datação

T.P.Q. 360 d.C.

## Grupo Mosaicista

Durnovarian Group

## Descrição do Mosaico

### PAINEL A

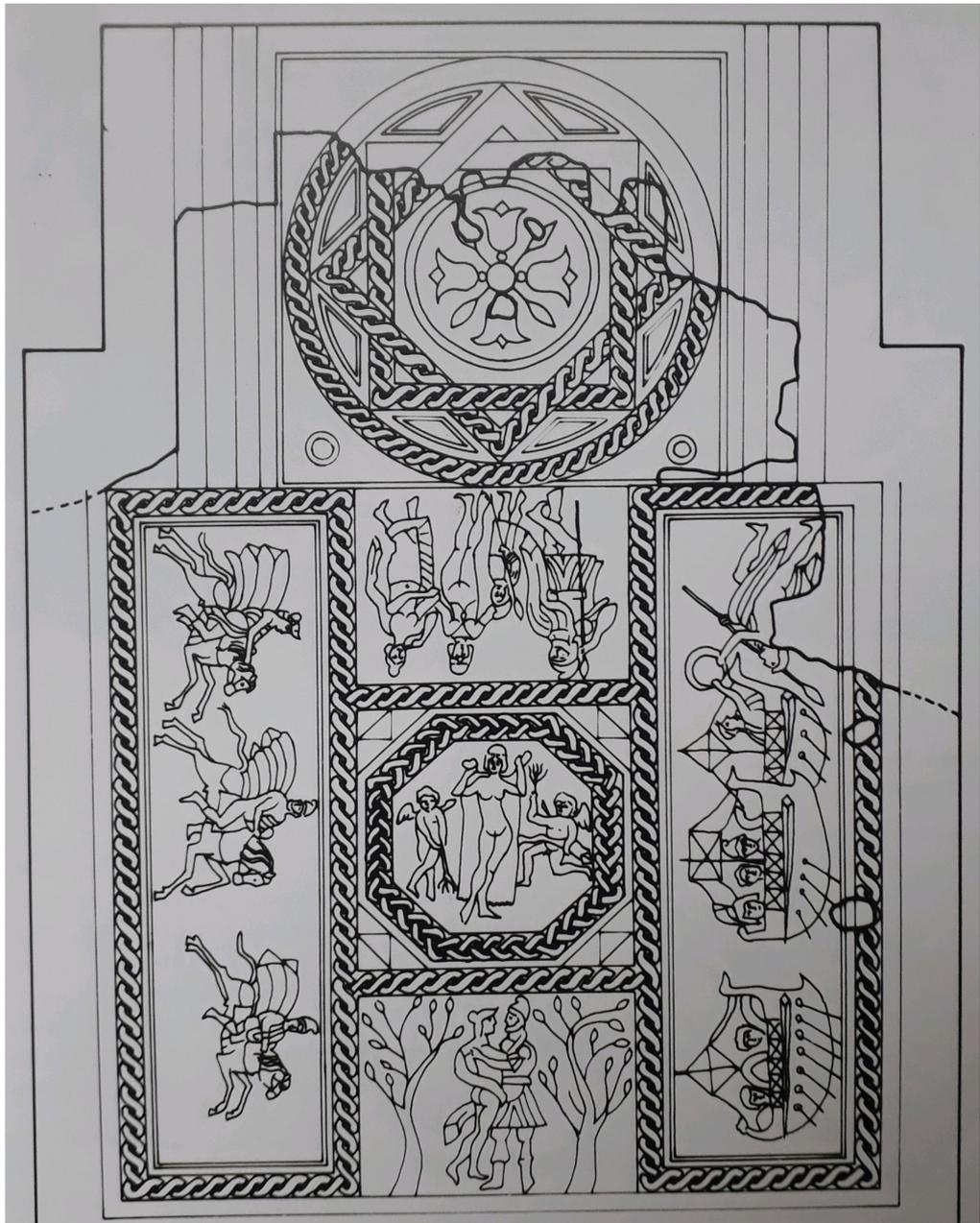
O painel maior do mosaico é quadrado com um esquema em forma de H desenhado em guilhochê simples. Dois retângulos são unidos por dois comprimentos de guilhochê simples para formar um quadrado central e espaços retangulares de lado aberto acima e abaixo. A praça central contém um octógono de guilhochê de três vertentes. Dentro do octógono há uma figura de Vênus em pé, vestindo apenas um diadema e um colar. Seus braços estão erguidos e ela segura os cantos de uma capa atrás dela, o que permite que a figura se destaque do fundo branco. Vênus é ladeado por cupidos alados: um de pernas cruzadas, nu, com os olhos fechados e a tocha

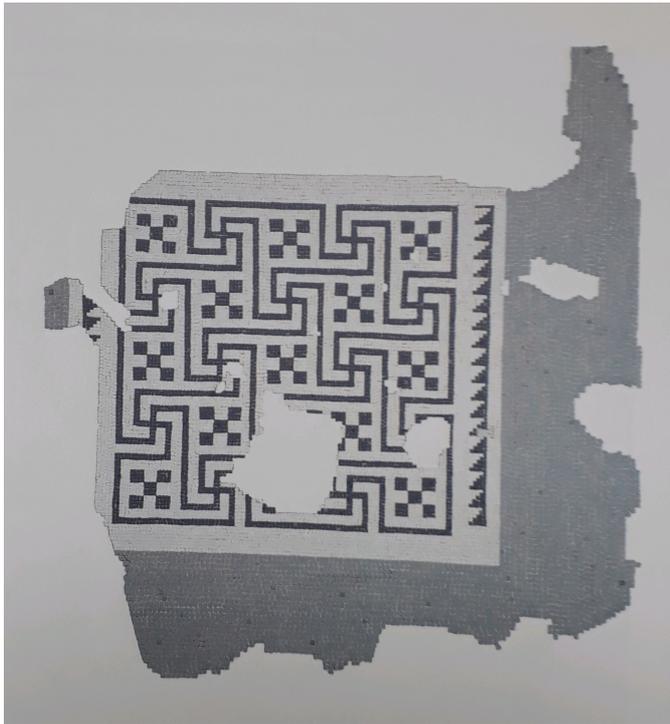
virada para baixo; o outro ajoelhado, com uma estola marrom e vermelha, estendida sobre ele e segurando uma tocha levantada. As tochas talvez simbolizem a vida e a morte na história, baseadas nos Livros I e IV da Eneida de Virgílio, de Enéias e Dido, cuja história de amor condenado não é contada nos painéis circundantes e cujo destino Vênus determinou.

O compartimento à direita de Vênus mostra os companheiros de Enéias, tendo chegado a Cartago de Tróia em três galeras. Essas galeras, duas sobrepostas, são mostradas em perfil, sem indicação de água. Todos exibem proas e peito cruzado em um terreno vermelho; os dois na parte traseira têm rostos. Acima das fileiras únicas de remos estão os remos de direção que se estendem para além das popas. Duas das velas são em forma de pipa e a central é retangular. Duas figuras na última galera se enfrentam e se alternam com traços semicirculares em vermelho azul acinzentado, que podem representar barris ou fardos. Uma figura usa um capacete com crista, talvez pertencente ao palladion, o antigo chefe de Tróia de Atena que Enéias mais tarde levou a Roma, embora essa interpretação pareça improvável, pois está sendo usada.

No extremo leste, há uma figura com lança lançada em maior escala e orientada para seguir para o próximo painel. Isso representa o companheiro de Enéias, Achates, que leva um diadema de ouro da figura à proa do barco principal como presente para Dido, rainha de Cartago. O compartimento oriental mostra Enéias, Ascânio, Vênus e Dido. Enéias está de pernas cruzadas, veste traje militar e um prego frígio, e se apóia indiferente à lança, que segura na mão direita erguida e, embora esteja voltado para a frente, seus olhos estão voltados para Dido. O jovem Ascânio de cabelos amarelos, agora Cupido disfarçado, está vestido com uma túnica branca e uma capa vermelha e também tem um barrete frígio vermelho e uma lança. Vênus repousa a mão direita no ombro de Ascânio. Ela adota a mesma postura que no compartimento central e está igualmente nua. Além de seu diadema e colar, ela usa braceletes e uma corrente para o corpo. No topo da cabeça, aparece uma pequena projeção, que pode estar ligada ao diadema de jóias e, portanto, pode ser uma coroa. Dido fica à direita do compartimento, seminua e de pernas cruzadas como Enéias, para quem ela olha. Ela ajusta o vestido com a mão esquerda e segura a mão direita nos lábios, numa atitude típica de espanto. Seu cabelo amarelo está arrumado em um topete ou coque.

O compartimento norte, à esquerda, apresenta três figuras a cavalo, partindo em uma caçada, galopando da esquerda para a direita. Ascânio / Cupido lidera o caminho, com Enéias olhando para trás para Dido, que aparece na retaguarda, agora adquirindo botas marrons. Suas capas voam atrás deles,



**ID Mosaico**

MS115

**ID Villa**

VL017

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Este painel retangular possui um quadrado de meandros em forma de cruz gamada espaçados, padrões quadriculados e é enquadrado por fileiras de triângulos retângulos.

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS116

## ID Villa

VL017

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

**ID Mosaico**

MS117

**ID Villa**

VL017

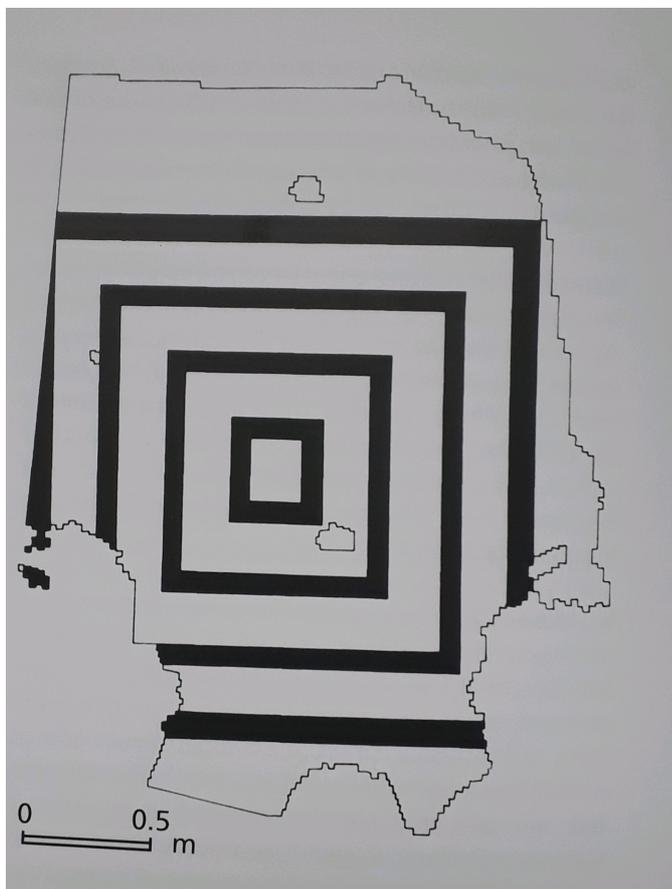
**Datação**Meados/Fim do séc.  
IV**Grupo Mosaicista**

Durnovarian Group

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Dentro de um medalhão formado por guilhochê simples, há um grupo de quatro nós tangentes.



**ID Mosaico**

MS118

**ID Villa**

VL017

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Mosaico formado por quatro quadrados simples contidos um dentro do outro.

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS119

## ID Villa

VL017

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS120

## ID Villa

VL017

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS121

## ID Villa

VL017

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido. Vestígios de tesserae sem contexto específico.

**ID**

VL018

**Região**

Somerset

**Nome**

Lufton

**Descrição do assentamento**

A *villa* de Lufton, situa-se no lado sudeste de um pequeno vale perto de uma nascente de água na periferia de *Lindinis* (Ilchester). Somente a parte leste do prédio foi escavada, compreendendo as *thermae* e *triclinium* da propriedade. A parte norte do edifício continha um luxoso complexo de banhos, contendo seis mosaicos, um deles circundando uma *piscina* octogonal. Outros cinco mosaicos foram encontrados no edifício, um deles cobrindo o *triclinium* na parte central do prédio. Os dados de cerâmica e moedas não são muito confiáveis, mas há argumentos suficientes para sugerir que a *villa* foi construída no início do século IV (Fase I) e que a colocação de parte dos mosaicos tem um *terminus post quem* em 360 d.C. (Fase II).

### **Fases romanas**

Fase 1: Início séc. IV d.C.

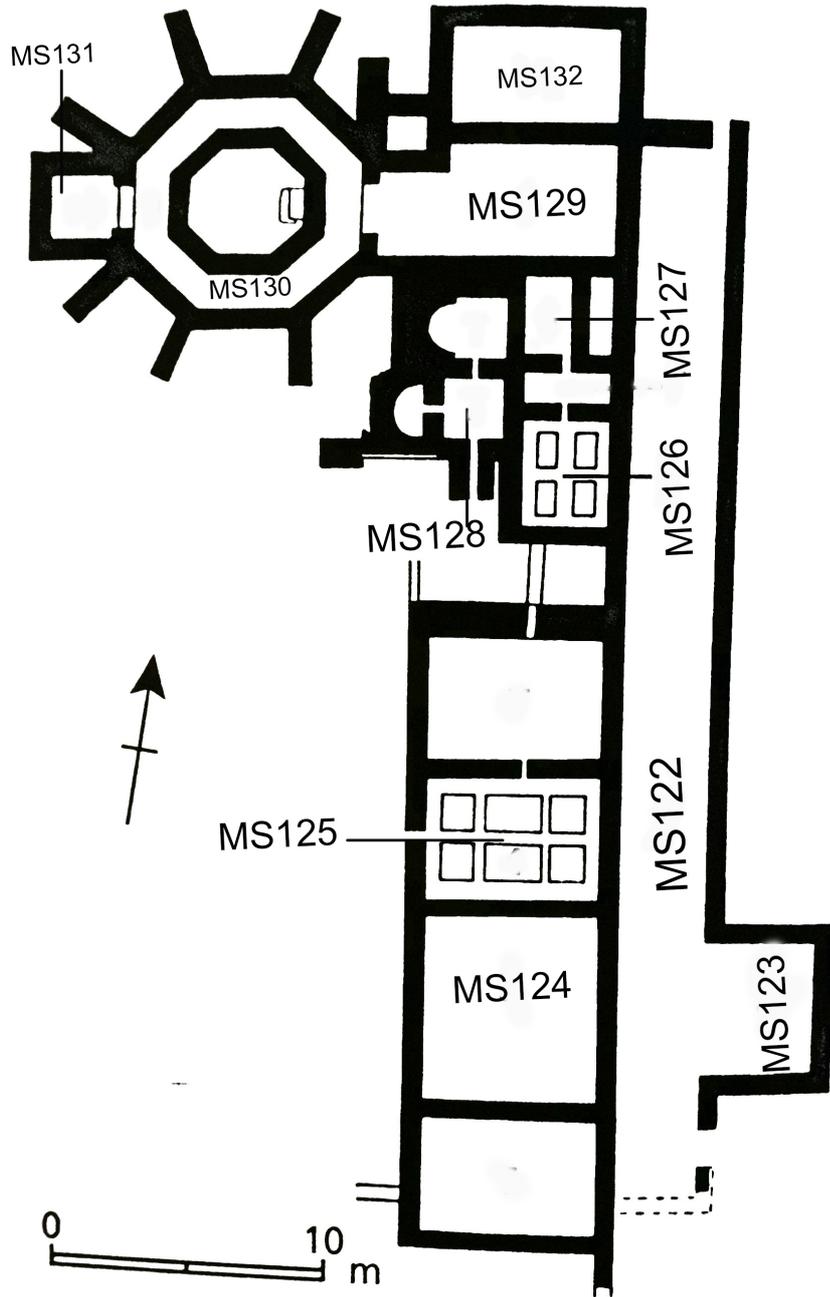
Fase 2: T.P.Q. 360 d.C.

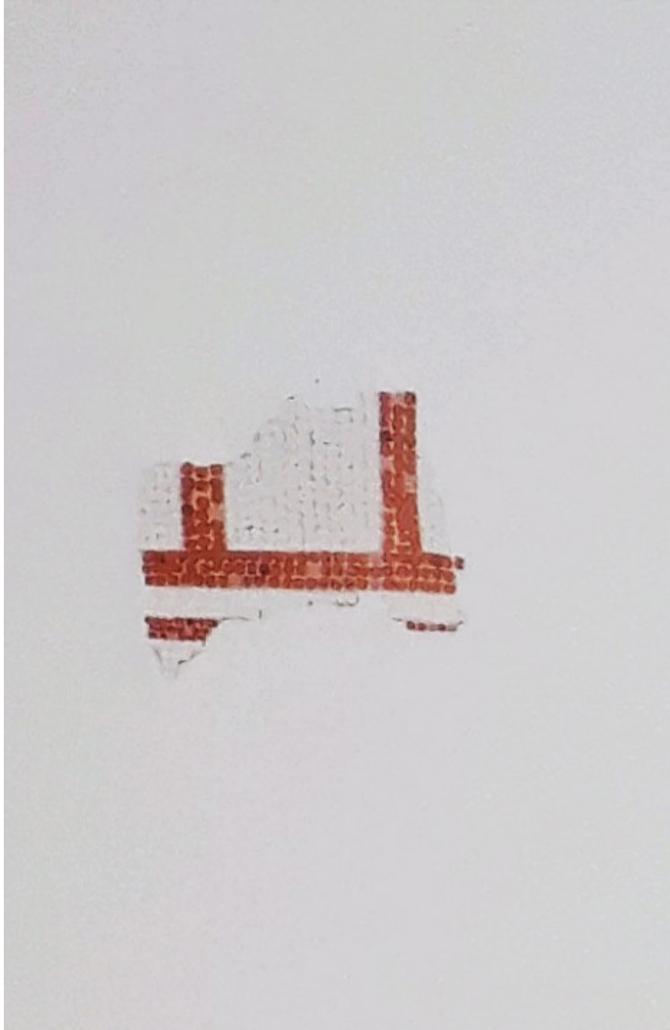
### **Bibliografia**

CALDWELL 2009

NEAL & COSH 2009

ALLEN et al 2015



**ID Mosaico**

MS122

**ID Villa**

VL018

**Datação**

Início do séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. O mosaico consiste em uma grade simples em vermelho sobre um fundo cinza.

**ID Mosaico**

MS123

**ID Villa**

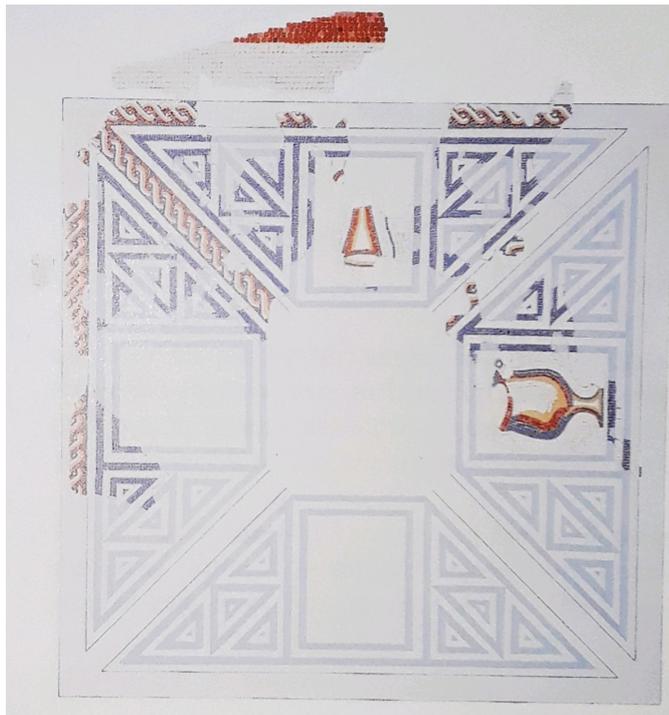
VL018

**Datação**

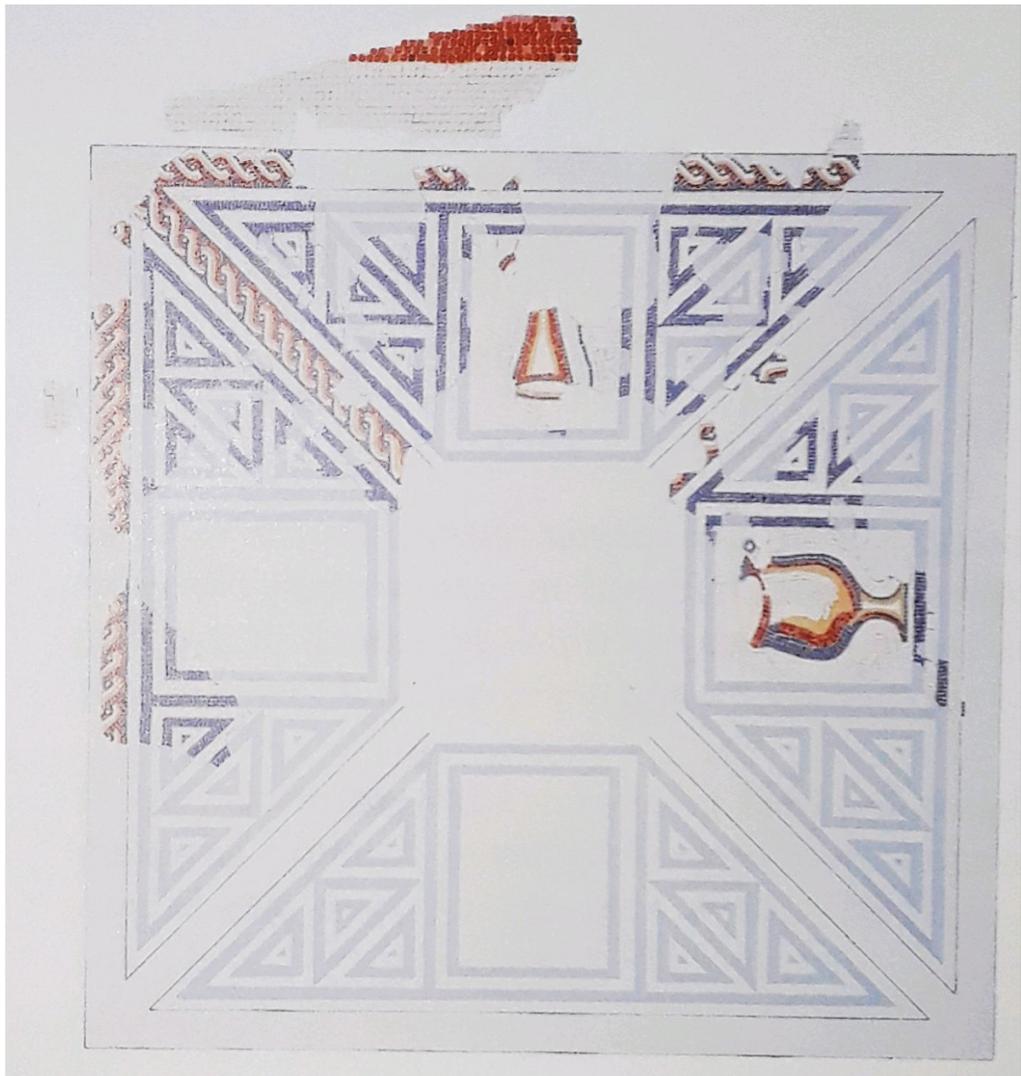
Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Seu esquema é um quadrado com diagonais, este último provavelmente interrompido por uma pequena praça central agora perdida, definida em guilhocês simples. Isso desenvolve quatro trapézios divididos em três para formar compartimentos retangulares ladeados por dois triângulos retângulos. Os dois retângulos sobreviventes seguram parte de um cântaro de corpo estreito e um cálice ou taça de ouro com um pedestal.



**ID Mosaico**

MS124

**ID Villa**

VL018

**Datação**

TPQ 360 d.C.

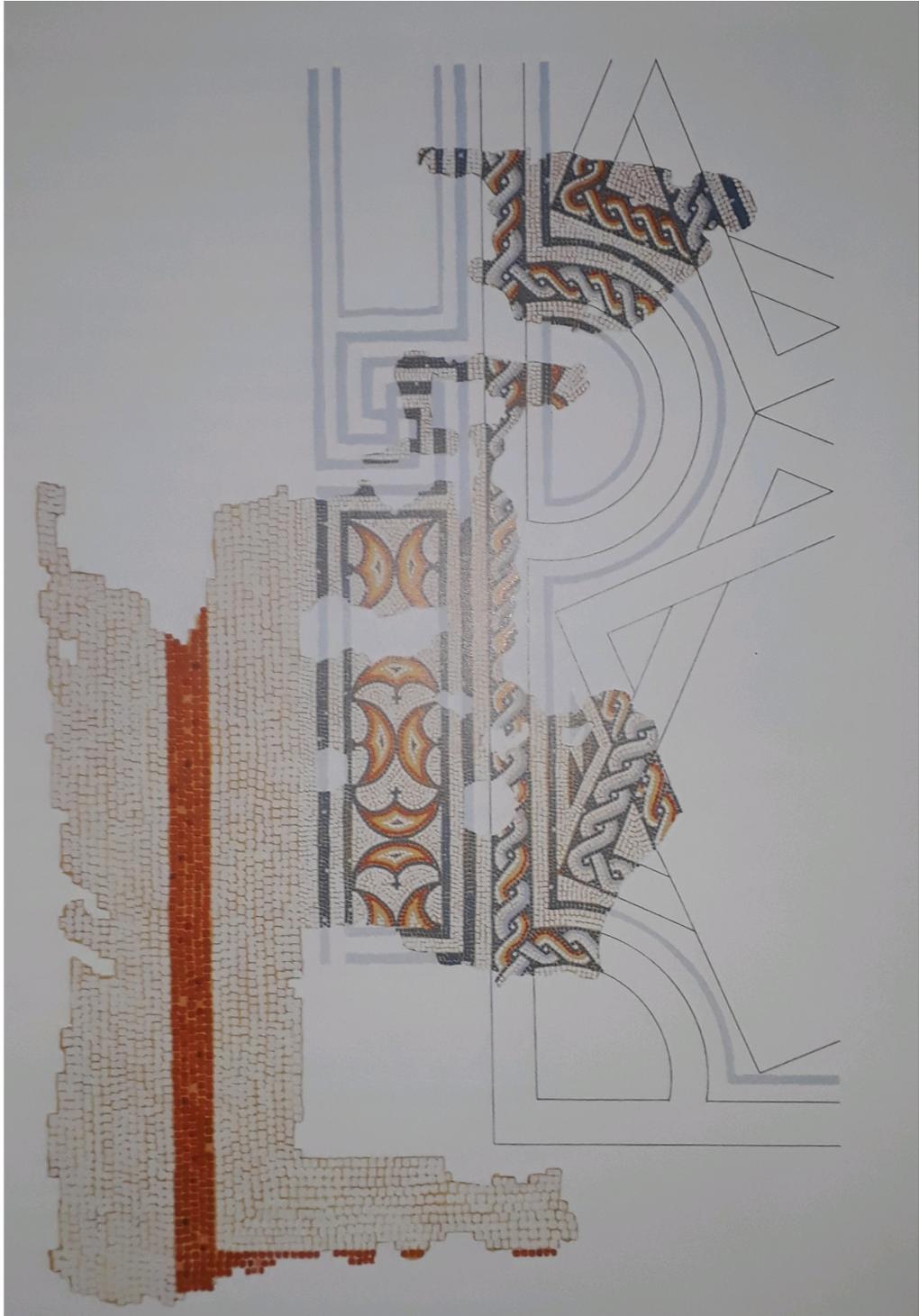
**Grupo Mosaicista**

Lindinnis Group

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. O mosaico pode ser reconstruído como um esquema baseado em quatro pares de quadrados entrelaçados em guilhochê simples, criando losangos e octógonos, ou partes deles, nos espaços. Aqui apenas partes de dois dos pares de quadrados entrelaçados sobreviveram. O desenho está contido em um quadrado com semicírculos no meio de cada lado e quadrantes nos cantos; isso é desenhado de maneira simples. Um semicírculo danificado mostra parte do que parece ser uma flor estilizada e o único triângulo sobrevivente ao lado mantém um arranjo triangular e um padrão quadriculado. Presumivelmente, devido à forma retangular da sala, um painel estreito foi adicionado no lado sul, e talvez originalmente também no norte. O painel consiste em uma fileira de meandros em cruz gamada com

retornos duplos envolvendo dois retângulos preenchidos por um desenho de pelta.



# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS125

## ID Villa

VL018

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS126

## ID Villa

VL018

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS127

## ID Villa

VL018

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS128

## ID Villa

VL018

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

**ID Mosaico**

MS129

**ID Villa**

VL018

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico****PAINEL A**

A base do mosaico é um esquema de pares de quadrados entrelaçados separados por octógonos. Possui uma moldura quadrada com retângulos internos, delineados em guilochê simples. Eles sustentam um círculo central, do qual apenas um traço sobreviveu. Heptágonos irregulares estão nos cantos; apenas um, e parte de um segundo, permaneceu, o mais bem preservado contendo uma faixa sombreada cercado o busto de um homem. Esse heptágono é presumivelmente um dos quatro que originalmente preenchiam cada canto, representando provavelmente a Família ou os Ventos do proprietário. Por causa do pescoço musculoso, a cabeça pode ser

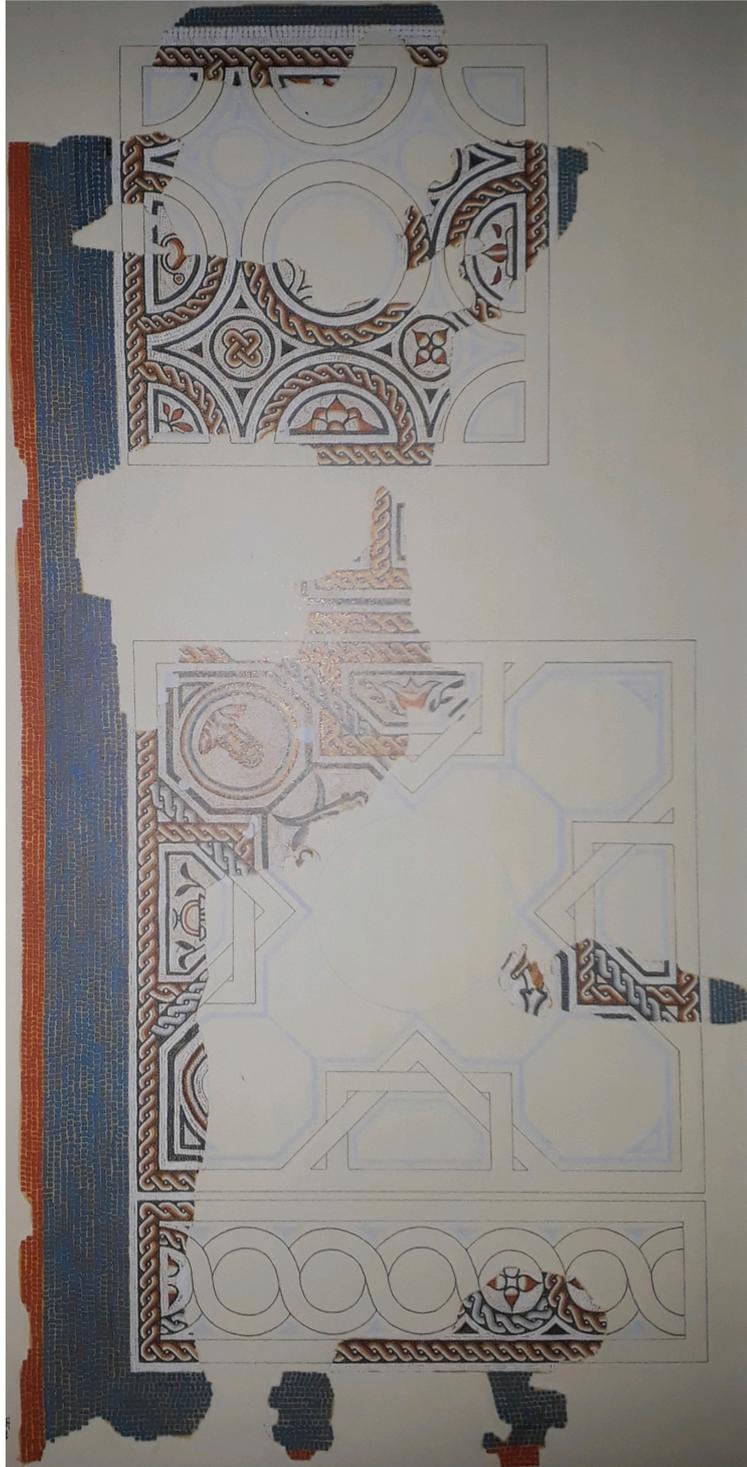
a de um atleta.

Acima disso, parece haver um par de cornucópias cruzadas; parte de outra possível cornucópia foi encontrada na diagonal oposta. Dentro dos meios pares de quadrados entrelaçados, há estruturas hexagonais irregulares; uma contém uma xícara de corpo semicircular e a outra possui um cálice voltado para fora com hastes, cada uma com três folhas, brotando da base.

Este painel quadrado é ladeado por estreitos painéis retangulares delineados em guilhoché simples, mas sobrevivendo apenas em fragmentos. A parte leste contém um par de faixas onduladas entrelaçadas de guilhoché simples. Os círculos resultantes contêm flores simples de quatro pétalas.

#### PAINEL B

O painel quadrado menor no lado oeste do Painel A é baseado em um esquema de nove círculos tangentes aqui truncados para formar um círculo central, semicírculos laterais e cantoneiras, todos dentro de uma moldura quadrada e delineados em guilhoché simples. Nos três semicírculos restantes, identificamos três motivos florais.



**ID Mosaico**

MS130

**ID Villa**

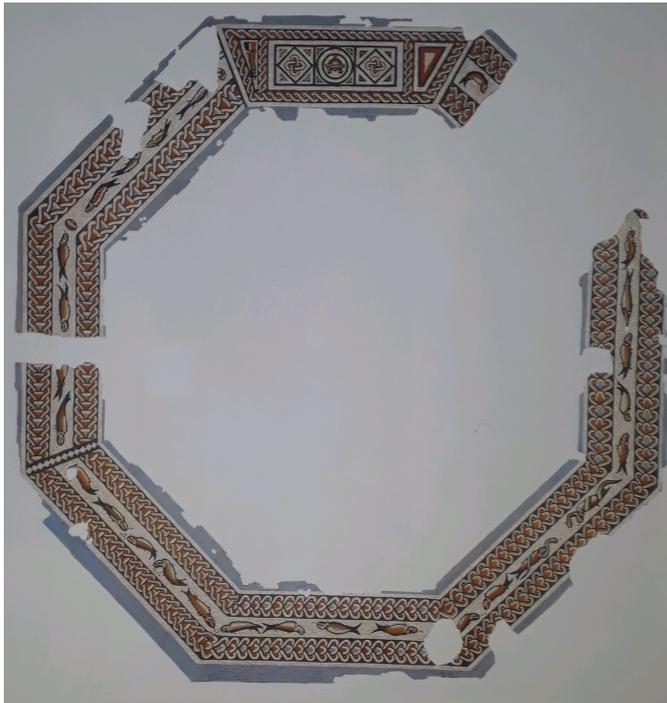
VL018

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

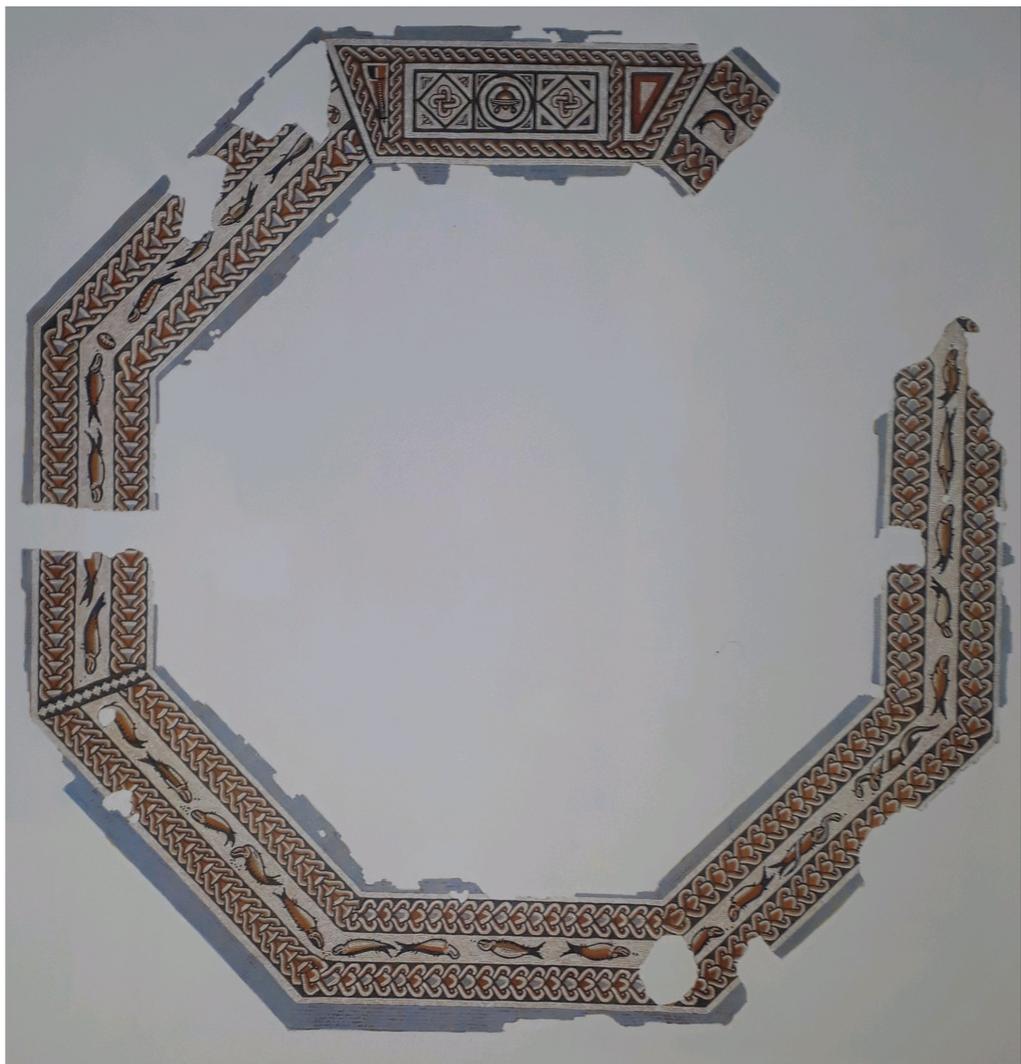
Durnovarian Group

**Descrição do Mosaico**

O mosaico octogonal acompanha a borda de uma banheira fria de imersão. Foi encontrado quase completo, exceto pelo lado noroeste, que foi amplamente destruído, e por uma lacuna no lado sul, onde a tubulação de chumbo havia sido removida na antiguidade. Em sete lados, faixas duplas de guilhocê arredondado, entre as quais há um friso estreito de peixes, algumas bolhas; 29 peixes aparecem na parte sobrevivente do friso e também há dois mariscos. Quase todos os peixes estão posicionados de modo a serem vistos do centro da sala. As enguias esmagam dois dos peixes, mas, além das enguias e do peixe-espada, as espécies de cada um são indeterminadas.

O lado oeste apresenta um trapézio dividido para formar um retângulo

ladeado por triângulos, desenhado em guilhoché simples, contendo três quadrados adjacentes. A parte central tem dois círculos lineares concêntricos emoldurando uma tigela, presumivelmente contendo frutos do mar; os outros dois, com quadrados lineares equilibrados, contêm nós de guilhoché. Esses quadrados laterais diferem em que o da direita possui triângulos lineares simples em torno do quadrado, enquanto o da esquerda possui pequenos tridentes de ponta vermelha e urnas de cálice nos ângulos diagonalmente opostos. O maior espaço aproximadamente triangular ao norte é simplesmente preenchido com triângulos concêntricos.



**ID Mosaico**

MS131

**ID Villa**

VL018

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Consiste em um quadrado com triângulos nos cantos, criando um octógono, todos delineados em guilochê simples. No centro, há um medalhão de guilochê simples, envolvendo uma flor estilizada com oito pétalas sobrepostas.



# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS132

## ID Villa

VL018

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

**ID**

VL019

**Região**

Somerset

**Nome**

Newton St Loe

**Descrição do assentamento**

Escavações em 1837 (e uma pequena reavaliação em 1968) no Vale Avon, 4 km a oeste de Aquae Sulis, revelaram partes da vila de Newton St. Loe. Composto por dois edifícios distintos, provavelmente voltados para um pátio, somente o edifício norte foi escavado. Este continha *thermae* e sete mosaicos, incluindo uma representação de Orfeu domando os animais. Há pelo menos dois momentos distintos de intervenções arquitetônicas: A Fase I, a fundação da propriedade, é datada entre o fim do sé. III/Início do séc. IV d.C; já a construção dos mosaicos é de meados do século IV.

## **Fases romanas**

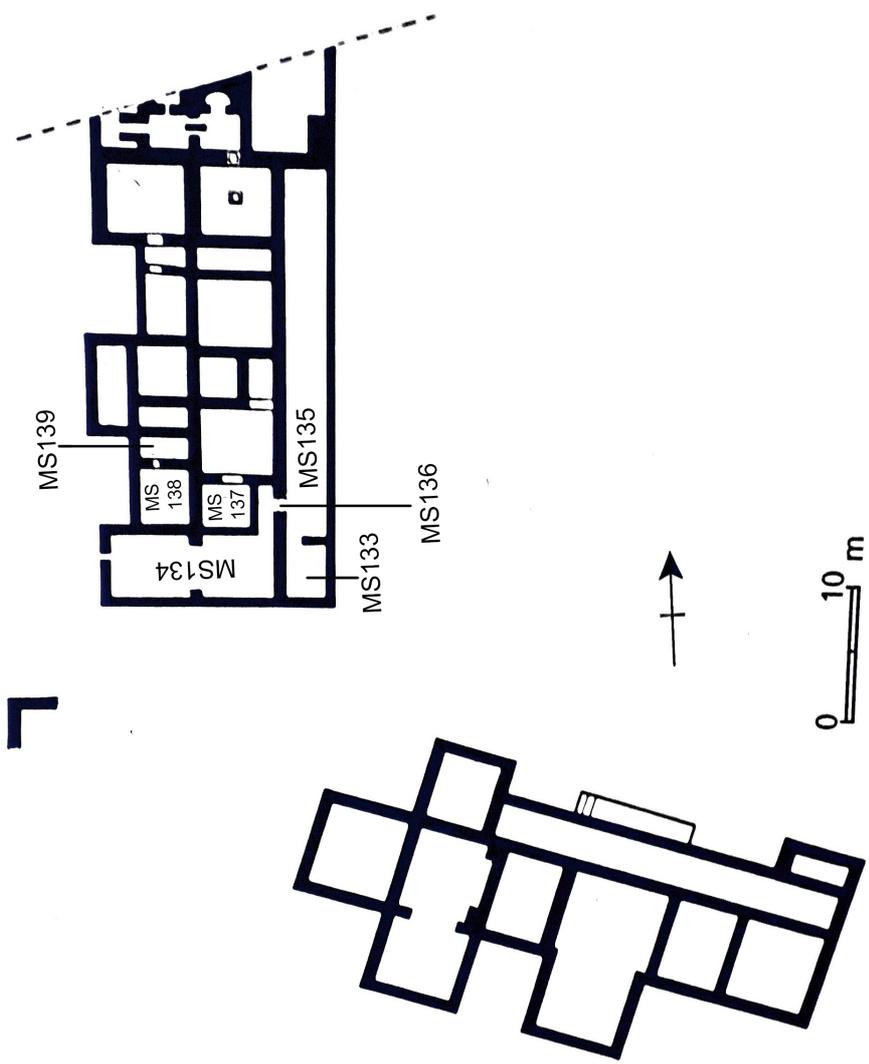
Fase 1: Fim do sé. III/Início do séc. IV d.C

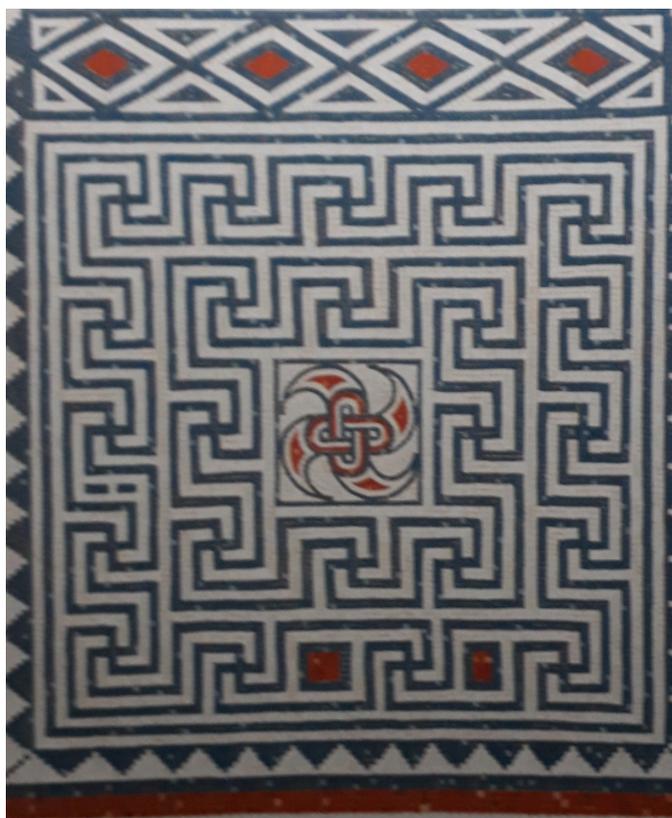
Fase 2: Meados do séc. IV d.C.

## **Bibliografia**

NEAL & COSH 2009

ALLEN et al 2015



**ID Mosaico**

MS133

**ID Villa**

VL019

**Datação**Segunda metade do  
séc. IV**Grupo Mosaicista**Southern Dobbunic  
Group**Descrição do Mosaico**

O mosaico é composto por um medalhão central contendo um padrão cruz gamada e peltae, cercado por meandros em forma de cruz gamada. Na parte norte do mosaico, há um nicho com losangos em linha. A composição é toda enquadrada por triângulos escalonados.





## ID Mosaico

MS134

## ID Villa

VL019

## Datação

Segunda metade do  
séc. IV

## Grupo Mosaicista

Southern Dobbunic  
Group

## Descrição do Mosaico

### PAINEL A

A composição apresenta um painel central com uma moldura de guilhochê simples, seguida por um octógono e dois círculos concêntricos, que formam um medalhão central. No centro, há uma representação de Orfeu. Ele aparece sentado em um banco vermelho, vestido com uma túnica colorida em vermelho, azul acinzentado e branco, um barrete frígio e uma lira em sua mão direita. Apoiado na lira, há uma figura vermelha que pode ser tanto uma raposa quanto um cão. Ao redor do medalhão central com a representação de Orfeu, há cinco animais dispostos em pares, em cena de caça: um leopardo e um veado; um leão e uma corça. Há ainda uma composição que de três animais que, baseado em uma cena semelhante na Casa de de

Ephebe em Pompéia (JASHEMSKI & MEYER 2002), interpretamos como um urso perseguindo um touro, que vai em direção a um tigre (apesar da ausência de listras). Todos os animais são separados por árvores, com exceção do touro e do tigre.

O painel é ladeado a leste e oeste por painéis retangulares, provavelmente reservados para mobiliário. O painel leste é dividido em quatro quadrados, cada um com um desenho geométrico diferente. De norte a sul, incluem-se: um quadrado formado de meandros em forma de cruz gamada; um tapete de círculos tangentes; uma cruz gamada-peltae com nó em guilhoché; uma estrela de oitopontas losangulares. O painel oeste é de tema único, com uma fileira de cruz gamada-peltae.

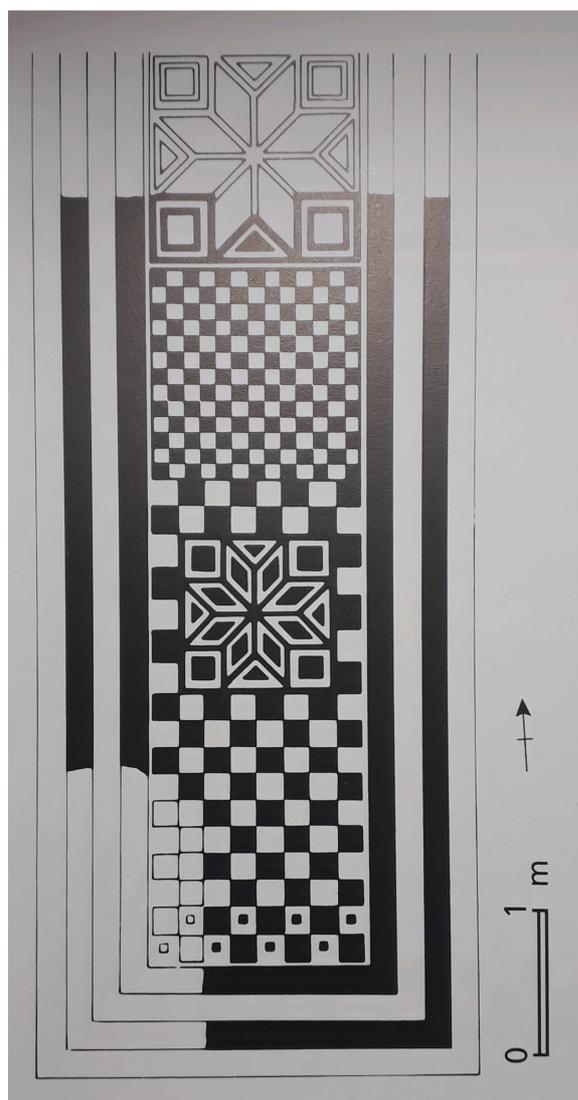
#### PAINEL B

Dividir os painéis A e C há um nicho retangular, composto em sua maior parte por rolos folhados. A exceção é a parte central, composta por um círculo de triângulos escalonados, dentro do qual existe um círculo linear que contém o busto de uma mulher olhando para a direita, com túnica sobre o ombro esquerdo e uma espécie de coroa triangular invertida na cabeça. Há duas interpretações possíveis para a figura: uma delas é Tyche, a outra, Tellus.

#### PAINEL C

O esquema geométrico é formado por uma grade de quadrados tangentes, com estrelas de oito pontas losangulares preenchendo as lacunas. A parte principal é um painel quadrado constituído por uma estrela de oito pontas losangulares, com pequenos quadrados e formas em L que apontam para dentro. A borda é preenchida por losangos e triângulos. Os pequenos quadrados apresentam nós de guilhoché e duas das formas são preenchidas com guilhoché quádruplo. A terceira e a quarta, em forma de L, possuem guilhoché simples com uma fileira de triângulos escalonados. Na parte inferior desta composição, há um tapete formado de meandros em forma de cruz gamada com retornos simples, e abaixo deles, triângulos isósceles. Na partemais externado painel, meandros em forma de cruz gamada finalizam o enquadramento.



**ID Mosaico**

MS135

**ID Villa**

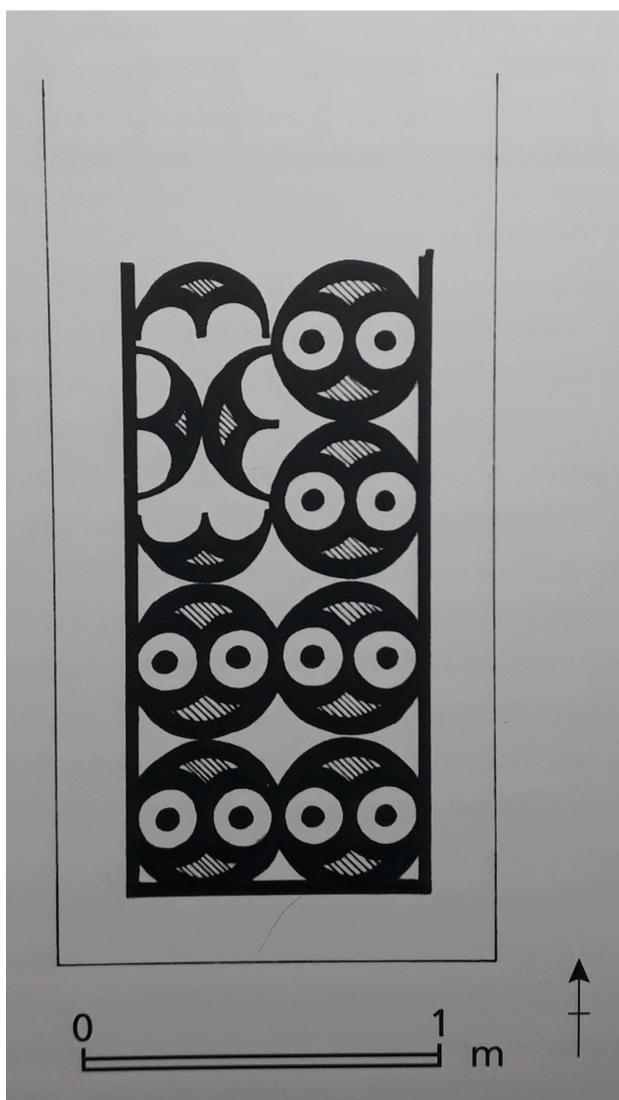
VL019

**Datação**Segunda metade do  
séc. IV**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

A composição é enquadrada por duas faixas paralelas formando um retângulo em torno de dois painéis que, apesar de apresentarem proporções diferentes, apresentam o mesmo motivo: Um tapete quadriculado que, em sua extremidade norte, incorpora um painel quadrado contendo uma estrela de oito pontas losangulares, com quadrados pequenos em seus cantos.

**ID Mosaico**

MS136

**ID Villa**

VL019

**Datação**Segunda metade do  
séc. IV**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

O mosaico, enquadrado de forma retangular, apresenta variações do tema de pelta: seis peltae compostas, que se unem em círculo, um par de peltae que se tocam em sua parte côncava e são lardeadas, na parte norte e sul, por peltae simples com sua face convexa apontada para as mesmas.

**ID Mosaico**

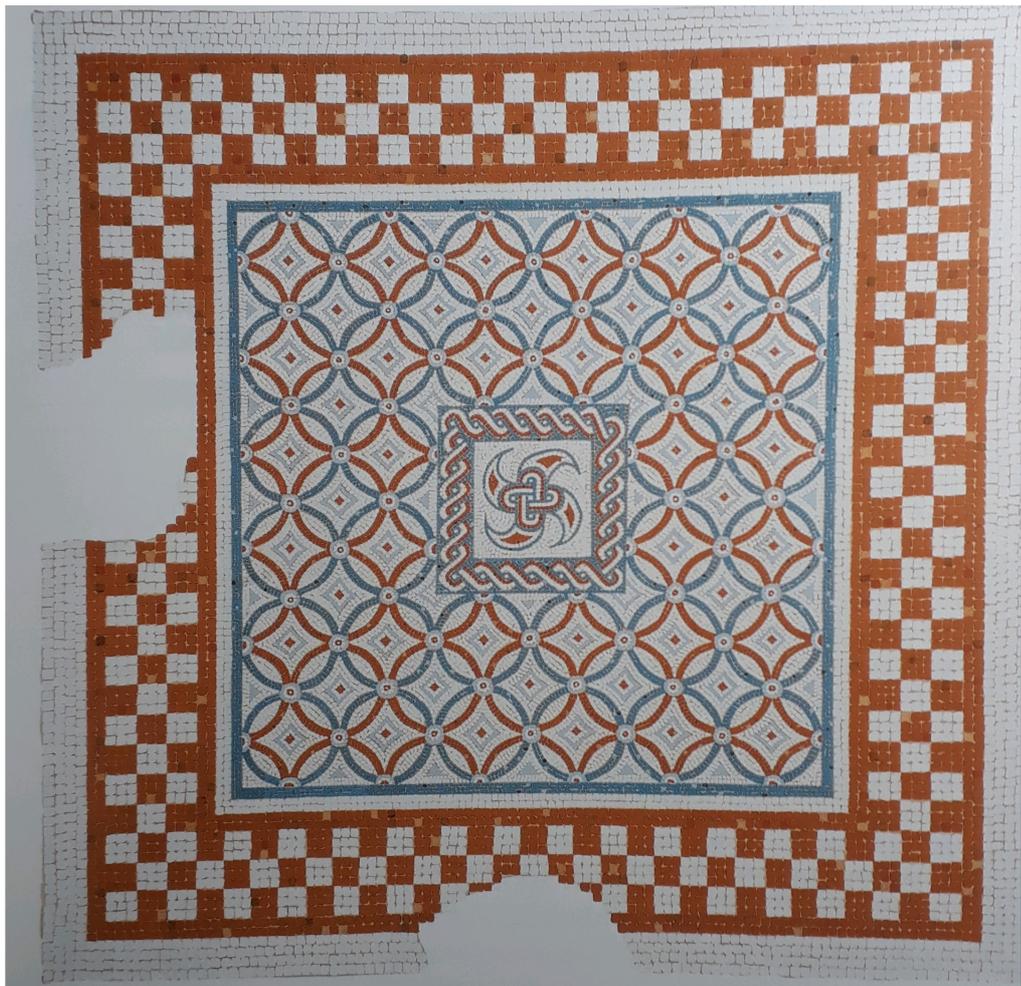
MS137

**ID Villa**

VL019

**Datação**Segunda metade do  
séc. IV**Grupo Mosaicista**Southern Dobbunic  
Group**Descrição do Mosaico**

Mosaico composto por três quadrados concêntricos. Na parte exterior, uma faixa quadriculada, seguida por duas linhas, formando um quadrado preenchido por círculos concêntricos. No centro, um último quadrado formado por guilhocê simples, contendo em seu centro uma cruz gamada combinada com peltae.

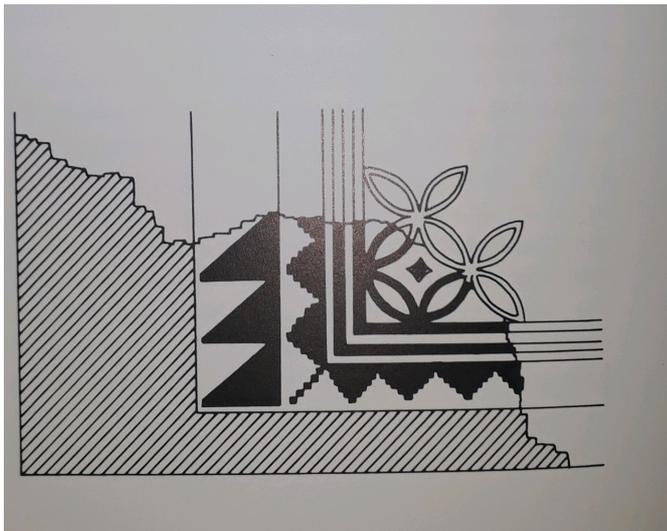


**ID Mosaico**

MS138

**ID Villa**

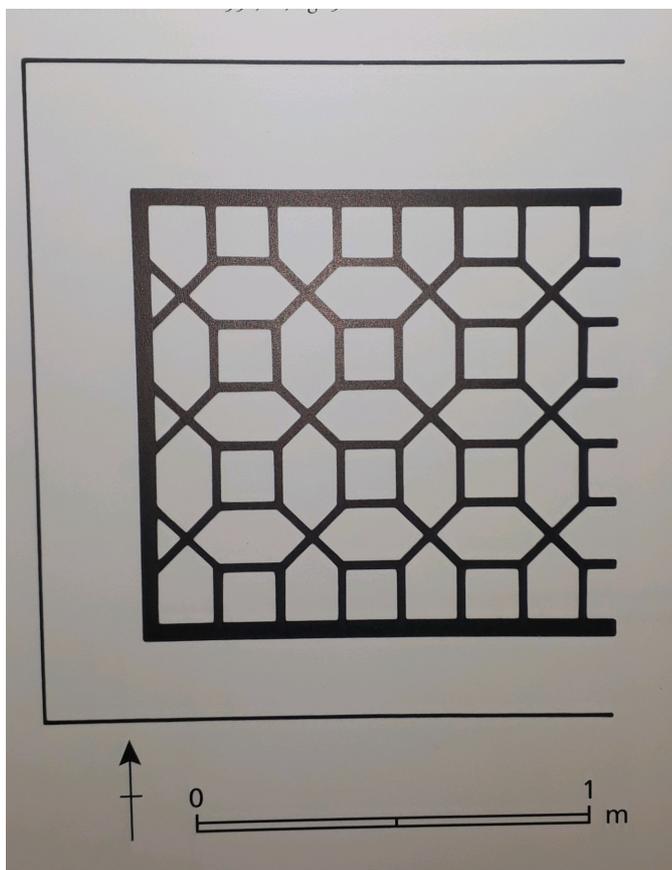
VL019

**Datação**Segunda metade do  
séc. IV**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Área sobrevivente apresenta triângulos retângulos em fileira compondo uma borda lateral. Mais ao centro, fragmentos de um possível enquadramento em triângulos escalonados, seguido por duas linhas, finalizando o enquadramento identificável. A parte interna sobrevivente era preenchida, pelo menos na parte próxima as bordas, por esquema de círculos em interseção.

**ID Mosaico**

MS139

**ID Villa**

VL019

**Datação**Segunda metade do  
séc. IV**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. É distinguível apenas seu esquema de disposição, composto por octógonos interseccionados.



**ID**

VL020

**Região**

Wiltshire

**Nome**

Box villa

**Descrição do assentamento**

Investigações e escavações de antiquários na década de 1960 revelaram uma grande vila romano-britânica no pátio, em um terraço com vista para o vale do Brook, um afluente do rio Avon. A vila tinha pelo menos 50 quartos, quase metade dos quais com piso de mosaico, com muitos quartos aquecidos e pelo menos um banheiro (com drenos elaborados). Sugere-se que o núcleo da vila (do tipo corredor alado) tenha sido construído durante o início do 3 ° C DC, embora pareça muito provável, por cerâmica e material de construção, que houvesse uma fase anterior de ocupação do 2 ° C, incluindo um edifício de alvenaria . Perto do final do 3º C, a vila foi ampliada em um enorme complexo de pátios com uma fachada com mais de 44m de comprimento e um grande salão apsidal. Elementos adicionais de edifícios são conhecidos nas proximidades, potencialmente todos unidos como parte do complexo. Uma área com nascentes é sugerida como santuário

### **Fases romanas**

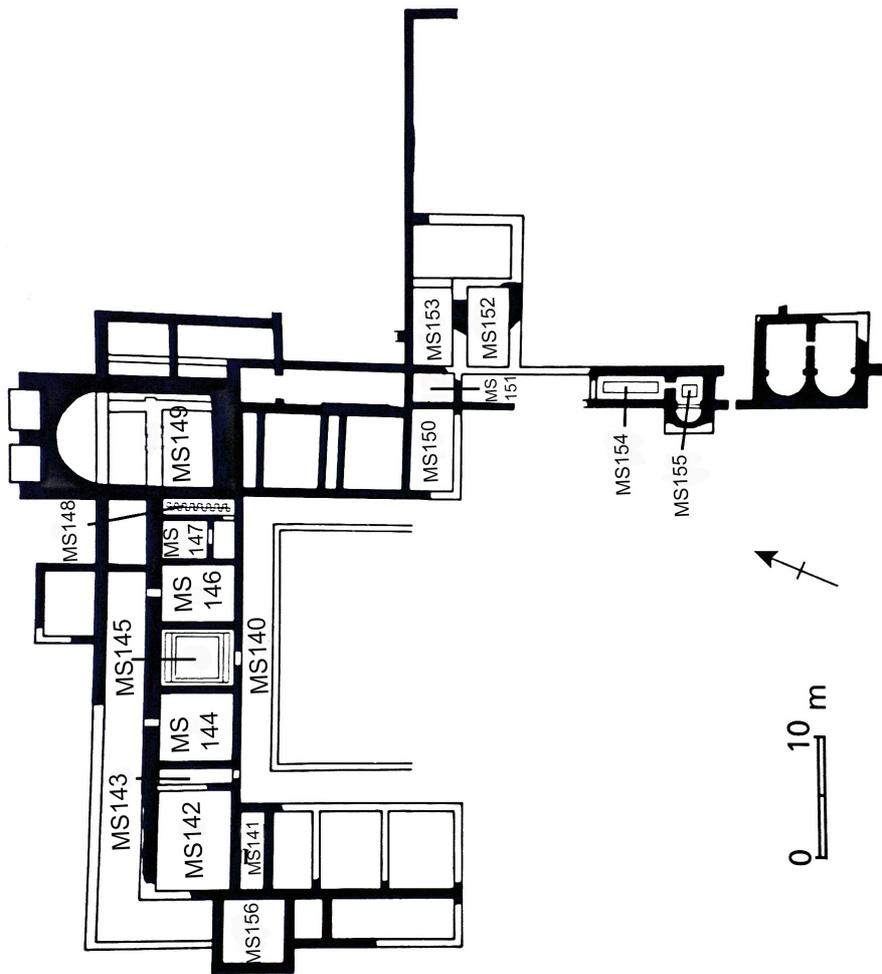
Fase 1: Meados do séc. II- Início do séc. III

Fase 2: Séc. IV

### **Bibliografia**

NEAL & COSH 2009

ALLEN et al 2015



# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS141

## ID Villa

VL020

## Datação

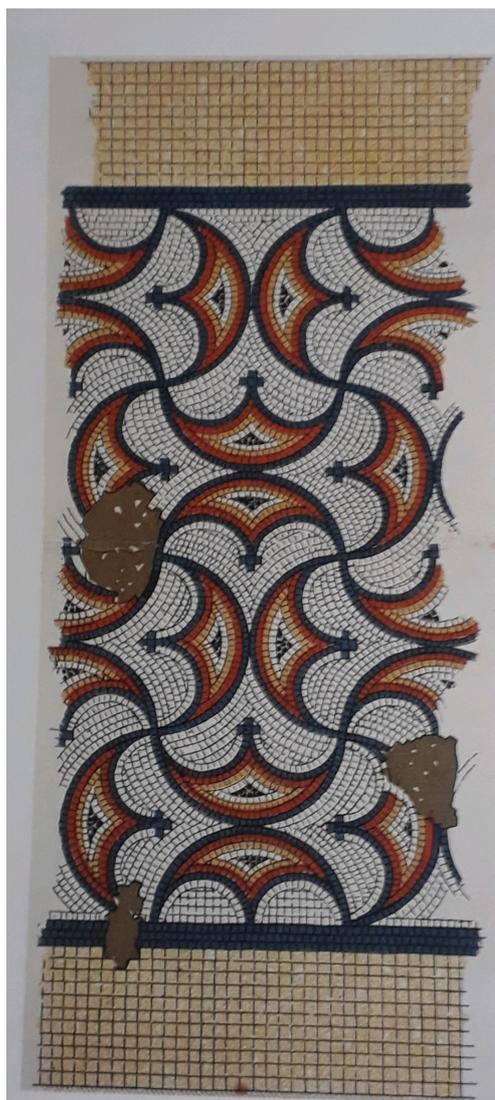
N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico perdido.

**ID Mosaico**

MS140

**ID Villa**

VL020

**Datação**

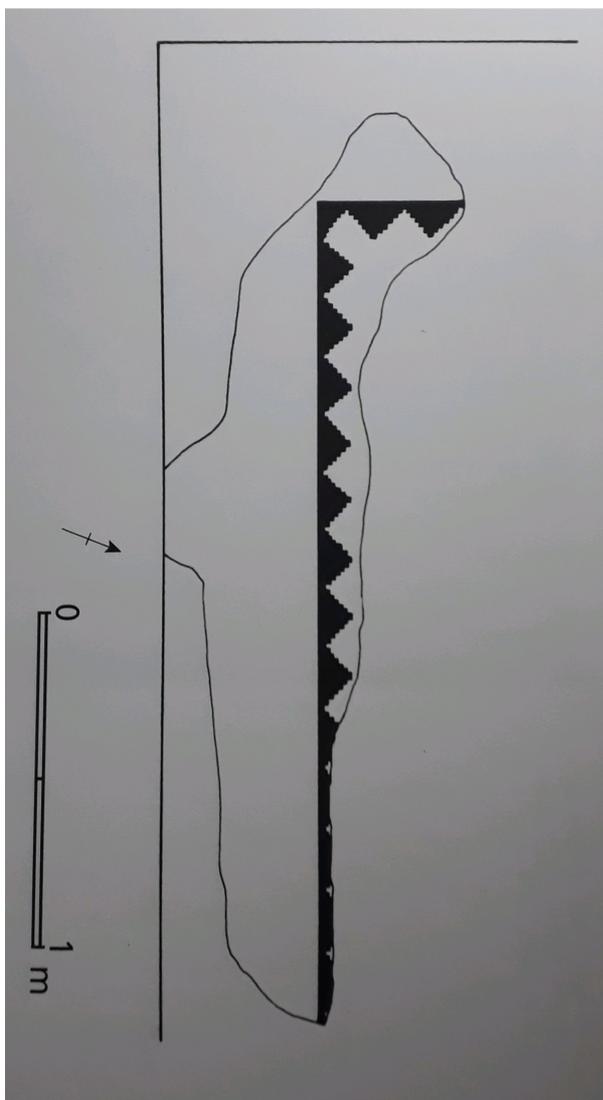
Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido, estendendo-se, originalmente, por todo o corredor. O mosaico é composto por um "tapete" de peltae, em um padrão onde há duplas que se tocam nas partes côncavas, e são cercadas por outras duas que as tocam, em suas pontas, voltadas com suas partes convexas.



**ID Mosaico**

MS142

**ID Villa**

VL020

**Datação**

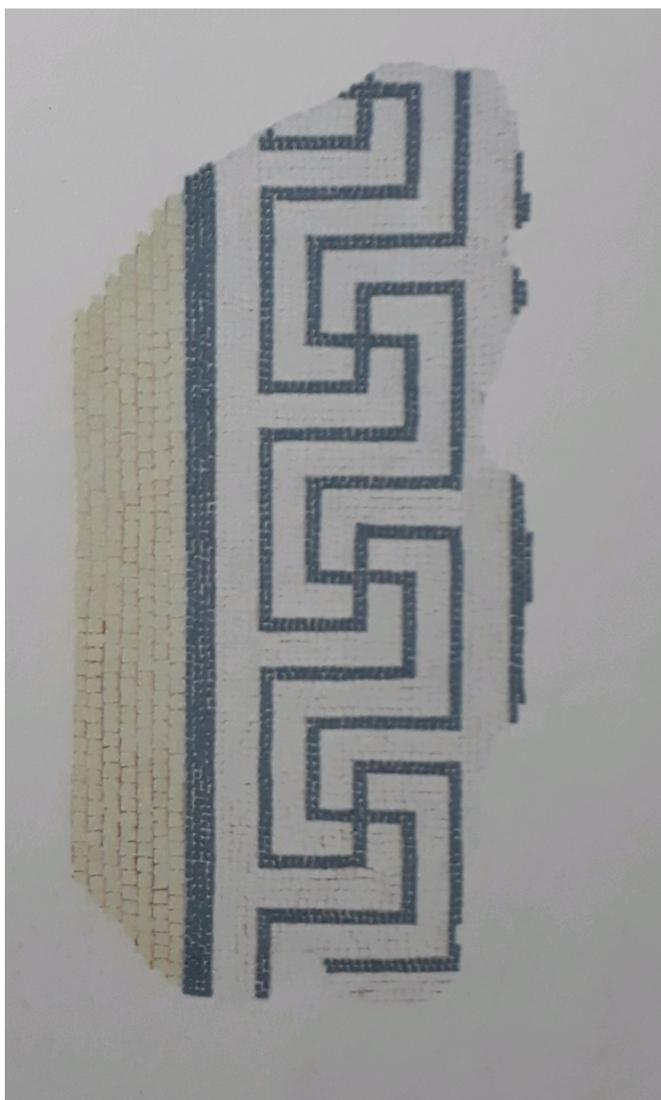
?

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. Apenas parte de suas bordas são identificáveis, composto por triângulos isósceles escalonados.

**ID Mosaico**

MS143

**ID Villa**

VL020

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente perdido. O padrão, que provavelmente se repetia por toda extensão, era composto por meandros em forma de cruz gamada com retornos simples, enquadrados por linhas paralelas e faixas de tesserae brancas.

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS144

## ID Villa

VL020

## Datação

?

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaicos Perdido

**ID Mosaico**

MS145

**ID Villa**

VL020

**Datação**

após 340 d.C.

**Grupo Mosaicista**

South Western Group

**Descrição do Mosaico**

Parcialmente Perdido. O enquadramento exterior apresenta padrões em "Z". Em duas das laterais, fileiras em corno criam um espaço retangular, ornamentado com guilhochê simples e meandros em forma de cruz gamada com retornos simples. Diversos nichos quadrados, triangulares e losangulares apresentam preenchimentos quadriculados, tapetes de guilhochê, cruz gamada e flores estilizadas. Há vestígios de um medalhão central composto por quadrados entrelaçados, mas não sobreviveram vestígios o suficiente para debater seu possível conteúdo. Vestígios de três (de prováveis quatro) círculos, alinhados em formato de cruz, cercam este medalhão. Os círculos são feitos com guilhochê duplo, e preenchidos com flores estilizadas.



# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS146

## ID Villa

VL020

## Datação

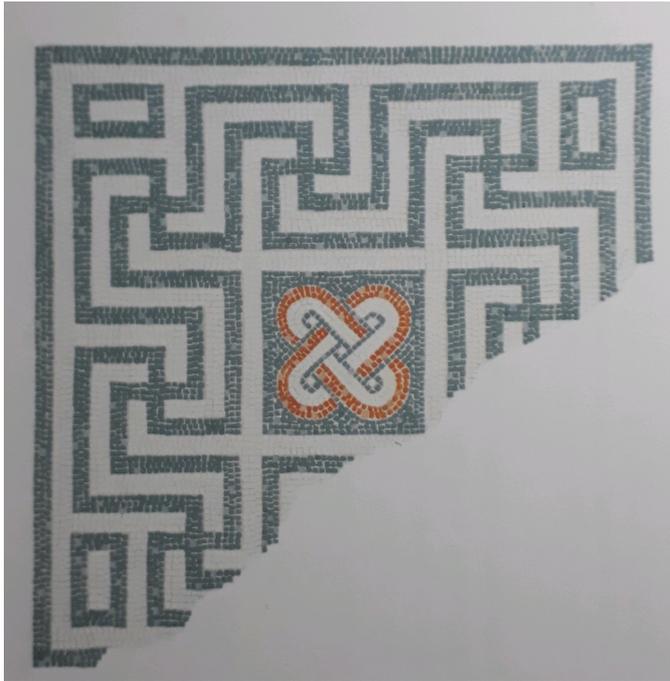
N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

**ID Mosaico**

MS147

**ID Villa**

VL020

**Datação**

Séc. IV d.C.

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

O mosaico é composto por meandros em forma de cruz gamada com retorno simples, incorporando pequenos retângulos lineares nos cantos. Ao centro, há um grande nó de guilhochê

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS148

## ID Villa

VL020

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS149

## ID Villa

VL020

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS150

## ID Villa

VL020

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS151

## ID Villa

VL020

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS152

## ID Villa

VL020

## Datação

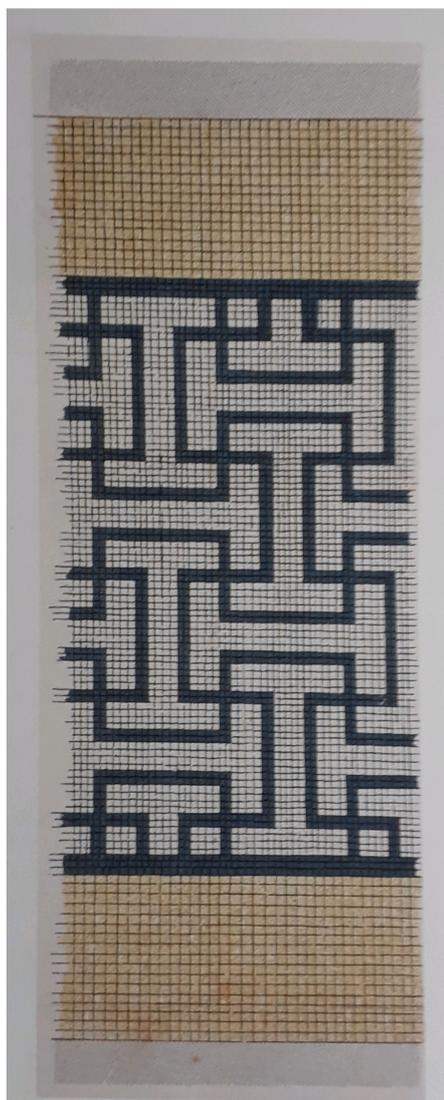
N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido



**ID Mosaico**

MS153

**ID Villa**

VL020

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico enquadrado por linhas somados à meandros em Latchkey.

**ID Mosaico**

MS154

**ID Villa**

VL020

**Datação**

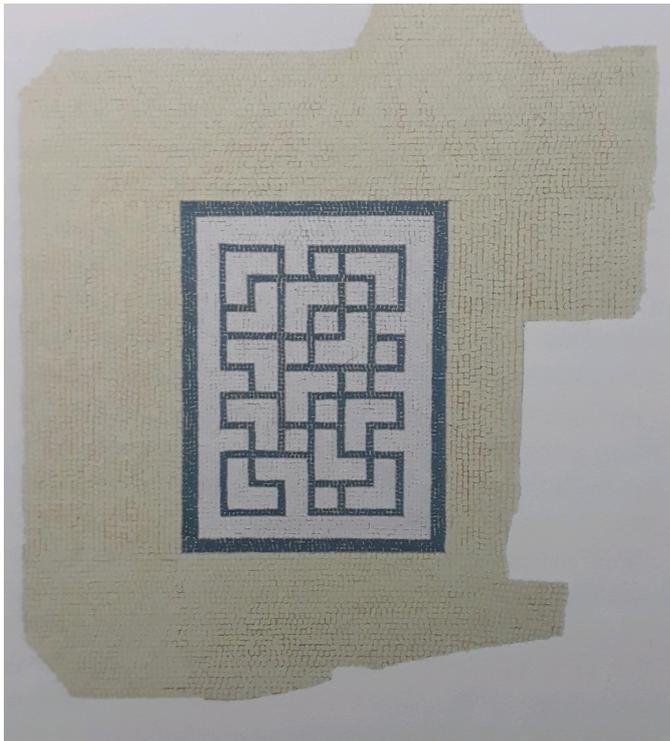
N/A

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico composto por duas fileiras de meandros não definidos dentro de uma moldura retangular.

**ID Mosaico**

MS155

**ID Villa**

VL020

**Datação**

Séc. IV

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

**Descrição do Mosaico**

Mosaico composto por filetes enquadrando um nicho, com meandros geométricos que formam uma figura abstrata.

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS156

## ID Villa

VL020

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido

# MOSAICO PERDIDO

## ID Mosaico

MS157

## ID Villa

VL020

## Datação

N/A

## Grupo Mosaicista

Não Disponível

## Descrição do Mosaico

Mosaico Perdido. Sem indicação de seu contexto em sítio.

**ID**

VL021

**Região**

Wiltshire

**Nome**

Littlecote Park

**Descrição do assentamento**

Um complexo de vilas romanas no vale do Kennett, ao sul do rio, foi descoberto pela primeira vez em 1727, quando o mosaico de Orfeu e um tesouro de moedas foram redescobertos e escavados de 1978 a 1991. O complexo da vila compreende um edifício principal com *thermae* a oeste e outros edifícios ao norte e ao sul, formando três lados de um pátio. Os edifícios foram interpretados como oficinas independentes, celeiros e uma grande guarita. Modificações e ampliações sucessivas do edifício principal da vila ocorreram nos próximos 100 anos. A reconstrução mais significativa da casa da vila ocorreu c 270-80 dC. Durante o meio / final do 4º DC, o edifício agrícola do norte foi completamente convertido em um edifício de várias salas elaborado e de formato incomum, com grande parte do antigo celeiro formando um pátio aberto. Os novos aposentos compreendiam uma *thermae* e um salão triconcha em anexo com o mosaico de Orfeu.

### **Fases romanas**

Fase 1: 170-180 d.C.

Fase 2: 220 d.C.

Fase 3: 250-260 d.C.

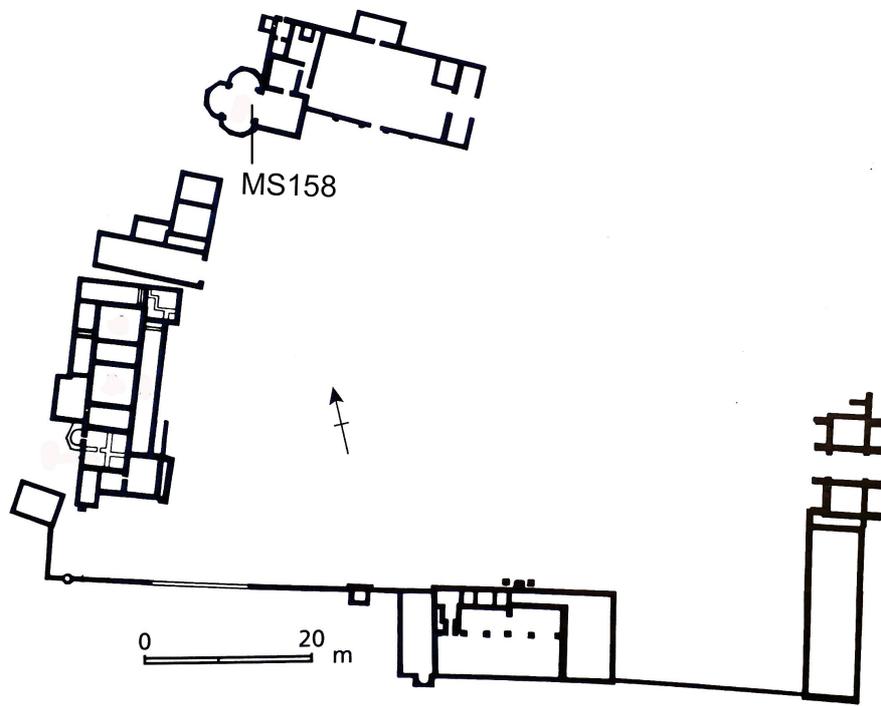
Fase 4: 270-280 d.C.

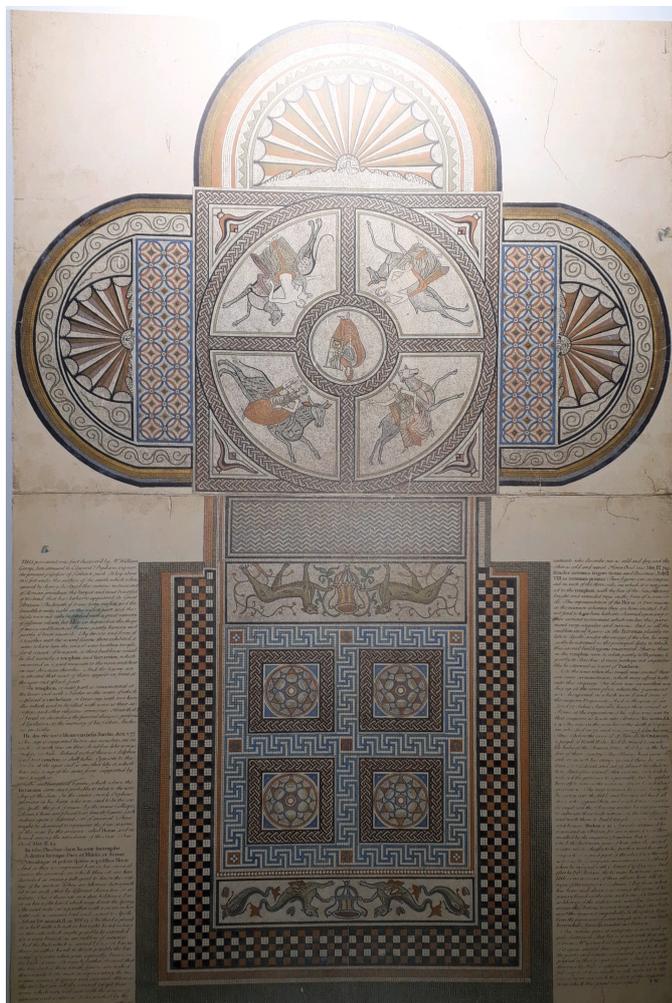
Fase 5: 290-300 d.C.

### **Bibliografia**

NEAL & COSH 2009

ALLEN et al 2015





**ID Mosaico**

MS158

**ID Villa**

VL021

**Datação**

N/A

**Grupo Mosaicista**

Não Disponível

### **Descrição do Mosaico**

O mosaico é composto por três painéis, e o acesso ao aposento é feito pelo oeste. A entrada do cômodo se faz através da área do Painel A; com um estreitamento na área do Painel B, onde originalmente havia um portal em arco, dando acesso a parte mais interna do cômodo (Painel C), construída em estilo "triconche".

Painel A: A composição retangular é cercada por uma faixa quadriculada em três cores (branco, vermelho e preto), menos do lado do retângulo voltado para o arco e o painel B. Em paralelo a esta faixa, voltada para leste, há um nicho retangular, com suas figuras voltadas para os painéis B e C, contendo um cântaro flanqueado por duas panteras-do-mar, as patas dianteiras

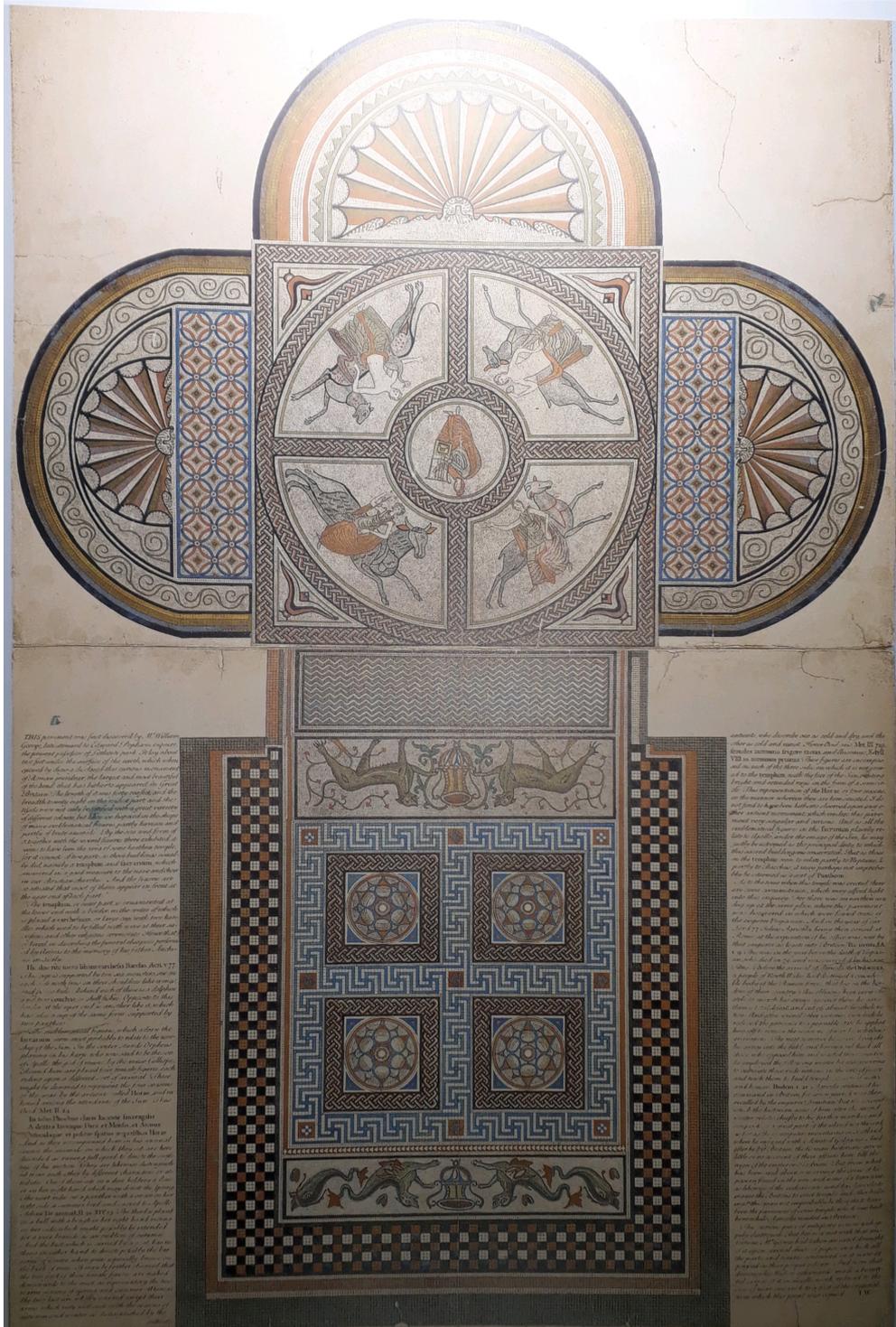
tocando o cântaro. Ao lado de cada pantera há um golfinho, voltado na direção oposta, além de quatro conchas marinhas. A composição é geralmente associada a tradição mitológica sobre Baco e a transformação de seus captores em golfinhos, presente, entre outras fontes, no terceiro livro das Metamorfoses de Ovídio. No lado oeste, outro nicho em paralelo possui uma composição preenchida por vinhas, contendo duas panteras fêmeas (identificadas pelas mamas) flanqueando um cântaro. O arranjo entre as faixas quadriculadas e os nichos leste e oeste criam um espaço central quadrado, delimitado por meandros em forma de cruz gamada com retornos simples, que também cruzam a parte central em formato de "cruz", criando quatro nichos menores e quadrados. Cada um destes nichos é enquadrado por uma trama de guilhochê triplo, triângulos e uma flor estilizada em formato de coração.

Painel B: Instalado no espaço de transição entre a parte retangular e triconche do aposento, o painel composto exclusivamente por um preenchimento contínuo de linhas em ziguezague.

Painel C :Esta composição é associada a passagem Dioniso com os piratas do Tirreno. O mito relata como depois que o deus foi raptado mortal por piratas, na raiva ele se transformou em um monstro temível com aparência de leão e jogou sua taça de vinho no mar, transformando o mar em vinho. Apavorados, os piratas saltaram de sua embarcação e foram transformados por Dioniso em golfinhos enquanto tentavam fugir nadando.

No centro da sala triconche, um há um painel emoldurado por um quadrado seguido por dois círculos concêntricos feitos em guilhochê triplo. O círculo exterior é dividido em quatro nichos, criando uma composição semelhante a uma roda de quatro raios. No círculo interno há uma representação de Orfeu vestido das tradicionais capa vermelha e gorro frígio, sentado e com uma lira sobre o colo, os pés virados para a *abside* mais a leste. À direita de Orfeu há uma raposa (ou cachorro) em pé.

Nos nichos do círculo exterior há quatro representações femininas acompanhadas de animais. No nicho sudeste, há a representação de uma mulher seminua segurando um espelho na frente de seu rosto, montada em uma corça. Seguindo em sentido anti-horário, a mesma direção para qual todas as faces femininas estão voltadas, o segundo compartimento apresenta um leopardo carregando uma mulher seminua, com o braço direito estendido atrás de um pássaro de um cisne pousado ao seu lado. O terceiro compartimento contém um touro servindo de montaria para outra representação feminina, agora totalmente vestida. Sua indumentária é composta por uma capa vermelha dobrada sobre as pernas; na mão direita



THIS pavement was first discovered by W. Wilton  
 Gery, the steward to Edward I. It is a pavement  
 of the same pattern as that which is now  
 to be seen in the church of St. Andrew, in  
 the town of Perth, in Scotland. It is  
 a pavement of the same pattern as that  
 which is now to be seen in the church  
 of St. Andrew, in the town of Perth,  
 in Scotland. It is a pavement of the  
 same pattern as that which is now  
 to be seen in the church of St. Andrew,  
 in the town of Perth, in Scotland.

...the pavement was first discovered by W. Wilton  
 Gery, the steward to Edward I. It is a pavement  
 of the same pattern as that which is now  
 to be seen in the church of St. Andrew, in  
 the town of Perth, in Scotland. It is  
 a pavement of the same pattern as that  
 which is now to be seen in the church  
 of St. Andrew, in the town of Perth,  
 in Scotland. It is a pavement of the  
 same pattern as that which is now  
 to be seen in the church of St. Andrew,  
 in the town of Perth, in Scotland.